

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

FRANCISCO DE FREITAS LEITE

**INSCRIÇÕES EM LATIM SOB UMA ABORDAGEM
DIALÓGICA: UM ESTUDO NO CONTEXTO DO CARIRI
CEARENSE**

JOÃO PESSOA

2014

FRANCISCO DE FREITAS LEITE

INSCRIÇÕES EM LATIM SOB UMA ABORDAGEM DIALÓGICA: UM ESTUDO NO
CONTEXTO DO CARIRI CEARENSE

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Linguística-PROLING da Universidade Federal da
Paraíba-UFPB como requisito parcial para obtenção do
título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Linguística e Práticas Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida

JOÃO PESSOA

2014

L533i Leite, Francisco de Freitas.
Inscrições em latim sob uma abordagem dialógica: um estudo no contexto do Cariri cearense / Francisco de Freitas Leite.- João Pessoa, 2014.
210f. : il.
Orientadora: Maria de Fátima Almeida
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHL
1. Linguística. 2. Dialogismo. 3. Gêneros do discurso.
4. Inscrições em latim – Cariri cearense.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

FRANCISCO DE FREITAS LEITE

INSCRIÇÕES EM LATIM SOB UMA ABORDAGEM DIALÓGICA: UM ESTUDO NO
CONTEXTO DO CARIRI CEARENSE

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Linguística-PROLING da Universidade Federal da
Paraíba-UFPB como requisito parcial para obtenção do
título de Doutor em Linguística.

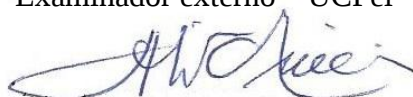
BANCA EXAMINADORA:



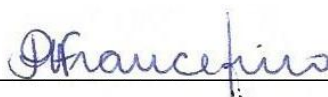
Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida
Orientadora – PROLING/UFPB



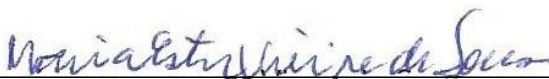
Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral
Examinador externo – UCPel



Prof. Dr. Alzir Oliveira
Examinador externo – UFRN



Prof. Dr. Pedro Farias Francelino
Examinador interno – PROLING/UFPB



Profa. Dra. Maria Ester Vieira de Souza
Examinadora interna – PROLING/UFPB

SUPLENTE:

Profa. Dra. Maria Bernardete da Nóbrega – DLCV/UFPB.

Prof. Dra. Eliete Correia dos Santos – UEPB.

Aprovado em: 26/ 05/ 2014

Este trabalho é dedicado a minha mãe, Maria Leite de Freitas, e à memória de meu pai, José Alves de Freitas, e de meu irmão, Odilon Ari de Freitas, os dois falecidos durante o período em que eu cursava o doutorado.

AGRADECIMENTOS

Entre tantos com quem dialogamos durante esta pesquisa, não podemos deixar de registrar nossa gratidão (por esta ou aquela contribuição) a:

Armando Rafael (Chanceler da Diocese de Crato), Padre Roserlândio e Tânia (do Departamento Histórico Diocesano Pe. Gomes), Rejane (secretária) e freiras do Convento de Santa Teresa de Jesus, Dom Newton Holanda Gurgel, Monsenhor Honor, Padre Edmilson, Meridiano, Thaís, Prof. Me. Carlos Rafael (historiador), Émerson Monteiro, Jackson Bantim, Profa. Antonia Otonite de Oliveira Cortez (reitora da URCA), João (sacristão do Santuário Eucarístico Diocesano), Padre Diego (Seminário São José), Prof. Dr. Edson Soares Martins, Prof. Dr. Newton de Castro Pontes, Prof. Dr. Luís André e os(as) pesquisadores(as) do NETLLI, Prof. Me. Edmar Cialdine e os(as) pesquisadores(as) do GREC, professores-pesquisadores e bolsistas do CEDOC/URCA, todos os colegas do DLL/URCA: Carlito, Eneida, Socorro Abreu, Cláudia Rejanne, Raimundo Luís, Sandra, Michel, Cristiane Rodrigues, Cristiane Baltor, Sergiana, Ricardo Correia, Lúcia Agra, Thiago Gil, Eugênia, Dulciane, Flávio Queiróz, Glória, Adjanir, Neide, Teuma e Auxiliadora, e de forma especial a Teresinha Leite de Freitas, Euclides, Edilma, Shirley, Arielton, Sheila, Ticiano e Cibebe (em Crato-CE).

Patrícia (e suas contribuições inestimáveis), Evandro (PIBIC), Geraldo Menezes Barbosa (historiador), Padre Aureliano, Padre Cícero José, Antonino de Freitas, Raimundo Mailson de Sousa (gerente do Cemitério do Socorro) e Frei Raimundo Matos (em Juazeiro do Norte-CE). Lireda Noronha, Padre Cícero Alencar, Jackson (Macaxeira) e João Teixeira de Luna (Dindin) (em Barbalha-CE).

Frei Hermínio Bezerra de Oliveira (em Fortaleza-CE).

Prof. Dr. Alzir Oliveira (em Natal-RN).

Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida (minha dedicada orientadora), Prof. Dr. Pedro Francelino, Profa. Dra. Regina Celi, Profa. Dra. Regina Baracuh, Profa. Dra. Maria Bernardete da Nóbrega, Profa. Dra. Maria Ester Vieira de Souza, Profa. Dra. Eliete Correia dos Santos, Rivaldete, Telma, Flávia, Gregório e todos os(as) pesquisadores(as) do GPLEI, e de forma especial a Diógenes, Lamartine, Lucas, Amanda e Daniele (em João Pessoa-PB).

Frei Diniz e Frei Jociel (Capuchinhos do Convento da Penha) (em Recife-PE).

Prof. Me. Harlon Homem (em Oeiras-PI).

Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral (em Pelotas-RS).

Por toda parte há o texto real ou eventual e a sua compreensão. A investigação se torna interrogação e conversa, isto é, diálogo. Nós não perguntamos à natureza e ela não nos responde. Colocamos as perguntas para nós mesmos e de certo modo organizamos a observação ou a experiência para obtermos a resposta. Quando estudamos o homem, procuramos e encontramos signos em toda parte e nos empenhamos em interpretar o seu significado.

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin (2011d, p. 319).

RESUMO

Este trabalho é pautado no desafio de ser pensada uma alternativa exequível e relevante de o latim ser abordado discursivamente. Nesta empreitada, o trabalho segue a orientação da teoria dialógica advinda do Círculo de Bakhtin, em suma, por sua maneira de ver a linguagem sempre na perspectiva de interação social e considerando seus componentes ideológicos, históricos e culturais, o que representa uma possibilidade heurística para a realização de estudos discursivos do latim. Como, porém, seria impraticável tratar de todos os gêneros do discurso que mobilizam o latim, este trabalho se restringe a investigar os gêneros que são textualizados na forma de inscrição em latim (epígrafes, epitáfios, divisas e legendas). Conforme o plano metodológico, após serem perscrutados os princípios da teoria dialógica e delineado o eixo teórico da pesquisa, é sistematizada uma proposta teórico-metodológica de abordagem de inscrições em latim sob a perspectiva dos gêneros do discurso. Em seguida, sob tal proposta, é realizado um estudo analítico de um *corpus* constituído das inscrições em latim encontradas nos dias de hoje (início do século XXI) no Cariri cearense – o contexto de tempo e espaço –, com ênfase na interpretação do sentido dos enunciados concretos em sua inserção sociocultural e histórico-ideológica. Por fim, são levantados os resultados do estudo no contexto do Cariri cearense, que possibilitaram ver, por exemplo, usos do latim com fins válidos no presente, tais como para textualizar enunciados construídos a partir de discursos atravessados pela ideologia da cultura oficial e com projetos enunciativos carregados de propósitos ideológicos de fomentação de pontos de vista e valores de sujeitos da elite hegemônica. Tais resultados corroboram a tese de que uma abordagem teórico-metodológica dialógica do latim que considere enunciativamente tal língua a partir de gêneros do discurso que a mobilizam, em contextos de tempo e lugar determinados, constitui uma alternativa heurística por onde pode seguir o avanço da área de estudos do latim, sobretudo, no tocante à temática da construção de sentido.

Palavras-chave: Dialogismo. Gêneros do discurso. Inscrições em latim. Cariri cearense.

ABSTRACT

This research is based on the challenge of thinking a relevant and viable way to approach an alternative, discursive view of Latin. It is oriented by Bakhtin Circle's dialogical theory, considering its view of language from the perspective of social interaction and its ideological, historical and cultural components: this theory presents itself as a heuristic possibility to realize discursive studies on Latin. Although, as it would be impracticable to analyze every single genre of discourse present in Latin, this thesis investigates only the genres that are textualized as inscriptions in Latin (epigraphs, epitaphs, mottos and legends). As planned in this work's methodology, after the principles of the dialogical theory are reviewed and the theoretical axis of the research is defined, the thesis systematizes a theoretical-methodological propose of approaching inscriptions (written) in Latin from the perspective of genres of discourse. Then, following such proposal, it goes through an analytical study of a *corpus* composed by those inscriptions that are found nowadays (XXI century's first decades) at Cariri region of Ceará, Brazil – the space and time context –, emphasizing the interpretation of meaning of the concrete enunciates as they are inserted sociocultural and historical-ideologically. At last, the thesis presents the results of a study on the Cariri's context in which Latin is seen as a language with valid uses contemporarily, such as for textualize enunciates built from discourses of the official culture's ideology and loaded with objectives of reinvigorating points of view and values from the hegemonic elite. These results are in accordance to the thesis that a theoretical-methodological approach of Latin that considers enunciatively that language from the genres of discourse that make it, in certain time and space contexts, constitutes a heuristic alternative through which the Latin studies can advance, especially as it touches on the theme of the meaning construction.

Keywords: Dialogism. Genres of discourse. Inscriptions in Latin. Cearense Cariri.

RESUMEN

Este trabajo se basa en el reto de ser considerada una alternativa factible y pertinente del latín ser abordado discursivamente. En este esfuerzo, el trabajo sigue la orientación de la teoría dialógica del Círculo de Bajtín, en especial, por su forma de ver el lenguaje en la perspectiva de la interacción social y teniendo en cuenta sus componentes ideológicos, históricos y culturales, lo que representa una heurística posibilidad para desarrollar estudios discursivos del latín. Como, sin embargo, sería inviable ocuparse de todos los géneros del discurso que moviliza el latín, este trabajo se limita a investigar los géneros que son textualizados en la forma de inscripción en latín (epígrafes, epitafios, divisas y leyendas). Según el nivel metodológico, después de haber sido examinados los principios de la teoría dialógica y esbozado el eje teórico de la investigación, se sistematizó una propuesta teórico-metodológica de enfoque de inscripciones en latín desde la perspectiva de los géneros del discurso. Entonces, bajo esta propuesta, se llevó a cabo un estudio analítico de un *corpus* constituido de las inscripciones en latín encontradas hasta hoy (principios del siglo XXI) en el Cariri, en la región sur del Estado de Ceará, Brasil – el contexto del tiempo y del espacio –, con énfasis en la interpretación del sentido de enunciados concretos en su inserción sociocultural e histórico-ideológica. Finalmente, los resultados del estudio fueron planteados en el contexto del Cariri de Ceará, que se constató, por ejemplo, la utilización del latín con propósitos válidos en la actualidad, tales como para textualizar enunciados contruidos a partir de discursos atravesados por la ideología de la cultura oficial y con proyectos enunciativos con fines ideológicos del fomento de puntos de vista y valores de sujetos pertenecientes a la élite hegemónica. Estos resultados apoyan la tesis de que un enfoque teórico-metodológico dialógico del latín que considera enunciativamente tal lengua a partir de los géneros discursivos que la movilizan, en ciertos contextos de tiempo y lugar determinado, se constituye una alternativa heurística donde se puede seguir el progreso de los estudios del latín, especialmente en relación al tema de la construcción del sentido.

Palabras-clave: Dialogismo. Géneros del discurso. Inscripciones en latín. Cariri de Ceará.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Sarcófago de Lúcio Cornélio Cipião Barbado	75
Figura 2 – Detalhe da lápide do túmulo de D. Marcos Antonio de Souza	76
Figura 3 – Epitáfio de consolação no portal do Cemitério da Saudade, em Piracicaba-SP	79
Figura 4 – Epígrafe doutrinária no forro da Igreja do Convento de Santo Antônio, em João Pessoa-PB	81
Figura 5 – Epígrafe nuncupatória na igreja de São Luís Gonzaga, em São Paulo-SP	82
Figura 6 – Epígrafe de gratidão na fachada principal da Basílica de Nossa Senhora da Penha, em Recife-PE	82
Figura 7 – Epígrafe de datação na fachada da Igreja Matriz de Oeiras-PI	83
Figura 8 – A Fíbula Prenestina	84
Figura 9 – O Vaso de Quirinal	84
Figura 10 – Epígrafe-marca em um sino, em Oeiras-PI	85
Figura 11 – Epígrafe de afinidade religiosa na Praça Dom João da Mata, em Cajazeiras-PB	86
Figura 12 – O Panteão	87
Figura 13 – Dois lados da <i>Lapis Niger</i>	88
Figura 14 – Epígrafe votiva do século II d.C.	89
Figura 15 – Divisa eclesiástica no brasão de Dom Juarez Sousa da Silva, bispo da Diocese de Oeiras-PI	91
Figura 16 – Divisa política no brasão do município de Santana de Parnaíba-SP	92
Figura 17 – Divisa institucional no brasão da Universidade Federal de Viçosa (MG)	93
Figura 18 – Legenda institucional em moeda do tempo do imperador Trajano	94
Figura 19 – Legenda institucional em moeda portuguesa do século XVIII	95
Figura 20 – Medalha de São Bento (anverso e reverso)	96
Figura 21 – Mapa do Ceará com a localização da região metropolitana do Cariri	102
Figura 22 – Epígrafe doutrinária na Catedral de Nossa Senhora da Penha, em Crato	117
Figura 23 – Epígrafe doutrinária na torre da Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte	119
Figura 24 – Epígrafe doutrinária da torre da igreja dos Franciscanos, em Juazeiro do Norte	120
Figura 25 – Epígrafe doutrinária da estátua de Santo Antônio de Sant’Ana Galvão, em Crato	121
Figura 26 – Epígrafe doutrinária da estátua de Santa Teresa de Jesus, em Crato	122
Figura 27 – Epígrafe doutrinária na soleira da porta da capela menor do Seminário São José, em Crato	123
Figura 28 – Epígrafe de lugar sagrado na base do altar-mor da Igreja Matriz de Santo Antônio, em Barbalha	124
Figura 29 – Epígrafe de lugar sagrado em um sacrário do Santuário Eucarístico Diocesano, em Crato	126
Figura 30 – Divisa eclesiástica no brasão de Dom Fernando Panico, em Crato	127
Figura 31 – Divisa eclesiástica no brasão de Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, em Crato	129
Figura 32 – Divisa eclesiástica no brasão de Dom Francisco de Assis Pires, em Crato	130
Figura 33 – Divisa eclesiástica no brasão de Dom Vicente de Paulo Araújo Matos, em Crato	131

Figura 34 – Divisa eclesiástica no brasão de Dom Newton Holanda Gurgel, em Crato	132
Figura 35 – Divisa eclesiástica no brasão das armas da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, em Crato	134
Figura 36 – Epígrafe-rótulo religiosa no interior da Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte	136
Figura 37 – Epígrafe-rótulo institucional na fachada do auditório da antiga Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte	138
Figura 38 – Divisa institucional na fachada da sede do Instituto Cultural do Cariri, em Crato	139
Figura 39 – Divisa institucional no brasão do IFETE, em Juazeiro do Norte	141
Figura 40 – Divisa institucional no brasão do INTA, em Juazeiro do Norte	142
Figura 41 – Divisa institucional no brasão da Polícia Civil do Ceará, em Barbalha	144
Figura 42 – Divisa institucional no brasão da URCA, em Crato	145
Figura 43 – Divisa institucional no brasão da UFC, em Juazeiro do Norte	147
Figura 44 – Divisa institucional no brasão da UECE, em Crato	148
Figura 45 – Divisa institucional no brasão da UVA, em Crato	150
Figura 46 – Divisa institucional na fachada do prédio do Círculo O. T. Católicos São José, em Barbalha	151
Figura 47 – Divisa institucional na fachada do prédio do Círculo Operário São José, em Juazeiro do Norte	152
Figura 48 – Divisa política no brasão do município de Crato	154
Figura 49 – Epígrafe de afinidade religiosa no monumento ao Cristo Redentor da Praça Francisco Sá, em Crato	155
Figura 50 – Epitáfio de consolação no portão do Cemitério do Socorro, em Juazeiro do Norte	156
Figura 51 – Epitáfio de consolação do jazigo da família de José Pereira e Silva, em Juazeiro do Norte	158
Figura 52 – Epitáfio de consolação do jazigo do Círculo Operário, em Barbalha	159
Figura 53 – Epitáfio de consolação da parede do sepulcro da família Pita, em Crato	160
Figura 54 – Epitáfio de consolação da lápide do sepulcro da família Pita, em Crato	161
Figura 55 – Epitáfio-colóquio no jazigo das religiosas Filhas de Santa Teresa, em Crato	162
Figura 56 – Antiga lápide do túmulo de Dom Francisco de Assis Pires, em Crato	163
Figura 57 – Detalhe do epitáfio de consolação da antiga lápide do túmulo de Dom Francisco de Assis Pires	164
Figura 58 – Antiga lápide do túmulo de Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, em Crato	165
Figura 59 – Detalhe do epitáfio-colóquio da antiga lápide do túmulo de Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva	166
Figura 60 – Antiga placa do túmulo de Dom Vicente de Paulo Araújo Matos, em Crato .	167
Figura 61 – Detalhe do epitáfio-colóquio da antiga placa do túmulo de Dom Vicente de Paulo Araújo Matos	168
Figura 62 – Paródia de uma divisa institucional, em Ouro Preto-MG	186
Figura 63 – Charge com uso risível do latim	187

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	16
1.1.1	Objeto da pesquisa e o aporte teórico da abordagem	16
1.1.2	A hipótese	19
1.1.3	Objetivos da pesquisa	19
1.1.4	O <i>corpus</i> e o plano de estudo	20
1.2	ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS	23
2	PRINCÍPIOS DA TEORIA DIALÓGICA	26
2.1	A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM DA TEORIA DIALÓGICA	27
2.1.1	O ato responsável	34
2.1.2	Ideologia, consciência e sujeito	38
2.1.3	Palavra: signo ideológico vs. sinal	45
2.1.4	Exotopia: um ponto de vista para o pesquisador em Ciências Humanas	49
2.2	O SENTIDO NO CERNE DO DIALOGISMO: GÊNERO, DISCURSO, ENUNCIADO E TEXTO	51
2.2.1	A produção de sentido em termos dialógicos	51
2.2.2	Discurso, gênero, enunciado e texto: noções teórico-metodológicas	56
3	ELEMENTOS PARA UMA ABORDAGEM DIALÓGICA DE INSCRIÇÕES EM LATIM	68
3.1	UMA PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA DE ABORDAGEM DE INSCRIÇÕES EM LATIM SOB A PERSPECTIVA DOS GÊNEROS DO DISCURSO	68
3.2	GÊNEROS DO DISCURSO COM FORMA TEXTUAL DE INSCRIÇÃO EM LATIM NO CONTEXTO BRASILEIRO: CARACTERÍSTICAS E TRADIÇÃO	73
3.2.1	Gêneros epitáficos	74
3.2.2	Gêneros epigráficos	79
3.2.3	Gêneros de divisa	90
3.2.4	Gêneros de legenda	94
3.3	ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES PRÉ-ANALÍTICAS	97
4	AS INSCRIÇÕES EM LATIM DO CARIRI CEARENSE EM UMA ABORDAGEM DIALÓGICA	101
4.1	NOTAS SOBRE O CONTEXTO DO ESTUDO: O CARIRI CEARENSE	102
4.2	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS INSCRIÇÕES EM LATIM DO CARIRI CEARENSE	115
4.2.1	Esfera religiosa	116
4.2.2	Esfera institucional	137
4.2.3	Esfera funerária	156
4.3	OS USOS DO LATIM NAS INSCRIÇÕES DO CARIRI CEARENSE	170
	CONCLUSÃO	190
	REFERÊNCIAS	199

1 INTRODUÇÃO

Acadêmicos literários também vêm escrevendo sobre a história da língua há gerações. Entre eles, a personalidade de destaque é sem dúvida o russo Mikhail Bakhtin [...]. Bakhtin criticava os linguistas de sua época por darem pouca atenção aos fatores sociais.

Peter Burke (2010a, p. 20).

O tema desta pesquisa, mais amplamente, está direcionado no sentido de pensarmos sobre a exequibilidade e a relevância de o latim ser estudado discursivamente. De forma mais específica, tematizamos, nesta pesquisa, a alternativa dialógica de abordagem dos gêneros do discurso cujos enunciados têm textos na forma de inscrição em latim; gêneros estes que são o objeto de investigação de um estudo analítico – com ênfase no caráter enunciativo da construção de sentido – que os considera em sua inserção no contexto do Cariri cearense; estudo de cujos resultados, enfim, haurimos argumentos em defesa da heurística da via dialógica – em termos filosóficos, teóricos e/ou metodológicos – por onde podem seguir os estudos do latim.

Há algum tempo, nas nossas atividades de pesquisa e de docência em língua latina, vem nos instigando a ideia de pensar alternativas àquela visão tradicional, que predomina nos trabalhos tanto de pesquisadores quanto de professores, de se focar o latim como sendo uma língua que foi usada no passado, – como, por exemplo, a visão de que “o latim é uma língua viva do passado” (LIMA, 1995, p. 19). Pensamos que seja relevante ao avanço da área de estudos do latim serem realizados trabalhos que investiguem tal língua em ocorrências discursivas hodiernas, até mesmo como uma forma de *feedback* do que vem sendo negligenciado há muito tempo nas pesquisas sobre a língua latina: aspectos discursivos, tais como os da construção de sentido de enunciados concretos (sobretudo, os do nosso cotidiano) percebidos em contextos singulares.

Compreendemos que a área de estudos do latim não precisa se restringir a estudar a “língua materna dos antigos romanos” (LONGO, 2006, p. 7), isto é, o latim dos *falantes nativos*. Para nós, esse direcionamento dos estudos do latim é apenas uma possibilidade, mas não a única viável. Toda língua muda no fluxo e refluxo histórico-cultural e socioideológico e quem a usa hoje também tem suas parcelas de posse sobre a língua. O latim usado hoje no Brasil, por exemplo, é diferente do latim usado na Roma antiga, não resta dúvida; assim como o português usado hoje também não é o mesmo que era usado em 1300 ou 1500, não sendo por isso nem melhor nem pior, mas sim diferente. Os usos discursivo-ideológicos que os

sujeitos fazem hoje do latim são outros diferentes dos da Antiguidade ou Idade Média, mas não dizemos que sejam melhores ou piores. São usos concretos e merecem espaço dentro da área de estudos da língua latina.

O nosso interesse, nesta pesquisa, não está voltado para lucubrar na língua latina immanentemente, ou seja, tomando-a exclusivamente no plano estrutural, está sim direcionado a considerar a língua em uso, o que significa dizer: levar em conta enunciado concreto, gênero, discursividade, sujeitos em interação, enfim, considerar a língua contextualizada, em situação viva de práticas socioculturais e percebida dentro da construção de valores situacionais e singulares, como uma outra possibilidade de serem feitas pesquisas na área de estudos do latim.

Em outras palavras, podemos dizer que, quando falamos em estudar o latim usado em discursos encontrados em nosso cotidiano, não estamos pensando tão somente na língua em termos puramente gramaticais, lexicológicos ou textuais, mas na consideração do papel desta língua em particular dentro da validade contextual da enunciação viva; portanto, não tem nada a ver com se fazer críticas e ironias aos desvios em relação à gramática normativa do latim que apresentam os textos de alguns enunciados¹, como também não se resume apenas a apresentar traduções² de “expressões latinas” (FURLAN, 2006, p. 16) consideradas como vocábulos, frases, orações, sentenças, máximas ou aforismos com suas significações (e validades) gerais e potenciais.

Como sabemos, desde os primórdios da Idade Média, o latim foi a língua da elite, das classes dominantes, dos vencedores, dos opressores, dos detentores do poder, sobretudo em sua modalidade escrita – pois, em sua modalidade oral e popular, ele se transformou nas línguas neolatinas –, e ainda hoje seu uso é associado a práticas sociais próprias das elites hegemônicas, tais como a de que “é necessário distinguir-se da multidão, inclusive no modo de falar” (BOURDIEU, 1984 apud BURKE, 2010a, p. 48). Sentimos, porém, a falta de trabalhos que abordem o latim com uma visão crítica, por exemplo, atentando os aspectos axiológicos de seus usos considerados em enunciados concretos. Em outras palavras, sentimos a falta de trabalhos que perscrutem os usos do latim, atentos ao que está subjacente, oculto e silenciado, ou seja, abordando questões tais como: por quais sujeitos o latim é usado em nossos dias? A quem se dirigem esses sujeitos? Com quais fins ideológico-discursivos? Como ocorre esse uso em termos enunciativos? E em quais contextos históricos e socioculturais?

¹ Como o faz Lima (1995, p. 17-18) analisando enunciados colhidos da Folha de São Paulo.

² O que basicamente ocorre no trabalho de Assis Sobral (2013).

Sabemos que não é difícil serem encontrados trabalhos (livros, teses, dissertações e artigos) cujos focos estejam voltados ao ensino de latim, porém quase todos que encontramos são pautados em concepções formalistas sobre a linguagem, como, por exemplo, Jones e Sidwell (2012), Longo (2006) e Lima (1995). Quando, todavia, procuramos trabalhos que tematizem, como foco principal ou não, usos do latim (seja com ênfase em linguagem, história, sociedade ou cultura) e não o seu ensino, encontramos um número menor – citemos como exemplos: Burke (2010b), D’Encarnação (2008) e Fortes (2008) – e poucos deles têm orientação teórica discursiva.

Entendemos, porém, que o latim (como qualquer outra língua) pode ser estudado a partir de ocorrências vivas (reais) e cotidianas (as quais se dão sempre em determinados gêneros do discurso) não só com o intuito de se conhecer a língua em si, mas também a sociedade, a cultura, a ideologia e a história dos homens aí envolvidos. Ou seja, pensamos em um estudo discursivo do latim, tomado em contexto real, vivo e atual, que seja também um estudo sociocultural e, conseqüentemente, ideológico.

Contíguo a esse é o nosso pensamento em relação aos gêneros: não estamos pensando em um estudo de gêneros só com o intuito de aprofundamento/aperfeiçoamento de conhecimento teórico, mas em um estudo de gêneros tomados em contextos singulares de uso (em termos de esferas de atividade humana, de tempo e de lugar), que vise a uma compreensão tanto dos gêneros quanto dos seres humanos (em sua inter-relação figadal que beira a simbiose) e, por extensão, das práticas sociais e discursivas, que são atravessadas por componentes culturais, históricos, ideológicos e axiológicos.

Independentemente da língua usada, falamos, escrevemos, organizamos nossas ideias e interagimos através de enunciados concretos, que sempre estão organizados na forma de um determinado gênero do discurso: um ofício, uma carta pessoal, uma epígrafe honorífica etc. O gênero é, portanto, uma das formas de que se munem os homens para produzir sentido, posto que, em termos dialógicos, o sentido não existe aprioristicamente em palavras descontextualizadas, nem mesmo em textos considerados em suas fronteiras linguísticas, mas no uso intersubjetivamente concreto e necessariamente atrelado aos gêneros do discurso. Assim, nesta pesquisa, estamos instigados a enveredar por este caminho de pensar uma alternativa (relevante) para o estudo discursivo do latim, na esteira do pensamento do Círculo de Bakhtin, dando *atenção aos fatores sociais*, culturais, históricos, ideológicos e axiológicos que sempre estão envolvidos nos usos concretos da língua.

Nosso trabalho está pautado nessa linha de raciocínio e a possibilidade de contribuírmos para uma nova perspectiva de serem realizadas pesquisas na área de estudos do latim sustenta nossa motivação.

Entendemos que muitas questões de linguagem só podem ser devidamente tratadas quando consideradas na eventicidade da vida dos homens; por exemplo, os elementos estruturais de uma língua (tanto faz se latim, português, inglês etc.) não são em si e por si (ou seja, immanentemente) austeros, elitistas, racistas, segregadores etc.; esses valores são socioculturais, portanto só existem na linguagem viva, não em uma abstração linguística. Dessa forma, só podem ser levados em conta por uma abordagem que considere uma língua em enunciados concretos, jamais em frases hipotéticas.

Não negamos a importância de serem estudados os elementos lexicais e morfossintáticos da língua latina com a finalidade de se conhecer a língua em seu sistema estrutural, entretanto entendemos que há mais que ser estudado no latim além de léxico e morfossintaxe e que somente o domínio do conhecimento desses elementos é insuficiente, por exemplo, para um consistente estudo de semântica, em especial da construção de sentido, esta que se realiza na enunciação.

A nossa ideia não é a de dizer sobre o latim coisas que nunca foram ditas ou pensadas (em termos gerais ou universais), mas sim de pensarmos a relevância, para a atualização dos estudos do latim, de serem investigados sentidos contextuais, singulares e únicos de enunciados textualizados em tal língua, correspondendo a uma visada sobre o latim que não se restrinja a tratá-lo como a língua das expressões clássicas, das frases repetidas ou das inscrições fossilizadas (que o tempo não muda), mas como uma língua em uso concreto e, assim sendo, a produção de sentidos dos textos escritos nessa língua não pode ser estudada com prescindência da enunciação.

Entendemos por inscrição (independentemente de possuir uma só palavra ou muitas) um texto verbal escrito ou gravado em monumento, fachada, brasão, lápide, bandeira e em diversos objetos; texto que não constitui por si um gênero, mas que se manifesta em diferentes gêneros do discurso.

A inscrição é uma das formas mais antigas de expressão comunicativa escrita criada pelo homem. Produzem-se inscrições em diversos suportes feitos dos mais diferentes materiais, com diversificadas funções enunciativas em vários gêneros discursivos e em muitas esferas da atividade humana desde a Antiguidade, durante a Idade Média e até mesmo em nossos dias. Disso, salta que um outro desafio que enfrentamos nesta pesquisa é o de não só apresentar curiosidades sobre as inscrições (o que, a propósito, seria inadmissível), mas

abordá-las para além de sua materialidade textual, ou seja, como objetos de investigação de um estudo sobre linguagem que nos permita considerar o seu sentido contextual e o seu valor singular inseridos na vida dos homens, após a perscrutação do gênero discursivo que elas textualizam e, entre outros elementos, dos sujeitos envolvidos no processo de interação verbal.

Uma especificidade de nossa abordagem das inscrições, portanto, é que tratamo-las a partir de uma perspectiva enunciativa (o que vai além do estudo do texto ou da gramática em si), portanto, diferente das perspectivas da epigrafia, da heráldica, da filologia ou da paleografia, que abordam vários de seus aspectos, tais como escrita, morfossintaxe, significado ou suporte material, muitas vezes com a finalidade de decifrá-las, historiá-las, datá-las e/ou interpretá-las no nível textual.

Destacamos, por fim, que nossa pesquisa está voltada para investigar inscrições em latim (em língua latina), mas inscrições brasileiras e/ou caririenses (ou seja, inscrições que são constitutivas do universo discursivo, sociocultural, histórico e ideológico brasileiro e/ou caririense), e não inscrições latinas (inscrições romanas antigas) como as que são estudadas, por exemplo, pela Epigrafia e pela Paleografia.

Tratemos, a seguir, dos aspectos metodológicos de nossa pesquisa.

1.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

1.1.1 Objeto da pesquisa e o aporte teórico da abordagem

Fazendo um resumo crítico da tradição dos estudos que tratam do latim, podemos dizer que: por ser uma língua de origem antiga, as temáticas de pesquisas sobre tal língua, em geral, giram em torno de questões linguísticas e literárias dos períodos clássico, pós-clássico ou medievo; em se tratando das investigações filológicas tradicionais, quase sempre os textos em latim que recebem atenção são os de autores consagrados; por estar no princípio da história das línguas românicas, o latim comumente é tratado em trabalhos sobre a mudança linguística, muitos dos quais herdeiros dos modelos do período histórico-comparativista do século XIX; sem falar que, não raras vezes, mesmo no meio acadêmico, a finalidade do estudo do latim aparece como restrito aos interesses da etimologia, do beletrismo, da hermenêutica, dos jargões jurídico e eclesiástico ou da taxonomia. Desse modo, sendo circundada por uma aura de conservadorismo e classicismo, que muitas vezes se esconde sob o epíteto (que dão ao latim) de língua morta, esta língua quase nunca é sequer cogitada

quando se pensa em um objeto sobre o qual se realize um estudo com uma proposta teórica discursiva. Além disso, dentro da tradição dos estudos da língua latina, os enunciados em latim encontrados em nosso dia a dia são pouco explorados em sua natureza comunicativa; quando eles são objetos de estudos, no mais das vezes, ou são tratados como textos curiosos e exóticos ou lhes são dado tratamento meramente descritivo-gramatical.

Estas observações já trazem implícito o problema central da nossa pesquisa, o qual gira em torno da dúvida sobre a exequibilidade e a relevância teórica de uma abordagem discursiva do latim. Tal problema fez-nos levantar as seguintes questões para esta pesquisa:

- Seria inexequível o estudo discursivo de enunciados em latim, tais como os que encontramos em nosso dia a dia?
- Que ganhos heurísticos uma perspectiva discursiva pode trazer à área de estudos da língua latina?

Como já destacamos, estamos interessados em investigar os discursos hodiernos em língua latina; entretanto, como seria impraticável tratar de todos os gêneros do discurso que encontramos no nosso dia a dia mobilizando o latim, restringimos nosso objeto aos gêneros do discurso, tais como os epigráficos, os epitáficos, os gêneros de divisa e os de legenda, cujos textos têm a forma de inscrição; ou seja, do universo dos discursos hodiernos em latim, optamos por investigar a inscrição (de monumento, brasão, bandeira, lápide etc.) por ser uma das formas mais antigas de comunicação escrita e mesmo assim ser uma das que mais carecem de um estudo que a aborde discursivamente. A presença das inscrições em latim no nosso cotidiano é como que uma insistência de um passado que se recusa a desaparecer, em uma língua que teima em existir; sua natureza comunicativa ainda é pouco explorada frente à grande quantidade de estudos de epigrafia e filologia; seu estudo, considerando os gêneros discursivos em que ocorrem e sua inserção em um contexto socioideológico e histórico-cultural dado, ainda é uma novidade. Porém é essa novidade que está na base da justificativa da nossa proposta de estudo, pois abordar as inscrições em latim a partir da perspectiva dos gêneros do discurso nos abre a oportunidade de pensarmos alternativas de caminhos inovadores à área de estudos da língua latina.

Elaborar uma proposta de abordagem discursiva que seja relevante tanto à inovação das pesquisas sobre o latim quanto à compreensão da sociedade e cultura envolvidas em seus usos concretos é outro desafio.

Pensando nesse desafio, optamos por empreender um estudo das inscrições em latim sob uma abordagem dialógica em um contexto de tempo e lugar determinado – ou seja, analisando as inscrições em latim que existem presentemente (início do século XXI) no Cariri cearense – para perscrutarmos de forma mais específica, sobretudo, a construção de sentido de enunciados concretos, vistos sob a perspectiva dos gêneros do discurso, em seus contextos de produção, circulação e recepção, o que envolve a consideração dos elementos linguísticos e dos elementos do contexto extraverbal da enunciação. Sendo o Cariri cearense uma região que possui um número considerável de inscrições em latim, serve-nos de contexto para tal estudo.

Entre as teorias discursivas, optamos por nos orientar, nesta empreitada, pela teoria dialógica advinda do Círculo de Bakhtin, *in nuce*, por sua heurística de ver a linguagem sempre a partir de sua realidade viva e inerentemente social, ideológica, histórica e cultural, o que, a nosso ver, pode significar uma nova abordagem aos estudos do latim, por exemplo, como alternativa de aporte teórico-filosófico para investigações da faceta discursiva do latim que vem sendo negligenciada pelos estudos tradicionais.

Ao falarmos de teoria dialógica, neste momento, consideramos relevante destacar que, segundo Brait (2010, p. 29, grifo da autora):

As contribuições bakhtinianas para uma teoria/análise dialógica do discurso, sem configurar uma proposta fechada e linearmente organizada, constituem de fato um corpo de conceitos, noções e categorias que especificam a *postura dialógica* diante do *corpus discursivo*, da metodologia e do pesquisador. A pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem, e do compromisso ético do pesquisador com o objeto, que, dessa perspectiva, é um sujeito histórico.

Os pormenores da teoria dialógica, que também justificam por que a escolhemos para nos orientar filosófica, teórica e metodologicamente nesta pesquisa, serão tratados por nós mais minuciosamente em um capítulo específico para este fim. Por enquanto, frisemos um detalhe: quando dizemos Círculo de Bakhtin, esse *de* não indica posse, mas participação, ou seja, não é o Círculo de que Bakhtin era o dono ou líder, mas o Círculo de que Bakhtin participava. A ideia de Círculo, da maneira como a usamos aqui, vai além da concepção de um grupo reunido fisicamente. Apesar de usarmos aqui muitas das obras escritas nos anos 1920, quando Bakhtin, Medvedev, Volochínov, Matvei Kagan, Iudina, Pumpianski, Kanaev,

Vaguinov³ e outros efetivamente se reuniam e discutiam suas ideias, fazem parte dos textos do Círculo também os escritos tardios de Bakhtin, que inegavelmente dialogam com o pensamento de Volochínov e Medvedev, mesmo quando estes dois últimos já tinham falecido. Confirmam-se, por exemplo, as aproximações conceituais entre *Os gêneros do discurso* e *O método formal nos estudos literários* ou entre *Apontamentos de 1970-1971* e *Marxismo e filosofia da linguagem*, para citarmos apenas alguns poucos exemplos. Aliás, é justamente o conjunto da obra destes três – Bakhtin, Volochínov e Medvedev, o chamado “grupo B.M.V.” (VAUTHIER, 2012, p. 429) – que, essencialmente, reúne os fundamentos de uma teoria sobre a linguagem que, por tantos outros e também por nós, denomina-se teoria dialógica.

1.1.2 A hipótese

A partir do entendimento de que não é comum estudar enunciados hodiernos em latim sob propostas teóricas discursivas por existir uma divisão tácita que considera o estudo do latim aproximado das tradicionais temáticas gramaticais, hermenêuticas ou filológicas e distanciado dos interesses das pesquisas orientadas por abordagens teóricas discursivas mais atuais – estas que, em geral, estão relacionadas ao estudo de línguas modernas em usos hodiernos –, consideramos que existe uma espécie de terra-de-ninguém entre a tradição dos estudos latinos e os objetos de investigação das teorias discursivas, em que nem um dos dois costuma se encontrar. Nessa terra-de-ninguém, em nossa compreensão, é justamente onde se encontram os discursos hodiernos em latim, ou seja, em um ponto onde podem se cruzar heurísticamente os enunciados concretos em língua latina encontrados em nosso cotidiano (o objeto) e uma abordagem discursiva/dialógica (a teoria) aplicada a eles.

1.1.3 Objetivos da pesquisa

Partindo dessa hipótese, nosso objetivo geral, neste trabalho, é defender que uma abordagem teórico-metodológica dialógica do latim que considere enunciativamente tal língua a partir de gêneros do discurso que a mobilizam, em contextos de tempo e lugar determinados

³ Cabem aqui dois esclarecimentos: (1) grafamos os nomes dos autores russos da forma aportuguesada de uso mais corrente, ou seja, assim: Bakhtin, Volochínov, Medvedev; todavia tais nomes, vez ou outra, aparecerão aqui também desta forma: Bajtin, Voloshinov ou Medviédev, em se tratando de referências em que assim estejam escritos; (2) nas referências, indicaremos os autores conforme a edição utilizada; por exemplo: *Marxismo e filosofia da linguagem*, na edição brasileira, tem como autores Bakhtin/Volochínov; em outras edições, como na argentina, o autor aparece apenas como Voloshinov; já *O freudismo*, na edição brasileira, tem como autor Bakhtin.

(como, por exemplo, em enunciados encontrados em nossos dias em uma determinada região), constitui uma alternativa heurística que pode vir a contribuir para o avanço da área de estudos do latim, sobretudo, em se tratando de estudo sobre construção de sentido (entendido por nós como outra possibilidade de serem realizados estudos de semântica).

Nesse sentido, nossos objetivos específicos neste trabalho são:

- sistematizar uma proposta teórico-metodológica de abordagem de inscrições em latim sob a perspectiva dos gêneros do discurso, a partir da qual iremos:
- realizar um estudo analítico de um *corpus* constituído de inscrições em latim existente nos dias de hoje (início do século XXI) no Cariri cearense – o contexto de tempo e espaço – com ênfase na compreensão/interpretação dos sentidos contextuais dos enunciados que tais inscrições textualizam, para enfim:
- levantar os resultados do estudo das inscrições em latim pela proposta de base dialógica e considerar as contribuições que tal proposta possa trazer à área de estudo da língua latina, sobretudo, aos estudos que objetivem investigar os discursos hodiernos em latim.

1.1.4 O *corpus* e o plano de estudo

O *corpus* sobre o qual empreendemos o estudo analítico é constituído de 37 inscrições em latim, que, na atualidade, encontramos compondo a paisagem discursiva urbana⁴ das cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, no Cariri cearense. Uma parte das fotografias dessas inscrições, que usamos neste trabalho, foi obtida em nossas primeiras investigações sobre as inscrições em latim do Cariri cearense, cujos resultados só foram publicados recentemente⁵, e outra parte das fotografias foi tirada por nós para os fins exclusivos desta pesquisa. É verdade que há inúmeros enunciados concretos com uma mesma forma textual de inscrição em latim; analisar, porém, todos esses enunciados em cada uma das ocorrências singulares seria uma tarefa infinita e infrutífera para os fins do nosso trabalho, por isso selecionamos para serem estudadas apenas uma das ocorrências (naqueles casos em que há mais de uma) de cada inscrição em latim.

⁴ Quando usamos a denominação “paisagem discursiva urbana”, falamos do caráter público das inscrições em oposição ao caráter privado de outras inscrições que existem, mas que não são tratadas em nossa pesquisa.

⁵ Cf. LEITE et al., 2013.

Antes, porém, do estudo analítico do *corpus*, o nosso plano de estudo prevê uma fase pré-analítica dividida em duas partes.

A primeira parte corresponde à investigação da teoria dialógica, momento em que delineamos o eixo teórico da pesquisa.

A segunda parte é a da sistematização dos elementos da teoria dialógica que constituem a base da proposta de abordagem de inscrições em latim sob a perspectiva dos gêneros do discurso. Nesta segunda parte da fase pré-analítica, prevemos:

- 1) que sejam determinados os critérios para caracterização e distinção dos gêneros;
- 2) que seja feito um histórico de cada gênero distinto com forma textual de inscrição que encontramos (em buscas na internet, em trabalhos de outros pesquisadores e *in loco*) nos dias de hoje no contexto brasileiro;
- 3) que sejam determinadas as etapas para um estudo analítico de um *corpus* textual pelo viés teórico dos gêneros do discurso.

Como nosso plano é que tal proposta possa favorecer um estudo dialógico das inscrições em latim a serem consideradas enunciativamente, entendemos que a metodologia de abordagem do *corpus* deva conter uma etapa que trate do contexto de tempo e lugar em que se localizam as inscrições, que seja seguida por mais três etapas: descrição, análise e interpretação.

Para esse entendimento, orientamo-nos por Sobral (2009b), que, quanto ao que se refere às etapas de descrição, análise e interpretação, assevera:

A descrição apresenta o *corpus* a partir de sua inserção geral na esfera de atividades. A análise examina a estruturação do discurso. A interpretação reúne as duas etapas anteriores, retomando as estratégias de instauração de sentidos e os eventos de sentido instaurados nos termos da esfera de atividades e da análise do texto.

Trata-se de parâmetros para o melhor aproveitamento dos instrumentos de análise, nos termos do objeto a ser analisado, o que afasta a tentação de reduzir todo texto a uma manipulação de sequências de algum prototexto teoricamente proposto e concretamente inexistente. Assim, parte-se do objeto e busca-se seguir uma sequência lógica de análise que começa pela materialidade do texto, vai até a discursividade e a genericidade e então retorna a essa materialidade, reunindo na etapa de interpretação elementos textuais, elementos da ordem do discurso e elementos do gênero em sua inserção social e histórica como forma de apropriação (necessariamente valorativa, interessada, não indiferente) do mundo. (SOBRAL, 2009b, p. 90).

Em resumo, pretendemos que nossa proposta teórico-metodológica de abordagem de inscrições em latim sob a perspectiva dos gêneros do discurso contenha diretrizes (e não um modelo engessado) para um estudo analítico dividido em quatro etapas (e não em três), as quais podem e devem ser adaptadas aos objetivos de cada pesquisa em particular:

- Uma etapa de contextualização do *corpus*, que contemple dados – tais como os relacionados à sua inserção histórica e sociocultural – necessários (a depender de cada pesquisa) à compreensão dos gêneros do discurso em um contexto específico.
- Uma etapa de descrição dos aspectos textuais (verbais e/ou verbo-visuais) dos enunciados de cada gênero discursivo, em que sejam também levantadas informações relevantes à análise e interpretação, tais como: informações sobre datação, esfera e interlocutores.
- Uma etapa de análise enunciativa, ou seja, que considere os elementos constitutivos – tema, composição e estilo – dos enunciados dentro do projeto enunciativo do(s) locutor(es) que utiliza(m) o gênero discursivo, atentando na relação deste com a esfera de produção, circulação e recepção do discurso, sem deixar de considerar também as relações dialógicas que se estabelecem entre enunciados congêneres, no processo de construção de sentido. Etapa em que aspectos da verbo-visualidade podem ser também considerados, dependendo de cada caso.
- Uma etapa de interpretação, em que se juntarão elementos das etapas anteriores em uma retomada dos textos dos enunciados com a finalidade de que sejam compreendidos dialogicamente em sua inserção histórico-ideológica e sociocultural.

Cumprida essa fase pré-analítica, ou seja, tendo sido elaborada *uma* (e não *a*) proposta teórico-metodológica para abordagem de inscrições em latim sob a perspectiva dos gêneros do discurso (na qual pretendemos traçar diretrizes que podem ser usadas/adaptadas para outras pesquisas), iniciaremos a fase analítica do *corpus*, conforme nossa proposta de abordagem: inicialmente faremos uma contextualização geográfica, histórica e sociocultural do Cariri cearense, como subsídio às etapas seguintes de descrição, análise e interpretação; depois procederemos à descrição de cada uma das 37 inscrições em latim (que compõem o

corpus) encontradas nessa região, divididas a partir das três esferas em que ocorrem⁶; em seguida faremos uma análise de cada uma delas consideradas como textualizações de enunciados concretos, atentando nos gêneros discursivos a que pertençam e nas discursividades em que tais gêneros se realizam, sendo dada ênfase na construção de sentido; e, levando a cabo o estudo, empreenderemos uma interpretação dos usos do latim nas textualizações dos gêneros, considerando as suas especificidades dentro do contexto sociocultural e histórico e ideológico do Cariri cearense.

Por fim, levantaremos os resultados obtidos no estudo das inscrições em latim do Cariri cearense pelo viés da teoria dos gêneros do discurso e, em seguida, trataremos das contribuições que, a nosso ver, uma perspectiva discursiva (mais especificamente, a dialógica) possa trazer à área de estudos da língua latina.

1.2 ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Deste plano de estudo, resulta que este nosso trabalho está organizado em capítulos estruturados da forma apresentada a seguir.

No segundo capítulo, perscrutando os princípios da teoria dialógica, delineamos o eixo teórico da pesquisa, correspondendo ao que planejamos como sendo a primeira parte da fase pré-analítica de nosso plano de estudo. O eixo teórico da pesquisa parte da concepção dialógica da linguagem, com ênfase nas noções de gênero do discurso e enunciado concreto, que trazem como corolário a consideração de outros fundamentos do pensamento do Círculo, tais como: interação, diálogo, plurilinguismo, vozes sociais, ato, sujeito, consciência, ideologia/signo ideológico, responsividade e exotopia, estes que serão todos tratados por nós sempre os relacionando ao fenômeno discursivo da construção de sentido e, mais especificamente, ao objeto da nossa pesquisa, isto é, gêneros do discurso cujos enunciados concretos são textualizados na forma de inscrição em latim.

No terceiro capítulo, correspondente ao que planejamos como sendo a segunda parte da fase pré-analítica de nosso plano de estudo, sistematizamos elementos da teoria dialógica como base de uma proposta teórico-metodológica de abordagem de inscrições em latim sob a perspectiva dos gêneros do discurso. Na primeira seção, além de abordarmos a

⁶ Esta três esferas, de limites nem sempre imóveis, são as que assim consideramos: (i) a esfera religiosa, concernente ao recorte da ideologia enformada em termos de religiões cristãs (catolicismo, protestantismo e outras); (ii) a esfera funerária, referente à zona de atividades fúnebres; e (iii) a esfera institucional, relativa ao âmbito das organizações de caráter social, político, educacional, artístico-cultural, militar e trabalhista, com ou sem ingerência governamental, mas instituídas oficialmente (nesta esfera, não incluímos as instituições de caráter religioso, posto que as consideramos no âmbito da esfera religiosa).

distinção teórico-metodológica com que trabalhamos com os conceitos de tema, composição e estilo, apresentamos os critérios que adotamos para a caracterização e a distinção dos gêneros; na segunda seção, elaboramos um panorama das particularidades e dos diálogos com a tradição que possuem os gêneros do discurso com forma textual de inscrição em latim que encontramos no contexto brasileiro, os quais tomamos como parâmetros na nossa análise do *corpus*; e, na terceira seção, apresentamos as últimas considerações pré-analíticas, sobretudo, tratando das etapas de contextualização, descrição, análise e interpretação, conforme nosso plano de estudo analítico de um *corpus* textual pelo viés teórico dos gêneros do discurso.

No quarto capítulo, apresentamos, na primeira seção, anotações sobre o contexto histórico e sociocultural do Cariri cearense que são preparatórias à realização das etapas seguintes do estudo do *corpus*; na segunda seção, seguindo as diretrizes de nossa proposta teórico-metodológica de abordagem de inscrições em latim sob a perspectiva dos gêneros do discurso, levamos a efeito uma descrição de cada uma das inscrições em latim que encontramos no contexto do Cariri cearense, etapa que é imediatamente seguida de uma análise enunciativa de cada inscrição em latim, ou seja, sendo considerados os enunciados concretos que elas textualizam, os gêneros a que pertencem, o plano das discursividades e a relação com a esfera de atividade. Na terceira seção deste capítulo, empreendemos uma interpretação dos usos do latim nas textualizações dos gêneros, considerados em sua inserção no contexto do Cariri cearense. Pensando que o estudo do latim em contextos singulares de uso pode ser também um estudo cultural (ou seja, que também vise ao resgate de culturas constitutivas do mundo ocidental), optamos por proceder às interpretações inspirando-nos no modelo do estudo de Bakhtin em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Nesse estudo de Bakhtin (2010c), o foco recai sobre aspectos da cultura popular medieval e renascentista com seus motivos, temas, formas e imagens materializados no romance de Rabelais; em nosso estudo, porém, o foco recai sobre aspectos socioculturais, históricos e ideológicos da cultura oficial (em termos ocidentais) presentes no microcosmo do Cariri cearense e que estão envolvidos no processo de construção de sentido dos enunciados com forma textual de inscrição em latim desta região.

Na conclusão, levantamos os resultados do estudo das inscrições em latim do Cariri cearense pelo viés da teoria dos gêneros do discurso e arrematamos nossa defesa da tese de que a teoria dialógica advinda do Círculo de Bakhtin oferece fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos heurísticos que representam uma alternativa de caminho por onde pode seguir o avanço da área de estudos do latim, sobretudo, em se tratando de estudo de semântica, que, em termos bakhtinianos, tem uma perspectiva enunciativa e está sempre

voltado à percepção de aspectos socioculturais, históricos e ideológicos (semântico-axiológicos) constitutivos do processo de construção de sentido de enunciados concretos, ou seja, um estudo que privilegia a linguagem viva usada em contextos singulares por sujeitos reais.

2 PRINCÍPIOS DA TEORIA DIALÓGICA

*En la gran experiencia todo está vivo, todo habla, esta experiencia es profunda y esencialmente dialógica.*⁷
Mijail M. Bakhtin (1997, p. 156).

Delineando o eixo teórico da nossa pesquisa, neste capítulo, dividido em duas seções, trataremos, primeiramente, dos conceitos fundamentais da concepção de linguagem da teoria dialógica – tais como: interação, diálogo, plurilinguismo, vozes sociais, ato, sujeito, consciência, ideologia/signo ideológico, responsividade e exotopia –, que estão implexos na teoria dos gêneros discursivos (de que trataremos na segunda seção do capítulo), a qual, por sua vez, abarca as noções de discurso, enunciado, texto e de construção de sentido.

Destaquemos, a princípio, que o Círculo de Bakhtin entende a língua como arena de disputa e conflito e inevitavelmente ligada à história, à ideologia e à sociedade. Um estudo embasado nessa concepção de linguagem requer um posicionamento filosófico em relação à língua/linguagem que entenda a palavra como necessariamente dialógica, construída pelo *eu* e pelo *outro*, ou seja, como uma construção social, jamais exclusivamente individual.

Orientar-se por essa concepção é manter-se sempre em alerta e distante da visão *impressionista* do *eu acho que*; é pautar-se por princípios teóricos que estão longe de serem metodologias engessadas ou categorias científicas, pois não se encontram, nas multifacetadas e dispersas obras do Círculo, modelos rígidos de aplicação teórica: eles precisam ser construídos a partir das especificidades do objeto a ser investigado. As ideias do Círculo de Bakhtin, portanto, estão além de um modelo fixo. Como alerta Faraco (2009a, p. 40): “Ao percorrermos os textos do Círculo de Bakhtin não nos deparamos, em nenhum momento, com a formalização de método científico propriamente dito, mas com grandes diretrizes para construirmos um entendimento mais amplo das realidades sob estudo”.

E como alguns termos aqui abordados têm significação diferente em outras teorias, sempre que for necessário, apresentaremos os sentidos que eles têm para o Círculo de Bakhtin, visto que “no interior de uma reflexão só se pode definir um termo pela sua inscrição em um sistema teórico” (AMORIM, 2004, p. 21).

⁷ Na grande experiência, tudo está vivo, tudo fala, esta experiência é profunda e essencialmente dialógica (tradução nossa).

2.1 A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM DA TEORIA DIALÓGICA

Começemos por tratar de dois conceitos fundamentais da teoria dialógica: *interação* e *diálogo*, que não podem ser confundidos com os de outras concepções teóricas, para em seguida considerar a concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin.

Contra as duas orientações do pensamento filosófico-linguístico dominantes no início do século XX, que consideravam a língua como estrutura abstrata (objetivismo abstrato) ou como criação individual (subjativismo idealista), Bakhtin/Volochínov apresentam sua alternativa de entender a língua como interação:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. O diálogo, no sentido estreito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 127, grifo dos autores).

Vemos que a interação não se restringe tão somente ao aqui e agora da enunciação, pois tem um *sentido mais amplo*. Interação existe entre sujeitos presentes em uma enunciação circunstancial e também entre sujeitos que estão distantes no tempo e no espaço, mas que dialogam através de enunciados (orais ou escritos) que possuam, de algum modo, uma convergência de sentido (por exemplo, na forma de uma citação ou de uma compreensão responsiva). Dessa forma, podemos dizer, por exemplo, que interagimos com Platão toda vez que lemos *A República* ou de alguma forma nos remetemos a esta obra. Assim é que Beth Brait distingue com muita clareza o conceito de interação do Círculo do de outras concepções:

O conceito de interação bakhtiniano não coincide inteiramente com outras concepções interacionistas que circunscrevem a situação como a instância central para a produção e compreensão de sentidos. Ao apontar para “um contexto mais amplo”, Bakhtin já acena com a participação do interdiscurso, ou seja, da história e da memória, nem sempre explícitas na situação, mas sem dúvida participantes ativas da produção de sentidos. (BRAIT, 2003, p. 24-25).

A concepção de diálogo para o Círculo vai bem além de uma troca de turnos em uma conversação, ou da alternância de falas de personagens ou de atores, que corresponde ao

que Bakhtin (2010d, p. 92) chama de “diálogo externo-composicional”. Nas palavras de Bakhtin (2011d, p. 331):

O diálogo real (a conversação do cotidiano, a discussão científica, a discussão política, etc.). A relação entre as réplicas de tal diálogo é o tipo mais externamente notório e simples de relações dialógicas. Contudo, as relações dialógicas não coincidem, de maneira nenhuma, com as relações entre as réplicas do diálogo real; são bem mais amplas, diversificadas e complexas.

Diálogo para o Círculo – que na sua ideia mais ampla implica relações dialógicas – há em uma conversa face a face, em uma obra literária, em uma ordem de comando, em uma inscrição em latim, enfim em qualquer enunciado concreto de todos os gêneros do discurso, porque, além de ser própria do ser humano, esse ser social, a necessidade de interagir/dialogar com o outro – como diz Ponzio (2010, p. 324), “o diálogo atesta a irresistível e incurável dependência que tem o eu com respeito ao outro” –, todo enunciado concreto possui “dialogicidade interna” (BAKHTIN, 2010d, p. 88), ou seja, é constituído pela voz do seu autor e pelas vozes anteriores que nele ecoam (bivocalidade), e também orienta-se para o já dito e guarda uma atitude responsiva com relação ao que está por vir, imediatamente ou no grande tempo.

O diálogo e a interação nem sempre são harmoniosos e consensuais e, muitas vezes, como que em uma arena, são carregados de tensões, lutas e confrontos sociais. Assim, quando pensamos em dialogismo, no pensamento bakhtiniano, devemos considerar que:

Por um lado, o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem.

Por outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos. (BRAIT, 2005, p. 94-95).

O dialogismo é, pois, concernente à natureza interdiscursiva e intersubjetiva da linguagem. Nada do que dizemos é uma *vox clamantis in deserto*, isto é, nossos discursos nunca são uma voz que clama no deserto. Sobre isso, diz Tezza (2007, p. 239):

A natureza dialógica da linguagem, na visão de mundo de Bakhtin, impregna todas as suas realizações – no universo bakhtiniano, nenhuma voz, jamais,

fala sozinha. E não fala sozinha não porque estamos, digamos, socialmente expostos a influências externas, mas porque a natureza da linguagem é inelutavelmente dupla.

E, como lembra Sobral (2009a, p. 39), “dialogismo é um conceito que busca dar conta do elemento constitutivo não apenas dos discursos como da própria linguagem e mesmo do ser e do agir humanos”, porque todos os nossos atos existem em função do outro (de suas respostas, atitudes etc.).

A ideia de que o dialogismo constitui a essência da linguagem (ou que a linguagem é, por natureza, dialógica) não é exclusiva dos pensadores russos, Bakhtin, Volochínov e Medvedev, mas, sem dúvida nenhuma, é o cerne da concepção de linguagem que mais nitidamente resume e dá unidade aos trabalhos e ao pensamento desse Círculo.

Subjaz, por exemplo, às teses de Volochínov, em *Discurso na vida e discurso na arte, Marxismo e filosofia da linguagem* e *A estrutura do enunciado*, ao livro *O método formal nos estudos literários* de Medvedev e aos diversos escritos de Bakhtin, tais como *Os gêneros do discurso*, *Problemas da poética de Dostoiévski* e *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, a concepção de que a função precípua da linguagem é o estabelecimento de diálogo (entendido de forma ampla), entre outros pontos de convergências conceptuais.

O pensamento de Bakhtin, Volochínov e Medvedev se aproximam também quanto ao interesse pela linguagem como um todo em vez do foco da atenção em partes isoladas, por isso podemos dizer que interessava ao Círculo de Bakhtin considerar a língua na atividade dialógico-discursiva, enxergando-a em sua totalidade dinâmica e orgânica “como fenômeno pleno concreto e real” (BAKHTIN, 2011c, p. 273) e não em forma de esquemas abstratos coisificados.

Nesse sentido, na vida real, a língua não é uma coisa inerte, posto que:

A única forma adequada de *expressão verbal* da autêntica vida do homem é o *diálogo inconcluso*. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. [...] É igualmente inadmissível a reificação da palavra: sua natureza também é dialógica. (BAKHTIN, 2011e, p. 348, grifo do autor).

Para Medvedev (e para o Círculo como um todo), não só a linguagem cotidiana é por natureza dialógica, mas qualquer manifestação da linguagem concretamente enunciada, pois “qualquer enunciado é orientado para uma mensagem, para um ouvinte, para um leitor, em uma palavra, para outra pessoa, para uma determinada forma de comunicação social, qualquer que ela seja” (MEDVIEDEV, 2012, p. 152-153).

Em um dos seus primeiros escritos, *Para uma filosofia do ato*, o jovem Bakhtin já falava da finalidade da linguagem: “Historicamente a linguagem desenvolveu-se a serviço do pensamento participante e do ato, e somente nos tempos recentes de sua história começou a servir o pensamento abstrato” (BAKHTIN, 2010a, p. 84), em uma crítica ao teorismo, sobretudo ao racionalismo, reinante no início do século XX, propenso a supervalorizar o que é universal, teórico e abstrato – isto é, *langue*, sistema e estrutura – e menosprezar o que é eventivo⁸, concreto e atuante, como a linguagem nas interações vivas.

Entendemos que essa propensão a valorizar muito o que é universal, teórico e abstrato e a valorizar pouco o que é eventivo e singular está na base do que justifica o porquê de enunciados hodiernos em latim não serem comumente abordados por propostas teóricas discursivas, pois tal propensão ainda é fortemente arraigada na tradição dos estudos clássicos, marcados pela tendência formalista/estruturalista.

Em vários trabalhos do Círculo, porém, é notória a crítica a alternativas tipicamente formalistas e positivistas de se abordar a linguagem abstraída da sua realidade viva e presa às formas linguísticas; e, por conseguinte, é patente a defesa de uma abordagem da linguagem a partir de enunciações concretas, como, por exemplo, nessa passagem, em que Medvedev diz:

Na elaboração dos principais conceitos da linguística, os enunciados práticos foram os menos utilizados como seu material. Antes de mais nada, esse material era formado pelos monumentos literários, em um sentido amplo, incluindo toda a vasta área da retórica. Daí vem o monologismo unilateral da linguística. Até pouco tempo atrás, uma série de fenômenos linguísticos, relacionados com as formas de comunicação discursiva dialógica imediata, permaneceu fora do seu campo de visão. (MEDVIEDEV, 2012, p. 153).

Enunciados práticos que, deixemos claro, são os enunciados da comunicação cotidiana e que durante muito tempo foram menosprezados pela linguística (como acontecia no início do século XX) em favor de um modelo de língua baseado nas grandes obras literárias.

⁸ Usamos *eventivo* e também *eventicidade*, aqui e em outras passagens do nosso texto, para falarmos das ideias de processo e de devir do ato ético.

A posição do Círculo sempre foi a de que tanto a linguística quanto os teóricos formalistas falhavam ao considerar a língua independente de sua realidade concreta, como vemos também neste passo:

Uma enunciação concreta (e não uma abstração linguística) nasce, vive e morre no processo de interação social dos participantes da enunciação. Sua significação e sua forma em geral se definem pela forma e o caráter desta interação. Ao arrancar a enunciação deste chão real que a alimenta, perdemos a chave que abre o acesso de compreensão tanto de sua forma quanto de seu sentido; em nossas mãos ficam ou uma moldura linguística abstrata, ou um esquema abstrato de sentido. (VOLOCHÍNOV/BAKHTIN, 2011, p. 165).

Desse passo, extraímos uma das lições que mais se destacam do pensamento do Círculo: a de que *fora da enunciação não há sentido*. No caso específico das inscrições em latim, veremos como este fundamento é sobremaneira produtivo para a análise da construção de sentido.

E sobre as críticas que, no início do século XX, eram feitas pelo Círculo à abordagem formalista da linguagem, podemos dizer que elas continuam sendo pertinentes, posto que, mesmo em nossos dias, ainda são realizados, por algumas áreas da linguística, estudos sem (ou com pouca) atenção aos aspectos extraverbais da enunciação, isto é, estudos voltados à estrutura segmentável da língua inerte.

Foi por essa propensão do Círculo a estudar a linguagem em seu aspecto para além do estritamente linguístico que Bakhtin propôs uma disciplina específica – a metalinguística (também traduzida como translinguística) – para estudar o discurso, isto é, “a língua em sua integridade concreta e viva” (BAKHTIN, 2010b, p. 207).

E, distinguindo o que cabe à linguística e à metalinguística (translinguística), conforme sua proposta, diz o pensador russo:

As pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a linguística e devem aplicar os seus resultados. A linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso –, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente, e não se fundir. Na prática, os limites entre elas são violados com muita frequência. (BAKHTIN, 2010b, p. 207).

À linguística cabe o estudo da forma, da estrutura ou até mesmo da função, em termos de língua; à translinguística cabe o estudo das relações dialógicas dos enunciados na comunicação discursiva:

Onde não há palavra não há linguagem e não pode haver relações dialógicas; estas não podem existir entre objetos ou entre grandezas lógicas (conceitos, juízos, etc.). As relações dialógicas pressupõem linguagem, no entanto elas não existem no sistema da língua. Não são possíveis entre os elementos da língua. A especificidade das relações dialógicas requer um estudo especial. (BAKHTIN, 2011d, p. 323).

Um estudo pautado na translinguística como concebida por Bakhtin, nesse sentido, traz uma visada para a linguagem não restringindo esta aos componentes intralinguísticos, mas considerando-a em termos de história, ideologia, cultura, sociedade, discurso e sujeitos em interação. A análise do discurso é hoje, segundo Faraco (2009a, p. 117), o que há de mais próximo da ideia de translinguística pensada por Bakhtin; não é à toa que para muitos pesquisadores, sobretudo os da Análise do Discurso de linha francesa, Bakhtin foi um analista do discurso *avant la lettre*. Mas lembremos também, como bem observa Marchezan (2013), que vez ou outra a translinguística foi/é aproximada de uma espécie de pragmática, sociolinguística ou semiótica. Para nós, em conformidade com Brait (2012, p. 19), metalinguística/translinguística corresponde mais diretamente ao que hoje entendemos como Análise/Teoria Dialógica do Discurso.

Entender o enunciado como “une simple goutte dans ce fleuve de la communication verbale”⁹ (VOLOSHINOV; BAKHTINE, 1981, p. 288) – ou seja, interligado a outros enunciados (e não só aos do mesmo gênero), confirmando-os, refutando-os etc. – é condição *sine qua non* para se fazer um estudo de linguagem em termos dialógicos, que passa pelo entendimento de que o enunciado é uma resposta ou uma interpelação na cadeia dialógica da linguagem discursiva, sendo que tudo nele (inclusive as formas linguísticas) está relacionado à realidade concreta da sua existência.

No pensamento bakhtiniano, sobressai-se também a concepção de que várias línguas sociais coexistem em um plurilinguismo vivo e dialogizado, em que atuam as forças centrípetas (centralizadoras e próprias da cultura oficial) e as forças centrífugas (descentralizadoras e próprias da cultura popular):

⁹ Uma simples gota no rio da comunicação verbal (tradução nossa).

As forças centrípetas da vida linguística, encarnadas numa língua “comum”, atuam no meio do plurilinguismo real. Em cada momento da sua formação a linguagem diferencia-se não apenas em dialetos linguísticos, no sentido exato da palavra (formalmente por indícios linguísticos, basicamente por fonéticos), mas, o que é essencial, em línguas socioideológicas: sociogrupais, “profissionais”, “de gêneros”, de gerações, etc. [...] Ao lado das forças centrípetas caminha o trabalho contínuo das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verbo-ideológica e da união caminham ininterruptos os processos de descentralização e desunificação. (BAKHTIN, 2010d, p. 82).

A abordagem dialógica que aplicamos à língua latina requer que vejamos esta no meio desse plurilinguismo dialogizado que é a realidade linguística, pois o latim é uma das línguas que compõe esse plurilinguismo vivo, essa profusão de vozes (ou falares ou linguagens ou línguas) sociais, grupais, ideológicas, axiológicas, dialetais, estilísticas, sagradas, profanas, etárias etc.

Entretanto, o conceito de plurilinguismo não se confunde com o de polifonia. Esta foi criada por Bakhtin para caracterizar a multiplicidade de vozes e consciências independentes, imiscíveis e plenivalentes observada primeiramente nos romances da maturidade de Dostoiévski; aquela se refere às múltiplas e heterogêneas vozes sociais que permeiam os discursos, sem com isso significar equilíbrio. Apesar de não haver unanimidade quanto à questão, somos propensos a considerar a polifonia como um conceito mais apropriado a estudos de literatura. Já a compreensão de que a linguagem viva é composta de uma pluralidade de línguas (ou vozes) sociais, que ora se embatem ora se interpenetram, constitui uma noção que entendemos ser bastante produtiva às reflexões sobre língua/linguagem em usos concretos extraestéticos.

Para finalizar esta seção, destaquemos que um estudo da linguagem pautado no dialogismo envereda necessariamente por seu pendor filosófico e exige o entendimento de que ele instaura bases conceituais que estão diretamente relacionadas ao aspecto comunicativo da linguagem e mais precisamente às relações dialógicas inerentes aos discursos de sujeitos situados histórica, social, cultural e ideologicamente, o que significa, de modo geral, a consideração de um complexo conjunto de fundamentos da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin que se interpenetram arquitetonicamente sob a égide do dialogismo, tais como: ato responsável, signo ideológico, vozes sociais, ideologia, consciência, intersubjetividade, excedente de visão, construção de sentido, compreensão, responsividade, enunciado e gêneros do discurso, para listarmos apenas os mais proeminentes, posto que os pormenores serão tratados nas seções seguintes.

Dessa forma, destacamos que tais fundamentos estarão subjacentes (mesmo que não os citemos explicitamente) ao estudo que faremos das inscrições em latim do Cariri cearense, pois cada inscrição será considerada dentro da totalidade que é o enunciado concreto, este que é sempre responsivo e dialogicamente constituído; porque, ao contrário, se vemos, por exemplo, uma inscrição (seja ela em latim ou em qualquer outra língua) apenas em termos de sua materialidade linguística, vemos apenas uma coisa, um artefato inerte e inexpressivo. E em nossa proposta, pretendemos uma visada sobre o latim que vá além de sua estrutura linguística: que vá considerá-lo enunciativamente, ou seja, vivo.

E sobre a divisão que fazemos a seguir, queremos ressaltar que ela é parte da metodologia deste nosso trabalho, não significando, porém, que os conceitos e fundamentos (de que trataremos) estejam apartados uns dos outros no pensamento do Círculo. Nem também é essa nossa intenção aqui (separar/isolar uns dos outros), mas, na verdade, juntar informações – referentes a cada um dos conceitos e dos fundamentos – que se encontram dispersas (mas sempre interligadas) nas obras do Círculo de Bakhtin, o que muitas vezes faremos também nos reportando aos trabalhos de seus epígonos.

2.1.1 O ato responsável

Na primeira metade dos anos 1920, Bakhtin escrevia os rascunhos de um texto filosófico que mais tarde seria intitulado por seus editores de *Para uma filosofia do ato*. Seleccionamos, principalmente, os eixos temáticos: (i) da crítica ao pensamento teórico que se desvincula do mundo da eventicidade (mundo dos atos responsáveis onde não há álibi no ser), (ii) do componente axiológico e emotivo-volitivo próprio a qualquer ato concreto, e (iii) da correlação do eu e do outro, produtora de sentido e instauradora de sujeitos, visto que tais eixos temáticos se encontram esboçados neste texto filosófico de Bakhtin e correspondem ao alicerce de vários conceitos posteriormente desenvolvidos pelo Círculo, muitos dos quais serão acionados nas nossas análises das inscrições em latim consideradas em sua inserção na vida (ética) de sujeitos reais.

Começamos destacando que, conforme Sobral (2009a, p. 118), “a articulação entre o repetível e o irrepetível, a atividade em geral e os atos específicos dessa atividade, presentes na concepção do ato, percorrem toda a obra do Círculo – do dialogismo ao gênero”.

Na época em que Bakhtin escreveu *Para uma filosofia do ato*, ele era ainda muito ligado a Kant (em termos de pensamento), porém com pretensões de destranscendentalizá-lo produzindo uma filosofia que desse conta também de entender um “conteúdo-sentido”, que é

“eterno em sua validade de sentido, mas não na realidade e no real vivido” (BAKHTIN, 2010a, p. 120), incorporado ao ato concreto no *ser-comevento*, este que é único, singular e irrepitível.

Segundo Faraco (2009b, p. 99), “Bakhtin destinou parte de seu manuscrito ‘Para uma filosofia do ato’ para pensar filosoficamente a questão do agir humano no grande mundo da vida e de criticar uma cognição (uma ciência) afastada dele”. E este é mesmo um dos pontos centrais abordados em *Para uma filosofia do ato*, posto que para Bakhtin (2010a, p. 42):

A característica que é comum ao pensamento teórico discursivo (nas ciências naturais e na filosofia), à representação-descrição histórica e à percepção estética e que é particularmente importante para a nossa análise, é esta: todas essas atividades estabelecem uma separação de princípio entre o conteúdo-sentido de um determinado ato-atividade e a realidade histórica do seu existir, sua vivência realmente irrepitível.

Separação que o pensador russo caracteriza de *perniciosa*, considerando que, na realidade, todo ato responsável da vida (até mesmo o meu pensamento) condensa em si “seu conteúdo-sentido” e “a historicidade concreta de sua realização” (BAKHTIN, 2010a, p. 44).

Tezza (2003, p. 184) resume com propriedade essa questão da seguinte forma:

A questão filosófica central discutida nesta obra (aqui didaticamente sintetizada em apenas um ponto) é o problema da cisão entre o sentido (significado) de um ato e a sua realidade histórica única (que Bakhtin chamará, na tradição filosófica alemã, “ser-evento”), promovida pela abstração do pensamento teórico-discursivo. Para Bakhtin, essa cisão só pode ser superada se o sentido está em comunhão com o ser-evento, isto é, se o sentido se torna um momento constitutivo dele.

Esse raciocínio já se prenunciava desde 1919, em *Arte e responsabilidade* (BAKHTIN, 2011a), e estava na base da pretensão bakhtiniana de superar um objetivismo, um imanentismo ou teorismo reinante na filosofia, nas artes e nas ciências (objetivismo mais propenso a trabalhar o plano das ideias e a considerar bons os aspectos abstratos, gerais e universais em vez dos aspectos reais e histórico-individuais, considerados ruins, como objeto de estudo) e trazer à discussão filosófica também tudo aquilo que, por ser inconcluso, irrepitível e eventivo, quase nunca era considerado próprio às postulações *sérias*, tais como um ato concreto, que incorpora uma ideia ou conceito (um *conteúdo-sentido*) em um tempo e espaço singular e irrepitível. Bakhtin reforça tal raciocínio tratando do binômio *istina* (a verdade universal, teórica, abstrata) vs. *pravda* (a verdade situacional, singular, viva) e cujos

ecos podem ser percebidos também em significação vs. tema, oração vs. enunciado, artefato e objeto estético, entre outras distinções desenvolvidas mais tarde pelo Círculo.

No fragmentado *Para uma filosofia do ato*, Bakhtin não pretendia elaborar uma *prima philosophia* como mais uma filosofia que trabalhasse apenas segundo as suas próprias fronteiras do conhecimento teórico-abstrato, “característica específica da época moderna, dos séculos XIX e XX em especial” (BAKHTIN, 2010a, p. 50); pelo contrário, ele pretendia uma *prima philosophia* orientada sobre o ser-evento vivo, sobre o ato participativo e responsável, singular e historicamente localizado. Vemos essa posição defendida por Bakhtin (2010a, p. 79) com as seguintes palavras:

Reconhecemos, então, como infundados e essencialmente sem esperança todas as tentativas de orientar uma filosofia primeira, a filosofia do existir-evento uno e único, em relação ao aspecto do conteúdo-sentido, de produto objetivado, fazendo abstração da ação-ato singular e do seu autor – aquele que pensa teoricamente, contempla esteticamente e age eticamente. Somente do interior do ato real, singular – único na sua responsabilidade – é possível uma aproximação também singular e única ao existir na sua realidade concreta; somente em relação a isso pode orientar-se uma filosofia primeira.

É que vivemos, agimos e morremos realmente no *mundo da práxis*, na *vida do ato* e não no *mundo teórico*, este que “permanece igual e idêntico a si mesmo no próprio sentido e significado, exista eu ou não” (BAKHTIN, 2010a, p. 52); por isso Bakhtin defende que, no mundo da vida, no mundo dos atos éticos, não temos álibi no ser, porque

neste preciso ponto singular no qual agora me encontro, nenhuma outra pessoa jamais esteve no tempo singular e no espaço singular de um existir único. E é ao redor deste ponto singular que se dispõe todo o existir singular de modo singular e irrepetível. Tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca. (BAKHTIN, 2010a, p. 96).

Assim, em *Para uma filosofia do ato*, Bakhtin contrapõe ao teorismo a teoria do ato ético e a uma *prima philosophia* ontológica, uma *prima philosophia* axiológica.

Para Bakhtin, é a responsabilidade do ato que une conteúdo-sentido à sua execução factual, histórica e individual, envoltos em um tom emotivo-volitivo. O ato aqui é tratado como o passar da possibilidade para a concretização, conforme vemos nestas palavras de Bakhtin (2010a, p. 80-81, grifo do autor):

Somente o ato responsável supera toda hipótese, porque ele é – de um jeito inevitável, irremediável e irrevogável – a realização de uma decisão; o ato é o resultado final, uma consumada *conclusão* definitiva; concentra,

correlaciona e resolve em um contexto único e singular e já final o *sentido* e o *fato*, o universal e o individual, o real e o ideal, porque tudo entra na composição de sua motivação responsável; o ato constitui o desabrochar da mera possibilidade na singularidade da escolha *uma vez por todas*.

Desde os primeiros esboços filosóficos de Bakhtin, entrevemos uma tendência, que se estende de modo geral a todo o Círculo, que é a valorização do contexto axiológico singular e real frente a um pensamento geral e autossuficiente:

O tom emotivo-volitivo interrompe o isolamento e a autossuficiência do conteúdo possível do pensamento, incorpora-o no existir-evento unitário e singular. Cada valor que apresente validade geral se torna realmente válido somente em um contexto singular. (BAKHTIN, 2010a, p. 90).

A concepção do ato como o *passar da possibilidade para a concretização* sempre carregado de *tom emotivo-volitivo* e do *componente axiológico*, sem dúvida nenhuma, permeia as concepções volochinovianas de entoação e de significação presentes em *Discurso na vida e discurso na arte* e também em *Marxismo e filosofia da linguagem*, bem como a distinção que faz Medvedev entre instrumento de produção e objeto ideológico, em *O método formal nos estudos literários*.

Para Bakhtin (2010a, p. 99) ainda “é apenas o não-álibi no existir que transforma a possibilidade vazia em ato responsável real (através da referência emotivo-volitiva a mim como aquele que é ativo)”, de modo que “o princípio arquitetônico supremo do mundo real do ato é a contraposição concreta, arquitetonicamente válida, entre eu e outro” (BAKHTIN, 2010a, p. 142). Contraposição esta que já traz em si os bosquejos da noção de *excedente de visão* que posteriormente entraria para a tradição dos estudos bakhtinianos como *exotopia*, conceito altamente produtivo para a compreensão da constituição do sujeito na intersubjetividade e do qual trataremos mais adiante, em seção distinta, como um posicionamento heurístico do pesquisador das Ciências Humanas em relação a seu objeto de análise.

Como diz Amorim (2009, p. 35, grifo da autora), “o ato singular ou a realização da minha singularidade é também algo que completa o ser do *outro*. A não-coincidência com o outro, com o seu lugar, é também lugar produtor de sentido que, mais uma vez, se dá na articulação de diferenças”. Este fundamento é sobremaneira relevante dentro da teoria dialógica, pois destaca a necessária correlação entre o eu e o outro para a construção de sentido, que é sempre dialógica e responsiva, e para a instauração de sujeitos, que nunca têm

uma visão completa no *eu-para-mim* (autoconsciência) e que necessitam do olhar do *outro-para-mim* (juízo de valor externo ao *eu*) a fim de lhes dar acabamento.

Enfim, a filosofia do ato comunga com a concepção de linguagem do Círculo o fato de não se restringirem a um “mundo autônomo teórico, abstrato, alheio por princípio à historicidade viva singular” (BAKHTIN, 2010a, p. 50). Entendemos que o pensamento do Círculo de Bakhtin assenta-se sobre uma tentativa dialética de unir (nunca cindir): o abstrato e o concreto, o universal e o singular, o teórico e o histórico, o interior e o exterior, estes que correspondem às duas direções opostas para onde olha o Jano bifronte, tanto faz se este Jano for o ato ético, a verdade singular (*pravda*), o signo ideológico ou o enunciado concreto: eles incorporam em si constituintes duradouros e eventivos, estão sempre situados entre o eu e o outro, são atravessados por componentes axiológicos e possuem tons emotivo-volitivos.

2.1.2 Ideologia, consciência e sujeito

Nesta seção, iremos delinear os fundamentos referentes a ideologia, consciência e sujeito que se encontram dispersos no conjunto dos textos do Círculo – muitos dos quais já abordados em trabalhos de seus epígonos – e evidenciar como essas noções estão relacionadas dentro de uma concepção de linguagem própria do Círculo que rejeita as visões teóricas de um sujeito solipsista, de uma consciência isolada internamente e de discursos desprovidos de ideologia.

De início, queremos destacar que a palavra *ideologia* para o Círculo não tem agregado o valor negativo de falso ou enganoso; antes, aproxima-se da compreensão de *um conjunto dos pontos de vista de um grupo social situado historicamente, pleno dos valores, das crenças e das concepções válidos na realidade vivencial dos sujeitos* e que:

Algumas vezes, o adjetivo **ideológico** aparece como equivalente a **axiológico**. Aqui é importante lembrar que, para o Círculo, a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo. Desse modo, qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, **sempre ideológico** – para eles, não existe enunciado não-ideológico. E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias (i.e., no interior de uma das áreas da atividade intelectual humana) e expressa sempre uma posição avaliativa (i.e., não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica). (FARACO, 2009a, p. 47, grifo do autor).

Nessa mesma direção, segue o entendimento de que, segundo Souza (1999, p. 119), “no acontecimento de um enunciado concreto não há espaço para neutralidade”.

Em *O freudismo*, no capítulo 9, intitulado *Conteúdo da consciência como ideologia*, aparece distinguida a *Ideologia enformada ou oficial*, a das superestruturas ideológicas (Estado, partidos políticos, Igrejas, ciências, Direito etc.), da *Ideologia do cotidiano*, que corresponde à verdade, à moral e à visão de mundo dos diversos grupos sociais (BAKHTIN, 2009). Assim também, em geral, nos escritos do Círculo, ideologia, quando se refere àquela da cultura oficial, aparece adjetivada, como por exemplo, ideologia oficial, ideologia elevada, ideologia da igreja etc.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, destaca-se a compreensão de ideologia necessariamente ligada ao signo, porque “tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 31, grifo dos autores). O signo é entendido como um fenômeno do mundo exterior e nunca como um produto do mundo interior do indivíduo, sendo, portanto, a palavra concebida como um fenômeno acima de tudo ideológico, o que converge para uma concepção da filosofia da linguagem como a filosofia do signo ideológico.

A noção de ideologia, sobretudo em *Marxismo e filosofia da linguagem*, pode então ser vislumbrada a partir da ideia de signo ideológico, uma realidade da linguagem concreta, em oposição à ideia de signo linguístico (como entendido por Saussure), uma entidade abstrata e idealizada. O que é ideológico é carregado de história, de acentos apreciativos e de experiências reais da vida concreta, portanto ideológico se opõe a ideal e abstrato.

Registremos que a concepção sêmica das ideologias que pode ser garimpada do pensamento do Círculo é derivada do materialismo histórico, sobretudo aquela presente em *Marxismo e filosofia da linguagem* e em *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, textos da segunda metade da década de 1920, período em que tanto Volochínov quanto Medvedev pretendiam “contribuir criticamente para a construção de uma teoria de base marxista da criação ideológica” (FARACO, 2009a, p. 45). Nesses textos, podemos entrever os autores concordando que “uma análise sociológica marxista de uma esfera social qualquer não pode ignorar nem a autonomia das instâncias ideológicas específicas, nem a relação dessas esferas relativamente autônomas com a base social mais geral” (CASTRO, 2010, p. 186).

Entretanto, como observa Zandwais (2009, p. 109, grifo da autora): “a noção de ideologia em Bakhtin/Voloshinov já adquire um estatuto distinto daquele que é proposto em *A ideologia alemã*, porquanto os autores estabelecem um princípio dialético para explicar o

funcionamento do signo e sua condição ideológica”. Isto é, a noção de ideologia, sobretudo a que se sobressai em *Marxismo e filosofia da linguagem*, não tem aquela ideia de falsa consciência ou reflexo invertido do real, como vemos em *A ideologia alemã*, de Marx e Engels. Assim, de forma decisiva, afirma Zandwais (2009, p. 110):

É por esse viés, ou seja, o de apreensão da ordem do real a partir de determinações históricas, que se pode refletir sobre as condições por meio das quais os signos são ideologizados. Não como efeitos imaginários que invertem a realidade, mas como representações, efeitos das formas por meio das quais os sujeitos apreendem o vivido e o circunscrevem, simbolicamente, na história e na linguagem de modos diversos.

Em *O método formal nos estudos literários*, Medvedev defende o materialismo dialético como saída para a crise do idealismo e do positivismo no pensamento filosófico da Europa do início do século XX. Em suas palavras: “Somente o materialismo dialético pode realizar a almejada síntese da concepção de mundo filosófica com todo o estudo histórico concreto dos fenômenos específicos à arte, à ciência, à moral, à religião” (MEDVIEDEV, 2012, p. 48).

Salientemos, porém, que o marxismo não é a única corrente filosófica que inspirava o Círculo. Percebemos no conjunto da obra uma tendência de pensamento que aproxima os integrantes do Círculo: a tendência a rejeitar as concepções filosóficas e científicas teoreticistas, idealistas, subjetivistas e ontológicas e de preferir concepções filosóficas e científicas mais fenomenológicas, axiológicas, sociológicas ou materialistas que dão conta de realidades concretas historicamente situadas, tais como o fenômeno ideológico concreto (para Medvedev), o ato responsável (para Bakhtin) e o signo ideológico (para Volochínov). Podemos mesmo dizer que essa tendência assemelha-se à propensão do Círculo a se opor à estética material (Formalismo Russo), à teoria freudiana de caráter subjetivo (Freudismo), ao subjetivismo idealista (estilística de Humboldt e Vossler) e ao objetivismo abstrato (linguística saussuriana).

Na verdade, o marxismo, como dissemos, é mais uma das correntes filosóficas que inspiraram os pensadores do Círculo (especialmente Volochínov e Medvedev) na busca de uma superação de uma crise filosófica e científica reinante, que tendia a marginalizar, em suas teorizações, sujeito, enunciação, momento histórico e outros elementos da concretude irrepetível da eventicidade.

O marxismo, sobretudo em *Marxismo e filosofia da linguagem* e em *O método formal nos estudos literários*, surge como uma alternativa possível e palpável, no contexto em

que viviam os pensadores do Círculo, de incorporarem uma perspectiva sociológica aos estudos de língua e de poética contra o imanentismo e o formalismo reinantes na linguística e na teoria/crítica literária de então. Em outras palavras, o materialismo histórico e dialético de Marx e Engels representava uma saída filosófica a embasar a proposta de elaboração de um método sociológico para a ciência da linguagem, concebendo a interação verbal como a essência da língua em oposição aos pontos de vista do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato, no caso de Volochínov; e a elaboração de uma poética sociológica que entendesse a literatura como um fenômeno socioideológico, sobretudo, contra o método morfológico do formalismo russo, no caso de Medvedev. Portanto, ao nosso entender, não é o fato de ter ou não ter uma filiação marxista que alimenta a sobrevivência do pensamento do Círculo como pertinente aos estudos de linguagem até os nossos dias, mas a heurística da filosofia elaborada pelo Círculo de considerar a linguagem em sua natureza essencialmente viva, histórica, social, ideológica, discursiva e dialógica.

Abordando a relação existente entre consciência, ideologia e linguagem, a partir da forma como é tratada em *Marxismo e filosofia da linguagem*, diz Zandwais (2009, p. 108):

Em primeiro lugar, é pelo viés da relação entre consciência, ideologia e linguagem que Bakhtin/Voloshinov irão caracterizar o funcionamento do signo ideológico.

Ao estabelecer uma relação dialética entre a palavra e o signo ideológico, os autores buscam mostrar que a palavra pode funcionar sempre como um signo neutro enquanto língua abstrata, objeto de investigação da Filologia, dos dicionários e dos estudos linguísticos não sociológicos. Enquanto objeto da práxis concreta, entretanto, está sempre carregada de valores. São justamente os valores aos quais ela se prende que nos permitem compreender sua função ideológica.

A palavra viva para o Círculo, portanto, não é uma coisa neutra em relação às ideologias, nem é criação de uma consciência dissociada do seu meio externo. Consciência e ideologia, por mais que aparentem ser realidades que se situem estanques, respectivamente, no interior e o no exterior dos sujeitos, estão relacionadas com a linguagem e com o necessário diálogo que se estabelece entre os sujeitos em suas interações sociais. Em outras palavras, segundo Clark e Holquist (2008, p. 199), para Bakhtin (e para o Círculo como um todo), a relação entre mente e mundo era concebida como um *continuum* dialógico. Observemos como isso aparece elaborado em um dos textos do Círculo:

O conteúdo do psiquismo humano, o conteúdo dos pensamentos, sentimentos e desejos é dado em uma forma pela consciência e,

consequentemente, numa forma pela palavra humana. A palavra – é claro que em seu sentido não restritamente linguístico, mas no sentido sociológico amplo e concreto – é o *meio objetivo* em que nos é dado o conteúdo do psiquismo. (BAKHTIN, 2009, p. 84, grifo do autor).

Sem a palavra viva (discursiva) não seríamos capazes de ter acesso ao conteúdo da consciência humana, porque nenhuma atividade psíquica é puramente subjetiva, mas sempre orientada social e ideologicamente, de modo que para as Ciências Humanas a palavra é um objeto imprescindível para se estudar o homem.

O passo seguinte de *Problemas da poética de Dostoiévski* é ilustrativo também da rejeição do Círculo da concepção de uma consciência isolada internamente: “A ideia não vive na consciência individual isolada de um homem: mantendo-se apenas nessa consciência, ela degenera e morre. Somente quando contrai relações dialógicas essenciais com as ideias dos outros é que a ideia começa a ter vida” (BAKHTIN, 2010b, p. 98, grifo do autor). Portanto, para o Círculo: “A única definição objetiva possível da consciência é de ordem sociológica” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 35).

Para o Círculo, portanto, a consciência é sociológica e para se ter acesso a ela só por intermédio de sua concretização em um signo:

O signo é uma unidade material discreta, mas a significação não é uma coisa e não pode ser isolada do signo como se fosse uma realidade independente, tendo uma existência à parte do signo. É por isso que, se a atividade mental tem um sentido, se ela pode ser compreendida e explicada, ela deve ser analisada por intermédio do signo real e tangível. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 52).

O estudo orientado para o signo real – que nunca se concretiza sem a marca emotivo-volitiva e axiológica do sujeito –, dessa forma, não deixa de ser um estudo do pensamento (da atividade mental) dos sujeitos nem da realidade ideológica que os cerca, uma vez que consciência, ideologia e sujeitos não se separam a não ser teoricamente. As palavras de Medvedev transcritas abaixo reforçam essa concepção:

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas “almas” das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 48-49).

No texto *Para uma filosofia do ato*, Bakhtin (2010a, p. 68-69) fala sobre como uma consciência participante prefere se orientar por concepções como o materialismo histórico (mesmo com suas limitações metodológicas) e, ao contrário, demonstra insatisfação em relação à filosofia da época, marcadamente teoricista. E, em um posicionamento marcadamente crítico em relação a Kant e aos kantianos, Bakhtin (2010a, p. 78) defende que a abstração do meu eu singular – que “se traduz pela onipresença de uma consciência abstrata, de uma consciência desencarnada” (VAUTHIER, 2012, p. 441) – corresponde a um teoricismo fatal, portanto um erro terrível.

Para o jovem Bakhtin de *Para uma filosofia do ato*, a discussão em torno do sujeito não é se ele é consciente ou inconsciente, se ele é empírico ou social, mas sobre um sujeito responsável pelos seus atos, envolvidos em tons emotivo-volitivos e visto no não-álibi do ser. Nas palavras de Bakhtin (2010a, p. 91-92): “o momento da atuação do pensamento, do sentimento, da palavra, de uma ação, é precisamente uma disposição minha ativamente responsável – emotivo-volitiva em relação à situação na sua totalidade, no contexto de minha vida real, unitária e singular”.

Ao tratar da unidade do mundo da visão estética, ou mundo da arte, Bakhtin faz lucubrações sobre o ser humano, um sujeito do mundo da vida, em seu centro de valores:

A unidade do mundo da visão estética não é uma unidade de sentido, não é uma unidade sistemática, mas uma unidade concretamente arquitetônica, que se dispõe ao redor de um centro concreto de valores que é pensado, visto, amado. É um ser humano este centro, e tudo neste mundo adquire significado, sentido e valor somente em correlação com um ser humano, somente enquanto tornado desse modo um mundo humano. Toda a existência possível e todo o sentido possível se dispõem ao redor de um ser humano como centro e valor único. (BAKHTIN, 2010a, p. 124).

Entendemos que essa compreensão de Bakhtin é relevante a todas as áreas das Ciências Humanas, não só às áreas que se interessam pela linguagem estética, visto que qualquer uma dessas áreas fica manca quando negligencia como sendo o centro de valor e sentido o ser humano, ou seja, o sujeito do *mundo humano*.

Como afirma Sobral (2007, p. 20): “O Círculo busca adicionar à teoria das classes de Marx, que enfatizam o sujeito coletivo ‘classe’, uma teoria do sujeito individual, corporificado, em vez de subsumido à classe, e é dessa perspectiva que aborda questões fundamentais, como é o caso da teoria do valor”, a qual, em termos bakhtinianos, é axiológica e organicamente ligada aos atos concretos.

Um dos pontos centrais do pensamento bakhtiniano, que não podemos esquecer, é a instância do outro na constituição do sujeito. Sobre isso, diz Zavala (2009, p. 156, grifo da autora):

É no processo da interação com o outro que nos tornamos sujeitos. O *eu* só existe relacionado a um *tu*: “ser significa comunicar-se”, e um “eu” é alguém que, por sua vez, é um “tu” para o outro. A onipresença da voz é equiparável à ubiquidade do outro em nossa existência, de tal modo que a construção do eu, mediante o verbal, passa pelo diálogo como forma primária de comunicação e pensamento e, mais ainda, como concepção do sujeito e seu ser. O *outro* representa a intersubjetividade – outro sujeito, o outro da linguagem.

E em um paralelo entre as Ciências Exatas, em que ao pesquisador se põe uma *coisa muda*, e as Ciências Humanas, que terão sempre sujeitos (pesquisador e pesquisado) em diálogos nas suas pesquisas, diz Bakhtin (2011h, p. 400, grifo do autor):

Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser *dialógico*.

Em conformidade com essa concepção dialógica do Círculo, em que se encontram interligados sujeitos, consciências e ideologias, diz Sobral (2009a, p. 158): “O ideológico depende da consciência do sujeito e esta é entendida como instância vinculada com a sociedade e a história”. Portanto, a pesquisa em Ciências Humanas se descaracterizará sempre que negligenciar a natureza socioideológica e histórica da consciência e dos próprios discursos dos sujeitos. Não podemos esquecer que uma das críticas que mais comumente se faz à linguística estruturalista, que reinou durante grande parte do século XX, é justamente a de excluir das suas postulações teóricas (em favor de um racionalismo científico) os sujeitos e seus contextos reais de produção, circulação e recepção discursiva. É que essas postulações se restringem – como, por exemplo, no caso da noção de valor para Saussure – a uma circunscrição endógena, em que a língua é estudada imanentemente em si e por si.¹⁰

Se, no pensamento do Círculo, o estudo da linguagem não pode excluir o homem como sujeito do discurso, não pode, porém, conceber a linguagem como restrita ao domínio do individual. Assim, qualquer ideia de sujeito que possamos encontrar na teoria do Círculo passa longe da ideia de um sujeito cartesiano. Nos escritos do Círculo, sempre percebemos

¹⁰ Cf. DOSSE, 2007a, p. 81-91.

uma crítica a concepções solipsistas, idealistas ou biológicas do sujeito. Para o Círculo, um sujeito nunca é considerado como um ente isolado de seu grupo social, assim nem seus discursos são adâmicos, nem sua consciência é puramente subjetiva.

Na concepção de linguagem do Círculo, o sujeito, considerado na vida real, é visto como pertencente a um grupo social, apesar de sua unicidade. Sua consciência é socialmente condicionada, mas igualmente pessoal, ou seja, é constituída do exterior para o interior e seus discursos são sempre carregados ideológica e axiologicamente: neles ecoam vozes e pontos de vista sociais, mas são sempre tingidos de tons emotivo-volitivos singulares. Onde optamos pela denominação de sujeito situado (situado histórica, social e ideologicamente, bem como situado na relação entre o *eu* e o *outro*), que não é estranha à tradição dos estudos do Círculo de Bakhtin¹¹ e que engloba as ideias de dialógico, responsivo e responsável¹².

Estas noções de ideologia, de consciência e sujeito, com suas raízes sociológicas, assentam-se na base da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin e, portanto, orientam a análise de discurso embasada na teoria dialógica.

2.1.3 Palavra: signo ideológico vs. sinal

Vimos anteriormente como o Círculo trata das noções de ideologia, de consciência e até mesmo do sujeito de forma inextrincável da concepção de signo. Discorreremos agora com mais minúcias sobre a compreensão do Círculo acerca do signo ideológico como diferente do sinal.

Para o Círculo de Bakhtin, a palavra, considerada como item de dicionário ou como unidade da língua (sistema), é tida como um sinal, enquanto que, na comunicação discursiva, na interação verbal, é um signo. Signo, na concepção do Círculo, não tem o mesmo conceito que tem na teoria saussuriana, em que o signo linguístico é uma realidade da *langue* que existe depositada nos cérebros dos indivíduos pertencentes à mesma comunidade, “mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos” (SAUSSURE, 1999, p. 27). Na teoria dialógica do Círculo, o signo é uma realidade da interação verbal e é sempre ideológico, ou seja, sua existência e valor, por sua natureza social, são exógenos em relação à língua abstrata, portanto, estão

¹¹ Cf. SOBRAL, 2007.

¹² Cf. FARACO, 2009a; GERALDI, 2010b.

imprescindivelmente ligados à enunciação. Em outras palavras, é a enunciação que transforma o sinal em signo.

Um estudo da palavra que tenha em vista também a realidade viva de que ela é parte – como no caso da proposta que defendemos –, parte da consideração dos signos ideológicos e não do sinal, pois “cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 33). Porém tal realidade é sempre não só refletida, mas também refratada no signo: “ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 32), o que cobra do pesquisador das Ciências Humanas um olhar sempre crítico e profundo do signo ideológico, para não reputá-lo um transparente significante da realidade.

A ideia de signo ideológico, “como a própria expressão sinaliza, ostenta dupla, inseparável e constitutiva dimensão: *semiótica e ideológica*” (BRAIT, 2012, p. 12, grifo da autora), mas, comparado a outros signos semióticos que são criados dentro de um domínio ideológico específico e deste permanece inseparável – Bakhtin/Volochinov (2009, p. 32) citam o exemplo “da foice e do martelo como emblema da União Soviética” –, a palavra é considerada um signo neutro, visto que não se prende a uma única função ideológica específica, “pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 37).

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, encontramos o sinal definido como “estável e sempre igual a si mesmo”, como uma “entidade de conteúdo imutável” que “não pode substituir, nem refletir, nem refratar nada”, por não pertencer ao “domínio da ideologia”, mas sim ao “mundo dos objetos técnicos”, como acontece com a “palavra isolada de seu contexto”. Já o signo é definido como “variável e flexível”, pertencente à enunciação, à “prática viva da língua”, portanto sempre carregado de “um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. Em relação ao sinal, processa-se uma identificação; ao signo, uma compreensão (“descodificação”), que é sempre dialógica e responsiva (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 96-99).

Sobre a distinção entre sinal e signo ideológico, da maneira como é tratada em *Marxismo e filosofia da linguagem*, diz Tezza (2003, p. 31, grifo do autor):

Em Voloshinov a questão se coloca mais ou menos desta forma: o elemento puramente abstrato da língua, o signo saussuriano, reiterável e sempre igual a si mesmo, só pode dar conta de uma língua morta, de uma criação abstrata; é um mero código. Para Voloshinov, restará sempre um abismo

intransponível entre o signo puramente formal da língua e a sua vida concreta, e a linguística seria incapaz de ultrapassá-lo. Nos termos dele, o signo da linguística para no *senal*. E a vida da linguagem só nasce *depois* dele. O que produz significado (ou o que dá vida concreta à palavra) não é a definição reiterável do dicionário, dentro de uma estrutura abstrata de sinais, da fonética à semântica, nem mesmo um contexto abstratamente considerado, mas o espaço entre sujeitos socialmente organizados em que a palavra real vive.

Outra característica da palavra vista como signo ideológico é a sua responsividade. Segundo Bakhtin (2011d, p. 333-334, grifo do autor): “para a palavra (e consequentemente para o homem) não existe nada mais terrível do que a *irresponsividade*”, [pois] “[...] a palavra quer ser ouvida, entendida, respondida e mais uma vez responder à resposta, e assim *ad infinitum*”. Mas essa responsividade não existe no sinal, que é inerte e limitado a um isolamento que se basta a si mesmo.

Além disso, e já adiantando a distinção entre significação e tema, concernente à questão do sentido, o que há no sinal é a *univocidade* em contraste com a *polissemia* e *plurivalência* vivas e contextuais do signo (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 106).

Sendo o signo ideológico de natureza dialógica e o sinal de natureza lexicológica, nos trabalhos do Círculo, o interesse recai, portanto, sobre a palavra entendida como um signo ideológico, sobre a palavra viva, pois é esta que, em um enunciado concreto (pertencente a um gênero determinado), é plena de valores da vida dos sujeitos, visto que “a palavra entra no enunciado não a partir do dicionário, mas a partir da vida, passando de um enunciado a outros” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 185), justamente porque o signo possui um caráter ativo e dialógico em contraste com o caráter unívoco e irresponsivo do sinal.

Contextualizando essa concepção, destacamos que, nos estudos sobre a língua latina, sempre houve uma predominância de interesse sobre a palavra como sinal (como vocábulo de dicionários) e pouca ou quase nenhuma ênfase sobre a palavra como signo ideológico. Entretanto, é justamente isto que pretendemos demonstrar aqui: que é possível e, principalmente, é relevante ver a palavra latina em seu caráter discursivo, dialógico, portanto, vivo, ideológico e axiológico. Vejamos isso, tomando como exemplo uma palavra latina.

No *Novíssimo dicionário latino-português*, a palavra *tamen* é apresentada como tendo as seguintes acepções: “entretanto, todavia, contudo” (SARAIVA, 1993, p. 1178). Em sua significação de conjunção adversativa, ou seja, em suas fronteiras puramente lexicológicas, nada há nela que possamos apontar, por exemplo, como racista. Analisando, porém, uma situação real em que esta palavra foi substituída por outra por ser considerada

racista, veremos que tal consideração não a tomou como um mero sinal, mas como um signo ideológico.

Estamos falando da divisa política *PROETIOSUM TAMEN NIGRUM* (geralmente traduzida como: Precioso, todavia negro / Precioso ainda que negro) que compunha, desde 1931, a bandeira de Ouro Preto-MG e que foi substituída, por uma lei municipal em novembro de 2005, por esta outra: *PROETIOSUM AURUM NIGRUM* (traduzida como: Precioso ouro negro), devido aquela ser considerada racista por muitas pessoas (apesar das explicações dadas por alguns de que a primeira divisa se refere às pepitas de ouro encobertas de outro metal escuro).

Tal consideração não se baseou na palavra tomada como um sinal inerte (e nem mesmo na relação puramente linguística que ela estabelece entre as palavras *PROETIOSUM* e *NIGRUM*), mas na tonalidade de racismo de raiz sociocultural presente na associação da cor negra à depreciação, que traz à memória a situação histórica de desprestígio e desvalorização a que o ser humano de pele negra foi submetido no Brasil e em várias partes do mundo, sobretudo a partir do período escravocrata da nossa história mais recente.

Este episódio real demonstra como o sentido vivencial da palavra/signo ideológico carrega valores que não são desgarrados dos valores morais, ideológico, históricos e socioculturais vigentes, além disso, revela como o preconceito à cor negra era comum no Brasil até mesmo em discursos oficiais, como neste caso da divisa *PROETIOSUM TAMEN NIGRUM*, e como hoje tal preconceito tem sido cada vez mais evitado por algumas parcelas da sociedade, como aquela que promoveu a troca da velha divisa pela nova. A atitude dos que promoveram essa troca surgiu de uma compreensão ativa e responsiva daqueles sujeitos ante um enunciado concreto, cujas palavras não são apenas coisas, mas sim arenas de confrontos de valores sociais vivos.

Se em um estudo do latim, considerássemos a palavra *tamen* daquele enunciado, dizendo tão somente que ela significava *todavia*, não estaríamos fazendo nada mais do que dando uma tradução, indicando uma acepção, portanto, nada mais do que reduzindo-a a um sinal de uma língua morta e perpetuando a ideia de que a palavra latina é reificada, visto que “se não esperamos nada da palavra, se sabemos de antemão tudo o que ela pode dizer, ela sai do diálogo e se coisifica” (BAKHTIN, 2011d, p. 328).

Por fim, e, de certa forma, respondendo a um excerto supracitado de Medvedev¹³, podemos, então, dizer que a palavra *entra* no enunciado e também *sai* dele não somente por

¹³ “A palavra entra no enunciado não a partir do dicionário, mas a partir da vida, passando de um enunciado a outros” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 185).

suas acepções de dicionário, mas também (e principalmente) por seus constituintes ideológicos e axiológicos, após passar de enunciado em enunciado na vida real da linguagem.

Veremos ainda, na segunda seção deste capítulo, como a distinção entre signo ideológico e sinal está entrelaçada com outros fundamentos da teoria dialógica, como, por exemplo, com o de enunciado distinto de oração e com o de sentido distinto de significação.

2.1.4 Exotopia: um ponto de vista para o pesquisador em Ciências Humanas

Nesta seção, trataremos da exotopia, à maneira como é abordada pelo Círculo, mas conduzindo as reflexões em direção a um pensar, em linhas gerais, sobre o ponto de vista (ou posicionamento) teórico-metodológico do pesquisador das Ciências Humanas, mais especificadamente o linguista de orientação dialógica, em relação a seu objeto de análise.

Exotopia traz em si a ideia de estar fora (ex(o)-) de um lugar (top(o)-). É um dos conceitos fundamentais do pensamento de Bakhtin que aparece desde os seus primeiros textos.

No texto *Para uma filosofia do ato*, lemos: “o reflexo estético da vida viva não é por princípio autorreflexo da vida em movimento, da vida em sua real vitalidade: tal reflexo pressupõe um outro sujeito da empatia, que é extralocalizado” (BAKHTIN, 2010a, p. 61). Em outra passagem, lemos: “a exotopia do sujeito, exotopia espacial, temporal, valorativa, o fato, isto é, que não sou eu mesmo o objeto da empatia e da visão, torna possível, pela primeira vez, a atividade estética da enformação” (BAKHTIN, 2010a, p. 132). Como diz Amorim (2010, p. 96), “a ideia de um lugar exterior, fundamental ao trabalho de criação e de objetivação, já aparece no primeiro grande texto de Bakhtin, o ‘Para uma filosofia do ato’”.

Entretanto é somente no texto *O autor e a personagem na atividade estética*¹⁴, escrito pouco tempo depois do *Para uma filosofia do ato*, que o fundamento estético bakhtiniano de extralocalização do *outro* como lugar de conclusão do *eu* aparece já sedimentado como exotopia, conforme a tradução portuguesa da palavra francesa *exotipie*, proposta por Todorov.

Em várias passagens do texto *O autor e a personagem na atividade estética*, esse fundamento subjaz à tensão existente entre o eu o outro, como por exemplo, quando diz Bakhtin (2011b, p. 97): “posso justificar e concluir esteticamente o outro mas não a mim

¹⁴ Também traduzido como *O autor e o herói na atividade estética*.

mesmo”, porque o eu nunca vê a si mesmo como um todo acabado da forma como consegue fazer – justamente por sua posição extralocalizada – em relação ao outro.

Apesar de o conceito de exotopia dizer respeito à relação criadora que o autor exerce sobre o herói (personagem) e, em geral, ser associado aos textos de Bakhtin mais relacionados à criação literária, podemos fazer um paralelo entre o que Bakhtin diz tratando do ato estético e o que ele pensa sobre do ato ético (do mundo da práxis humana). Conforme o entender de Tezza (2007, p. 239): “para se fazer o paralelo na própria vida: o autor é para o herói o que o outro é para mim; é o ponto de vista do outro que me dá acabamento”.

E, reforçando isso, em seguida, diz Tezza (2007, p. 239, grifo do autor):

O conceito de exotopia que Bakhtin criou é de tal forma produtivo como interpretação da consciência e dos fatos da consciência que, no ensaio que relemos [O autor e o herói], em alguns momentos não sabemos mais se ele está nos falando apenas dos fenômenos estéticos ou se ele está mesmo criando uma *concepção filosófica*.

As atividades estética e ética requerem um outro (sujeito) extralocalizado (exotópico) com seu excedente de visão que dá acabamento tanto a um objeto estético quanto ao *eu* (um outro sujeito, constituído na intersubjetividade). Isso acontece mesmo nos casos em que o próprio sujeito se volta a olhar para ele mesmo, pois, como é defendido em *O freudismo*, “ao tomar consciência de mim mesmo, eu tento como que olhar para mim pelos olhos de outra pessoa, de outro representante do meu grupo social, da minha classe” (BAKHTIN, 2009, p. 87).

Uma das aplicações que fazemos do conceito de exotopia neste trabalho é como aquela descrita por Amorim (2010, p. 100): “o pesquisador deve fazer intervir sua posição exterior: sua problemática, suas teorias, seus valores, seu contexto sócio-histórico, para revelar do sujeito algo que ele mesmo não pode ver”. Em outras palavras, estamos falando de exotopia do pesquisador em relação ao seu objeto de análise, que favorece enxergar sentidos contextuais que à proximidade não se revelam, visto que “a imersão num determinado cotidiano pode nos cegar justamente por causa de sua familiaridade” (AMORIM, 2004, p. 26), como dizia Bakhtin (2011f, p. 365): “A própria Antiguidade desconhecia aquela Antiguidade que hoje conhecemos”.

Como argumentam Souza e Albuquerque (2012, p. 110, grifo das autoras): “o pesquisador do campo das ciências humanas está [...] transitando no terreno das descobertas, das revelações, das tomadas de conhecimento, das comunicações, *das produções de sentido entre o eu e o outro*”. Nas nossas análises, portanto, enquanto pesquisadores, somos o outro

em diálogo com os enunciados concretos, porque, de modo geral, toda pesquisa na área das Ciências Humanas é uma atividade dialógica e responsiva em relação ao objeto, que “se transforma em sujeito (o outro *eu*)” (BAKHTIN, 2011g, p. 381, grifo do autor).

Os enunciados e seus sentidos só existem em contextos reais e concretos de produção, circulação e recepção, de modo que para serem analisados dialogicamente requerem uma visada sobre a história, a sociedade, a ideologia e a cultura e os sujeitos envolvidos na enunciação. Visada esta que cobra de nós, pesquisadores, uma compreensão ativa, possível somente a uma consciência extralocalizada que lhes dá acabamento e totalidade.

Dialogar com sujeitos que se expressam em textos, em enunciados concretos, os quais, por sua vez, mantêm uma rede dialógica com textos, enunciados, discursos, gêneros e sujeitos anteriores a eles, com os contemporâneos deles e com os que estão por vir no simpósio amplo e aberto da construção dos sentidos, à espera de compreensões responsivas que os renovam: eis um resumo do que o pesquisador de Ciências Humanas, com seu olhar exotópico, realiza na sua atividade investigativa.

2.2 O SENTIDO NO CERNE DO DIALOGISMO: GÊNERO, DISCURSO, ENUNCIADO E TEXTO

A temática do sentido está no cerne do pensamento do Círculo de Bakhtin e constitui também o centro de nossos interesses nesta pesquisa em que propomos uma abordagem dialógica das inscrições em latim. Passemos, então, a pormenorizar essa temática, que adentra a teoria dos gêneros do discurso.

2.2.1. A produção de sentido em termos dialógicos

Se relembrarmos o que já abordamos acerca da teoria dialógica, notaremos que para o Círculo o sentido não é imanentemente linguístico. O sentido nunca existe aprioristicamente em um sinal, em uma oração e nem em nenhuma unidade da língua. O sentido é sempre visto como uma construção que, para ser analisada, exige uma visada sobre o que é inerente ao discurso e à enunciação.

Começemos com uma vista d’olhos sobre a maneira como a questão é tratada em *Marxismo e filosofia da linguagem*, partindo da dialética entre a significação linguística repetível e o caráter historicamente único e irrepetível da enunciação.

Toda enunciação linguística possui um tema ou sentido. Esse tema da enunciação “é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 133). Em outras palavras, o sentido de uma enunciação não se resume aos elementos puramente linguísticos (significação), pois envolve também elementos contextuais, constituintes da arquitetura da enunciação.

Como dissemos em outra ocasião, a significação, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, pode ser entendida como:

uma espécie de *sensus latens*, um sentido latente, como uma semente de sentido que, estando adormecida, só germinará no ambiente propício da enunciação, do ato, da interação; caso contrário continuará quieta, guardada, armazenada nas suas potencialidades de um livro ou de uma inscrição, por exemplo, à espera do momento favorável (entenda-se aqui momento de enunciação) à sua germinação na forma de sentido real, concreto e vivo: um *sensus factus*. (LEITE; EDMUNDSON, 2011, p. 108-109).

Assim, a significação (que possui as unidades da língua: a palavra dicionarizada ou a oração) é considerada o estágio inferior da capacidade de significar, enquanto que o tema (o sentido ou significação contextual) corresponde ao estágio superior da capacidade de significar (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 136). Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, a compreensão que se restringe à significação puramente linguística é denominada de passiva, por excluir a responsividade e o diálogo, e tida como própria dos filólogos. De outro modo, a compreensão é tida como ativa quando é dialógica e responsiva, podemos dizer: quando se defronta não com uma estrutura linguística muda, mas com os sujeitos que nos enunciados falam.

Tal compreensão ativa considera também que todo enunciado carrega acentos de valor ou apreciativos, que são realces axiológicos, perceptíveis também pelas entoações (ou entonações) expressivas. E toda palavra viva, todo enunciado concreto, é traspassado de entoação e de acento apreciativo de seus autores.

Essa maneira de o Círculo abordar o sentido contextualizadamente, ou seja, para além das fronteiras linguísticas, aparece não só em *Marxismo e filosofia da linguagem*, mas também em outros textos de Volochínov, por exemplo, em *A estrutura do enunciado*¹⁵ e em

¹⁵ Cf. VOLOSHINOV; BAKHTINE, 1981.

Discurso na vida e discurso na arte, que, em certa passagem, ele trata de como a palavra na vida emerge do contexto (ou situação) extraverbal da enunciação e com este mantém um estreito vínculo semântico (de construção de sentido). Tal contexto extraverbal da enunciação para Volochínov é composto de três aspectos: (i) um horizonte espacial compartilhado pelos interlocutores; (ii) o conhecimento e a compreensão comum da situação; e (iii) a valoração compartilhada (VOLOCHÍNOV; BAKHTIN, 2011, p. 156).

A temática do sentido contextual é também abordada por Medvedev em *O método formal nos estudos literários*, como, por exemplo, nesta passagem:

Aceitar um enunciado não significa capturar seu sentido geral como capturamos o sentido da “palavra de dicionário”. Entender um enunciado significa entendê-lo no contexto da sua contemporaneidade e da nossa (caso elas não coincidam). É necessário compreender o sentido no enunciado, o conteúdo do ato e a realidade histórica do ato em sua união concreta e interna. Sem tal compreensão, o próprio sentido estará morto, tornar-se-á sentido de dicionário, desnecessário. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 185).

E, em Bakhtin, tal temática do sentido é tratada desde seus primeiros escritos até os últimos, estes que representam, a nosso ver, sobretudo, no tocante à teoria dos gêneros do discurso, um amadurecimento do que já vinha sendo delineado desde a década de vinte pelos integrantes do Círculo.

Em *Para uma filosofia do ato*, o então jovem filósofo já destacava o aspecto suprasegmental da entoação presente em toda palavra viva: “uma palavra realmente pronunciada não pode evitar de ser entoada, a entonação é inerente ao fato mesmo de ser pronunciada [e] [...] uma entonação [...] possui um tom emotivo-volitivo” (BAKHTIN, 2010a, p. 85-86). Para ele, esse tom emotivo-volitivo está intrinsecamente ligado ao *hic et nunc* da sua manifestação, pois “o tom emotivo-volitivo busca expressar a verdade [*pravda*] do momento dado, o que o relaciona à unidade última, una e singular” (BAKHTIN, 2010a, p. 92).

Em *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*, a temática do sentido como sendo dialógico e responsivo aparece reiteradamente. Segundo Bakhtin (2011d, p. 320): “os sentidos estão divididos entre vozes diferentes”, pois só há compreensão onde há diálogo. E esse diálogo não existe na língua em si, mas tão somente no enunciado cuja compreensão “envolve *responsividade* e, por conseguinte, juízo de valor” (BAKHTIN, 2011d, p. 328, grifo do autor).

Em um dos seus últimos escritos, *Apontamentos de 1970-1971*, Bakhtin (2011g, p. 378) anota: “a compreensão completa o texto: ela é ativa e criadora”. E, reiterando o caráter ativo da participação dialógica dos sujeitos na construção do sentido, registra adiante: “chamo sentidos às *respostas* a perguntas. Aquilo que não responde a nenhuma pergunta não tem sentido para nós” (BAKHTIN, 2011g, p. 381, grifo do autor).

Bakhtin por diversas vezes ressalta a índole social, intersubjetiva, histórica e bivocal do sentido da palavra, do signo, do enunciado e do texto, ou seja, da viva linguagem discursiva. Sentido que não pode ser creditado exclusivamente ao locutor (que fala ou escreve), nem só ao interlocutor (que ouve ou lê) e nem mesmo pode ser buscado na imanência da língua-estrutura, como depreendemos desta passagem:

A palavra (em geral qualquer signo) é interindividual. Tudo o que é dito, o que é expresso se encontra fora da “alma” do falante, não pertence apenas a ele. A palavra não pode ser entregue apenas ao falante. O autor (falante) tem seus direitos inalienáveis sobre a palavra, mas o ouvinte também tem os seus direitos; têm também os seus direitos aqueles cujas vozes estão na palavra encontrada de antemão pelo autor (porque não há palavra sem dono). (BAKHTIN, 2011d, p. 327-328).

Essa concepção do sentido é que nos conduz à compreensão de que:

Tentar, numa análise, encontrar o que queria dizer um falante em seu íntimo [alma], é, no mínimo, inatingível. Debruçar-se em compreender o efeito de sentido que a palavra produz, sim, é atingível, pois tudo na palavra (aí incluído seu sentido) é construído coletivamente (dialogicamente). (ALMEIDA; LEITE, 2013, p. 26).

Os componentes memória e história participam da construção do sentido na inseparável relação que um enunciado concreto mantém com os já ditos de outros enunciados anteriores e também no aguardamento das respostas de outros enunciados futuros que com ele dialoguem. O tratamento dialógico e responsivo do sentido, da maneira como o Círculo de Bakhtin o engendra, ratifica, portanto, a consubstancialidade do enunciado, da história e da memória, que pode ser entrevisto, por exemplo, nesta passagem:

O sentido é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido (do outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão. Ele deve sempre contatar com outro sentido para revelar os novos elementos da sua perenidade (como a palavra revela os seus significados somente no contexto). Um sentido atual não pertence a um (só) sentido mas tão-somente a dois sentidos que se

encontraram e se contactaram. Não pode haver “sentido em si” – ele só existe para outro sentido, isto é, só existe com ele. Não pode haver um sentido único (um). Por isso não pode haver o primeiro nem o último sentido, ele está sempre situado entre os sentidos, é um elo na cadeia dos sentidos, a única que pode existir realmente em sua totalidade. Na vida histórica essa cadeia cresce infinitamente e por isso cada elo seu isolado se renova mais e mais, como que torna a nascer. (BAKHTIN, 2011g, p. 382).

Voltando-nos para nosso objeto de análise, podemos dizer que em cada contexto de suas ocorrências enunciativas, as inscrições em latim tiveram, têm e terão sentidos que sempre são possíveis de serem compreendidos dialogicamente, desde que considerados os enunciados concretos. Nosso intuito aqui não é o de tachar de bom ou ruim nem de certo ou errado a opção teórico-metodológica de restringir-se à significação (acepção ou tradução) das inscrições em latim, mas de defender que tal alternativa significa reduzi-las a um estágio menor de sua capacidade de significar, uma vez que entendemos que investigar seus sentidos dialogicamente é permitir a elas significarem em sua capacidade superior. Esse nosso entender baseia-se sobretudo na concepção bakhtiniana do diálogo inconcluso:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos *do passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo. (BAKHTIN, 2011h, p. 410, grifo do autor).

Uma inscrição em latim considerada enunciativamente produz sentidos que devem ser analisados levando-se em conta tanto a sua estrutura linguística quanto os elementos discursivos, socioideológicos e histórico-culturais que lhe são constitutivos. Como forma de um enunciado, ela não tem, pois, um sentido; o que ela produz – e o que nos interessa investigar – são sentidos enquanto construções, aos quais só podemos chegar percorrendo o caminho da realidade dialógica e discursiva de sua produção, circulação e recepção, considerando o gênero. Em outras palavras, podemos dizer que não há o sentido de uma inscrição em latim, haverá sim sentidos que são construídos e renovados no incessante diálogo.

Como a produção de sentido de um enunciado envolve também a consideração do gênero do discurso a que pertença, dependendo do gênero, efeitos de sentidos diversos podem irromper na compreensão responsiva dos sujeitos interatuantes.

Assim um epitáfio de consolação, como *OMNES SIMILES SUMUS*, em um portal de cemitério, provavelmente produzirá sentidos que aludem à condição de *igualdade* de todo ser humano perante a morte e que provocam uma atitude séria e reflexiva a respeito do que é a vida. Caso esse mesmo texto em latim ocorresse, por exemplo, como título de uma matéria jornalística, em que se comparassem as condições de vida de pessoas da Suíça e do Haiti, os sentidos produzidos talvez girassem em torno da crítica (ou da ironia) às injustiças e *desigualdades* sociais reais que muitas vezes são escamoteadas em discursos oficiais.

O sentido, portanto, é atualizado em cada enunciação. Assim, uma mesma oração (significação) produzirá variados sentidos em cada nova enunciação concreta. Cada inscrição, já que mudam os sujeitos, a época e lugar (o contexto), é ressignificada e produz novos sentidos, que cobram uma análise que não se limite à imanência da língua-sistema nem somente às fronteiras do texto considerado de per si.

Na seção seguinte, em que discorreremos sobre a teoria dos gêneros do discurso (incluída a teoria do enunciado concreto) relacionando-a ao nosso objeto de estudo, trataremos também de outras noções teórico-metodológicas envolvidas, tais como a concepção bakhtiniana de discurso e texto.

2.2.2 Discurso, gênero, enunciado e texto: noções teórico-metodológicas

No pensamento do Círculo de Bakhtin, *texto* não se confunde com *discurso*, aliás, entre eles o que existe não é uma relação de sinonímia, mas de pertença ou não pertença a depender do ponto de vista teórico. O discurso é a ordem concreta da linguagem que se opõe às abstrações, ao ideal ou convencional. Como diz Bakhtin (2011c, p. 274): “O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir”. Assim, está mais próximo do conceito de *parole* do que do de *langue*, porém se diferencia da ideia saussuriana de *parole* por ser considerado não como uma atividade exclusivamente individual, e sim sempre marcado por uma natureza social, isto é, interindividual e comunicativa. A noção de discurso para o Círculo está sempre marcada pela ideia de linguagem viva, socialmente orientada, ideologicamente carregada, historicamente situada, culturalmente atravessada, intersubjetivamente realizada e dialogicamente constituída.

Se adotarmos o ponto de vista teórico-metodológico de ver o texto como estrutura (organização de parágrafos, elementos coesivos etc.), estaremos localizando-o no plano da língua-sistema, em que sua concepção andar^á *pari passu* com as noções de palavra (sinal ou signo linguístico) e oração; mas se tomarmos o texto entendido como ato da comunicação viva e real, estaremos localizando-o, como o faz o Círculo, no plano do discurso, em comunhão conceitual com as ideias de palavra (signo ideológico) e de enunciado concreto.

Tomemos, à guisa de ilustração, o vocábulo russo *slovo*. Ele aparece no título de um dos ensaios de Volochínov, *Slovo v zhizni i slovo poezii*, que recebeu em português algumas traduções, tais como: *Discurso na vida e discurso na arte* ou *A palavra na vida e na poesia*. Vemos que *slovo* foi traduzido em português ora como *palavra* ora como *discurso*, mas, independentemente do vocábulo português, com o sentido de aquilo que foi ou é efetivamente produzido, portanto, *Slovo v zhizni i slovo poezii* não trata da palavra (sinal) lexicográfica, mas da palavra (signo) discursiva.

Para o Círculo, os textos podem ser considerados “o plano material de realização dos discursos e gêneros, ou melhor, dos gêneros via discurso” (SOBRAL, 2009b, p. 87). Mas devemos ressaltar que, no conjunto do pensamento de Bakhtin, o escopo não é o texto como algo estritamente linguístico, e sim como forma textual de um enunciado concreto.

Considerar o texto como estrutura faz parte de uma tradição teórico-filosófica caracterizada pelo teorismo, pelo idealismo e pelo monologismo próprios da visão endógena ou imanentista da língua. Já a consideração do texto como forma de um gênero do discurso faz parte de uma tendência dos estudos da linguagem que podemos chamar de visão discursiva, na qual a construção de sentido é tratada enunciativamente.

Nessa visão discursiva, a produção, a circulação e a recepção dos gêneros do discurso são consideradas de forma integrada (orgânica) com os sujeitos, a história, a cultura e a sociedade envolvidos. Em alguns casos, gêneros discursivos com forma textual de inscrição em latim se integram, muitas vezes, com outras semioses – como, por exemplo, com o visual (desenhos, cores, arquitetura) que compõe um todo significativo verbo-visual (um brasão, por exemplo) – e, no contexto dessa integração, compreendemos responsivamente os sentidos que se renovam.

Essa articulação de semioses na formação de textos verbo-visuais requer do analista do discurso uma sensibilidade e atenção maior para compreender como se dá a construção de sentido, pois, como afirma Brait (2009, p. 143):

Em determinados textos ou conjuntos de textos, artísticos ou não, a articulação entre os elementos verbais e visuais forma um todo indissolúvel, cuja unidade exige do analista o reconhecimento dessa particularidade. São textos em que a verbo-visualidade se apresenta como constitutiva, impossibilitando o tratamento excludente do verbal ou do visual e, em especial, das formas de junção assumidas por essas dimensões para produzir sentido.

O brasão de uma universidade, por exemplo, é um texto verbo-visual, em que cores, desenhos, símbolos e divisa (muitas das quais na forma de inscrição em latim) formam um todo significativo, ou seja, todas as linguagens (verbal e visual) participam conjuntamente da construção de sentido desse texto.

O texto em sentido amplo é o objeto de pesquisa das Ciências e Disciplinas Humanas, segundo Bakhtin, nas anotações intituladas *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*. Aqui, texto em sentido amplo é entendido “como qualquer conjunto coerente de signos” (BAKHTIN, 2011d, p. 307). Nessa visão semiótica do signo adotada pelo Círculo, são também textos as músicas (mesmo as só instrumentais), uma obra de arte plástica, uma escultura, uma enunciação oral e não apenas os enunciados verbais escritos.

Qualquer pesquisa na área das Ciências Humanas parte do texto, aí onde se encontra o pensamento do homem; pensamento que, como já vimos, nunca é entendido pelo Círculo como um fenômeno de uma mente isolada ou a-social. Assim é que para Bakhtin (2011d, p. 307-308):

O pensamento das ciências humanas nasce como pensamento sobre pensamentos dos outros, sobre exposições de vontades, manifestações, expressões, signos atrás dos quais estão os deuses que se manifestam (a revelação) ou os homens (as leis dos soberanos do poder, os legados dos ancestrais, as sentenças e enigmas anônimos, etc.).

Mas, lembremos, aqui não se trata de texto em suas fronteiras puramente frasais ou linguístico-textuais à semelhança de um artefato material. Não se trata de um texto-coisa, reificação emudecida desguarnecida de autor (entendido como aquele que fala ou escreve), nem se trata de um objeto cujo significado exista em termos de um movimento introverso. Estamos falando do texto vivo, expressão comunicativa e dialógica humana, da manifestação discursiva de um sujeito real, pois

estamos interessados na especificidade do pensamento das ciências humanas, voltado para pensamentos, sentidos e significados dos outros, etc., realizados

e dados ao pesquisador apenas sob a forma de *texto*. Independentemente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida.

Todo texto tem um sujeito, um autor (o falante, ou quem escreve). (BAKHTIN, 2011d, p. 308, grifo do autor).

Dessa forma é que se dá o entendimento de que as Ciências Humanas estudam não o homem em si, em sua composição corporal ou orgânica, mas a sua expressão na forma de texto (em sentido lato), porque para Bakhtin (2011d, p. 312):

As ciências humanas são as ciências do homem em sua especificidade, e não de uma coisa muda ou um fenômeno natural. O homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que potencial). Onde o homem é estudado fora do texto e independente deste, já não se trata de ciências humanas (anatomia e fisiologia do homem, etc.).

Parafraseando Volochínov/Bakhtin (2011, p. 170), diríamos que em um texto onde um linguista veria significações monológicas e relações puramente intralinguísticas, um pesquisador das Ciências Humanas, com orientação sociológica, enxergaria sujeitos em interação verbal, estabelecendo relações dialógicas.

Distinguindo, em resumo, Ciências Naturais de Ciências Humanas, a partir da concepção de Bakhtin que toma por base a maneira distinta com que uma e outra se relacionam com seus objetos de pesquisa, aponta Faraco (2009a, p. 43):

No primeiro caso (ciências naturais), há uma relação sujeito/objeto; no segundo caso (ciências humanas), há uma relação sujeito/sujeito, na medida em que o objeto é o texto de alguém e Bakhtin recusa sempre a reificação do texto: atrás do texto há sempre um sujeito, uma visão de mundo, um universo de valores com que se interage.

Para este objeto, assim translinguisticamente qualificado, na visão de Bakhtin, as Ciências Humanas não deveriam apenas dar explicações e descrever estruturas, adotando uma metodologia monológica e passiva de pesquisa, que vê o texto como uma coisa descarnada de sua face humana e interativa; deveria sim, adotando uma metodologia dialógica e ativa, dialogar com seu objeto de pesquisa, no sentido de serem estabelecidas compreensões, as quais subentendem um posicionamento responsivo frente ao texto como a expressão discursiva de um (ou mais de um) sujeito real. E, corroborando essa linha de pensamento, não podemos esquecer que:

o enunciado, seja ele verbal, ou esteja presente em uma inscrição em uma parede ou em uma obra de arte ou em uma obra literária, ou possivelmente seja manifesto de outras maneiras, ele sempre e necessariamente possui fontes em outros enunciados, pois está se comunicando com eles. O texto não é estático e portanto não deve ser compreendido pelos estudiosos do discurso, isoladamente da cadeia dialógica que o cerca, como o fazem os filólogos, e na esteira destes, os linguistas criticados pelo Círculo. (BENEDITO LEITE, 2011, p. 52).

Na concepção de linguagem do Círculo, portanto, destaca-se a insistência por se trazer ao campo dos estudos da linguagem a reflexão filosófica guarnecida de elementos que, durante muito tempo, foram marginalizados pelas tendências idealistas e teoricistas, elementos tais como: sujeito situado, sociedade, ideologia, história, cultura e enunciado concreto, com uma visada comunicativa e dialógica sobre a linguagem em todas as suas manifestações: artística, prosaica, científica, religiosa, verbal e não verbal, que passa pela consideração dos gêneros do discurso das diversas esferas da atividade humana.

A concepção de linguagem do Círculo traz, no seu cerne, contribuições às Ciências Humanas de modo geral e, principalmente, ao campo dos estudos da linguagem, no sentido mesmo de não nos deixar esquecer de que sem a consideração dos seres humanos (os sujeitos) não se pode nem mesmo falar em linguagem viva, mas tão somente de língua ideal e abstratamente considerada, posto que:

o desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismos e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. (BAKHTIN, 2011c, p. 264-265).

Como estamos vendo, não podemos falar em sentido sem levar em conta o enunciado concreto e a enunciação, que, por conseguinte, exige que consideremos o gênero do discurso, pois “pensamos e compreendemos por meio de conjuntos que formam uma unidade: os enunciados. Já o enunciado, como sabemos, não pode ser compreendido como um todo linguístico, e suas formas não são sintáticas” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 198). Isso significa dizer que não há sentido em oração ou palavra como unidades da língua; nelas há potencialidades que só se concretizam em enunciados que são produzidos em determinados gêneros. Assim, não podemos nem mesmo pensar no sentido de um texto sem antes considerar o gênero do discurso. Como diz Sobral (2009b, p. 88):

Não se pode pensar que frases e textos tenham sentido fora da discursivização e da generificação, frases e textos só têm sentido no âmbito de enunciados e de discursos, pois do contrário o sentido seria algo descontextualizado, dado essencialisticamente antes do texto. Palavras, frases e textos, em sua significação, trazem em si potenciais de sentido que o discurso e o gênero realizam na e pela enunciação, sendo mobilizados para exprimir distintos temas, em termos de diferentes estilos, com diferentes formas de composição.

Dessa forma, entendemos que o sentido de uma inscrição não se resume à significação da expressão puramente linguística; entendemos que seu sentido é sempre uma construção em termos enunciativos.

O mesmo texto – como expressão linguística – pode ser reproduzido inúmeras vezes, mas cada vez que um sujeito diferente, em uma enunciação singular, usa certa expressão (com as mesmas palavras), ele cria um novo acontecimento na *vida do texto* e produz novos sentidos. Esse nosso entendimento encontra-se apoiado na concepção bakhtiniana de que:

Só é possível a reprodução mecânica das impressões digitais (em qualquer número de exemplares); é possível, evidentemente, a mesma reprodução mecânica do texto (por exemplo, a cópia), mas a reprodução do texto pelo sujeito (a retomada dele, a repetição da leitura, uma nova execução, uma citação) é um acontecimento novo e singular na vida do texto, o novo elo na cadeia histórica da comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2011d, p. 310-311).

Dessa forma, entendemos que cada inscrição, mesmo mantendo a mesma reprodução mecânica das palavras, é a textualização de um enunciado singular, único, porque são distintos, em cada uma, os sujeitos, o lugar, a época, as ideologias, os contextos enfim. Assim, por trás de cada inscrição – mesmo aquelas em que a estrutura linguística se repete – a atitude humana, como um texto em potencial, deve ser investigada ligada a cada contexto único e irrepetível, pois como diz Bakhtin (2011d, p. 313):

É possível uma identidade absoluta entre duas e mais orações (sobrepostas uma à outra, como duas figuras geométricas, elas irão coincidir); além disso, devemos admitir que qualquer oração, inclusive a mais complexa, no fluxo ilimitado da fala pode repetir-se um número ilimitado de vezes em forma absolutamente idêntica, mas como enunciado (ou parte do enunciado) nenhuma oração, mesmo a de uma só palavra, jamais pode repetir-se: é sempre um novo enunciado (ainda que seja uma citação).

E, reforçando essa ideia, diz ainda Bakhtin (2011d, p. 313): “No âmbito de um mesmo enunciado a oração pode repetir-se (a repetição, a citação de si mesma, o involuntário), mas cada vez ela é sempre uma nova parte do enunciado, pois mudou de lugar e de função na plenitude do enunciado”. Nessa citação, especificamente, Bakhtin está tratando do enunciado, por exemplo, como um romance, em que uma mesma oração pode ser repetida várias vezes, mas em cada ocorrência ela será considerada como um novo enunciado dentro deste enunciado maior (o romance).

Na sequência, iremos discorrer sobre outros pontos da teoria dos gêneros diretamente relacionados à nossa pesquisa.

Começemos ressaltando que para Bakhtin (2011c, p. 292-293, grifo do autor):

Quando escolhemos as palavras no processo de construção de um enunciado, nem de longe as tomamos sempre do sistema da língua em sua forma neutra, *lexicográfica*. Costumamos tirá-las de *outros enunciados* e antes de tudo de enunciados congêneres com o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo; conseqüentemente, selecionamos as palavras segundo a sua especificação de gênero. O gênero do discurso não é uma forma da língua mas uma forma típica do enunciado; como tal forma, o gênero inclui certa expressão típica a ele inerente.

Nessa passagem, Bakhtin chama a atenção para um detalhe importante em relação aos enunciados: que eles sempre são enunciados pertencentes a um determinado gênero do discurso. Todavia não podemos cair no engano de definir gêneros tão somente por similaridades de tema, composição e estilo, pois, como destaca Rodrigues (2004, p. 423, grifo da autora):

Os gêneros estão vinculados à situação social de interação e, por isso, como os enunciados individuais, são constituídos de duas partes inextrincáveis, a sua dimensão linguístico-textual e a sua dimensão social: cada gênero está vinculado a uma situação social de interação *típica*, dentro de uma esfera social; tem sua finalidade discursiva, sua própria concepção de autor e destinatário.

No passo acima, a autora fala também de uma noção fundamental dentro da teoria dos gêneros, a de esfera, também denominada por outros estudiosos do discurso de “esfera da comunicação discursiva (ou da criatividade ideológica, ou da atividade humana, ou da comunicação social, ou da utilização da língua, ou simplesmente da ideologia)” (GRILLO, 2010, p. 133). Para Sobral (2006, p. 8):

As “esferas de atividade” são entendidas no círculo de Bakhtin como “regiões” de recorte sócio-histórico-ideológico do mundo, lugar de relações específicas entre sujeitos, e não só em termos de linguagem. São dotadas de maior ou menor grau de estabilização a depender de seu grau de formalização, ou institucionalização, no âmbito da sociedade e da história, de acordo com as conjunturas específicas.

A consideração das esferas como *recortes sócio-histórico-ideológicos do mundo* em que ocorrem a produção, a circulação e a recepção dos discursos é imprescindível à distinção dos gêneros e também à compreensão da construção do sentido dos enunciados concretos tomados na sua arquitetônica. No caso desta nossa pesquisa, por exemplo, não visamos apenas descrever as inscrições em latim em um nível textual, pretendemos ir além: considerar o texto na arquitetônica da enunciação, perscrutando a relação do gênero discursivo com a esfera, sem negligenciar os componentes históricos, socioculturais e axiológicos envolvidos na construção de sentido.

Vejamos, na sequência, outras questões envolvidas.

Estudar a língua apenas em sua estrutura imanente nunca foi o escopo do Círculo, pelo contrário, seu interesse sempre esteve voltado para a língua viva e a temática sobre o enunciado concreto era comum a todos os seus integrantes. Em *O método formal nos estudos literários*, por exemplo, encontramos o seguinte: “é impossível compreender um enunciado concreto sem conhecer sua atmosfera axiológica e sua orientação avaliativa no meio ideológico” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 185).

O enunciado não se reduz a uma mensagem produzida por um emissor e enviada a um receptor, como tão sumariamente apresentam a questão os vários esquemas que tratam da comunicação, como, por exemplo, o de Jakobson (2008, p. 123). Um enunciado é, na verdade, construído na interação entre (no mínimo) dois sujeitos. O locutor, avalia socialmente o outro (faz apreciações, antecipa respostas), este que, dessa forma, já participa da construção do enunciado mesmo antes desse lhe ser conhecido. Também nenhum enunciado é posse exclusiva do seu autor (locutor) – mesmo a despeito dos tons emotivos-volitivos a ele impingidos – porque nele ecoam vozes de outros discursos anteriores, que é o princípio da bivocalidade. Nas palavras de Bakhtin (2011g, p. 371): “Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado”.

Dessa forma, o sentido do enunciado, nunca é visto como pertencente exclusivamente a seu autor (locutor). Como diz Amorim (2004, p. 123, grifo da autora):

“Nenhum enunciado pode ter seu sentido atribuído apenas ao locutor. Ele produz-se sempre no espaço *entre* os dois papéis mínimos e, mais amplamente, na situação social complexa que engendra o enunciado”.

Para Bakhtin (2011c, p. 274, grifo do autor) a “*real unidade* da comunicação discursiva [é] o enunciado”. Mas o que realmente caracteriza o enunciado? Vejamos como na segunda parte do ensaio *Os gêneros do discurso*, de certa forma, encontra-se resumido o ponto de vista do Círculo em torno da questão.

A primeira característica do enunciado é “a alternância dos sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2011c, p. 279), que não se restringe apenas às trocas de turnos das interações face a face ou às falas nos diálogos de personagens ficcionais. Todo enunciado, seja ele um romance, uma tese ou uma epígrafe, por exemplo, pressupõe a existência de, pelo menos, um sujeito que com seu enunciado responde a outros enunciados a ele vinculados que o antecederam e espera uma compreensão responsiva dos outros que virão, seja imediatamente ou no grande tempo.

A segunda característica é “a *conclusibilidade* específica do enunciado” (BAKHTIN, 2011c, p. 280, grifo do autor). Ela está diretamente ligada à primeira característica e se refere à compreensão que temos, quando ouvimos ou lemos um enunciado, de um *dixi* (verbo latino que em português traduz-se por *eu disse*, ou seja, *eu disse o que tinha para dizer*), isto que nos indica que o sujeito concluiu *tudo* o que tinha para dizer naquela situação específica e que nos dá a possibilidade da resposta (compreensão responsiva imediata ou retardada). Este “*tudo* – indício da *inteireza* do enunciado” (BAKHTIN, 2011c, p. 280, grifo do autor) – é determinado por três elementos inerentes ao enunciado como um todo.

O primeiro elemento é “a exauribilidade semântico-objetual do tema do enunciado” (BAKHTIN, 2011c, p. 281). Tal exauribilidade (ou esgotamento completo) vai variar dependendo da esfera da atividade humana e também do gênero do discurso; ela nunca é absoluta, mas um locutor sempre dá ao tema do enunciado uma conclusibilidade que permite ao interlocutor uma atitude responsiva.

O segundo elemento é “a *intenção discursiva* de discurso ou a *vontade discursiva* do falante” (BAKHTIN, 2011c, p. 281, grifo do autor). Este elemento – que também é chamado de *projeto discursivo* ou *projeto enunciativo* do autor (ou do locutor) do enunciado – determina o todo do enunciado construído em um determinado gênero.

O terceiro elemento é a “*escolha de um certo gênero de discurso*” (BAKHTIN, 2011c, p. 282, grifo do autor) que é feita pelo autor do enunciado para realizar seu projeto

enunciativo. Escolha que é intimamente ligada às especificidades da esfera da comunicação discursiva, do tema, dos interlocutores e da situação extraverbal,

A terceira característica do enunciado é “a relação do enunciado com o próprio falante (autor do enunciado) e com outros participantes da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011c, p. 289). Situando-se na instância ativa do sujeito, esta característica se refere às peculiaridades estilístico-composicionais e emocional-valorativas que unem o autor do enunciado ao conteúdo do objeto e ao sentido do enunciado. Todo enunciado é marcado pela entonação expressiva do seu autor, de modo que um enunciado nunca é neutro. E o outro (definido ou indefinido) a quem o enunciado se dirige também orienta o autor em relação às escolhas expressivas de entonações e de recursos estilísticos e composicionais do gênero do discurso. Este dirigir-se ao outro é tão crucial na caracterização do enunciado que Bakhtin chega a dizer que “o direcionamento, o endereçamento do enunciado é sua peculiaridade constitutiva sem a qual não há nem pode haver enunciado” (BAKHTIN, 2011c, p. 305).

Tais características do enunciado o distinguem claramente da oração, pois, como diz Bakhtin (2011c, p. 278, grifo do autor):

A oração enquanto unidade da língua carece de todas essas propriedades: não é delimitada de ambos os lados pela alternância dos sujeitos do discurso, não tem contato imediato com a realidade (com a situação extraverbal) nem relação imediata com enunciados alheios, não dispõe de plenitude semântica nem capacidade de determinar imediatamente a posição responsiva do *outro* falante, isto é, de suscitar resposta. A oração enquanto unidade da língua tem natureza gramatical, fronteira gramatical, lei gramatical e unidade.

Dessas características do enunciado concreto, queremos destacar a relevância da noção de projeto enunciativo para a análise de gêneros. Segundo Sobral (2006, p. 137):

O projeto enunciativo, projeto arquitetônico, de criação de totalidades, ou melhor, unidades de sentido, fundado nas possibilidades das interações entre sujeitos específicos, que advêm das especificidades das esferas de atividade, são assim a base da formação, desenvolvimento e consolidação dos gêneros. Estes se realizam em discursividades/discursos e estas têm por material os textos, entendidos como textualidades ou formas de textualização. Diante do texto, cabe perguntar: que projeto enunciativo este texto realiza? Em que discursividade? Em que plano genérico? O que isto quer dizer nesses termos e o que se quer dizer com isso?

Tais perguntas listadas na passagem acima pelo bakhtinista brasileiro orientam uma análise de discurso com vistas à compreensão da enunciação de forma arquitetônica, o que significa levar em consideração o texto, o enunciado (incluídos o/s autor/es, seu projeto

enunciativo e seu direcionamento), a discursividade e o gênero, ou seja, jamais vendo só uma de suas partes isoladamente: por exemplo, somente o texto.

Essa perspectiva arquitetônica da enunciação, em resumo, considera que o autor (sujeito locutor) tem um projeto enunciativo, que o orienta (fundamentado na relação com os outros participantes da comunicação discursiva e com as especificidades da esfera de atividade) na escolha de um gênero, que se realiza em discurso (discursividade¹⁶), que, por sua vez, materializa-se em um texto (textualidade ou forma textual/de textualização¹⁷).

Antes de finalizarmos este capítulo, consideramos necessário destacar que cada gênero reúne enunciados relativamente congêneres quanto ao tema, composição, estilo e função enunciativa, mas também quanto a uma relativa semelhança de relação interlocutiva empregada pelos autores (locutores) dos enunciados em seus projetos enunciativos. A noção de relações interlocutivas é definida da seguinte forma por Sobral (2006, p. 1, grifo do autor):

A atividade arquitetônica autoral tem como base o que chamo, à falta de melhor expressão, de “relações interlocutivas” (ou “formas de interlocução”). Defino “relações interlocutivas” (ou “formas de interlocução”) como as estratégias específicas a que o locutor recorre – em sua relação necessária com o interlocutor e o objeto *em construção* no discurso – para propor a realização de um dado projeto enunciativo. Essas estratégias são empregadas por meio da mobilização de dispositivos enunciativos vinculados com um dado gênero, ou com certo número de gêneros e têm por *material* as *formas da língua* e as *formas de textualização*, e estas se vinculam com o gênero, a partir dessas relações interlocutivas, ou “formas de interlocução”, mediante a formação de discursos, parte de discursividades (ou o discurso entendido como conjunto de discursos concretos).

A noção de *relações interlocutivas* (ou formas de interlocução), portanto, será também levada em conta por nós na elaboração de uma proposta teórico-metodológica de abordagem de inscrições em latim sob a perspectiva dos gêneros do discurso.

Em se tratando de *função enunciativa* de um gênero, ressaltemos que a função é parte das características específicas de um gênero, cuja própria existência é intimamente relacionada com “as condições específicas e as finalidades” (BAKHTIN, 2011c, p. 261) de

¹⁶ *Discursividade*, de acordo com Sobral (2006, p. 9) são “traços comuns de conjuntos de discursos, como quando se fala de discurso ‘religioso’, ‘psicanalítico’, ‘acadêmico’ etc., o que leva em conta as esferas de atividade, naturalmente em seus aspectos de produção, circulação e recepção e, portanto, a inserção e configuração desses conjuntos de discursos, ou discursividades, em gêneros”.

¹⁷ Conforme Sobral (2006, p. 10-11): “‘Textualidade’ (ou ‘textualização’) designa os aspectos linguístico-textuais estritos dos textos, envolvendo recursos de coesão e coerência, sintáticos etc., entendidos como componentes da superfície aparente do discurso. Compõem-no elementos que, quanto à sua forma, podem estar presentes em diferentes discursos e gêneros sem alterar as características essenciais destes”.

cada esfera de atividade humana, dentro da qual os sujeitos locutores se munem dos gêneros para realizarem seu projeto enunciativo de produção de sentido.

Após estas considerações e reflexões feitas ao longo de todo este capítulo, julgamos ter abordado os fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da teoria dialógica que embasam nossa pesquisa.

3 ELEMENTOS PARA UMA ABORDAGEM DIALÓGICA DE INSCRIÇÕES EM LATIM

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos da atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da linguística e da filologia. Porque todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto – seja de história da língua, de gramática normativa, de confecção de toda espécie de dicionários ou de estilística da língua, etc. – opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação – anais, tratados, textos de leis, documentos de escritório e outros, diversos gêneros literários, científicos, publicísticos, cartas oficiais e comuns, réplicas do diálogo cotidiano (em todas as suas diversas modalidades), etc. de onde os pesquisadores haurem os fatos linguísticos de que necessitam. Achamos que em qualquer corrente especial de estudo faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários), isto é, dos diversos gêneros do discurso.
M. M. Bakhtin (2011c, p. 264).

Neste capítulo, dividido em três seções, realizamos alguns procedimentos que são necessários antes de iniciarmos o estudo analítico do *corpus*.

Na primeira seção, sistematizamos, a partir de elementos da teoria dialógica, uma proposta teórico-metodológica de abordagem de inscrições em latim sob a perspectiva dos gêneros do discurso; na segunda seção, apresentamos um panorama das particularidades e dos diálogos com a tradição dos gêneros do discurso com forma textual de inscrição em latim que encontramos no contexto brasileiro, que usaremos como parâmetros na nossa análise das inscrições em latim do Cariri cearense; na terceira e última seção, apresentamos as últimas observações pré-analíticas, sobretudo, acerca dos procedimentos de contextualização, descrição, análise e interpretação do *corpus*.

3.1 UMA PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA DE ABORDAGEM DE INSCRIÇÕES EM LATIM SOB A PERSPECTIVA DOS GÊNEROS DO DISCURSO

Delinearemos, nesta seção, elementos da teoria dialógica para uma proposta teórico-metodológica de abordagem de inscrições em latim sob a perspectiva dos gêneros do

discurso que será usada para um estudo no contexto do Cariri cearense, mas que entendemos como passível de ser adaptada, conforme sejam os objetivos, a outras pesquisas.

Uma inscrição em latim, se considerada descontextualizadamente, é tão somente uma expressão linguística, uma palavra (sinal) ou um texto-estrutura (com significação potencial) pertencente a ninguém. Porém, se for considerada discursivamente, subentende-se dizer que ela é a forma textual de um enunciado concreto (produto da interação entre sujeitos), cujos elementos, tais como os temáticos, composicionais e estilísticos, apesar da singularidade própria que lhe confere a enunciação irrepetível, são relativamente similares aos de outros enunciados do gênero a que pertence, o qual tem elementos históricos, socioculturais e ideológicos que o atravessam desde a raiz.

Em nossa concepção, portanto, uma inscrição não é um gênero do discurso; ela é, na verdade, uma forma textual (textualidade ou textualização) comum a vários gêneros do discurso. Uma forma textual é a expressão textual de um gênero; é a textualização de um enunciado concreto pertencente a um gênero discursivo, de modo que não faz sentido quando considerado *per se*, pois a sua produção de sentido envolve, entre outros elementos, a consideração do projeto enunciativo do sujeito locutor que escolhe o gênero em que se materializa o texto.

Entendemos que a presença do latim na textualização dos enunciados não é uma especificidade de nenhum gênero, pois um gênero pode ter seu enunciado textualizado em qualquer língua. O uso de uma certa língua na textualização de um enunciado, porém, não é algo que deva ser desprezado; deve sim ser considerado em termos de relações intersubjetivas. Usar uma língua e não outra faz parte do projeto enunciativo de construção de sentido do autor (sujeito locutor) de um enunciado e esse uso atravessa o tema, a composição e o estilo do enunciado, certamente consideradas as especificidades do gênero e da esfera. Dessa forma, em nossa proposta de abordagem de inscrições em latim, a interpretação do uso da língua não deve parar no nível textual, deve sim ser considerado dentro dos termos do projeto enunciativo que engendra o enunciado.

Tomemos como exemplificação um caso real: a divisa do brasão das armas da cidade de Alta Floresta-MT tinha como forma textual a inscrição em latim *LABORE NIHIL RESISTET*. Em 1991, porém, tal inscrição foi substituída por esta outra: *NADA RESISTE AO TRABALHO*. Ou seja, o gênero não é outro; continua sendo um gênero de divisa, apesar da mudança na forma textual. Entretanto, o projeto enunciativo e, conseqüentemente, a construção de sentido, inegavelmente, é diferente quando se tem uma forma textual em latim ou em português.

É que, como diz Sobral (2009a, p. 128-129):

Os gêneros recorrem a certos tipos de textualização (tipos de frases e de organizações frasais), que em alguns casos passam a ser mobilizadas costumeiramente pelos enunciados e discursos de certos gêneros. Contudo, não há uma relação necessária entre gênero e textualizações estáveis (frases e organizações frasais que sempre se repitam), pois os gêneros são tipos ou formas de enunciados, não se reduzindo, portanto, nem à forma, nem ao conteúdo, nem ao material.

Portanto, uma mesma forma textual pode ser mobilizada discursivamente em vários gêneros, porém o projeto enunciativo que a movimenta é singular em cada uso concreto. Desse modo, não é pelo texto em suas fronteiras mecânicas que identificamos ou distinguimos os gêneros.

Os critérios que adotamos, em nossa proposta de abordagem, para distinguir os gêneros do discurso são estes: a partir de uma característica geral (ou generalizante), damos um *nome* ao gênero; em seguida, damos-lhe um *sobrenome* (SOBRAL, 2013), conforme sua(s) característica(s) específica(s).

No caso dos gêneros do discurso que estamos pesquisando, entendemos que a característica geral é definida a partir da observação do(s) suporte(s) materiais em que normalmente o gênero ocorre, assim:

- *Gêneros epigráficos* são os que ocorrem normalmente gravados em monumento, estátua, edificação e em uma diversidade de objetos (sacros ou não).
- *Gêneros epitáficos* são os que ocorrem normalmente gravados em lápide, jazigo e portão de cemitério.
- *Gêneros de divisa* são os que ocorrem normalmente gravados em brasão, bandeira e fachada de instituição.
- *Gêneros de legenda* são os que ocorrem normalmente gravados em moeda, medalha, cédulas, quadros e santinhos¹⁸.

Já as características específicas, pelas quais damos o sobrenome ao gênero, dizem respeito à estreita relação do gênero com a esfera de atividade, que fundamenta a função enunciativa dos seus enunciados, determina a relativa proximidade de tema, estilo e

¹⁸ Não estamos falando aqui das legendas explicativas (de gravuras, mapas etc.) ou tradutoras (de filmes, vídeos etc.), que têm outra natureza e características diferentes, correspondendo, portanto, a outros gêneros discursivos.

composição, bem como orienta a atividade arquitetônica autoral, sobretudo, no que concerne ao tipo de relação interlocutiva comumente empregada.

Conforme esses critérios, dizemos o seguinte: nem toda inscrição tumular pertence a um só gênero que se possa denominar epitáfio e nem toda inscrição em um monumento pertence a um único gênero e que este deva ser simplesmente chamado de epígrafe. Na verdade, existem diversos tipos de gêneros epitáficos, epigráficos, de divisa e de legenda que são distinguidos uns dos outros por suas características específicas.

Nessa nossa abordagem, em que estudamos gêneros que ainda não têm uma denominação popularizada, vamos nomeando-os para não ser preciso sempre identificá-los listando todas suas características.

Tema, composição e estilo são conceitos que usamos na abordagem dialógica das inscrições em latim, sendo necessário, portanto, apresentarmos a distinção teórico-metodológica com que empreendemos tais conceitos.

Dentro do pensamento do Círculo, os fundamentos teóricos sobre gênero não se resumem tão somente ao que está escrito no texto *Os gêneros do discurso*, que, aliás, é um texto inacabado, uma espécie de rascunho de um projeto maior que Bakhtin tinha para os anos 1950-1970: escrever uma obra substancial sobre gêneros do discurso. Algumas lacunas conceituais desse célebre texto, portanto, foi preciso que preenchêssemos recorrendo a outras obras do Círculo e também a trabalhos de alguns bakhtinistas.

Assim, por exemplo, no texto *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*, apesar de tratar mais diretamente de questões de poética (estética da arte literária), entendemos que também sejam apontados caminhos para um delineamento, em termos de uma estética geral, dos gêneros do discurso no campo extraestético, de modo que fomos levados a aproximar a concepção do que seja tema, estilo e composição da teorização empreendida por Bakhtin respectivamente sobre conteúdo, material e forma. Em *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, de Medvedev, encontramos, à semelhança de *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*, subsídios para uma melhor compreensão daqueles conceitos apresentados em *Os gêneros do discurso*. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, buscamos ainda outros pormenores volochinovianos sobre tema. E, em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, bem como em *Problemas da poética de Dostoiévski*, encontramos exemplos de estudos que demonstram como esses conceitos (e outros a eles associados, tais como: motivo, imagem e tom) não podem prescindir de uma

visada sobre a arquitetura de um gênero (seja ele estético ou extraestético) dentro da unidade da cultura humana.

Concernente ao conceito de *tema* (ou *conteúdo temático*), destacamos que “*tema* é um termo de grande riqueza sugestiva que não se confunde com ‘assunto’ ou tópico: pode-se falar de um dado assunto e ter outro tema; logo, *tema* é o *tópico do discurso como um todo*, aquilo que ele diz para além das palavras” (SOBRAL, 2011, p. 39, grifo do autor). O tema (ou conteúdo temático), por conter nem que seja um embrião de um ponto de vista ou de um posicionamento ideológico, é mais específico do que o assunto, que, por seu turno, é mais amplo por ser possível de servir a vários temas. Tema não é um assunto neutro ou despretensioso, pois tem sempre um fundo ideológico, portanto ético. Tema é “um *sentido concreto* – do conteúdo de um dado enunciado” (BAKHTIN, 2011c, p. 291).

O que Sobral, como na passagem acima, chama de *assunto* ou *tópico* será tratado por nós como *motivo*¹⁹, que corresponde a um núcleo temático de um enunciado.

Estilo de linguagem (ou simplesmente *estilo*) corresponde à “seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua” (BAKHTIN, 2011c, p. 261). Estilo, porém, não diz respeito tão somente às escolhas das palavras (com sua significação lexical) e aos recursos fraseológicos e gramaticais (fonéticos, fonológicos, morfológicos ou sintáticos) considerados apenas linguisticamente, pois sua raiz é sociocultural, portanto, axiológica; de modo que um estilo pode ser considerado, por exemplo, arcaico em um contexto e em outro não.

O conceito de estilo também envolve o de *imagem* e de *tom*. Imagem (que pode estar relacionada tanto ao estilo do gênero quanto ao do autor) não são somente as palavras (ou outros signos verbais e/ou visuais: os morfemas, as cores, os desenhos etc., no caso de linguagens verbo-visuais) constituintes de um enunciado concreto, mas a concretização estilística de sentidos e valores éticos (axiológicos) que se dão através desses recursos verbais (e/ou visuais, a depender do caso) em um enunciado através de um gênero discursivo nos termos de determinada esfera e de determinada discursividade. É o caso, por exemplo, da estilização em enunciados concretos do valor ideológico de uma palavra, uma ilustração, uma cor e outras semioses para uma dada época, sociedade ou cultura. O tom (ou entonação ou tonalidade), por sua vez, é um elemento estilístico expressivo de natureza autoral e de caráter emocional-valorativo; por estar relacionado ao autor do enunciado, é identificado como sua marca expressiva que pode soar: seca, delicada, respeitosa, fria, calorosa, séria, alegre,

¹⁹ Como usa Bakhtin (2010c, p. 192-194), por exemplo.

irônica, sarcástica etc. Certos gêneros, porém, em geral os mais formais e/ou oficiais, permitem pouca entonação expressiva do autor, por já possuírem tonalidades estilísticas próprias.

Composição (*construção* ou *organização composicional*) não é só uma organização ou ordenação técnica em si; é forma composicional (diríamos: forma do tema e do estilo) a serviço de uma forma arquitetônica. A composição articula-se diretamente com o *projeto enunciativo* do sujeito que, no processo de comunicação discursiva, escolhe um gênero do discurso, em que tema e estilo tomam uma forma, constituindo uma unidade de sentido em um enunciado concreto. Assim, a composição (a forma) não deixa de ter um envolvimento ético (axiológico), estando, pois, diretamente inter-relacionada com o tema (conteúdo) e o estilo na arquitetura da enunciação.

Enfim, destaquemos que tema, estilo e composição devem ser considerados conjuntamente em relação a um projeto enunciativo, porque “tema, estilo e forma de composição só instauram sentidos, e fazem sentido, no âmbito de uma arquitetura [...] e não como entidades autônomas” (SOBRAL, 2011, p. 42).

Na última seção deste capítulo, trataremos, dentro da nossa proposta, das etapas para um estudo analítico de um *corpus* textual pelo viés teórico dos gêneros do discurso. Passemos agora, na seção seguinte, a tratar dos gêneros que encontramos no contexto brasileiro dos dias de hoje com forma textual de inscrição em latim (os quais usaremos como parâmetros para a análise do *corpus* coletado no contexto do Cariri cearense), distinguindo-os pela característica geral e pelas específicas e também traçando um breve histórico de cada um deles.

3.2 GÊNEROS DO DISCURSO COM FORMA TEXTUAL DE INSCRIÇÃO EM LATIM NO CONTEXTO BRASILEIRO: CARACTERÍSTICAS E TRADIÇÃO

Como, no capítulo seguinte, vamos analisar as inscrições em latim do Cariri cearense por uma abordagem que as considere na perspectiva dos gêneros do discurso, entendemos que, antes, devemos considerar os gêneros do discurso com forma textual de inscrição em latim que, em nossos dias, encontramos no contexto brasileiro, caracterizando-os e, sempre que nos for possível, buscando conhecer elementos da história e da tradição desses gêneros, porque, como lembra Faria e Silva (2013, p. 61): “pertencer a um gênero significa, para um enunciado concreto, já nascer em um estado de relações dialógicas com todos os enunciados pertencentes ao gênero que vieram antes dele”; e também porque, como diz

Bakhtin (2010b, p. 121, grifo do autor): “o gênero sempre conserva os elementos imorredouros da *archaica*²⁰. [...] O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. [...] O gênero vive do presente, mas sempre *recorda* o seu passado, o seu começo”; portanto, “o começo, isto é, a *archaica* do gênero, conserva-se em forma renovada também nos estágios superiores de evolução do gênero” (BAKHTIN, 2010b, p. 138, grifo do autor).

Em hipótese alguma, porém, pretendemos caracterizar os gêneros por nós estudados em termos peremptórios, como se eles fossem coisas imutáveis. O que pretendemos é uma tentativa de obtermos bases para uma análise que não fique desorientada (ou seja, sem orientação teórico-metodológica) e não seja desamparada (ou seja, sem parâmetros).

Nesta seção, os enunciados com que iremos trabalhar foram encontrados por nós em buscas na internet, em trabalhos de outros pesquisadores e em observações *in loco*, mas não constituem um *corpus* fechado, nem são em grande quantidade. Eles são usados, conforme nosso plano metodológico de pré-análise, com a finalidade de distinguirmos os gêneros por suas características geral e específicas e para termos parâmetros que nortearão nosso estudo enunciativo das inscrições em latim no contexto do Cariri cearense. De forma alguma estamos pensando que os gêneros de que trataremos a seguir são os únicos tipos de gêneros epitáficos, epigráficos, de legenda e de divisa que existem; estamos simplesmente nos restringindo a tratar dos gêneros discursivos com forma textual de inscrição em latim que, em nossa pesquisa, encontramos em uso no contexto brasileiro.

3.2.1 Gêneros epitáficos

Classificamos como epitáficos os gêneros que têm em comum a característica geral de serem gravados em suportes cemiteriais, tais como: lápide tumular, parede de jazigo e portão de cemitério.

No Brasil, na esfera funerária, encontramos, com muita frequência, três gêneros epitáficos distintos de tradição milenar: o *epitáfio memorial*, o *epitáfio-colóquio* e o *epitáfio de consolação*.

O gênero que denominamos *epitáfio memorial* – que tem entre suas características específicas a função enunciativa de preservar a memória do falecido, destacando geralmente sua filiação, seus feitos heroicos ou louváveis e os cargos políticos que exerceu – já era usado

²⁰ Da Antiguidade, dos seus primórdios.

na Roma Antiga. São exemplos desse gênero os Epitáfios dos Cipiãoes (sobrenome romano dos descendentes da *gens Cornelia*), que, em número de cinco, foram escritos em latim arcaico, quatro em versos saturninos e um em dístico elegíaco. O primeiro destes (transcrito em caracteres modernos a seguir), em saturnino, data de 272 a.C.: *CORNELIVS LVCIVS SCIPIO BARBATVS GNAIVOD PATRE PROGNAVVS FORTIS VIR SAPIENSQVE QVOIVS FORMA VIRTVTEI PARIVMA FVIT CONSOL CENSOR AIDILIS QVEI FVIT APVD VOS TAVRASIA CISAVNA SAMNIO CEPIT SVBIGIT OMNE LOVCANAM OPSIDESQVE ABDOVCIT*, que em português pode ser traduzido como: *Cornélio Lúcio Cipião Barbado, nascido de um pai valente, homem forte e sábio, cuja beleza foi igualada à virtude. Foi, entre nós, cônsul, censor e edil. Tomou a Taurásia e a Cisana, em Sâmnio. Submeteu toda a Lucânia e trouxe reféns* (BARBOSA, 2013, não paginado).



Figura 1 – Sarcófago de Lúcio Cornélio Cipião Barbado.

Fonte: <<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/54/Cornelii-scipiois-vatikan-f.JPG>>.

Acesso em: 29 jan. 2013.

A inscrição *INRI* – acrossemia de *IESVS NAZARENVS REX IVDAEORVM*, ou seja, Jesus Nazareno, rei dos judeus –, tradicionalmente tida como colocada pelos soldados romanos sobre a cruz de Jesus Cristo, era, na verdade, uma espécie de paródia de epitáfios memoriais dos túmulos de pessoas nobres e ilustres.

No contexto brasileiro, o epitáfio memorial figura comumente em lápides de pessoas ilustres que deixaram obras à posteridade, como na lápide do túmulo de D. Marcos Antonio de Souza, que foi o XIII bispo do Maranhão, em que parte da inscrição está em latim: *SOL(L)ICITUS PASTOR FUIT, AC SEMINARIUM URBIS, INSTITUIT MAGNIS OPIBUS,*

AERE SUO, conforme encontramos no trabalho de Santana (2008a, p. 715). Uma tradução para o português dessa inscrição é: Ele foi um pastor cuidadoso e construiu o seminário da cidade com muitos esforços e à sua custa (com seu dinheiro).

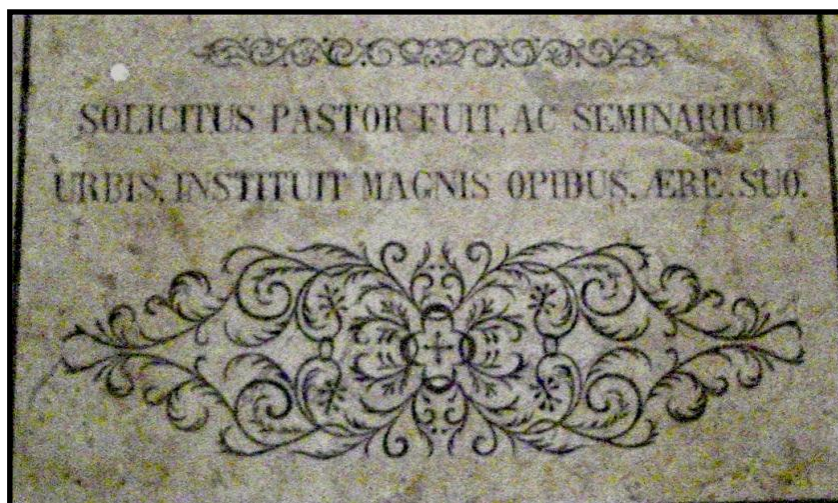


Figura 2 – Detalhe da lápide do túmulo de D. Marcos Antonio de Souza.
Fonte: Santana (2008a, p. 715).

Nos nossos dias, é comum encontrarmos este gênero de epitáfio em túmulos de religiosos localizados dentro de mosteiros, seminários e igrejas, pois até meados do século XX era muito comum serem realizados sepultamentos nesses locais (hoje isso só acontece em casos raros). No Mosteiro de São Bento em Olinda-PE, por exemplo, encontramos este epitáfio memorial: *PAX / Fr. FIDELIS IKAS / QUI FIDELITER DOMINO SERVIVIT / NATUS IN MARKELSHEIM / DIE 4 DEC. 1891 / OBIIT OLINDAE DIE 28 NOV. 1969*, isto é, Paz / Fr. Fidelis Ikas / que fielmente serviu ao Senhor / nascido em Markelsheim / no dia 4 de dezembro de 1891 / morreu em Olinda no dia 28 de novembro de 1969.

Outro gênero epitáfico, porém, é o que denominamos *epitáfio-colóquio*. Consideremo-lo a partir de sua história.

Na Roma antiga, acreditava-se que a atividade vital do morto continuava de certa forma debaixo da terra – *Sit tibi terra levis* (em português: Que a terra te seja leve), costumavam dizer os romanos nos rituais e cerimônias fúnebres –, por isso também as tumbas muitas vezes eram construídas em lugares movimentados, onde fosse fácil serem feitas oblações e para que os mortos não ficassem tão distantes dos vivos. O passo seguinte revela que era comum nessas tumbas existir um epitáfio-colóquio em que se simulava a comunicação entre mortos e vivos:

El que enterraran a los muertos en las orillas de sus concurridas calzadas, en lugar de en cementerios tranquilos, no era por parte de los romanos una muestra de falta de respeto hacia aquéllos. Al contrario, creían que, si los muertos no eran debidamente enterrados y cuidados, sus espíritus se les aparecerían y les llegarían a causar daños. Era muy importante proporcionar al difunto una tumba o un sepulcro, donde su espíritu pudiera tener una morada. Pero también se pensaba que el muerto quería estar cerca de los vivos. Hay una tumba que tiene una inscripción: “Veo y contemplo a todo el que va e viene de la ciudad”, y otra que dice: “Lolio (*Lollius*) ha sido colocado al borde del camino para que todos los transeúntes puedan decirle ‘Buenos días, Lolio’”. (CAMBRIDGE UNIVERSITY, 1990, p. 113).²¹

Outros exemplos de enunciados do gênero epitáfio-colóquio da Roma Antiga são estes: “‘*Siste, viator*’ ou ‘*Aspice, viator*’, que significam: ‘Detém-te, viajante’ ou ‘Olha, viajante’” (SANTANA, 2008b, p. 92), construídos, muitas vezes, à semelhança de uma admoestação do morto para os vivos.

No Brasil, em túmulos de pessoas sem grande notabilidade (ou de pessoas a cujos feitos, por algum motivo, não foram dados destaque), é muito comum o uso do epitáfio-colóquio, em que a concepção cristã da morte entendida não como um fim, mas como uma passagem para outra vida, mistura-se a um elemento da *archaica* do gênero, a sugestão de uma comunicação (interação) entre mortos e vivos, constituindo sua função enunciativa característica: tratar o morto como alguém que não desapareceu definitivamente. Os textos desses enunciados citam, muitas vezes, fragmentos da *Vulgata*²² ou de obras clássicas (ou se inspiram nelas), como podemos observar nestes exemplos encontrados em cemitérios do Rio Grande do Sul e registrados por Diniz (1999, p. 2):

De influência eclesiástica:

²¹ Enterrar os mortos nas margens de suas concorridas estradas pavimentadas, em vez de nos cemitérios tranquilos, não era por parte dos romanos uma mostra de desrespeito para com aqueles. Ao contrário, eles acreditavam que se os mortos não eram devidamente enterrados e cuidados, seus espíritos lhes apareceriam e chegariam a lhes causar danos. Era muito importante proporcionar ao defunto um túmulo ou um sepulcro, onde o seu espírito poderia ter uma moradia. Mas também se pensava que o morto queria estar perto dos vivos. Há um túmulo que tem uma inscrição: “Eu vejo e contemplo a todo aquele que vai e vem da cidade”, e outra que diz: “Lólio (*Lollius*) foi colocado à beira do caminho para que todos os transeuntes possam dizer-lhe ‘Bom dia, Lólio’” (tradução nossa).

²² Usamos, nesta nossa pesquisa, a *Vulgata* – a tradução latina da Bíblia que existe desde o séc. IV e que foi reafirmada como autêntica e declarada como de uso comum para a Igreja Católica pelo Concílio de Trento (1545-1563) – na sua nova versão (chamada *Nova Vulgata* e que, desde 1979, é a nova Bíblia oficial da Igreja Católica) que se encontra disponível em: <http://www.vatican.va/archive/bible/nova_vulgata/documents/nova-vulgata_index_lt.html>; quando, porém, precisamos apresentar uma tradução para o português de algum trecho da *Vulgata*, fizemo-lo primeiramente consultando uma versão *on-line* da Bíblica Católica disponível em: <<http://www.bibliacatolica.com.br/>>.

Pater mi si possibile est; transeat a me calix iste – 1986 – Esta é uma passagem de Matheus – 26:39, significando: Meu Pai, se é possível, que este cálice se afaste de mim.

Non contristamur sicut et ceteri qui spem non habet; si enim credimus quod Jesus mortuus est et resurrexit ita et Deus eos qui dormierunt per Jesum adducet cum eo.²³ – 1912 – Significando: Não somos infelizes como os demais que não têm esperança se de fato cremos que Jesus morreu e ressuscitou. Assim Deus ensina através de Jesus e com eles àqueles que dormiram.

Deus meumque jus²⁴ – 1989 – Significando: Deus é minha riqueza e justiça. De influência clássica:

Exemplum dedi vobis – 1941 – Significando: Dei exemplo a vós.

O terceiro gênero epitáfico que encontramos na esfera funerária no Brasil é o que denominamos de *epitáfio de consolação*. Este gênero de longa tradição em nossa cultura ocidental, cujos enunciados aparecem gravados em lajes tumulares e comumente também em portões ou pórticos de cemitérios, tem entre suas características específicas a função enunciativa de externar uma espécie de consolo (algumas vezes quase que como uma expressão de condolências) a familiares e amigos dos mortos, geralmente, aludindo à ressurreição e à condição de igualdade de todos perante a morte, no mais das vezes, em diálogos com textos bíblicos.

Em nossa pesquisa, encontramos exemplos desse gênero na entrada dos seguintes cemitérios: no Cemitério da Saudade, em Sorocaba-SP, em cujo portal lemos: *EGO SUM RESURRECTIO ET VITA*, que cita um excerto da *Vulgata, Evangelium Secundum Ioannem* 11, 25-26: “*Dixit ei Iesus: ‘Ego sum resurrectio et vita. Qui credit in me, etsi mortuus fuerit, vivet; et omnis, qui vivit et credit in me, non morietur in aeternum. Credis hoc?’*” (em português: Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá. Crês nisto?); no Cemitério da Saudade de Guaratinguetá-SP: *LUX AETERNA LUCEAT EIS, DOMINE* (que pode significar em português: Que a luz eterna os ilumine, Senhor); no Cemitério Municipal de Monte Alto-SP: *REVERTERE AD LOCUM TUUM* (que em português pode significar: Volta para o teu lugar); e no Cemitério da Saudade de Piracicaba-SP, em cujo portal encontramos gravado: *OMNES SIMILES SUMUS* (geralmente traduzido para o português como: Somos todos iguais). Nestes dois últimos exemplos, compreendemos haver o

²³ O texto-fonte da citação é a *Vulgata, Ad Thessalonicenses Epistula I Sancti Pauli Apostoli* 4, 13-14: “*Nolumus autem vos ignorare, fratres, de dormientibus, ut non contristemini sicut et ceteri, qui spem non habent. Si enim credimus quod Iesus mortuus est et resurrexit, ita et Deus eos, qui dormierunt, per Jesum adducet cum eo*”. Em português: Irmãos, não queremos que ignoreis coisa alguma a respeito dos mortos, para que não vos entristeçais, como os outros homens que não têm esperança. Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, cremos também que Deus levará com Jesus os que nele morreram.

²⁴ Deus e o meu direito (tradução nossa).

estabelecimento de diálogo com a passagem da *Vulgata*, *Liber Genesis* 3, 19: “*Pulvis es et in pulverem reverteris*” (em português: És pó, e pó te hás de tornar).

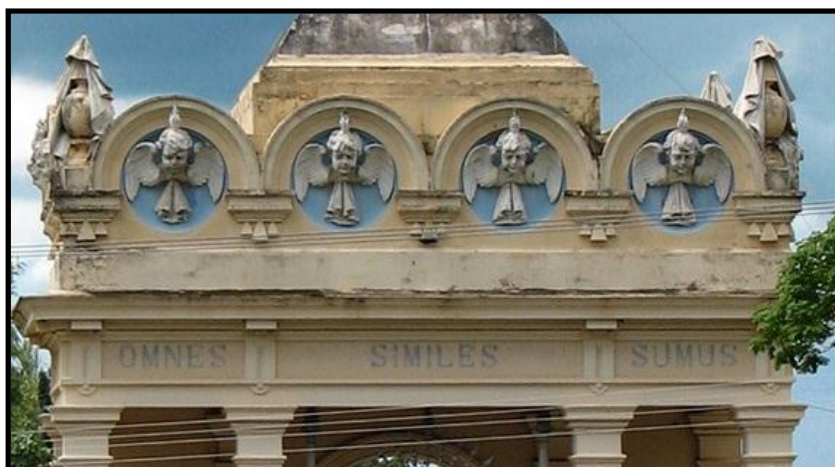


Figura 3 – Epitáfio de consolação no portal do Cemitério da Saudade, em Piracicaba-SP.

Fonte:

<http://www.trekearth.com/gallery/South_America/Brazil/Southeast/Sao_Paulo/Piracicaba/photo340135.htm>. Acesso: 02 fev. 2013.

Apesar de os enunciados desses três gêneros convergirem em semelhança em termos de tema, composição e estilo, por normalmente configurarem unidades de sentido atravessadas (de uma forma ou de outra mais ou menos explícita) pela concepção de que a vida não se acaba no túmulo, esses três gêneros epitáficos se diferenciam não só pelas características específicas que cada um tem quanto à função enunciativa, mas também pelas relações interlocutivas a que recorrem os locutores dos enunciados dos três gêneros: no gênero epitáfio memorial, é comum um tipo de relação interlocutiva com ênfase sobre o morto e a memória de seus feitos; no gênero epitáfio-colóquio, a relação interlocutiva típica apresenta ênfase sobre uma sugerida interação verbal entre mortos e vivos; e, no gênero epitáfio de consolação, a relação interlocutiva típica é marcada pela ênfase sobre um consolo ao pesar de familiares e amigos dos mortos, geralmente tratando a morte com um sentimento cristão e/ou como algo natural (a que todos estão sujeitos).

3.2.2 Gêneros epigráficos

Classificamos como epigráficos os gêneros que têm em comum a característica geral de se encontrarem gravados (com diversas técnicas e em vários materiais) em monumento, estátua, edificação e em uma diversidade de objetos (não cemiteriais).

São gêneros que encontramos na esfera institucional e também na religiosa. As distintas relações que se estabelecem entre gênero e cada uma dessas esferas, porém, determinam tipos diferentes de gêneros epigráficos. Passemos a distingui-los por suas características específicas.

Chamamos de *epígrafe doutrinária* um gênero próprio da esfera religiosa que é usado em diversas igrejas como parte de suas pinturas e decorações interiores e exteriores, bem como compondo a estética de estátuas de santos. É um gênero cujos enunciados recorrentemente são constituídos de diálogos com orações, hinos, hagiografias e passagens da *Vulgata*, com tema, estilo e composição que configuram unidades de sentido místicas e com a função enunciativa de divulgar preceitos religiosos e/ou identificar a filiação doutrinária de uma igreja, sendo comum uma forma de interlocução com ênfase na fé cristã.

Vejamos alguns exemplos desse gênero.

DOMUS MEA / DOMUS ORATIONIS EST (em português: A minha casa é casa de oração) é um enunciado com forma de inscrição em latim que cita um versículo da *Vulgata* – *Evangelium Secundum Lucam* 19, 46: “*Et erit domus mea domus orationis*” – e que pertencente ao gênero epígrafe doutrinária. Ele está localizado em uma parede lateral exterior da Basílica de Nossa Senhora da Penha, em Recife-PE.

No forro da Igreja do Convento de Santo Antônio, em João Pessoa-PB, encontramos outros exemplos de epígrafes doutrinárias com forma textual de inscrição em latim: *IESU DULCIS MEMORIA* (Doce lembrança de Jesus), *ET MACULA NON EST IN TE* (E não há mácula em ti), *STIGMATA DNI²⁵ IESU IN CORPORE MEO PORTO* (Trago os estigmas do Senhor Jesus em meu corpo) e *TERRA IN QUA HAEC RELIGIO STAT, TERRA SANCTA EST* (A terra em que esta religião conserva-se é santa), nas quais entrevemos projetos enunciativos de aproximação da imagem de São Francisco de Assis à imagem de Jesus Cristo.

²⁵ Abreviatura de *DOMINI*.

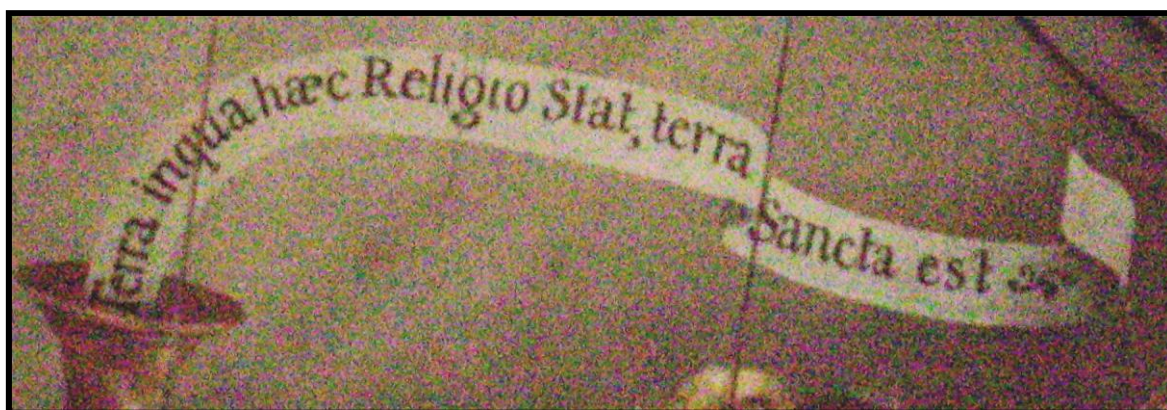


Figura 4 – Epígrafe doutrinária no forro da Igreja do Convento de Santo Antônio, em João Pessoa-PB. Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Pertence também ao gênero epígrafe doutrinária o enunciado gravado no forro da igreja de São Francisco de Ouro Preto (MG), que encontramos a partir do estudo realizado por Assis Sobral (2013, não paginado): *EGO MATER PULCHRAE DICTIONIS, & TIMORIS, & AGNITIONIS, & SANCTAE SPEI. DEO GRATIAS* (em português: Eu sou a mãe do belo amor, do temor, do conhecimento e da santa esperança. Graças a Deus), cuja forma textual (a inscrição em latim, na qual, a nosso ver, a palavra *dilectionis*, por um *lapsus calami*, foi gravada *dictionis*) cita a *Vulgata, Liber Ecclesiasticus* 24, 24: “*Ego mater pulchrae dilectionis et timoris et agnitionis et sanctae spei*”.

Quando, porém, na esfera religiosa, a inscrição em latim encontra-se na fachada principal da igreja, é muito comum que ela textualize os gêneros que denominamos: *epígrafe nuncupatória* (gênero marcado pela característica específica de ser usado com a função de dedicar a igreja ao orago, ou seja, ao santo padroeiro), *epígrafe de gratidão* (gênero cuja característica específica marcante é a função de externar um agradecimento a alguém ou alguma instituição) ou *epígrafe de datação* (gênero cuja função de registrar a data da construção da edificação é a sua principal característica específica).

Uma epígrafe nuncupatória com forma de inscrição em latim é, por exemplo, a que encontramos na fachada da igreja de São Luís Gonzaga, na cidade de São Paulo-SP: *DEO IN HONOREM SANCTI ALOISII* – que pode ser traduzida para o português como: A Deus em honra de Santo Aloísio (São Luís Gonzaga) –, através da qual se diz ao povo em louvor de que santo aquela igreja foi erigida.

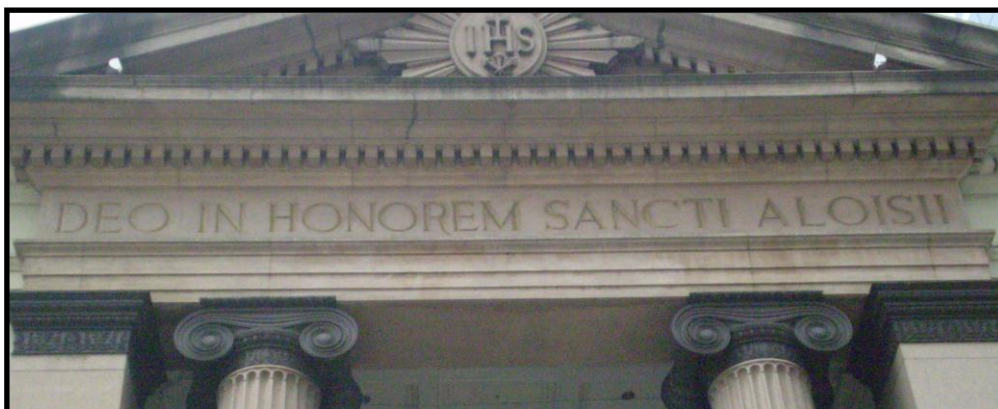


Figura 5 – Epígrafe nuncupatória na igreja de São Luís Gonzaga, em São Paulo-SP.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Em Recife-PE, na Basílica de Nossa Senhora da Penha, encontramos um exemplo de epígrafe de gratidão: *EX MUNIFICENTIA SENATUS POPULIQUE BRASILIENSIS*, que podemos traduzir para o português como: Da generosidade do senado e do povo brasileiro.



Figura 6 – Epígrafe de gratidão na fachada principal da Basílica de Nossa Senhora da Penha, em Recife-PE.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Na Igreja Matriz de Oeiras-PI, encontramos um exemplo de epígrafe de datação: *HAEC EST DOMUS DOMINI FIRMITER AEDIFICATA ANNO DOMINI 1733*, que traduzimos para o português como: Esta casa do Senhor foi firmemente edificada no ano (do Senhor) de 1733.



Figura 7 – Epígrafe de datação na fachada da Igreja Matriz de Oeiras-PI.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Vejamos agora dois objetos da Roma pré-clássica que revelam uma antiga prática dos artífices que consistia em gravar uma inscrição em que se lê o nome do artesão que produziu um manufato e o da pessoa para quem este foi produzido, em um estilo de linguagem anímico – uma construção em que o objeto como que *fala, dizendo*: tal artesão me fez para tal proprietário – que caracterizará muitos enunciados do gênero que, pela característica específica de ter a função enunciativa de marcar (ou registrar) o artífice e/ou o proprietário de um objeto, chamaremos de *epígrafe-marca*.

A Fíbula Prenestina – que Bassetto (2005, p. 89) aponta como sendo datada aproximadamente do ano 600 a.C., mas cuja autenticidade é contestada por Desbordes (1995, p. 29) – é uma espécie de broche de ouro encontrada em uma escavação arqueológica no século XIX perto da antiga cidade de Preneste (atualmente Palestrina) na região do Lácio. Esse broche traz a inscrição *MANIOS MED FHEFHAKED NVMASIOI* (adaptada com caracteres modernos), que em latim clássico corresponderia a *MANIVS ME FECIT NVMERIO*, cuja tradução aproximada para o português seria: Mânio me fez para Numério.

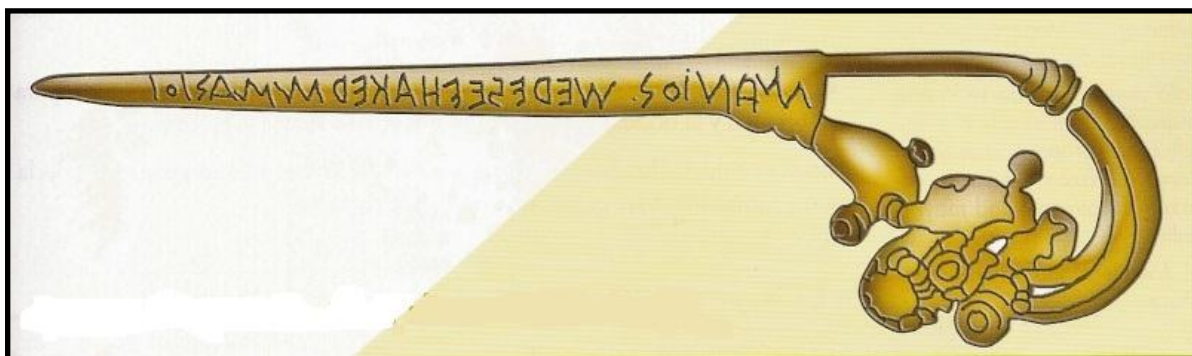


Figura 8 – A Fíbula Prenestina.

Fonte: <<http://www.imperio-numismatico.com/t6698-italia-y-la-fibula-preneste>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

O Vaso de Quirinal, espécie de jarro composto de três vasilhas de terracota com uma vasilha menor no centro, descoberto em 1880 no Monte Quirinal em Roma, que Desbordes (1995, p. 21) data como sendo do início do século V a.C., possui uma inscrição em latim arcaico com três linhas, cuja tradução ainda é motivo de controvérsia. Na terceira linha, está gravado o seguinte: *DVENOSMEDFECEDENMANOMEINOMDVENOI* (adaptado com caracteres modernos), em que entendemos estar dito algo em torno de: Um homem bom me fez para outro homem bom.

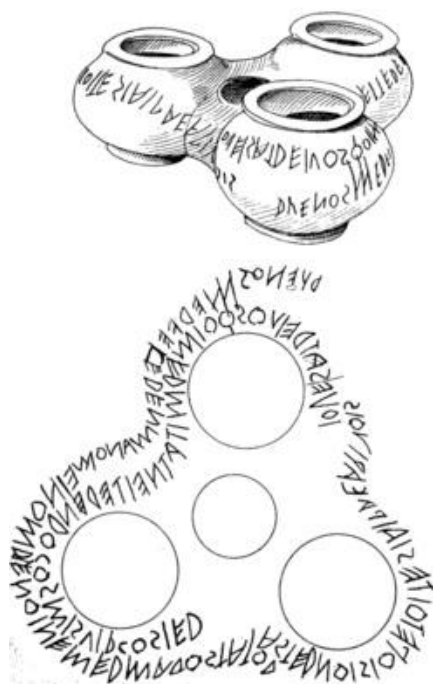


Figura 9 – O Vaso de Quirinal.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Inscri%C3%A7%C3%A3o_Duenos>. Acesso em: 14 jun. 2012.

Encontramos um exemplo do gênero epígrafe-marca com forma textual de inscrição em latim em um sino que, segundo Carvalho Jr. (2010, p. 79), foi trazido de Portugal na década de 1810. Tal epígrafe-marca é esta: *JOANNES FERREIRA LIMA ME FECIT BRACHARAE*, que pode ser interpretada como: João Ferreira Lima me fez para Braga; ou então: João Ferreira Lima me fez em Braga (neste caso, sendo indicado apenas o nome do artesão e, em seguida, o do lugar, Braga – antiga *Bracara Augusta*, onde o sino foi produzido).



Figura 10 – Epígrafe-marca em um sino, em Oeiras-PI.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Outro gênero epigráfico é a *epígrafe de afinidade religiosa*. Típico da esfera institucional, este gênero aparece comumente gravado em monumentos públicos; suas características específicas são: (i) a função enunciativa de identificar a afinidade religiosa a que se liga um governo ou uma administração pública e (ii) um tipo de relação interlocutiva em que tal função enunciativa é escamoteada na forma de uma homenagem a um santo, da comemoração de um milagre etc. São exemplos de epígrafe de afinidade religiosa: *AVE GRATIA PLENA* (Ave [Maria], cheia de graça), localizada no Arco de Nossa Senhora de Fátima, em Sobral-CE, e *PANIS ANGELICUS FIT PANIS HOMINUM / MANDUCAT DOMINUM PAUPER SERVUS ET HUMILIS / O SALUTARIS HOSTIA QUAE COELI PANDIS OSTIUM* (que traduzimos para o português como: O pão angélico torna-se o pão dos homens / O pobre e humilde servo comunga o Senhor / Ó salutar hóstia, tu que mostras a porta do céu), três epígrafes do monumento erigido em comemoração ao Congresso

Eucarístico de 1935, na Praça Dom João da Mata, em Cajazeiras-PB, cujos textos em latim citam trechos de dois hinos, *Sacris solemniis* e *Verbum supernum*, escritos por São Tomás de Aquino.

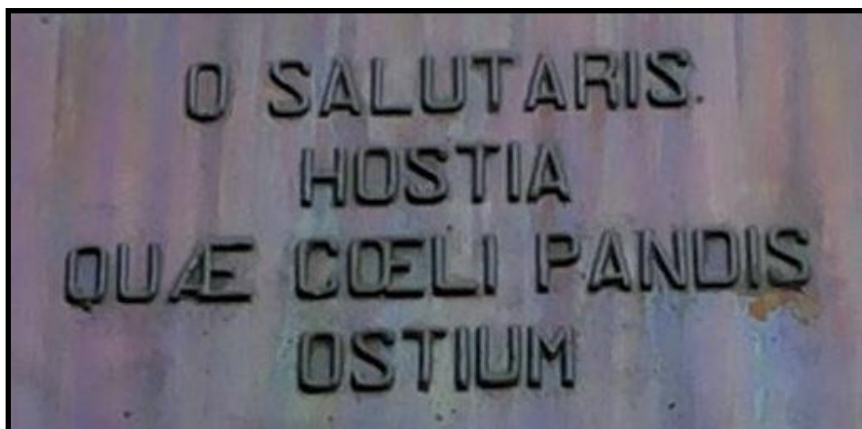


Figura 11 – Epígrafe de afinidade religiosa na Praça Dom João da Mata, em Cajazeiras-PB.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Além desses gêneros epigráficos com forma textual de inscrição em latim que compõem diversas paisagens discursivas urbanas do Brasil, consideramos relevante (principalmente para o propósito de nosso estudo no contexto do Cariri cearense) tratar de outros gêneros epigráficos que encontramos em nossa cultura ocidental.

Um deles é a *epígrafe honorífica*, um gênero próprio da esfera institucional que tem entre suas características específicas a função de honrar, memorar, comemorar ou solenizar alguém ou alguma causa. Seu uso remonta a Antiguidade romana. Um exemplo deste gênero está gravado no Panteão (construído em 27 a.C, destruído por um incêndio em 80 d.C., mas reconstruído em 125 d.C.), que traz em sua fachada a inscrição: *M.AGRIPPA.L.F.COS.TERTIVM.FECIT*, que significa em português: Construído por Marco Agripa, filho de Lúcio, cônsul pela terceira vez.



Figura 12 – O Panteão.

Fonte: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/1427_adriano/page3.shtml>. Acesso em: 18 dez. 2012.

Em Évora (Portugal), há um monumento em memória dos combatentes daquela cidade que morreram durante a I Guerra Mundial. Nele há uma epígrafe honorífica com forma textual de inscrição em latim: *FILIIS / PRO PATRIA / CAESIS / EBORA*, que em português pode ser traduzida por: De Évora, aos filhos mortos pela pátria.

Outros dois gêneros epigráficos tradicionais em nossa cultura ocidental, são os que denominamos *epígrafe de lugar sagrado* e *epígrafe votiva*. Consideremo-los, inclusive, buscando elementos de sua história.

No Cipo do Fórum (um sítio arqueológico descoberto em 1899 no Fórum de Roma), também chamado *Lapis Niger* (Pedra negra), estão preservadas inscrições datadas aproximadamente do final do século VI a.C., época em que a língua latina apresentava muitas características que a aproximavam da língua etrusca e da grega, como demonstram os caracteres alfabéticos arcaicos e o sistema de escrita bustrofédon com que tais inscrições foram feitas.



Figura 13 – Dois lados da *Lapis Niger*.

Fonte: <<http://www.veja.it/2011/02/04/il-lapis-niger-pietra-tombale-di-romolo/>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

Uma das possíveis transcrições (adaptada com caracteres e sistema de escrita modernos) é esta: QVOI HON [...] / [...] SAKROS ES / ED SORD [...] / [...] OKA FHAS / RECEI IO [...] / [...] EVAM / QVOS RE[...] / [...]KALATO / REM HAB[...] / [...]TOD IOVXMEN / TA KAPIAD OTAV[...] / [...]M ITER PE[...] / [...]M QVOI HA / VELOD NEQV[...] / [...]IOD IOVESTOD / LOVQVIOD QO[...]. São inscrições de natureza religiosa pertencentes ao gênero discursivo que identificamos como *epígrafe de lugar sagrado* (na falta de denominação mais apropriada), já que uma das suas características específicas é a função de destacar o caráter sagrado de um lugar. Neste caso específico das inscrições da *Lapis Niger*, seu autor também parece estar proibindo a violação do lugar ou amaldiçoando a sua profanação, talvez porque ali estivesse enterrado um monarca, quem sabe o próprio Rômulo, fundador de Roma; observemos que o trecho SAKROS ES / ED, por exemplo, pode ser interpretado em latim clássico como *SACER SIT*, que em português pode significar: Que seja inviolável ou Que seja amaldiçoado.

Em nossos dias, este gênero discursivo, típico da esfera religiosa e comumente usado dentro de igrejas, além da função enunciativa de destacar o caráter sagrado de lugares, tais como altares e sacrários, tem como característica específica um tipo de relação interlocutiva em que o sujeito locutor se constitui como autoridade.

Em nossa cultura ocidental, muito extenso é o legado de inscrições votivas que encontramos em diversos suportes, tais como altares, colunas, tábuas, quadros e pedras. Identificamos tais inscrições como formas textuais do gênero que, pela característica específica de ter a função enunciativa de ofertar um voto ou pagar uma promessa a um deus (ou a um santo, no caso das mais recentes), denominamos de *epígrafe votiva*. Dessas inscrições em latim, existem preservadas várias ainda da época da Roma republicana, outras do período imperial e muitas datadas da Idade Média espalhadas pela Europa. Nesta ara, datada do século II d.C., encontrada em 1944 durante as obras de abertura da Avenida Marechal Gomes da Costa, em Lisboa (Portugal), um certo Marco Cecílio mandou fazer a inscrição por um voto a um certo deus *Kassaecus*²⁶:



Figura 14 – Epígrafe votiva do século II d.C.

Fonte: <<http://www.museudacidade.pt/Coleccoes/Epigrafia/Paginas/Ara-votiva-II.aspx>>. Acesso em: 22 dez. 2012.

Nela lemos: *KASSAECO / VOTVM ANIMO LVBENS / M·CAECILIVS / CAENO·S*, que assim traduzimos para o português (considerando o *M* como abreviatura de *Marcus* e o *S* como de *solvit*): Marco Cecílio Cenão cumpre de bom grado o voto (a promessa) a Kasseco.

²⁶ Divindade autóctone, não pertencente ao Panteão romano.

No contexto brasileiro, na esfera religiosa, é muito comum ainda, em nossos dias, ser usado esse gênero discursivo gravado em ex-votos, como, por exemplo, em tábuas votivas²⁷; porém nenhuma das que encontramos era textualizada em latim.

3.2.3 Gêneros de divisa

Divisa é o nome que damos ao gênero que tem a característica geral de ocorrer gravado em brasão, bandeira ou fachada de instituição, normalmente, citando um lema²⁸ de algo ou alguém, como uma espécie de assinatura identificatória.

No contexto brasileiro dos dias de hoje, encontramos pelo menos três tipos distintos de gêneros de divisa que apresentam forma textual de inscrição em latim, os quais denominamos, pelas características específicas, como: *divisa eclesiástica*, *divisa política* e *divisa institucional*.

A *divisa eclesiástica* é um gênero da esfera religiosa que tem entre suas características específicas a função de simbolizar uma causa ou resumir um sacerdócio, geralmente citando o lema de uma congregação ou de um dignitário, por exemplo, um bispo. É um gênero cujos tema, estilo e composição, em geral, são atravessados por relações dialógicas com a *Vulgata*. A atividade arquitetônica autoral de seus enunciados, quanto à forma de interlocução, geralmente é centrada em ensinamentos que orientam a conduta cristã. São exemplos desse gênero: *OMNIA IN CARITATE* (Tudo na caridade) no brasão de Dom Sérgio da Rocha, Arcebispo Metropolitano de Brasília; *UT VITAM HABEANT* (Para que tenham vida) no brasão de Dom Juarez Sousa da Silva, bispo da Diocese de Oeiras-PI; e *COPIOSA APUD EUM REDEMPTIO* (N'Ele é copiosa a redenção) no escudo da Congregação do Santíssimo Redentor.

²⁷ Cf. OLIVEIRA, 2009.

²⁸ Entendemos o lema não como um gênero, mas como um signo ideológico de natureza verbal, independentemente de conter uma só palavra ou várias palavras, criado para resumir, por exemplo, um projeto, uma causa, um preceito ou uma missão. Como qualquer signo ideológico, o lema pode ser citado em vários enunciados orais ou escritos pertencentes a diversos gêneros.



Figura 15 – Divisa eclesiástica no brasão de Dom Juarez Sousa da Silva, bispo da Diocese de Oeiras-PI.

Fonte: <<http://www.diocesedeoeiras.org/conteudofix.php?pag=obispo>>. Acesso em: 22 dez. 2013.

A *divisa política* é um gênero da esfera institucional que ocorre tipicamente em bandeiras e brasões de municípios e Estados. A característica específica marcante desse gênero é a função enunciativa de estampar uma imagem verbal (muitas vezes ligada à memória oficial de um fato histórico) usada como símbolo de uma cidade ou de um Estado. Neste gênero, a atividade arquitetônica autoral, quanto à forma de interlocução, geralmente enfatiza ideais de grandeza cívica e comumente são estabelecidas relações dialógicas com determinados aspectos político-ideológicos normalmente tidos como dignos de louvor. Nos enunciados deste gênero, tema, estilo e composição, em geral, configuram unidades de sentido pretensamente virtuosas e patrióticas.

São exemplos de enunciados pertencentes ao gênero *divisa política*: *AD BONUM ET PROSPERITATEM* (Para o bem e para a prosperidade), no brasão das armas do Estado de Alagoas; *VIRTUTE PLUSQUAM AURO* (Pela virtude mais que pelo ouro) no brasão das armas do Estado do Mato Grosso; *INDEFESSE PRO BRASILIA* (Incansável na defesa do Brasil) no brasão da cidade de Uberaba-SP; *LABORE VIRTUTE CIVITAS FLORET* (No trabalho e na virtude a cidade floresce) no brasão da cidade de Campinas-SP; *FIDE ET LABORE PATRIAE MAGNITUDO* (A grandeza da pátria com fé e trabalho) no brasão da cidade de São Pedro-SP, que em seu *site* oficial aparece traduzida como: “Com fé e trabalho engrandecemos a Pátria” (PREFEITURA DE SÃO PEDRO, 2013, não paginado); *LIBERTAS QUAE SERA TAMEN* (tradicionalmente traduzida como: Liberdade ainda que tardia) na

bandeira dos inconfidentes do século XVIII e atualmente na bandeira de Minas Gerais; *RECTE REMPUBLICAM GERERE* (Gerir a coisa pública com retidão) na bandeira do Estado do Rio de Janeiro; *FORTITUDINE* (Com força, Com coragem, ou simplesmente: Fortaleza), no brasão de Fortaleza-CE; *PRO BRASILIA FIANT EXIMIA* (Pelo Brasil façam-se grandes coisas) no brasão de armas do Estado de São Paulo; *PATRIAM FECI MAGNAM* (Tornei a pátria grande) no brasão do município de Santana de Parnaíba-SP.



Figura 16 – Divisa política no brasão do município de Santana de Parnaíba-SP.
Fonte: <<http://www.santanadeparnaiba.sp.gov.br/>>. Acesso em: 04 jul. 2013.

A *divisa institucional* é um gênero que pertence também à esfera institucional, porém, no mais das vezes, ocorre gravado em brasões e fachadas de prédios de instituições (governamentais ou não governamentais) culturais, educacionais e militares, bem como de agremiações literárias, artístico-culturais e de trabalhadores. Vejamos alguns exemplos: *LUMINA SPARGERE* (Espargir as luzes) no brasão da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG); *SCIENTIA VINCES* (Vencerás pela Ciência) no brasão da USP, Universidade de São Paulo; *SAPIENTIA AEDIFICAT* (A sabedoria constrói) no brasão da UFPB, Universidade Federal da Paraíba; *EDISCERE, SCIRE, AGERE, VINCERE* (cuja tradução mais usada para o português é: Aprender, saber, agir, vencer, mas que podemos entender também como: Aprenda, saiba, aja, vença) no brasão da Universidade Federal de Viçosa (MG); *SUPRA OMNES LUX LUCES*²⁹ (Acima de todos brilha a luz) no brasão da Universidade Federal de

²⁹ A nosso ver, houve aqui um *lapsus linguae*: grafaram *lucet* em vez de *lucet*.

Campina Grande (PB); *AD IMMORTALITATEM* (Rumo à imortalidade), no brasão da Academia Brasileira de Letras; *VIGILANTIS SEMPER* (Sempre [atitude de] vigilante), no brasão da Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Norte.

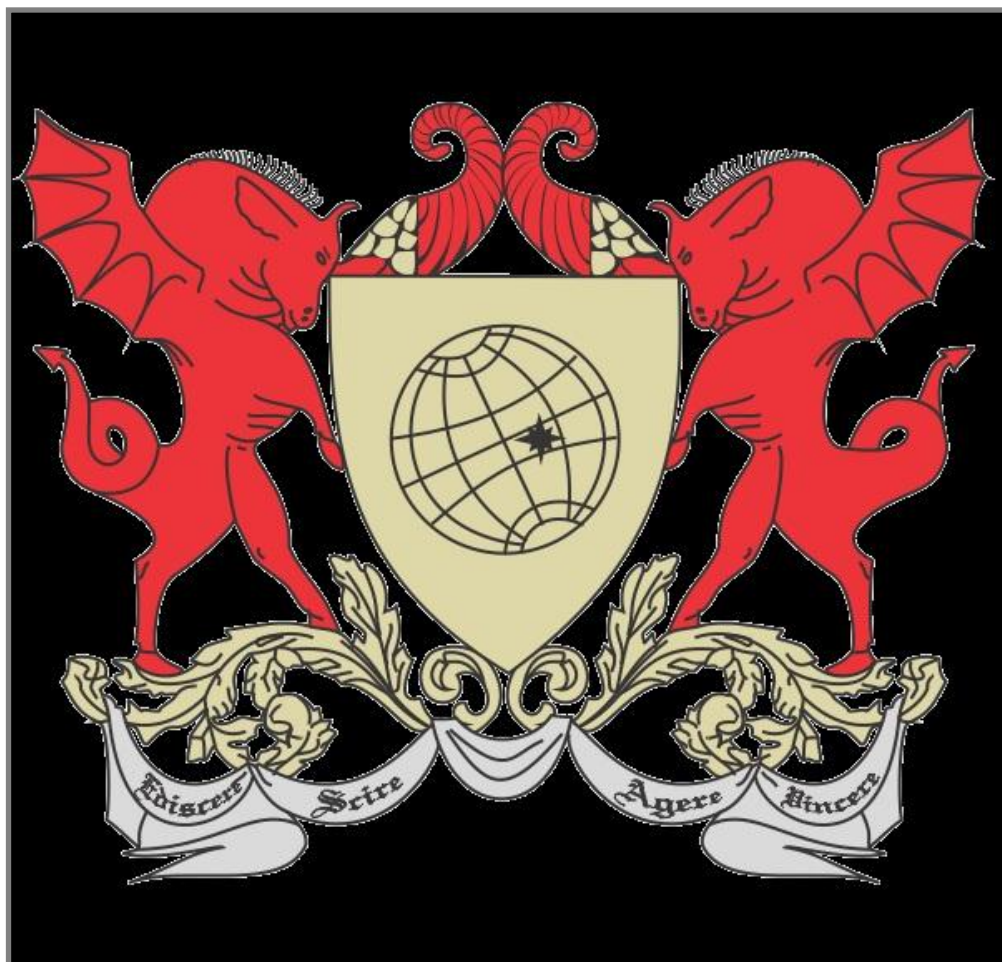


Figura 17 – Divisa institucional no brasão da Universidade Federal de Viçosa (MG).
Fonte: <<http://www.ufv.br/>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

É um gênero que tem entre suas características específicas a função enunciativa de divulgar uma missão, pendor ou filiação de uma agremiação ou instituição (um instituto cultural ou uma universidade, por exemplo); a atividade arquitetônica autoral de seus enunciados, comumente, é marcada por uma forma de interlocução em que a ênfase recai sobre a standardização de uma ideia, preceito ou valores socioculturais, com tema, estilo e composição que se combinam formando uma unidade de sentido que normalmente possui um caráter quase áulico.

3.2.4 Gêneros de legenda

Legenda, em latim, é o gerundivo neutro plural do verbo *legere* (ler) e pode ser traduzido para o português por: O que há de ser lido, ou por: Coisas que devem ser lidas. Dessa forma, em português, se considerarmos o termo em sentido etimológico, legenda diz respeito a tudo que é escrito ou gravado, posto que existe para ser lido, entretanto estamos usando esta palavra para designar o gênero discursivo que apresenta a característica geral de ocorrer gravado em moeda, medalha, cédula, quadro e santinho.

Pelas características específicas dos enunciados que encontramos, consideramos que há dois tipos distintos de legenda; um pertencente à esfera institucional e o outro, à religiosa. Consideremo-los.

A *legenda institucional* é um gênero (como indicado, da esfera institucional) ligado a uma tradição que vem desde a Roma antiga, quando era usado, por exemplo, para divulgar os títulos de imperadores, como vemos nesta moeda com a efígie do imperador Trajano: *IMP TRAIANO AVG GER DAC PM TRP COS VI PP*, que significa: *IMP* (*Imperator*: Imperador) *TRAIANO* (Trajano) *AVG* (*Augustus*: Augusto) *GER* (*Germanicus*: Germânico / Vencedor dos germanos) *DAC* (*Dacicus*: Dácico / Vencedor dos dácios) *PM* (*Pontifex maximus*: Sumo pontífice) *TRP* (*Tribunicia potestas*: Poder tribunício) *COS VI* (*Consuli VI*: Cônsul pela sexta vez) *PP* (*Pater patriae*: Pai da pátria), ou seja, Imperador Trajano Augusto Germânico Dácico, sumo pontífice, poder tribunício, cônsul pela sexta vez e pai da pátria.



Figura 18 – Legenda institucional em moeda do tempo do imperador Trajano.

Fonte: <<http://www.coinarchives.com/a/results.php?search=trajano&s=0&results=100>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

Durante a Idade Média e mesmo em tempos mais recentes, encontramos vários exemplos de uso da legenda institucional, um gênero que possui entre suas características específicas a função enunciativa de fazer circular certos princípios filosóficos ou valores sociopolíticos, tais como os do monetarismo, entre um grande número de interlocutores. No Brasil durante a Colônia, Reino-Unido e Império, por exemplo, circularam várias moedas com legendas em latim, tais como estas: *AES USIBUS APTIUS AURO* (O bronze para o uso é mais próprio que o ouro), *IN HOC SIGNO VINCES* (Com este sinal vencerás), *MODERATO SPLENDEAT USU* (Brilharás pelo uso moderado), *SUB Q. SIGN. NATA STAB.* (Sob este sinal nasceu e permanecerá), *PECUNIA TOTUM CIRCUMIT ORBEM* (O dinheiro circula por todo o mundo), conforme Gosling ([200-], p. 9).



Figura 19 – Legenda institucional em moeda portuguesa do século XVIII.

Fonte: <http://coinquest.com/cgi-bin/cq/coins?main_coin=12210>. Acesso em: 19 dez. 2012.

Em nossa pesquisa, não encontramos inscrições em latim como forma textual do gênero legenda institucional em moedas e cédulas do Brasil, do século XX até o presente, apesar de não descartamos a possibilidade de isso ter ocorrido com pouca circulação e em algumas instâncias restritas.

A *legenda religiosa* é um gênero com longa tradição dentro da esfera religiosa. Sua característica específica mais marcante é a função enunciativa de propagar orações e valores cristãos para um número elevado de interlocutores. As inscrições em latim *CRAS* (Amanhã) e *HODIE* (Hoje) que encontramos na medalha, no quadro ou no santinho de Santo

Expedito pertencem a esse gênero; porém, um dos exemplos mais conhecidos de *legenda religiosa* com forma textual de inscrição em latim encontramos na medalha de São Bento. Quase todas em forma de abreviaturas, as inscrições que nessa medalha se encontram são orações escritas de forma enigmática, sobretudo para a pluralidade das pessoas.



Figura 20 – Medalha de São Bento (anverso e reverso).

Fonte: <http://www.conchiglia.us/portugal/pt_extra/pt_croce_san_benedetto.htm>. Acesso em: 04 dez. 2012.

Ao redor do anverso da medalha, está escrito: *EIVS IN OBIV NRO³⁰ PRAESENTIA MVNIAMVR* (Sejamos protegidos pela sua presença na hora de nossa morte). E no centro: *CRUX S³¹ PATRIS BENEDICTI* (Cruz do Santo Pai Bento). No reverso da medalha, em cima, está escrito: *PAX* (Paz); no centro, as letras: *C S P B³²*; na vertical da cruz estão gravadas as letras: *C S S M L*, significando *CRUX SACRA SIT MIHI LUX* (A cruz sagrada seja minha luz); na horizontal da cruz, as iniciais *N D S M D*, abreviatura de *NON DRACO SIT MIHI DUX* (Não seja o dragão [demônio] meu guia). Ainda no reverso, em redor: as iniciais *V R S N S M V*, que significam *VADE RETRO SATANA NUNQUAM SUADE MIHI VANA* (Retira-te, satanás, nunca me aconselhes coisas vãs); e depois: *S M Q L I V B*, iniciais de *SUNT MALA QUAE LIBAS IPSE VENENA BIBAS* (É mau o que me ofereces, bebas tu mesmo os teus venenos).

³⁰ Abreviatura de *nostro*.

³¹ Abreviatura de *sancti*.

³² Abreviatura daquela mesma inscrição do centro do anverso: *CRUX SANCTI PATRIS BENEDICTI*.

É muito comum tais inscrições em latim dos gêneros de legenda aparecerem em estudos de numismática. Desconhecemos algum estudo em perspectiva discursiva sobre esses gêneros.

3.3 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES PRÉ-ANALÍTICAS

Nessa nossa pesquisa, em que pensamos sobre a relevância de o latim ser estudado discursivamente, nosso interesse volta-se ao caráter enunciativo da construção de sentido, a qual abordamos em perspectiva dialógica. O dialogismo, a propósito, apresenta-se como uma alternativa teórico-metodológica a oferecer os meios pelos quais não apenas falamos de ou sobre enunciados concretos, mas, sobretudo – adotando um dos principais procedimentos para as Ciências Humanas desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin –, dialogamos com eles, neste sentido:

A compreensão dos enunciados integrais e das relações dialógicas entre eles é de índole inevitavelmente dialógica (inclusive a compreensão do pesquisador de ciências humanas); o entendedor (inclusive o pesquisador) se torna participante do diálogo ainda que seja em um nível especial (em função da tendência da interpretação e da pesquisa). (BAKHTIN, 2011d, p. 332).

Posto que cada pesquisador das Ciências Humanas é também um entendedor e, portanto, um participante das relações dialógicas que envolvem os enunciados, objetos de sua pesquisa, ele sempre está em uma posição exotópica, dialógica, responsiva e interativa com um texto de um enunciado e, através deste, com o(s) sujeito(s) aí envolvido(s).

Ao elaborarmos uma proposta dialógica a ser usada em pesquisa na área das Ciências Humanas, não pensamos em criar meios para esgotar um objeto de investigação, pois, como diz o próprio Bakhtin (2011h, p. 395, grifo do autor): “o objeto das ciências humanas é o ser *expressivo* e *falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado”.

Dessa forma, o que pretendemos é que nosso olhar sobre as inscrições em latim seja um outro olhar e não o único olhar possível. Nossas atenções estão voltadas para os aspectos mutáveis do sentido, este que é sempre percebido como construção, conscientes, nós, de que “não se pode mudar o aspecto efetivamente *material* do passado, no entanto o aspecto de sentido, o aspecto expressivo, falante pode ser modificado, porquanto é inacabável e não coincide consigo mesmo (ou é livre)” (BAKHTIN, 2011h, p. 396, grifo do autor).

Além disso, entendemos que “a compreensão da realidade realiza-se com a ajuda da palavra efetiva, palavra-enunciado. As formas determinadas da realidade da palavra estão ligadas a certas formas da realidade que a palavra ajuda a compreender” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 197), de modo que esse estudo sobre a construção de sentido de enunciados concretos não deixa de ser um estudo da realidade de que fazem parte tais enunciados.

E quando pensamos nos procedimentos de análise de dados em uma pesquisa na área das Ciências Humanas, procuramos não perder de vista um detalhe importante acerca da aplicação de conceitos à análise de *corpora*, conforme orientação de Brait (2003, p. 27):

O maior ensinamento de Bakhtin, ou seja, uma atitude diante da linguagem que consiste não na aplicação de conceitos pré-estabelecidos a um *corpus* imobilizado pelas lúpas do analista, mas numa atitude dialógica que permite que os conceitos sejam extraídos do *corpus*, a partir de um constante diálogo entre a postura teórico-metodológica e a dinâmica das atividades, da linguagem e da rica parceria por elas estabelecida.

A nossa proposta, portanto, não visa dar conta *da* análise de inscrições em latim, mas propor diretrizes para *uma* análise, pois a própria investigação (a pesquisa dialógica) é uma forma de interação de um sujeito (o pesquisador) com o seu objeto de pesquisa: o enunciado de outro(s) sujeito(s) situado(s). As considerações advindas de tal perspectiva analítica terão sempre um caráter de evento, inconcluso e aberto, pois, como destaca Sobral (2009a, p. 19), “nenhuma análise (ou modelo de análise) esgota seu objeto e [...] um mesmo objeto pode ser analisado, mesmo a partir dos mesmos instrumentos, de mais de uma maneira”. Se isso vale para todas as ciências, no caso das Ciências Humanas, vale sobremaneira.

Por isso, não perdemos de vista que “o ‘método’ do Círculo de Bakhtin consiste não em ‘aplicar’ teorias a fenômenos, mas abordar fenômenos mediante uma dada concepção teórica, e, respeitando os termos desses fenômenos, constituí-los em objetos a ser analisados” (SOBRAL, 2009a, p. 136). Então, considerando enunciados que pertencem a gêneros do discurso que se textualizam na forma de inscrição em latim, não nos limitaremos a analisar apenas as suas características predominantes de tema, composição e estilo, mas também suas funções enunciativas e os projetos enunciativos dos sujeitos locutores, o que envolve a consideração das relações dialógicas (com outras semioses, com discursos congêneres, com a história, a sociedade, a cultura e a ideologia de sujeitos situados) que atravessam sua produção, circulação e recepção.

Nesse sentido, nossa proposta de abordagem de inscrições em latim visa a favorecer uma perspectiva de estudo voltada para o caráter enunciativo da construção de sentido, em que os textos (no caso específico da nossa pesquisa: as inscrições em latim) serão tratados como materialidades de enunciados concretos que pertencem a determinados gêneros do discurso, os quais devem ser considerados em sua relação estreita com as esferas de produção, circulação e recepção dos discursos.

Destaquemos ainda que, entendida a inscrição como uma forma em que se textualiza um gênero do discurso, diante do texto, é preciso, conforme Sobral (2006, p. 254):

Situá-lo numa dada esfera de atividades, com suas fixações e oscilações, para então abordá-lo, dado que o texto só faz sentido, mesmo do ponto de vista linguístico estrito (e no tocante a isso as modernas teorias da referenciação também me parecem vir em meu favor), quando considerado em sua inserção discursivo-genérica, base das próprias escolhas lexicais. Porque se as formas da língua são o objeto da etapa final, e não o ponto de partida, de uma análise bakhtiniana (e só tenho formas da língua em atuações verbais, porque “em estado de dicionário” há apenas inventários), *mutatis mutandis* o texto como materialidade é o objeto que me dá acesso ao discurso e ao gênero, mas é a etapa final da análise: só depois de situá-lo num gênero e numa discursividade posso entender os sentidos que propõe!

Com essa compreensão, podemos agora detalhar que, em nossa proposta, em termos dialógicos, o estudo analítico de um texto faz-se à semelhança de um mergulho na arquitetura da enunciação, conforme os parâmetros que adaptamos – como já registramos anteriormente – a partir de Sobral (2009b, p. 90), assim: constituído o *corpus* (faz-se uma contextualização), parte-se do texto (procede-se a uma descrição), chega-se à discursividade e ao gênero (realiza-se uma análise das especificidades), para depois voltar ao texto (e empreende-se uma interpretação).

No caso específico do estudo que realizaremos com as inscrições em latim do Cariri cearense, a etapa da contextualização do *corpus* contemplará dados geográficos, históricos, ideológicos e socioculturais fundamentais à realização das etapas seguintes: descrição, análise e interpretação.

A etapa da descrição conterá:

- uma imagem da inscrição obtida por meio de fotografia;
- a transcrição verbal da inscrição;
- a identificação do gênero do discurso a que pertence o enunciado com forma textual de inscrição em latim;
- a identificação da esfera em que se situa o gênero;

- dados sobre a data da gravação da inscrição (no monumento, na estátua etc.);
- informações sobre o local onde está localizada a inscrição, bem como sobre os sujeitos locutores e interlocutores (envolvidos na enunciação).

A etapa analítica voltar-se-á aos aspectos da enunciação, ou seja, considerará o processo de construção de sentido do enunciado, levando em conta o locutor e seu projeto enunciativo, que o orienta (fundamentado na relação com os outros participantes da comunicação discursiva e com as especificidades da esfera de atividade) na escolha de um gênero, que se realiza em discurso (discursividade), que, por sua vez, materializa-se em um texto (textualidade ou forma textual/de textualização). Esta é a etapa em que, diante do enunciado, fazemos perguntas tais como:

- Quem é o locutor?
- Quem são seus destinatários/interlocutores?
- Observados os aspectos do contexto extraverbal da enunciação, considerado o tema, a composição, o estilo, a função e outras especificidades do gênero em relação à esfera e à discursividade em que ele se realiza, que elementos do enunciado (tais como o uso de certas palavras da língua latina na textualização, por exemplo) nos orientam para a compreensão do projeto enunciativo do locutor?
- Que relações dialógicas podem ser compreendidas como pretendidas pelo locutor em seu projeto enunciativo (de produção de totalidades de sentido)?

Na etapa da interpretação, entendemos que a ênfase deva recair sobre uma compreensão dialógica de aspectos da história, cultura e pontos de vista semântico-axiológicos da(s) sociedade(s) (ou de certos grupos socioculturais) participantes do processo de construção de sentido e materializados nos textos dos enunciados concretos, os quais devem ser considerados necessariamente na perspectiva arquitetônica da enunciação.

No caso específico do nosso estudo, pensando em dar a ele um viés de estudo cultural, optamos por seguir o modelo do estudo de Bakhtin (2010c) sobre a cultura popular na Idade Média e no Renascimento e direcionamos as interpretações para aspectos socioculturais, históricos e ideológicos constitutivos do mundo ocidental presentes no microcosmo do Cariri cearense e que participam do processo de construção de sentido dos enunciados com forma textual de inscrição em latim desta região.

4 AS INSCRIÇÕES EM LATIM DO CARIRI CEARENSE EM UMA ABORDAGEM DIALÓGICA

A atividade mais específica e mais importante da crítica e do investigador em ciências humanas: é a interpretação como diálogo.

Tzvetan Todorov (1984 apud DOSSE, 2007b, p. 548).

Neste estudo das inscrições em latim do Cariri cearense por uma abordagem dialógica, os enunciados não são vistos como produtos estilísticos individuais, conforme o pensamento do subjetivismo idealista – como se um indivíduo fosse senhor adâmico de todo o sentido – nem com a finalidade de lhes perscrutar estruturas da língua-sistema, ao modo das teorias próprias do objetivismo abstrato. O que fazemos é interagir com sujeitos em cujos enunciados ecoam vozes sociais, fugindo à tentação de enxergar partes como o todo, mas sim tentando “apreender os objetos em sua totalidade” (FARACO, 1988, p. 27), por exemplo, considerando a linguagem viva com seu plurilinguismo dialogizado (não regras abstratas da gramática de uma língua ou uma fala individual e monológica) e observando as relações dialógicas próprias dos enunciados concretos, para não considerar as inscrições em latim como meras palavras estrangeiras crípticas a serem apenas traduzidas descontextualizadamente.

O que faremos, portanto, analisando as inscrições em latim do Cariri cearense sob a perspectiva dos gêneros do discurso, não é o estabelecimento da exata acepção de palavras; não é a decifração do que exatamente queriam dizer os sujeitos locutores. O nosso trabalho aqui não é hermenêutica, nem é teleologia. Não diremos, pois, que um sujeito quis dizer definitivamente isso ou aquilo outro; primeiro porque essa tarefa é inatingível (pensando aqui na ingênua tarefa de se buscar na mente isolada humana de um sujeito empírico o sentido dos seus enunciados) e, segundo, porque, ao fazermos análises de enunciados concretos, o sentido é sempre visto como uma construção enunciativa, o que envolve, além da consideração dos elementos linguísticos, os componentes da enunciação, isto é, palavras e estruturas frasais, mas também elementos contextuais: o lugar, o tempo, os sujeitos interlocutores, os componentes socioideológicos e histórico-culturais e as vozes próximas e distantes, constituintes da linguagem viva.

Eis, portanto, o espírito com que iniciamos este capítulo que dividimos em três seções: uma em que apresentamos anotações contextuais do Cariri cearense; uma em que descrevemos e, em seguida, analisamos enunciativamente as inscrições em latim encontradas

nessa região; e outra em que elas serão interpretadas conjuntamente, principalmente, quanto aos seus usos dentro da unidade da cultura oficial no contexto do Cariri cearense.

4.1 NOTAS SOBRE O CONTEXTO DO ESTUDO: O CARIRI CEARENSE

Para investigarmos os enunciados com forma textual de inscrição em latim inseridos no contexto socioideológico, histórico e cultural do Cariri cearense, são necessárias algumas notas, inclusive geográficas, sobre tal contexto.

A mesorregião do Sul Cearense é composta por 25 municípios que se dividem em cinco microrregiões: Barro (composta pelos municípios de Aurora, Barro e Mauriti), Brejo Santo (composta pelos municípios de Abaiara, Brejo Santo, Jati, Milagres e Penaforte), Cariri (composta pelos municípios de Barbalha, Crato, Jardim, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda, Porteiras e Santana do Cariri), Caririaçu (composta pelos municípios de Altaneira, Caririaçu, Farias Brito e Granjeiro) e Chapada do Araripe (composta pelos municípios de Araripe, Assaré, Campos Sales, Potengi e Salitre).

Da conurbação entre os municípios de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, foi criada a região metropolitana do Cariri³³, pela Lei Complementar Estadual nº 78, sancionada em 29 de junho de 2009. Além desses três municípios citados, pertencem a esta região mais seis cidades limítrofes: Caririaçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri.



Figura 21 – Mapa do Ceará com a localização da região metropolitana do Cariri.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_do_Cariri>. Acesso em: 11 set. 2013.

³³ Usamos para esta região a denominação de Cariri cearense para distingui-la de outra região da Paraíba também chamada Cariri.

Nossa pesquisa restringir-se-á a esta região metropolitana do Cariri cearense, por serem Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha as cidades que mais possuem inscrições em latim como parte de sua paisagem discursiva (socioideológica, histórica e cultural) urbana³⁴. Apresentamos a seguir algumas datas e alguns dados da formação dessas cidades.

Crato, a princípio, foi um aldeamento, depois uma freguesia denominada Missão do Miranda, fundada, nos primeiros anos do século XVIII, por frei Carlos Maria de Ferrara e administrada pelos frades missionários da Ordem dos Capuchinhos que partiram do Convento da Penha em Recife e, em 1762, criaram nesta localidade a Paróquia de Nossa Senhora da Penha; foi elevada à condição de vila em 1763 com o nome de Vila Real de Crato; pela provisão de 06 de janeiro de 1768 e ato de 18 de março de 1842, passou a distrito; em 17 de outubro de 1853, elevou-se à condição de cidade, pela lei provincial n° 628. Atualmente possui uma população de 121.428 habitantes e uma densidade demográfica de 104,87 hab/Km², conforme dados do censo 2010 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA..., 2013, não paginado).

Juazeiro do Norte chamava-se *Tabuleiro Grande* e ainda era um povoado pertencente ao Crato, quando em 1827, foi erguida sua primeira capela, por obra do padre Pedro Ribeiro de Carvalho; passou a distrito, pelo ato de 30 de julho de 1858, com a denominação de Núcleo de *Joazeiro*; em 1872, chegou a esse distrito o Padre Cícero Romão Batista; em 02 de julho de 1911, pela lei estadual n° 1028, foi elevado à categoria de vila desmembrada do Crato; em 23 de julho de 1914, pela lei estadual n° 1178, foi então a vila elevada à condição de cidade³⁵, sendo seu primeiro prefeito o Padre Cícero. Atualmente é a cidade mais desenvolvida da região, possuindo uma população de 249.939 habitantes e uma densidade demográfica de 1.006,91 hab/Km², segundo dados do censo 2010 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA..., 2013, não paginado).

Barbalha era um pequeno arraial que teve início por volta de 1790; foi elevado à condição de freguesia pela Lei Provincial número 130, de 30 de agosto de 1838; pela lei provincial n° 374, de 30 de agosto de 1846, passou à condição de vila, separando-se do Crato; elevou-se à condição de cidade pela lei provincial n° 1740, de 30 de agosto de 1876. Atualmente sua população é de 55.323 habitantes e uma densidade demográfica de 92,31

³⁴ Nas outras cidades circunvizinhas, inscrições em latim são raras. Em algumas destas cidades não encontramos nenhuma inscrição em latim; noutras, encontramos uma apenas.

³⁵ Conforme lemos em Cava (2014, p. 205-214), Juazeiro conquistou sua autonomia política em 22 de julho de 1911, quando, pela lei estadual n° 1028, a Assembleia Legislativa do Estado lhe concedeu o estatuto cidadão, sendo o município juazeirense inaugurado em 4 de outubro daquele mesmo ano.

hab/Km², pelos dados do censo 2010 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA..., 2013, não paginado).

Passemos agora a fazer alguns apontamentos, principalmente históricos, sobre o Cariri cearense como um todo.

O Cariri, mesmo nome da tribo indígena que predominava nesta região antes da chegada dos europeus, localiza-se junto à Chapada do Araripe, rico planalto composto de flora que apresenta traços de mata atlântica, cerrado e caatinga, onde são encontradas fontes perenes de água, fauna diversificada, além de sítios paleontológicos e arqueológicos. A região parece ter sido uma espécie de oásis no meio do sertão nordestino que atrai o homem desde tempos remotos, como demonstram as inscrições rupestres encontradas em alguns sítios arqueológicos do Cariri que representam, segundo Limaverde (2007, p. 10), “o produto de grupos sociais distintos que teriam alcançado o Araripe em busca de um refúgio ambiental para suas sobrevivências, em tempos cronológicos diversificados, provavelmente durante as várias flutuações climáticas no Pleistoceno Final ou início do Holoceno”.

A história da colonização desta região³⁶ não difere daquela da maioria das regiões brasileiras, no sentido de que os colonizadores eliminavam indígenas e aculturavam sobreviventes (com a cultura de origem europeia se sobrepondo à cultura autóctone)³⁷, sob o argumento da catequização como promessa de progresso e de civilização.

Destaquemos alguns aspectos da história do Cariri que justificam esse nosso ponto de vista. Sobre a maneira como os índios foram eliminados, aculturados e catequizados, vejamos estas passagens³⁸:

O fato mais sensacional e mais injusto que ocorreu em Crato, no último quartel do século XVIII, foi a expulsão dos indígenas, espoliados de suas terras doadas pelo capitão-mor Álvares de Matos e sua esposa. [...] Entretanto, vimos que sua [dos indígenas] capacidade de adaptação à civilização que lhes trouxe o dedicado amigo e evangelizador – Frei Carlos Maria de Ferrara, foi tamanha, que um deles – José Amorim, foi escolhido como juiz ordinário da Vila do Crato, recém-criada, ao lado do branco – capitão Francisco Gomes de Melo. (FIGUEIREDO FILHO, 2010a, p. 38-39).

Ainda segundo Figueiredo Filho (2010a, p. 18, grifo nosso):

³⁶ “As primeiras sesmarias no Cariri datam dos anos de 1702 e 1703. A verdade é que tais sesmarias foram concedidas pelo motivo lógico das terras do vale já serem conhecidas por alguém que as tenha percorrido ou mesmo se fixado, isoladamente, em fins do século anterior” (FIGUEIREDO FILHO, 2010a, p. 19).

³⁷ Cf. FIGUEIREDO FILHO, 2010a, p. 50.

³⁸ Passagens transcritas *ipsis litteris*.

foram outros audazes missionários que levaram a semente da fé aos selvícolas, constituindo-se nos seus principais aldeadores e maiores elementos de *progresso*. [...] A Catequese igualmente nos veio das mesmas bandas [do rio São Francisco], principalmente de Pernambuco, com seus denodados capuchinhos *civilizadores pelo evangelho*.

Grifamos os termos referentes ao progresso e à civilização para destacar quais as ideias que, naqueles tempos do século XVIII, eram associadas à catequização pelos missionários.

É deste período – mais precisamente datada de 1745 – a inscrição em latim do Cariri cearense mais antiga de que temos notícia. Trata-se de um enunciado pertencente ao gênero *epígrafe nuncupatória* que foi gravado em uma pedra que ficava embutida na parede externa do fundo da então capela Nossa Senhora da Penha, na aldeia Missão do Miranda (hoje Catedral de Nossa Senhora da Penha, na cidade do Crato), cuja transcrição, reproduzida de Bezerra (2009, p. 117), é a que se segue:

*Uni Deo et Trino
Deiparae Virgini
Vulgo – da Penha
S Fidelis mission.^o S.P.N. Fran.^{ci} Capuccinor.^m
Protomartyri de Propaganda Fide
Sacellum hoc
Zelo, humilitate labore
D. D.
Sup. ejusdem Sanct.ⁱ Consocj F. F.
Kalendis January
Anno Salutis MDCCXLV.³⁹*

Uma possível tradução dessa inscrição é a seguinte: Ao Deus uno (único) e trino, à virgem mãe de Deus, vulgo da Penha, e a São Fidelis de Sigmaringa⁴⁰, missionário de Nosso Santo Pai⁴¹ Francisco da ordem dos capuchinhos, protomártir da propagação da fé, por seu zelo⁴², humildade e trabalho, dedicam esta capela: o superior da mesma (da capela) e os companheiros do santo (freis franciscanos), em primeiro de janeiro (do ano da salvação) de 1745.

Para melhor compreensão da atuação dos missionários franciscanos daquela época no interior do Brasil, recorramos às explicações de um capuchinho dos dias de hoje:

³⁹ A pedra com esta inscrição em latim encontra-se há muito tempo desaparecida e dela não há nenhum registro fotográfico.

⁴⁰ São Fidelis de Sigmaringa é co-padroeiro da cidade do Crato (oficialização em processo).

⁴¹ Agradecemos ao Frei Hermínio Bezerra de Oliveira os esclarecimentos dados sobre a abreviatura S.P.N.

⁴² Entendamos como zelo apostólico.

Os capuchinhos eram enviados ao Brasil pela Congregação da Propaganda da Fé, fundada pelo papa Gregório XV (1621-1623), mediante a bula *Inscrutabili* (22.06.1622). Teve ela como proto-mártir o capuchinho São Fidélis de Sigmaringa. Visava a famosa instituição católica desatrelar a ação missionária da Igreja da tutela estatal do Padroado régio. Por isso os capuchinhos designavam-se “missionários apostólicos”, diferentes dos missionários enviados pelos reis. A atuação da Propaganda livrara o missionário da ingerência governamental sobre a ação pastoral. Deixava ele de ser súdito do rei em matéria religiosa. (SOARES DA SILVA, 2003, p. 04).

Não é de se estranhar que a primeira inscrição em latim (que conhecemos) do Cariri cearense textualizasse um gênero discursivo pertencente à esfera religiosa. Naqueles tempos do século XVIII, a Igreja Católica era a instituição mais representativa da cultura que se impunha hegemonicamente em seus intentos de trazer o progresso e a civilização para a região. Sua língua oficial era (e ainda é) o latim, que, inclusive, era ensinada aos indígenas durante as aulas de catequização.

Uma epígrafe com a forma de inscrição em latim como aquela simbolizava a distinção da cultura que se impunha (oficialmente) como superior (inclusive linguisticamente) sobre a cultura autóctone, como que, do alto da parede da capela no centro de um pequeno aldeamento, anunciando qual era o grupo social que se fazia detentor da autoridade e do poder local.

Neste período da história do Brasil, em geral, e do Cariri cearense, em particular, eram a Igreja Católica e o Governo Imperial as instituições que primeiro estabeleciam seus marcos de identificação do poder que se fazia superior no meio dos pequenos povoados ou aldeamentos onde conviviam índios civilizados, negros escravos, pardos e brancos proprietários de terras e criadores de gado.

Um dos marcos do poder político na construção da organização social da região ocorreu em 1816, quando o Ceará foi dividido em duas comarcas: a comarca do Ceará-grande, cuja cabeça era a vila de Fortaleza, e a comarca do Crato, cuja cabeça era a Vila Real do Crato, onde, no início do século XIX, por exemplo, a Coroa Portuguesa edificou uma prisão e construiu um pelourinho⁴³, “sorte de escandalo que atesta por toda parte a passagem dos portugueses” [sic] (BRÍGIDO, 2007, p. 47) e símbolo do poder autoritário do governo imperial.

⁴³ Pelourinho do qual não há mais nenhum vestígio material.

Nessas terras do Cariri cearense, há relatos até mesmo de cunho lendário sobre a presença de homens negros desde as primeiras incursões exploradoras; e também houve exploração de mão-de-obra escrava nessa região, mas o número de escravos não era grande. Conforme Alves (2008, p. 2):

A escravidão negra esteve presente na vida social e econômica do nosso país por mais de três séculos, tornando-se esta pedra angular do sistema produtivo. O Ceará não se excluiu dessa característica que o Brasil apresentava desde o período Colonial. Contudo, vale ressaltar que de acordo com os estudos já realizados, esta província ficou conhecida por apresentar um número pequeno de escravos se comparada aos demais lugares do país. Na cidade do Crato a realidade não era diferente do restante da província cearense. Havia um número relativamente baixo de escravos, que eram usados em diversas atividades, nos engenhos existentes na região destinados a produção de rapadura e inclusive nos serviços domésticos.

Como acontecia no resto do país, no Cariri cearense do século XIX, os brancos dominavam as organizações sociais compondo a elite, enquanto os negros eram discriminados e ocupavam as funções menos prestigiadas socialmente e, conseqüentemente, menos remuneradas. No Ceará, há relatos de exclusão até mesmo religiosa dos negros, que eram impedidos de participarem de certas irmandades católicas (PINHEIRO, 2010b, p. 240). A elite branca, que protagonizava os fatos heroicos da época, pouco a pouco ia dando continuidade ao seu trabalho de moldar as feições culturais e ideológicas do lugar com seus ideais de progresso e civilização, agora acrescidos de sopros libertários, iluministas e republicanos.

Um fato dessa elite que se notabilizou foi a participação de Dona Bárbara de Alencar e de seus filhos no movimento libertador de Pernambuco em 1817.

No dia 3 de maio de 1817, José Martiniano de Alencar, pai do escritor José de Alencar, declarou independência, proclamou a República de Crato e derrubou o pelourinho da vila, que ficava no Quadro da Matriz de Crato (como se chamava antes a atual Praça da Sé). Mas não demorou muito para que as forças da contrarrevolução agissem:

Oito dias depois, em 11 de Maio, ainda no Quadro da Matriz, em frente da Cadeia Pública, foram presos pelas forças contra-revolucionárias os irmãos José Martiniano de Alencar, Tristão Gonçalves Pereira de Alencar que depois mudou o nome para Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, e Padre Carlos José dos Santos, filhos de Dona Bárbara Pereira de Alencar, adeptos do movimento rebelião pernambucano⁴⁴. (PINHEIRO, 2010b, p. 257).

⁴⁴ *Ipsis litteris*.

Este episódio histórico, bem como a adesão de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe à Confederação do Equador, o movimento revolucionário, autonomista e republicano que eclodiu em Pernambuco em 1824, e a participação de cratenses na Guerra do Paraguai, iam contribuindo para dar ares de grandeza e heroísmo à elite social do Crato do século XIX.

Vários são os fatos históricos desse período oitocentista, quando o Crato era a principal cidade da região, preservados na memória oficial do Cariri cearense pela elite hegemônica que são lembrados como célebres pela população caririense. Muitos desses fatos se referem à atuação da elite política e eclesiástica por manterem-se no domínio do controle social, ideológico, cultural e espiritual da região como um todo, que são mais sutis do que a simples listagem das rádios, teatros, cinemas, círculos literários, bibliotecas etc. criados por essa elite. Anotemos, porém, alguns deles.

Entre os anos de 1855 e 1864, circulou no Cariri o primeiro jornal do interior do Ceará: o semanário *O Araripe*. Editado em Crato, seu proprietário e redator era o historiador e jornalista João Brígido dos Santos, que era também político ligado ao Partido Liberal. Segundo Alves (2010, p. 18):

O desenvolvimento da imprensa local representado pelo *O Araripe* promoveu mudanças para a cidade e para a sua população através da introdução de discursos liberais e progressistas, posturas e disciplinas que procuravam induzir os habitantes cratenses a construir uma sociedade civilizada, alinhada conforme os moldes das principais cidades brasileiras, servindo estas como “modelo” de lugares civilizados.

Várias matérias desse semanário defendiam a criação da Província dos Cariris Novos, cuja capital seria o Crato, um sonho que se cogitava desde 1828, mas que não se realizou (PINHEIRO, 2010a, p. 90).

As secas constantes, a miséria e distância das metrópoles contribuía mais ainda para aumentar o sofrimento e a sensação de abandono das pessoas mais pobres dos sertões. Nesse contexto, surgiram muitos missionários e beatos dispostos a amenizar a dor dos desvalidos.

Padre Ibiapina (falecido em 1883 e conhecido também como o “Apóstolo do Nordeste”) foi um dos missionários que andaram pelos sertões caririenses levando o seu trabalho de caridade às populações mais sofridas e atraindo para si a desconfiança e oposição das autoridades eclesiásticas dispostas a não perderem o domínio sobre a condução espiritual dos seus fiéis. Um exemplo disso é que:

Desde 1869, o bispo dom Luiz vinha procurando tolher os passos do missionário andarilho, que apesar de suas recorrentes crises de asma não economizava fôlego para continuar peregrinando e arrebatando seguidores junto ao povo do sertão. Dom Luiz chegou a enviar um ofício, datado de 19 de julho de 1871, em que prevenia o pároco do Crato, Manoel Joaquim Aires do Nascimento, contra o trabalho social realizado por Ibiapina e suas casas de caridade, apinhadas de beatos. As tais casas, segundo as palavras oficiais de censura do bispo, agiam “em detrimento da disciplina eclesiástica, da paz e harmonia que devem reinar entre o pastor e o rebanho”. (NETO, 2009, p. 46).

Tamanha foi a coerção do primeiro bispo do Ceará, Dom Luiz, que o Padre Ibiapina se despediu do Cariri em fins de 1872, deixando sob a responsabilidade da Igreja local a direção das casas de caridade fundadas por ele.

Em 1874, eram iniciadas as obras para a construção do Seminário de São José em Crato, o segundo do Ceará, que teria, a princípio, a missão de fornecer os primeiros estudos aos vocacionados que em seguida seguiriam ao seminário da Prainha, em Fortaleza. O próprio bispo, Dom Luiz, acompanhou de perto a construção quando transferiu, em 1875, de Fortaleza para o Crato a sede do bispado por seis meses, período em que por estas terras permaneceu.

Sua presença física nestas terras e também a construção do Seminário no interior do Ceará tinham também o intuito de “civilizar’ o povo e o clero do Cariri”, segundo Neto (2009, p. 52).

Tendo o Cariri já um seminário, faltava-lhe a criação de uma diocese própria. A iniciativa de tal projeto partiu dos religiosos da paróquia de Nossa Senhora da Penha, do Crato, que viam na complicada questão religiosa do Juazeiro e na pouca assistência dos poderes públicos no que se referia à resolução de problemas, sobretudo, educacionais da população local, argumentos para que a diocese do Crato fosse criada com a finalidade também de corroborar o direcionamento da gente caririense em direção à luz.

Vejamos isso nas palavras de um padre desta Diocese que, na contemporaneidade, escreve sobre o contexto da época da sua criação:

Em que pese a ineficiência da tutela dos poderes públicos, omitindo-se por longos anos, na cobertura de seus vários problemas, Crato, a Princesa do Cariri, se fez em Luz, na Terra da Luz, buscando a sua grandeza na educação da sua gente. Traçou o seu itinerário de glória na preocupação do cultivo das letras. Ela bem merecia ser escolhida para sede da nova Diocese. A paróquia de Nossa Senhora da Penha, na cidade do Crato, era a mais importante da populosa região do Cariri. E, naquela época, a mais difícil de ser dirigida, diante da controvertida questão religiosa de Juazeiro. (MONTENEGRO, 1999, p. 69).

De fato, em 1914, foi criada a Diocese do Crato pela bula *Catholicae Ecclesiae*, do Papa Bento XV; e, em 1915, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva era eleito o primeiro bispo. Consolidavam-se assim cada vez mais os intentos da Igreja de estar no comando da conduta dos assuntos religiosos e espirituais (e paralelamente educacionais e culturais) da população local.

A polêmica sobre os fenômenos extraordinários (tidos por muitos como milagres) que começaram a acontecer, a partir de 1889, envolvendo o Padre Cícero, em Juazeiro, é, porém, uma das mais ilustrativas lutas que se travaram nos sertões entre a cultura oficial e a cultura popular. Em fins do século XIX e início do século XX, as elites política e religiosa hegemônicas do Cariri cearense e do Ceará como um todo usaram suas forças contra o fenômeno popular das romarias que se formavam em torno da figura do Padre Cícero, que surgia como uma ameaça ao domínio já estabilizado da cultura oficial.

Para a Diocese e mesmo para Roma, eram inadmissíveis as insubordinações daquele padre que reunia em torno de sua personalidade polêmica uma multidão de devotos, em romarias populares, que desejavam ver e adorar de perto a beata e os panos tingidos com seu sangue e que também buscavam ver atendidas suas súplicas e rogo dirigidos aos céus pela intercessão do *Padim Ciço*, tido pelo povo como santo, o qual teimava em não admitir como sendo mistificação o fenômeno da hóstia que virava sangue na boca da beata Maria de Araújo ou as aparições de Jesus Cristo à humilde beata e a ele próprio, o Padre Cícero.

Arrastaram-se por longos anos os embates entre os bispos do Ceará (Dom Luiz e o seu sucessor, Dom Joaquim, da Diocese de Fortaleza; além de Dom Quintino e Dom Francisco, bispos da Diocese do Crato) de um lado representando o aforismo que dizia: *Roma locuta causa finita*⁴⁵, e o Padre Cícero, de outro lado representando a resistência da religiosidade popular.

Apesar de todos os esforços empreendidos pelo Padre Cícero para que Roma revogasse a suspensão de sua ordem sacerdotal, ele morreu em 1934, aos 90 anos, como um proscrito pela Igreja, que, naqueles tempos, tinha-o como um entrave às determinações de que “os católicos deveriam manter total obediência às ordens e orientações emanadas de Roma” (NETO, 2009, p. 34).

Além do Padre Ibiapina e do Padre Cícero, outro homem ligado às manifestações sociorreligiosas populares sofreria ainda no século XX a repressão imposta pela cúpula da Igreja Católica e pelas forças políticas e econômicas caririenses: o Beato José Lourenço.

⁴⁵ Roma falou, a questão está resolvida.

Conforme resumo de Sousa e Carvalho (2012, p. 34):

No ano de 1926, o beato José Lourenço e os sertanejos que o seguiam são alojados numa grande propriedade de Cícero Romão Batista – o Padre Cícero. A propriedade denominada Caldeirão dos Jesuítas ocupava uma área de 880 hectares nas encostas da Chapada do Araripe. Foi lá num terreno pedregoso, de solo sem nutrientes, em pleno semiárido cearense que o Beato e os fiéis sertanejos deserdados da terra, retomaram o projeto comunitário que iniciaram no final do século 19, no Sítio Baixa Danta, no Crato.

A experiência do Caldeirão⁴⁶, que chegou a contar com mais de mil habitantes liderados pelo Beato José Lourenço, organizava-se em regime de coletividade e isso incomodava as oligarquias latifundiárias caririenses que viam naquela “vivência comunitária fundada na distribuição igualitária dos bens produzidos” (SOUSA; CARVALHO, 2012, p. 76) ideias associadas ao comunismo, portanto como portadora de uma ideologia adversária.

A Igreja Católica via aquele movimento sociorreligioso popular como mais um obstáculo aos seus intentos de manter sob seu domínio as questões religiosas da região, optando, portanto, por sufocá-lo.

Da combinação das forças políticas, militares, oligárquicas e religiosas, que alegavam ser o Caldeirão uma *nova Canudos*, resultou que a comunidade foi invadida e destruída violentamente entre 1936 e 1937, inclusive por ataque aéreo.

Queremos destacar, nestes pontos anotados, que a história do Cariri cearense é marcada pelos esforços da elite sociocultural e intelectual local, fortemente influenciada pela Igreja Católica, por não perder as rédeas do poder e do direcionamento ideológico da população. Mesmo essa elite propalando o discurso de que o Cariri é uma terra de cultura popular forte, de gente religiosa e com histórico de liberdade, a história deste lugar é nitidamente marcada pelas investidas da elite hegemônica contra manifestações populares, sejam religiosas ou políticas, que ameacem fugir do seu controle. Noutras palavras, podemos dizer que a elite hegemônica fortemente influenciada e norteadada pela ideologia da Igreja aceitava que o povo fizesse rezas, procissões, promessas, oferendas e construísse capelas e igrejas contra a seca, peste e fome, mas nunca aceitava insubordinações; é algo mais ou menos como: toda manifestação cultural popular (dos dominados) é bem vista desde que não ameace a ordem estabelecida pela cultura oficial (dos dominadores).

De fato, no século XX, a elite intelecto-cultural formada, em sua maioria, por católicos era, sem dúvida, o grupo social que detinha o poder hegemônico e moldava as

⁴⁶ Também conhecido como Caldeirão de Santa Cruz do Deserto.

feições sociorreligiosas do Cariri cearense. Para citarmos alguns exemplos: em Crato, criou a Diocese, o Banco do Cariri⁴⁷, além de escolas, hospitais e a Faculdade de Filosofia de Crato, que originou a atual Universidade Regional do Cariri; em Juazeiro do Norte, foi a partir da personalidade do Padre Cícero Romão Batista que a cidade se estruturou; Padre Cícero juntou em torno de si vários intelectuais e políticos para criar escolas, construir igrejas, liderar a política local e reunir uma multidão de admiradores e devotos em torno de sua figura, ao mesmo tempo, polêmica e carismática, que lhe trouxe o revés de atrair sobre si a oposição de autoridades políticas tradicionais e a rejeição da própria Diocese e do Vaticano; em Barbalha, a construção de igrejas, escolas e hospitais exemplifica a presença da atuação da elite intelecto-cultural católica na cidade.

Nas três cidades caririenses, o apoio à criação e às atividades de projetos sociais, tais como os realizados pelo Círculo Operário São José⁴⁸ e pelas Casas de Caridade (obras missionárias do Padre Ibiapina), são também alguns exemplos que podemos mencionar para ilustrar a presença da Igreja Católica para além dos recintos eclesiásticos.

Foi esta elite intelecto-cultural marcadamente católica que também criou vários institutos e agremiações culturais e literárias no Cariri, sobretudo durante o século XX. Um dos institutos desta época que ainda está em funcionamento é o Instituto Cultural do Cariri (ICC), que foi fundado em 1953, por intelectuais do Cariri, principalmente do Crato (onde fica sua sede), visando “o estudo das ciências, letras e artes em geral, e, especialmente, da História e da Geografia Política do Cariri”, conforme consta em seus Estatutos (BORGES, 1999, p. 11). Sua publicação anual, a Revista Itaytera, é o principal veículo de divulgação intelectual dos seus colaboradores. O número 43 dessa revista, no ano de 1999, traz uma matéria em que assim aparece caracterizada a instituição:

O Instituto Cultural do Cariri é a Academia de Letras da região. Possui patrimônio cultural que conta a história do Cariri [...] não precisa arrepender-se do que não fez. Ele possui um patrimônio precioso de riquezas morais e intelectuais. Sempre defendeu a dignidade das letras. Tem dado às letras do nosso País uma série de publicações que bastariam para justificar o seu quase meio século de existência. [...] Tem ocasionado um verdadeiro

⁴⁷ “A Cooperativa de Crédito ‘BANCO DO CARIRI’ prestou benefícios inegáveis à região do Cariri, levando sua ação benéfica bem mais longe. Como foi a primeira no interior do Ceará, estendeu seus benefícios, também, às regiões dos Estados circunvizinhos”. (MONTENEGRO, 1999, p. 82).

⁴⁸ Associação de trabalhadores e operários, o Círculo Operário “sendo um movimento de raiz católica, mas não pertencente à Igreja, tinha por objetivo central auxiliar de forma espiritual e material os trabalhadores, para que não estivessem vulneráveis às ‘tentativas’ do comunismo e do socialismo” (SANTOS, 2010, p. 91). No caso específico do Ceará como um todo, os Círculos Operários tiveram “um importante papel no aspecto que concernia à arregimentação operária, contra as ideologias tidas como subversivas para o pensamento social cristão” (SOUSA, 2010, p. 91).

rebuliço no campo rico da nossa intelectualidade. [...] Sabe-se que a maior glória do Crato e da região repousa na sua maior parte na história de seu amor à liberdade e à cultura intelectual. Pois este patrimônio de grandeza inigualável encontra no Instituto Cultural do Cariri o seu maior sustentáculo, merecendo, portanto, o irrestrito e merecido apoio do povo e das autoridades cratenses. (BORGES, 1999, p. 12-13).

O estudo realizado por Viana (2011) destaca, por exemplo, que estava na base dos ideais da criação do ICC a rivalidade existente entre Crato, que seus intelectuais trabalhavam por se destacar como *a cidade da cultura*, e Juazeiro do Norte, que se destacava como *a cidade da fé*.⁴⁹

Em nosso estudo, estaremos atentos para observar as relações dialógicas que são estabelecidas, pelos sujeitos em interação, com esses elementos históricos e socioculturais no processo de construção de sentido dos enunciados com forma textual de inscrição em latim do Cariri cearense.

Não é demais ressaltar que nosso olhar sobre as inscrições em latim tem a intenção de vê-las como parte da comunicação viva, porque:

Toda enunciação monológica, inclusive uma inscrição num monumento, constitui um elemento inalienável da comunicação verbal. Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. Cada inscrição constitui uma parte inalienável da ciência ou da literatura ou da vida política. Uma inscrição, como toda enunciação monológica, é produzida para ser compreendida, é orientada para uma leitura no contexto da vida científica ou da realidade literária do momento, isto é, no contexto do processo ideológico do qual ela é parte integrante. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 101).

Abordar as inscrições em latim, considerando os gêneros do discurso que elas textualizam, serve também para dar uma ideia de conjunto a enunciados que se encontram distantes e aparentemente dispersos, mas que se relacionam, dialogam e comungam peculiaridades discursivas, históricas, culturais e socioideológicas.

Uma abordagem dialógica do latim, que necessariamente o enxerga em enunciados concretos, não pode deixar de considerar os aspectos culturais, históricos e socioideológicos envolvidos, pois os gêneros do discurso, em suas atualizações nos enunciados concretos, são verdadeiros patrimônios socioculturais da linguagem discursiva que não existem desagregados da vida dos sujeitos. Assim, estudar os gêneros e os enunciados

⁴⁹ Em Cortez (2000), são encontrados outros pormenores envolvidos na construção da identidade do Crato como “a cidade da cultura”.

concretos em seu contexto de produção, circulação e recepção é como estudar o homem por seus discursos em sua realidade sociocultural.

Não podemos esquecer que uma das grandes contribuições do pensamento do Círculo acerca da linguagem é a sua visada eminentemente concreta, ou seja, é perscrutar a linguagem não por uma abordagem psicologizante e/ou idealista, mas sim com uma abordagem que a considera como uma realidade histórica e eventiva. A propósito, sendo a inscrição em latim uma forma textual comum a gêneros tipicamente urbanos – pois não encontramos inscrições em latim em nenhuma edificação de zonas rurais –, as cidades com seu plurilinguismo, onde se situam os sujeitos locutores e seus interlocutores, também são consideradas em nosso estudo.

Tal consideração das cidades com seus discursos, signos e vozes, em nosso estudo, guarda certa semelhança com a visão de José D’Assunção Barros, que, em seu livro *Cidade e História*, fala sobre a imagem da cidade como um texto dentro dos estudos dos fenômenos urbanos. Destaquemos alguns trechos do seu livro que interessam ao nosso estudo:

A seus habitantes, e por extensão a seus analistas, uma cidade fala eloquentemente dos critérios de segregação presentes em sua sociedade através dos múltiplos compartimentos em que se divide, dos seus acessos e interditos, da materialização do preconceito e da hierarquia social em espaço. Sua paisagem fala de sua tecnologia, de sua produção material; seus monumentos e seus pontos simbólicos falam da vida mental dos que nela habitam e daqueles que a visitam. (BARROS, 2007, p. 40-41).

Com um olhar muito próximo deste, isto é, com um olhar de analista do discurso de orientação dialógica, estamos também atentos a *segregações, preconceitos, monumentos, pontos simbólicos da paisagem* das cidades, todavia, com o foco na paisagem discursiva e mais precisamente, em uma parcela desta, nas inscrições em latim, sempre as considerando intimamente relacionadas à vida (inclusive, *mental*) dos homens.

Noutra passagem do livro, o autor trata da maneira como os pedestres interagem entre si e com a cidade, com uma visão inegavelmente muito próxima do pensamento de Bakhtin: “Ao caminhar em um universo urbano onde muitos outros caminham, o pedestre insere-se em uma rede de discursos – em um sistema polifônico de enunciados, partilhado por diversas vozes que interagem entre si” (BARROS, 2007, p. 44).

E mais adiante, certamente fundamentado em Michel de Certeau⁵⁰, diz o autor: “Quem caminha observa a paisagem, vivencia possibilidades e interditos, vai ao encontro ou

⁵⁰ Cf. CERTEAU, 2009, p. 157-177.

foge do encontro de outros passantes, segrega ou é segregado” (BARROS, 2007, p. 44-45). Com isso, pensamos quem segrega e quem é segregado no tocante às inscrições em latim, que podem ser tidas como tantos outros textos que compõem o grande texto-cidade, visto que “a cidade é um grande texto que tece dentro de si uma miríade de outros textos” (BARROS, 2007, p. 45).

Essa concepção de que a cidade *fala* (como em uma faceta de seu plurilinguismo) parece-nos ter um tanto do tradicional costume de animizar coisas e objetos que herdamos do mundo romano antigo (que já era bastante marcado pela necessidade de interagir) e que nos faz pensar que até os muros e monumentos falam, em meio ao burburinho nas ruas.

Nossa compreensão é a de que essa característica da cultura romana continua marcadamente presente no mundo ocidental dissolvida nas práticas discursivas cotidianas tanto da cultura oficial quanto da cultura popular, de modo que, muitas vezes, parece-nos que, por exemplo, um monumento público nos admoesta ou persuade através de inscrições oficiais ou que uma parede nos distrai ou ameaça através de grafites e pichações, quando, na verdade, por tais inscrições, grafites ou pichações falam seres humanos.

Com esse pensamento, passamos a seguir a tratar dos enunciados com forma textual de inscrição em latim que são encontrados na atualidade compondo a paisagem discursiva urbana do Cariri cearense.

4.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS INSCRIÇÕES EM LATIM DO CARIRI CEARENSE

Nesta seção, dialogamos com os enunciados um a um, investigando gêneros, esferas, discursos, sujeitos, projetos enunciativos, relações dialógicas, marcas semântico-axiológicas e sua validade contextual. São diálogos marcados pela experiência dos contatos *in loco* que tivemos com as inscrições em latim, em cemitérios, igrejas, seminários, conventos, capelas, museus, bibliotecas, departamentos históricos e em muitos órgãos oficiais, percebendo suas sutilezas culturais, suas histórias, suas intimidades, suas minúcias axiológicas e também os sujeitos que com elas convivem cotidianamente.

Destacamos que, pela abordagem teórica que usamos, não deixamos de considerar uma inscrição em latim como sendo *do Cariri cearense* pelo fato de ela ser a forma textual de uma divisa institucional, por exemplo, em um brasão de uma universidade criada em Fortaleza, Sobral ou outro lugar fora da região geográfica do Cariri cearense. Compondo a paisagem discursiva desta região, uma inscrição é tratada como a forma textual de um

enunciado singular, cuja produção de sentido está em diálogo com a história, cultura e valores sociais da região.

Sabendo da relação estreita entre gênero e esfera – que orienta, por exemplo, os projetos enunciativos dos autores (sujeitos locutores) dos enunciados quanto à funcionalidade e os efeitos de sentido pretendidos –, partimos, para começarmos nossas descrições e análises, das três esferas da atividade humana (religiosa, funerária e institucional) em que encontramos inscrições em latim em uso no Cariri cearense. Nesta etapa, cada um dos enunciados é descrito e analisado um a um em três subseções.

4.2.1 Esfera religiosa

Na esfera religiosa, no Cariri cearense, encontramos enunciados com forma textual de inscrição em latim pertencentes aos seguintes gêneros do discurso: epígrafe doutrinária, epígrafe de lugar sagrado, epígrafe-rótulo religiosa⁵¹ e divisa eclesiástica, todos eles realizados em termos da discursividade cristã/católica.

Começamos tratando de seis enunciados pertencentes ao gênero epígrafe doutrinária, gênero que, devemos lembrar, tem como uma das características específicas uma forma de interlocução (ou relação interlocutiva) com ênfase na fé cristã.

No Cariri cearense, o mais antigo dos enunciados pertencentes a este gênero é *JESUS CHRISTUS DEUS HOMO / VIVIT / REGNAT / IMPERAT*, o qual encontramos em uma placa em forma de cruz localizada em uma coluna na parte interior da Catedral de Nossa Senhora da Penha, em Crato. Na placa, constam as datas 1900 e 1901, isto é, a passagem do século XIX para o século XX comemorada pela Igreja Católica com a adoção de tal inscrição, que também encontramos em uma outra placa na Matriz de Santo Antônio em Barbalha e que aparece em diversas igrejas do mundo católico. Em nossas considerações, porém, trataremos em particular do enunciado com a forma textual de inscrição em latim da Catedral de Nossa Senhora da Penha, em Crato.

⁵¹ Gênero discursivo do qual trataremos ao final desta seção.



Figura 22 – Epígrafe doutrinária na Catedral de Nossa Senhora da Penha, em Crato.
Fonte: Leite et al. (2013, p. 9).

Compreendemos que falam, neste enunciado, sujeitos pertencentes à cúpula da Igreja Católica local (em consonância com o Vaticano), em cujo projeto enunciativo percebemos o desejo de agraciar majestosamente Jesus Cristo como Senhor da História, ao mesmo tempo Deus e homem e eterno soberano da humanidade. A disposição do enunciado em um arranjo verbo-visual dentro de uma placa dourada com formato de cruz é significativa aos intentos desse projeto enunciativo. Também a escolha de um gênero epigráfico e da língua latina na textualização deste enunciado são fundamentais nesse projeto de construção de totalidade de sentido, pois os gêneros epigráficos costumam acrescentar avaliações sociais positivas aos monumentos e edificações em que são apostos e o uso do latim na textualização do enunciado deste gênero, sem sombra de dúvidas, agrega valores tais como especialidade e solenidade ao discurso religioso.

Uma epígrafe doutrinária dentro de uma igreja é destinada a interlocutores católicos, sem dúvida alguma. Devemos lembrar que esta epígrafe (cujo texto podemos traduzir para o português como: Jesus Cristo, Deus e homem, vive, reina e impera) foi gravada no início do século XX, quando a relação dos fiéis com a língua latina era mais próxima, sobretudo com o latim de missa. Palavras como estas da textualização: *Jesus Christus, Deus, homo, vivit, regnat e imperat* não eram (e não são ainda) palavras de difícil compreensão, mesmo para as pessoas menos conhecedoras do latim: elas eram (e em muitas situações ainda hoje são) ouvidas em preces, hinos e fórmulas ritualísticas católicas com que o enunciado estabelece relações dialógicas.

Não podemos dizer como cada sujeito em particular compreende tal enunciado, porém não é absurdo acreditar que, mesmo para sujeitos com pouco conhecimento de latim, fosse/seja fácil compreender neste enunciado a construção da imagem de Jesus Cristo carregada axiologicamente de valores socioculturais, tais como realza, supremacia, soberania e divindade.

Outra epígrafe doutrinária é a que encontramos abaixo do relógio da torre principal da Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte: *MATER / DOLOROSA / ORA PRO / NOBIS*.

O aspecto atual da Basílica, com uma só torre, data dos anos finais da década de 1920, sendo desta época a gravação dessa inscrição em latim, que, portanto, não existia quando antes a Basílica era uma capela de duas torres construída pelo Padre Cícero, entre 1875 e 1884, com o apoio da comunidade local, contando com o entusiasmo de Dom Luiz e de Dom Joaquim, primeiro e segundo bispos do Ceará. Registros fotográficos mostram que quando era apenas uma capela, em seu interior, mais precisamente acima do altar-mor, existia uma inscrição que corresponde à tradução desta para o português, ou seja, Mãe dolorosa, ora por nós.

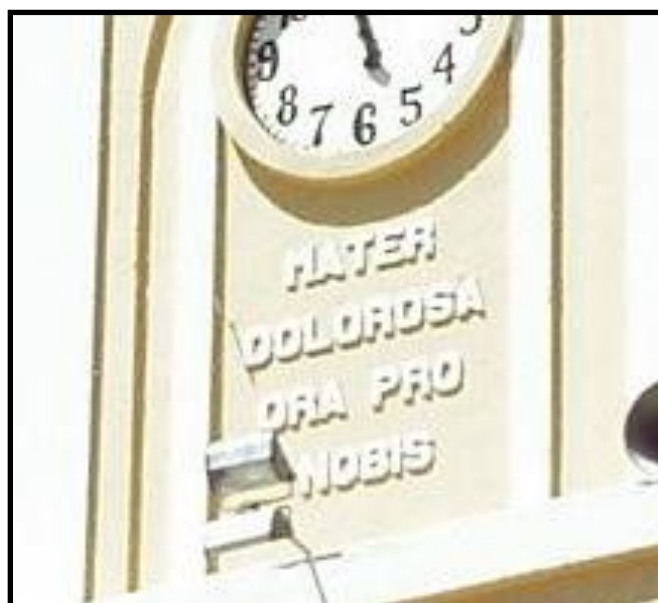


Figura 23 – Epígrafe doutrinária na torre da Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte.

Fonte: Leite et al. (2013, p. 11).

Entendemos que este enunciado, cujos locutores são padres católicos, estabelece relações dialógicas com “a cena da crucificação descrita no *Evangelho de João* (19, 25), que deu origem a toda a tradição litúrgica, iconográfica e literária posterior” (TOSI, 2000, p. 686) e também com a oração *Ave, Maria*⁵²; relações dialógicas estas que atravessam tema, composição e estilo do enunciado configurando um sentido contextual constituído de um tom emotivo-volitivo místico que alude à religiosidade do povo católico do lugar marcada pela fé na intercessão da Mãe das Dores (*Mater dolorosa*).

Ao entrarmos pela porta principal que fica embaixo da torre da Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, onde está a inscrição em latim, a primeira imagem que encontramos é justamente uma estátua que representa Maria segurando seu filho Jesus após ser retirado da cruz. Tal proximidade entre a inscrição em latim e a estátua reforça ainda mais o diálogo entre os signos verbais e os visuais neste contexto singular atravessado pela tradição da fé católica.

Esta epígrafe doutrinária textualizada na forma de uma inscrição em latim localizada no alto da torre da Basílica, compondo esteticamente a sua decoração exterior, provavelmente se destina a um grande número de interlocutores (fiéis, transeuntes, turistas etc.), com validade singular, a nosso ver, de perpétua e especial homenagem da comunidade

⁵² Em latim: *Ave Maria, gratia plena, tecum. Benedicta tu in mulieribus, et benedictus fructus ventris tui, Jesus. Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus, nunc, et in hora mortis nostrae. Amen.*

eclesiástica do Juazeiro do Norte – evocando as tradicionais orações repetidas em latim – à padroeira daquela igreja e da cidade que é conhecida como a Terra da Mãe de Deus.

No alto da torre da igreja dos Franciscanos, em Juazeiro do Norte, encontramos outra epígrafe doutrinária, *PAX ET BONUM*, localizada abaixo dos signos visuais, a cruz do cristianismo e os braços em forma de xis, que simbolizam o braço de Jesus Cristo e o de São Francisco de Assis.

A construção desta igreja é datada de 1956, mas a presença dos franciscanos nesta região, como já anotamos, remonta aos primeiros anos de sua colonização.



Figura 24 – Epígrafe doutrinária da torre da igreja dos Franciscanos, em Juazeiro do Norte.
Fonte: Leite et al. (2013, p. 15).

A tradução mais comum que se faz desta inscrição em latim para o português é: Paz e bem, que, como saudação, foi usada, provavelmente pela primeira vez, pelo próprio São Francisco de Assis em uma carta que escreveu a Frei Leão na década de 1220.

Esta epígrafe doutrinária em particular compõe a estética exterior da torre da igreja e se destina a quaisquer interlocutores que ali cheguem funcionando como identificação emblemática dos religiosos da ordem franciscana, os sujeitos locutores, por citar a saudação que seus frades usam ao iniciarem e/ou terminarem o rito litúrgico e também em seus cumprimentos cerimoniais cotidianos.

Neste enunciado – ao considerarmos a discursividade cristã em que se realiza o gênero e as relações dialógicas que são estabelecidas com a vida de São Francisco de Assis –,

história, memória e vida se interpenetram na construção de sentido, de modo que quase podemos ouvir, repercutindo *ad infinitum*, a voz de um frade franciscano – tingida com seus valores religiosos relativos à mansuetude e à prática missionária do bem ao próximo – a nos dizer: *Bom dia! (Boa tarde! ou Boa noite!) Nós te saudamos, louvando a memória de São Francisco.*

Já a epígrafe doutrinária com que nos deparamos ao contemplar a estátua de Santo Antônio de Sant’Ana Galvão⁵³, no interior do Santuário Eucarístico Diocesano, antiga igreja de São Vicente, em Crato, é *POST PARTUM / VIRGO INVIOLATA / PERMANISTI / DEI GENITRIX / INTERCEDE / PRO NOBIS / AMEN.*

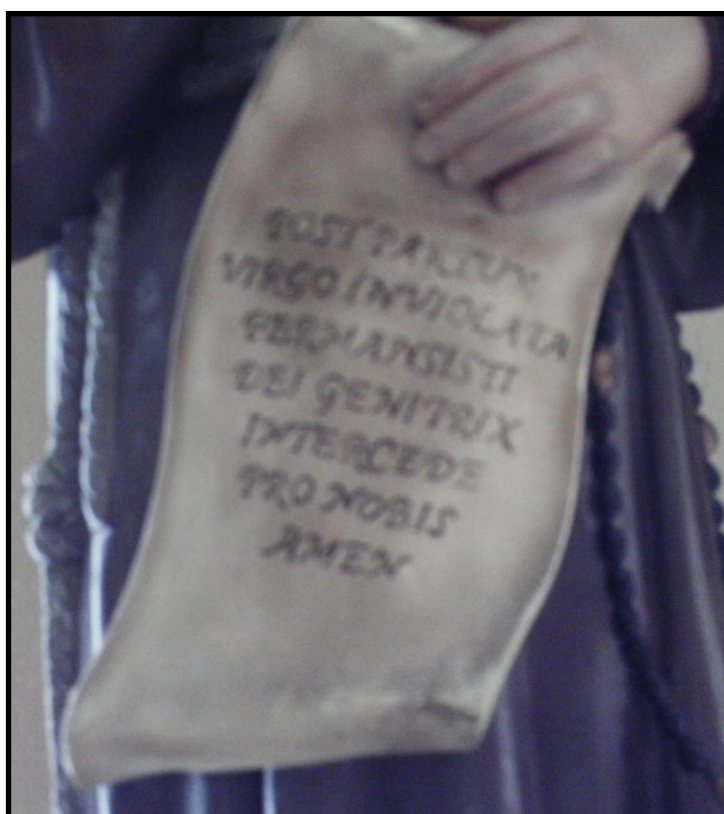


Figura 25 – Epígrafe doutrinária da estátua de Santo Antônio de Sant’Ana Galvão, em Crato.
Fonte: Leite et al. (2013, p. 21).

Neste enunciado – considerados que são católicos os locutores e os interlocutores –, compreendemos haver: (i) o estabelecimento de relações dialógicas, sobretudo, com a passagem da *Vulgata* que fala de como Maria ficou sabendo que daria à luz o Filho de Deus, Lc 1, 26-56; bem como (ii) a preservação da memória do texto-fonte da inscrição: o Ofício da

⁵³ Também conhecido como Frei Galvão e que foi canonizado em 2007 pelo Papa Bento XVI.

Santíssima Virgem, visto que papeizinhos enrolados em forma de pílulas com o versículo de tal Ofício, como aparece nesta inscrição (porém em sua tradução para o português: Após o parto, ó Virgem, permaneceste inviolada. Intercede por nós, Mãe de Deus. Amém), são usados como milagrosos (por trazerem curas de doenças) pelos devotos do Santo Frei Galvão.

Assim, esta epígrafe doutrinária em particular, textualizada na forma da inscrição em latim, está longe de ser uma simples reprodução mecânica de um texto; ela compõe solene e misticamente o aspecto verbo-visual da estátua do santo e, do que compreendemos como efeito de sentido pretendido pelos locutores, com um tom suplicante, divulga a fé cristã na Virgem Maria, a qual está ligada à história da vida de Frei Galvão. Sua validade contextual, em nossa compreensão, está próxima a de uma presença simbólica do santo (em conformidade com a discursividade cristã/católica) com sua voz, com suas palavras e com seu amor, convidando os leitores da epígrafe a rezar pela intercessão da Mãe de Deus.

Outra epígrafe doutrinária é a que encontramos na estátua de Santa Teresa de Jesus que fica no altar-mor da capela dedicada a esta santa, em Crato: *AUT PATI / AUT MORI*.

A construção da capela de Santa Teresa de Jesus, uma das obras de Dom Quintino (primeiro bispo da Diocese de Crato), data de 1923. Provavelmente desde esta época exista, nesta capela, a estátua onde se encontra a inscrição em latim.



Figura 26 – Epígrafe doutrinária da estátua de Santa Teresa de Jesus, em Crato.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Esta epígrafe doutrinária cumpre sua função de compor o aspecto verbo-visual da estátua da santa, além de participar da identificação da filiação doutrinária teresiana da capela, conservando – em um enunciado com forma textual de inscrição em latim, com destaque para a erudição e a solenidade do estilo – a memória do texto-fonte: a hagiografia desta santa que é considerada uma das Doutoradas da Igreja. Ou padecer, ou morrer é a tradução mais frequente para o português que é feita desta inscrição em latim, a qual cita as palavras proferidas pela santa em reflexão sobre o sofrimento de Cristo.

Assim, no projeto enunciativo dos sujeitos locutores (que identificamos como sendo as religiosas teresianas) que se dirigem, com o enunciado verbal, aos fiéis frequentadores da capela, compreendemos como pretendido o estabelecimento de relações dialógicas com a história da vida de Santa Teresa de Jesus (também conhecida como Santa Teresa D'ávila); relações dialógicas estas que atravessam tema, composição e estilo, formando a “inteireza acabada do enunciado” (BAKHTIN, 2011c, p. 280), a qual nos possibilita uma compreensão responsiva ativa do enunciado como tendo um sentido místico, com valor próximo ao de um lembrete da santa para os fiéis católicos, lembrete que alude ao padecimento e ao sofrimento como sendo o que faz do homem um mártir (ou um santo).

A mais recente das epígrafes doutrinárias com forma de inscrição em latim que encontramos no Cariri cearense é *QUODCUM QUE DIXERIT VOBIS, FACITE*. Sua gravação no granito da soleira da porta da capela menor do Seminário São José, em Crato, é de 2008.

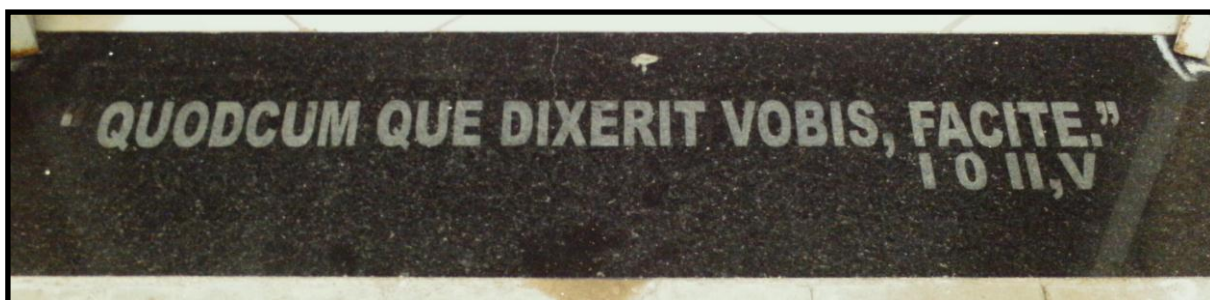


Figura 27 – Epígrafe doutrinária na soleira da porta da capela menor do Seminário São José, em Crato. Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Fazei tudo quanto Ele vos disser é a tradução para o português mais comumente usada para esta inscrição em latim que cita a *Vulgata*, mais precisamente o *Evangelium Secundum Ioannem* 2, 5: “*Dicit mater eius ministris: ‘Quodcumque dixerit vobis, facite’*”

(Disse, então, sua mãe aos serventes: Fazei o que ele vos disser). Todavia, ao observarmos a arquitetônica da enunciação, vemos bem mais que sua forma textual: na constituição do todo deste enunciado, compreendemos participar ativamente uma pluralidade de vozes que falam de valores cristãos, de tradição católica e de educação religiosa.

Considerada a discursividade cristã em que se realiza o gênero, entrevemos, no projeto enunciativo dos padres responsáveis pelo seminário (os locutores), como que uma espécie de admoestação pelo zelo discipular para com a conduta religiosa, sobretudo (considerado o contexto do local onde está a epígrafe doutrinária), dirigida aos seminaristas que à capela entram, estes a quem uma exortação à observância dos ensinamentos de Jesus Cristo, em um gênero cujo enunciado se textualiza na forma de uma inscrição em latim, deva possivelmente soar à semelhança das prescrições ou instruções da tradicional educação seminarística.

Tratemos agora de duas epígrafes de lugar sagrado com forma textual de inscrição em latim que encontramos na esfera religiosa do Cariri cearense.

Diferentemente das epígrafes doutrinárias, a utilização estética (apesar de não ser um aspecto que se possa desprezar) não é uma das características específicas da epígrafe de lugar sagrado. Características específicas deste gênero são um tipo de relação interlocutiva em que o locutor se constitui como autoridade e a função enunciativa de destacar, oficialmente ou não, o caráter sagrado de um lugar, de um altar, por exemplo, como neste caso de *PRIVILEGIATUM / QUOTIDIANUM / PERPETUUM* que encontramos em Barbalha, na base do altar-mor da Igreja Matriz de Santo Antônio.



Figura 28 – Epígrafe de lugar sagrado na base do altar-mor da Igreja Matriz de Santo Antônio, em Barbalha.

Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

A gravação deste enunciado em particular – que data provavelmente de meados do século XX – atende a uma orientação oficial da Igreja Católica e funciona para atestar o caráter especial de *privilegiado* daquele altar em conformidade com as normas eclesiásticas.

Tal compreensão do sentido/valor contextual desta epígrafe de lugar sagrado (longe de ser apenas um texto reificado) exige bem mais que um conhecimento da língua latina, pois requer a recuperação das relações dialógicas que são estabelecidas, dentro do projeto enunciativo dos locutores do enunciado (entendemos que tanto os locutores quanto os destinatários deste enunciado pertençam à administração eclesiástica oficial), as quais, neste caso específico, correspondem a um diálogo citacional com o seguinte texto-fonte:

Privilegiado se chama o altar:

1) em que, se pode dizer certa missa votiva em dias proibidos pelas rubricas, p. ex., a de Nossa Senhora num santuário dela;

2) em que o celebrante pelo santo sacrifício pode aplicar uma indulgência plenária a um defunto. Por altar privilegiado simplesmente sempre se entende o privilegiado em favor das almas.

O C. B. declara que o altar-mor das igrejas catedrais e paroquiais é altar privilegiado todos os dias e para sempre, contanto que não haja outro. Este altar tenha a inscrição: *Altare privilegiatum quotidianum perpetuum*. (Cân. 918, § 1; C. B. n. 250 apud ÚLTIMAS E DERRADEIRAS GRAÇAS, 2013, não paginado).

Em outras palavras, dizemos que não basta saber que o texto desta inscrição é traduzido para o português como: Privilegiado todos os dias e para sempre; se não perscrutarmos as relações dialógicas que constituem o enunciado concreto – no contexto específico, nos termos das características do gênero em conformidade com a especificidade da esfera religiosa e da discursividade cristã –, fica comprometida nossa compreensão em relação ao projeto arquitetônico autoral de construção de unidade de sentido.

A outra epígrafe de lugar sagrado que encontramos não possui o caráter oficial da anterior, mas não deixa de possuir conformidade com a práxis eclesiástica. Estamos falando de *SANCTVS / SANCTVS SANCTVS*⁵⁴, gravada entre a imagem de dois querubins, no sacrário de um pequeno altar de uma capela no interior do Santuário Eucarístico Diocesano (antiga igreja de São Vicente), em Crato.

⁵⁴ Não encontramos com precisão a data da gravação desta inscrição. Provavelmente seja de meados do século XX.



Figura 29 – Epígrafe de lugar sagrado em um sacrário do Santuário Eucarístico Diocesano, em Crato.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

A inscrição em latim que textualiza esta epígrafe de lugar sagrado (em português, Santo, santo, santo) estabelece um diálogo citacional com o *Sanctus*. Segundo Pöppelmann (2010, p. 113):

O *Sanctus* é uma oração de louvor no contexto da liturgia católica. O texto completo em latim é “*Sanctus, sanctus, sanctus Dominus Deus Sabaoth. Pleni sunt coeli et terra gloria tua. Hosanna in excelsis. Benedictus qui venit in nomine Domini*” (Santo, santo, santo, Senhor Deus dos exércitos. Os céus e a terra estão cheios de tua glória. Hosana nas alturas. Bendito o que vem em nome do Senhor). A oração é uma miscelânea de várias passagens bíblicas do Antigo Testamento, do livro de Isaías, do Salmo 118 e do relato dos Evangelhos da entrada de Jesus em Jerusalém.

Na completude deste enunciado – que não é uma simples reprodução mecânica de palavras com significação abstrata –, o componente axiológico de matriz católica e o estilo solene em latim carregado de tom emotivo-volitivo participam da construção de sua validade contextual e singular mística.

Consideramos que os locutores deste enunciado são padres católicos e os destinatários são todos os sujeitos que participam do cotidiano daquela igreja, sejam integrantes da administração eclesiástica, sejam as pessoas que vão às missas. Nesta intersubjetividade e recorrendo à relação interlocutiva característica deste gênero discursivo realizado nos termos da discursividade cristã, os locutores se constituem como autoridades para proporem seu projeto enunciativo de atestar o caráter sagrado do objeto; caráter este que é reforçado também pelos signos não verbais: o brilho, a cor dourada e a imagem dos querubins.

Abordemos agora seis enunciados com forma textual de inscrições em latim pertencentes ao gênero do discurso divisa eclesiástica, um gênero que, como já anotamos, tem como uma das suas características específicas um tipo de relação interlocutiva com ênfase sobre ensinamentos que orientam a conduta cristã.

O primeiro deles é *SURSUM CORDA*, que encontramos gravado na fachada da frente do Palácio Episcopal, em Crato, compondo o brasão de Dom Fernando Panico, quinto e atual bispo da Diocese do Crato, desde 2001.



Figura 30 – Divisa eclesiástica no brasão de Dom Fernando Panico, em Crato.
Fonte: Leite et al. (2013, p. 18).

A divisa eclesiástica *SURSUM CORDA* (em português: Corações ao alto), estampada como parte da composição do brasão, cita o lema episcopal de Dom Fernando Panico. Seu lema, por sua vez, dialoga com um excerto da introdução à Oração Eucarística, que alude a uma passagem da *Vulgata*, *Lamentationes* 3, 41: “*Levemus corda nostra cum manibus ad Dominum in caelos*” (em português: Levantemos os nossos corações com as mãos para Deus nos céus).

Consideradas essas relações dialógicas, considerada também a discursividade cristã em que o gênero se realiza dentro da esfera religiosa, somos levados a compreender que o projeto enunciativo do bispo – em conformidade com a função e a relação interlocutiva próprias da divisa eclesiástica – alude a um resumo de seu sacerdócio à semelhança de uma

espécie de convite aos interlocutores católicos da Diocese que soa mais ou menos como: *Ajamos como (tenhamos a conduta de) um católico de fé.*

No brasão, é bastante significativa a imagem verbo-visual formada pela palavra latina *SURSUM* (em português: Para cima ou para o alto) e pelo desenho das mãos que erguem um coração, que, a nosso ver, é construída a partir de um aspecto característico da ideologia da Igreja Católica: o dirigir-se para o alto, onde estão Deus, Jesus Cristo e o céu com os santos intercessores: os exemplos a serem seguidos e cultuados pelos homens.

Compondo a paisagem discursiva urbana e participando ativamente do simpósio universal dos diálogos e das responsabilidades, em outros monumentos e prédios do Cariri cearense, encontramos gravações recentes de brasões com as divisas eclesiásticas usadas pelos bispos anteriores da Diocese de Crato.

Consideremos a seguir quatro divisas eclesiásticas que encontramos localizadas em uma placa comemorativa do centenário da Comissão Pró-criação da Diocese de Crato, que foi fixada, no ano de 2008, no lado externo esquerdo da Catedral de Nossa Senhora da Penha, em Crato. Antes disso, destaquemos que, em nossa compreensão, este contexto irrepetível da enunciação produz “um acontecimento novo e singular na vida do texto” (BAKHTIN, 2011d, p. 311), pois o que vemos ocorrer nessa placa não são meras reproduções mecânicas de estruturas textuais; vemos sujeitos locutores pertencentes ao clero que produzem enunciados novos (carregados, entre outras, das vozes dos bispos) se dirigindo discursivamente a novos interlocutores, a população caririense do início do século XXI.

A primeira das quatro divisas eclesiásticas que encontramos na placa é *PATIENTIA ET DOCTRINA*, que cita o lema episcopal de Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, primeiro bispo da Diocese do Crato (de 1916 a 1929). Traduzido para o português como: (com) Paciência e doutrina, o lema episcopal de Dom Quintino foi criado no auge das questões do Padre Cícero com a cúpula da Igreja.



Figura 31 – Divisa eclesiástica no brasão de Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, em Crato.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Neste contexto irrepetível da enunciação, a divisa eclesiástica que compõe a verbo-visualidade do brasão gravado na placa traz a memória do período em que Dom Quintino era bispo da Diocese, citando seu lema episcopal que, por sua vez – ao modo de uma admoestação à conduta dos fiéis (comum à discursividade cristã) semelhante a: *Ajam/ajamos com paciência e doutrina* –, mantém relações dialógicas com uma epístola de São Paulo, conforme encontramos na *Vulgata*, mais especificamente na *Epistula II Ad Timotheum* 4, 2: “*In omni patientia et doctrina*” (Em português: Com toda a paciência e doutrina).

A validade contextual desta divisa eclesiástica construída com valores da discursividade cristã/católica, portanto, é a de um símbolo mnemônico do período em que Dom Quintino esteve à frente da Diocese.

Na mesma placa fixada, no ano de 2008, no lado externo esquerdo da Catedral de Nossa Senhora da Penha, em Crato, encontramos a divisa eclesiástica *NON MINISTRARI SED MINISTRARE* no brasão de Dom Francisco de Assis Pires, segundo bispo diocesano, de 1932 a 1959.



Figura 32 – Divisa eclesiástica no brasão de Dom Francisco de Assis Pires, em Crato.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Como é comum à discursividade cristã/católica em que se realiza o gênero divisa eclesiástica, neste enunciado com forma textual de inscrição em latim – que cita o lema episcopal de Dom Francisco, cuja tradução para o português é *Não ser servido, mas servir* –, as relações dialógicas apontam para ensinamentos encontrados nos textos da *Vulgata*; neste caso específico, para o *Evangelium Secundum Matthaeum* 20, 28, onde lemos: “*Sicut Filius hominis non venit ministrari sed ministrare et dare animam suam redemptionem pro multis*” (em português: Bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos).

A combinação do enunciado verbal em diálogo com os signos visuais que compõem o desenho do brasão – principalmente, a imagem estilizada da ave que alimenta os filhotes – favorece a construção de uma unidade de sentido que alude – conservando a memória do período episcopal de Dom Francisco – a uma admoestação da Igreja dirigida aos fiéis católicos, a qual compreendemos mais ou menos como: *Não queiram/queiramos ser servidos, sirvam/sirvamos*.

Outra divisa eclesiástica, na mesma placa, é *VINCENTI DABO MANNA*, que cita o lema episcopal de Dom Vicente de Paulo Araújo Matos, terceiro bispo da Diocese de Crato, no período de 1961 a 1992.



Figura 33 – Divisa eclesiástica no brasão de Dom Vicente de Paulo Araújo Matos, em Crato.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Este enunciado em particular – considerado o projeto enunciativo dos locutores (sujeitos do clero) neste contexto singular da enunciação – conserva à posteridade a memória do lema que simbolizou o período episcopal de Dom Vicente. Traduzida para o português como: Ao vencedor darei o maná, a inscrição em latim *VINCENTI DABO MANNA* cita o trecho da *Vulgata*, *Apocalypsis* 2,17: “*Qui habet aurem audiat quid Spiritus dicat ecclesiis vincenti dabo ei manna absconditum et dabo illi calculum candidum et in calculo nomen novum scriptum quod nemo scit nisi qui accipit*” (em português: Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao que vencer darei a comer do maná escondido, e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe).

Neste enunciado, destaca-se uma alusão ao nome do bispo, Vicente, no verbo latino, *VINCENTI*; porém o que nele compreendemos como mais marcante (que, na verdade, corresponde a um efeito de sentido projetado a partir da relação interlocutiva típica do gênero) é o fomento de um valor sociorreligioso relativo à conduta dos cristãos: a ideia de que o homem (cristão) que vence é recompensado, neste caso específico, com o alimento que vem do alto, o maná.

Ainda na placa localizada na parede externa da Catedral de Nossa Senhora da Penha, em Crato, encontramos a divisa eclesiástica *CERTA BONUM CERTAMEN* (em português: Combate o bom combate), que cita o lema episcopal de Dom Newton Holanda Gurgel, quarto bispo da Diocese e bispo emérito, cujo período episcopal foi de 1994 a 2001.



Figura 34 – Divisa eclesiástica no brasão de Dom Newton Holanda Gurgel, em Crato.⁵⁵
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

As relações dialógicas que são estabelecidas neste enunciado – consideradas as especificidades do gênero divisa eclesiástica em sua relação íntima com a esfera religiosa – favorecem uma construção de sentido, pelo que compreendemos, à semelhança de uma contínua admoestação da Igreja aos fiéis que, guardando a memória do lema que simbolizou o período episcopal de Dom Newton, soa mais ou menos como: *Age como (tem a conduta de) um combatente em nome da fé católica.*

Nossa compreensão dialógica é orientada pelos aspectos singulares do contexto extraverbal da enunciação, mas também pelos signos visuais carregados de valores do mundo católico que compõem o brasão episcopal e pela própria natureza citacional da inscrição em latim que alude ao excerto admoestatório da *Vulgata, I Timotheum* 6, 12: “*Certa bonum*

⁵⁵ Por um *lapsus linguae*, a palavra *certamen* foi grafada “*certament*”.

certamen fidei adprehende vitam aeternam in qua vocatus es et confessus bonam confessionem coram multis testibus” (em português: Combate o bom combate da fé. Toma posse da vida eterna, para a qual também foste chamado e de que fizeste a boa confissão perante muitas testemunhas).

O sexto e último enunciado com forma textual de inscrição em latim pertencente ao gênero divisa eclesiástica de que trataremos é *ORA ET LABORA*, que compõe o brasão das armas da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus.

Esta congregação foi fundada no dia 04 de março de 1923, em Crato, por Dom Quintino. Segundo Montenegro (1999, p. 83):

Para resolver o sério problema da educação da Juventude Feminina, o Primeiro Bispo da Diocese de Crato fundou uma Congregação Religiosa – “CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DE SANTA TERESA DE JESUS”. E com esta Congregação lançou as bases do COLÉGIO SANTA TERESA DE JESUS – modelar estabelecimento de ensino, com os cursos Ginásial e Normal equiparados na forma da Lei vigente.⁵⁶

Foi Dom Quintino também que sugeriu o lema *Ora et labora* dessa Congregação (em português: Ora e trabalha). A propósito, ressaltamos que, como já anotamos, entendemos o lema como um signo ideológico de natureza verbal, que não é *per se* um gênero, mas que pode ser citado em diversos gêneros orais e escritos. Desse entendimento, dizemos que são as religiosas teresianas que *falam* nesta divisa eclesiástica que compõe o brasão da sua Congregação, apesar de ter sido Dom Quintino quem lhes sugeriu a adoção deste lema – usado também por outros religiosos, por exemplo, pelos monges do Mosteiro de São Bento, da cidade de São Paulo – que, segundo Tosi (2000, p. 430):

é frase muito conhecida e citada com frequência como exortação à vida ativa e não apenas dedicada ao estudo, à especulação ou à contemplação mística; principalmente em historiografia tornou-se símbolo de todo o monacato ocidental em oposição ao oriental, meramente contemplativo.

⁵⁶ *Ipsis litteris.*



Figura 35 – Divisa eclesiástica no brasão das armas da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, em Crato.

Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

A divisa eclesiástica, no brasão da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus⁵⁷, textualizada na forma de inscrição em latim, cita majestosamente o lema dessas religiosas em um diálogo com os signos visuais que lembram o estudo (o desenho da pena e do livro) e a vida conventual (o desenho do convento), constituindo uma totalidade de sentido que alude à missão da congregação que nasceu com a finalidade de trabalhar pela educação da juventude caririense.

Observados os aspectos extraverbaís do contexto e consideradas as relações dialógicas deste enunciado – que não é uma frase de validade universal e desgarrada dos sujeitos –, compreendemos que *ORA* não significa qualquer atividade de orar, nem *LABORA* significa um trabalho indeterminado. No projeto enunciativo que engendra este enunciado – cujo estilo é marcado pela entonação erudita (com feição de cultura letrada que lhe arvora o latim da textualização) e que se dirige, muito provavelmente, a toda a sociedade caririense –, enxergamos o desiderato de ser dado destaque ao valor singular da religiosidade das Filhas de Santa Teresa de Jesus associada precisamente à lida educadora.

⁵⁷ Brasão que encontramos no interior da Casa Mãe (a sede) desta congregação, mas que também existe no jazigo dessas religiosas e no Colégio Santa Teresa de Jesus, por elas administrado.

Na sequência, ao concluirmos esta seção e ao iniciarmos a próxima, trataremos de dois tipos distintos de gênero epigráfico, encontrados na esfera religiosa e na esfera institucional, que (pela observação do suporte, da função e da esfera) denominamos de epígrafe-rótulo religiosa e epígrafe-rótulo institucional⁵⁸. Os dois gêneros apresentam as seguintes características comuns: (i) a função enunciativa de denominar ou identificar um monumento ou um lugar (material ou imaterial) compondo a semiose verbo-visual estética deles; (ii) forma de interlocução com ênfase na exauribilidade do conteúdo semântico-objetal do tema do enunciado; e (iii) direcionamento do enunciado a expectadores de informação sobre o monumento ou o lugar. Apesar dessas características comuns, entendemos que há particularidades na forma de interlocução típica de um e do outro gênero, as quais distinguem os tipos distintos de epígrafes-rótulo. Assim, em nossa compreensão, uma epígrafe-rótulo religiosa apresenta forma de interlocução centrada na mística do tema do enunciado; já uma epígrafe-rótulo institucional apresenta forma de interlocução centrada na práxis do tema do enunciado.

Destaquemos que, ao falarmos de conteúdo semântico-objetal do tema de um enunciado, o que ocorre não é uma referência neutra ou direta a objetos e coisas materiais ou imateriais, mas uma construção de sentido do objeto nos termos de determinada discursividade.

STATIO I é um enunciado com forma textual de inscrição em latim pertencente ao gênero epígrafe-rótulo religiosa. Encontramo-lo, em 2012, em uma imagem que simboliza uma estação da Via-sacra, no interior da Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte.⁵⁹

⁵⁸ Só encontramos exemplos de enunciados pertencentes a estes dois gêneros no Cariri cearense, apesar de acreditarmos que existam outros pelo Brasil afora. Por esta razão deixamos para caracterizá-los aqui e não na seção 3.2.2., como procedemos com os outros gêneros tratados.

⁵⁹ Em cada uma das imagens que simboliza uma estação da Via-sacra, há um enunciado singular pertencente ao gênero que denominamos epígrafe-rótulo religiosa: *STATIO I*, *STATIO II*, *STATIO III* etc. Tomaremos o primeiro enunciado para a análise.

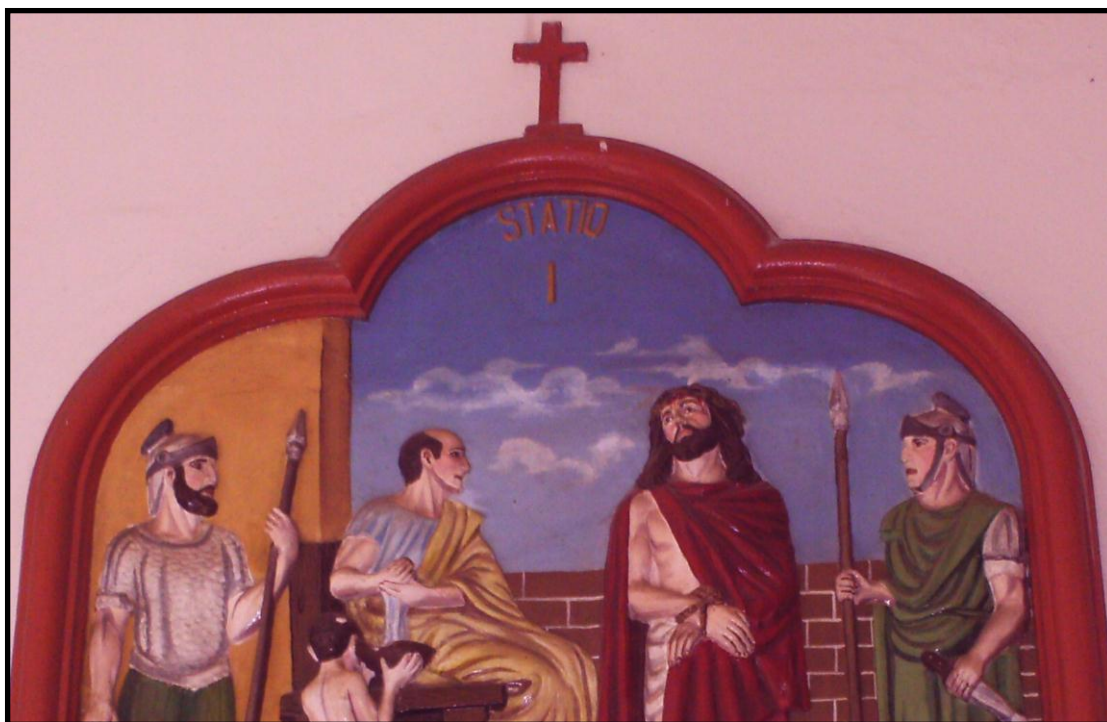


Figura 36 – Epígrafe-rótulo religiosa no interior da Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte.

Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Uma tradução para o português desta inscrição em latim é: Primeira estação. Considerando, porém, a arquitetônica da enunciação, podemos compreender bem mais do que aparentemente significa a forma textual em latim desta epígrafe-rótulo religiosa.

Apesar de a textualização conter uma só palavra e um algarismo romano (com destaque para as marcas estilísticas grave e majestosa que lhe acresce o latim), o enunciado *STATIO I* é constituído de relações dialógicas com a *Vulgata* (Mt 27, 24) e de memórias da tradição católica referentes à Paixão de Cristo. Tais diálogos e memórias atravessam o projeto enunciativo dos locutores (certamente os padres da Basílica) de identificar aos interlocutores o lugar simbólico da primeira estação da *Via Crucis*, que se realiza nesta epígrafe-rótulo religiosa – com uma forma de interlocução centrada na mística do conteúdo temático nos termos da discursividade cristã – em harmonia com o signo visual que representa a passagem em que Pilatos lava as mãos e Jesus é condenado.

4.2.2 Esfera institucional

No Cariri cearense, na esfera institucional, encontramos enunciados com forma textual de inscrição em latim pertencentes aos seguintes gêneros do discurso: epígrafe-rótulo institucional, divisa institucional, divisa política e epígrafe de afinidade religiosa. Passemos às considerações sobre eles.

Vimos no final da seção anterior uma epígrafe-rótulo religiosa. Vejamos agora uma epígrafe-rótulo institucional.

AUDITORIUM é o enunciado pertencente ao gênero epígrafe-rótulo institucional que encontramos na fachada do auditório da antiga Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte (que assim chamou de 1934 a 1946), a qual hoje se chama Escola Estadual de Ensino Profissional Professor Moreira de Sousa.

Da história dessa escola, consideramos relevante anotar que, entre as décadas de 1930 e 1970, discentes e docentes daquela antiga Escola Normal Rural, entre outras atividades culturais e intelectuais, publicaram um jornal chamado *O Lavrador*, que “constituía veículo de disseminação da ideologia nacional desenvolvimentista e dos pressupostos do Ruralismo Pedagógico mediante a exaltação do homem do campo (o lavrador) como a ‘célula base da riqueza’ e do progresso do Brasil” (ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO..., 2013, não paginado). Aquela antiga escola, que ostentava ser a primeira escola normal do Brasil, foi criada, portanto, sob a ideologia governamental dominante na época:

O que ficou conhecido como Movimento Ruralista da década de 1930 estava em consonância com as propostas nacionalistas do período de governo getulista. Os discursos de valorização do desenvolvimento do meio rural estavam impregnados de termos como *vocação histórica*. Havia a intencionalidade de empreender uma política de valorização do crescimento e do desenvolvimento das práticas econômicas no meio rural, associadas à necessidade de diminuição do fluxo migratório que começava a causar problemas nos meios urbanos. (MAGALHÃES JUNIOR; FARIAS, 2006, p. 2, grifo dos autores).



Figura 37 – Epígrafe-rótulo institucional na fachada do auditório da antiga Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte.

Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Analisando o projeto enunciativo dos educadores, locutores do enunciado *AUDITORIUM*, podemos compreender um querer dizer com a finalidade de identificar o monumento onde está posta a epígrafe-rótulo institucional, consoante a forma de interlocução típica do gênero, mais ou menos como um: *Isto é um auditório*. Todavia, não podemos negligenciar que a dialogicidade que constitui o todo do enunciado, considerado principalmente o uso do latim na sua textualização, está voltada para a memória da cultura clássica. Esta epígrafe-rótulo institucional com forma de inscrição em latim dialoga verbo-visualmente em harmonia com a estética da arquitetura elegante da fachada do prédio (com colunas ao estilo tipicamente greco-romano) e também com a ideologia política que inspirou a criação da antiga Escola Normal Rural, dessa forma, identificando a que serve o monumento, nos termos da discursividade educacional, todavia elegantemente.

Passemos agora a considerar dez enunciados pertencentes ao gênero divisa institucional, um gênero em que, como já anotamos anteriormente, a atividade arquitetônica autoral, comumente, é marcada por uma forma de interlocução com ênfase na standardização de uma ideia, preceito ou valores socioculturais, com tema, estilo e composição que se combinam formando uma unidade de sentido que normalmente possui um caráter quase áulico. Entre suas características específicas, destaca-se também a função enunciativa de

divulgar uma missão, pendor ou filiação de uma agremiação ou instituição (cultural ou educacional, por exemplo).

O primeiro deles é *AD ASTRA PER ASPERA*, que encontramos gravado na fachada da sede do Instituto Cultural do Cariri (ICC), em Crato, citando o lema dessa instituição fundada em 1953. Sua sede atual, com a configuração visual onde se encontra a divisa institucional, todavia, data de 2003, ano do seu cinquentenário.

Destaquemos que uma tradução para o português da inscrição em latim, textualização desta divisa institucional *AD ASTRA PER ASPERA*, é: Para as estrelas pelas asprezas. Como *expressão* (com sua significação universal) é muito usada desde a Antiguidade para dizer, segundo Tosi (2000, p. 760):

que o homem só pode chegar a resultados elevados através das dificuldades, baseia-se na paronomásia *aspera / astra* e tem como motivo a ascensão dos heróis ao céu, em especial de Hércules. Sua origem exata não é conhecida, mas são muitos os textos literários clássicos que constituem precedentes significativos.

Entre os textos-fontes clássicos, onde se encontram *precedentes* dessa expressão proverbial, o professor-pesquisador Renzo Tosi relaciona: *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo; *Memorabilia*, de Xenofonte; *A República*, de Platão; *Eneida*, de Virgílio, entre outros que, com pequenas variações falam da ideia de que, para se chegar ao alto, primeiro é preciso passar por dificuldades (TOSI, 2000, p. 760-761).



Figura 38 – Divisa institucional na fachada da sede do Instituto Cultural do Cariri, em Crato.
Fonte: Leite et al. (2013, p. 3).

Nosso interesse, porém, não tem o foco em validades universais de *expressões latinas* desgarradas dos sujeitos, mas em sentidos contextuais e valores situacionais considerados enunciativamente.

Dessa forma, no projeto enunciativo dos locutores (membros do ICC) deste enunciado que é dirigido à sociedade caririense, a despeito da função enunciativa própria do gênero divisa institucional, percebemos mais que um querer divulgar o pendor da instituição à intrepidez (para a superação de dificuldades); percebemos também o estabelecimento de relações dialógicas com monumentos literários da Antiguidade clássica para a proposição de uma construção de sentido, nos termos da discursividade intelectual-regional em que se realiza o gênero, de uma imagem do ICC que lembra o alto e a luz, ou seja, uma imagem típica dos discursos da elite hegemônica da região disposta a exaltar os feitos dos seus vultos históricos quase os aproximando de heróis mitológicos, mas enfatizando aspectos de distinção intelectual e cultural do Cariri (principalmente do Crato).

Assim posto, podemos dizer que o enunciado *AD ASTRA PER ASPERA* significa contextualmente bem mais que a aceção de suas palavras e seu valor é bem mais do que o de uma *expressão* repetida inúmeras vezes, pois, neste contexto particular, assemelha-se muito mais a uma pequena amostra dos valores próprios da elite hegemônica caririense, que remontam ao século XIX, em que estão fincadas as raízes dos discursos sobre a elevação, grandeza, civilidade, heroísmo e propensão à cultura letrada desse grupo social.

Outro enunciado pertencente ao gênero divisa institucional é *PROCLAMARE EDUCARE*, que cita o lema do IFETE – Instituto de Formação e Educação Teológica (antigo FACETE) e que encontramos gravado no brasão à entrada do prédio onde, há mais de 10 anos, funciona este Instituto em Juazeiro do Norte, oferecendo os cursos de graduação em Teologia, Pedagogia e História.

Fundado em 1989, em Sobral-CE, este instituto tem como missão:

- Valorizar o professor;
 - Aprofundar estudos através da pesquisa;
 - Formar profissionais competentes com responsabilidades sociais e espirituais.
- (...) tem uma missão diferenciada, pois além de levar conhecimento e qualificação, tem como prioridade a formação, educação e o comprometimento com a formação espiritual no contexto de uma filosofia cristã. Como parte inerente está o desenvolvimento de uma visão ampla da vida e de uma compreensão do universo que engloba as relações que definem a felicidade do ser humano.

Tem como fundamento o embasamento no Texto Sagrado como regra geral de fé e prática para o desenvolvimento do ser como um todo. *“Amado, desejo que te vá bem em todas as coisas, e que tenhas saúde, assim como bem vai a tua alma.” III João 2.* (INSTITUTO DE FORMAÇÃO..., 2013, não paginado).

Observamos que as relações dialógicas que constituem o todo deste enunciado estão voltadas para os discursos da elite hegemônica que tem a religião e a educação como alicerces da sociedade. Considerada a discursividade educacional em que se realiza o gênero, compreendemos que o projeto enunciativo dos religiosos-educadores, os locutores deste enunciado (que se dirige, sobretudo, à comunidade docente e discente deste Instituto), consoante à função do gênero, está baseado em resumir a missão do IFETE como sendo a de promulgar a educação (ou a formação cristã); observemos que uma tradução possível da inscrição em latim que textualiza o enunciado é: Proclamar educar, ou então: Proclamar o educar (a educação).

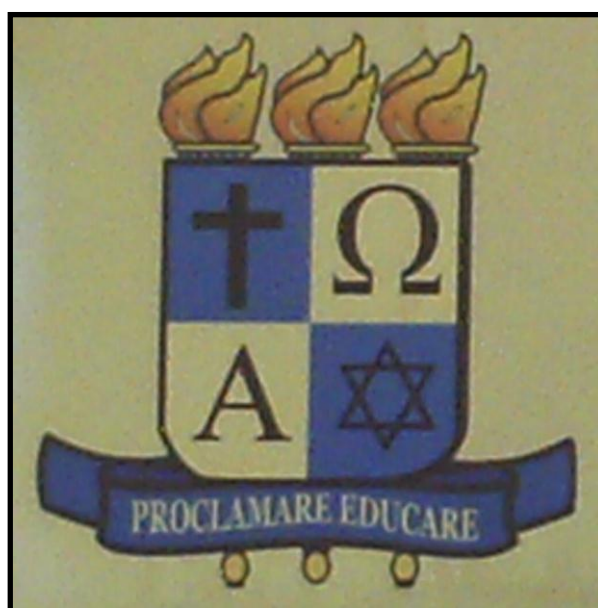


Figura 39 – Divisa institucional no brasão do IFETE, em Juazeiro do Norte.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

A textualização em latim do enunciado *PROCLAMARE EDUCARE* (em que não é fortuita a escolha estilística de palavras que aludem à religião e à educação) juntamente com os desenhos que compõem o brasão – dois que simbolizam a religiosidade (a cruz do cristianismo e a estrela de Davi) e dois que simbolizam erudição (as letras gregas alfa e ômega) – constituem uma imagem verbo-visual estilizada da formação educacional ligada à

religião cristã, que reforça o ideal de pendor para a divulgação dos valores cristão desta e também da maioria das instituições educacionais da região.

Também em Juazeiro do Norte, funciona o INTA – Instituto de Teologia Aplicada, oferecendo cursos de especialização e de mestrado. Fundado no ano de 2003, em Sobral-CE, este Instituto, assim como o IFETE, é ligado à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Sua missão é:

procurar atender à sociedade, indo além do suprimento das suas principais demandas, com a formação de profissionais qualificados em ambiente acadêmico, com atenção às necessidades mutantes de mercado, priorizando uma formação que tenha na qualidade o seu diferencial. (INSTITUTO DE TEOLOGIA..., 2013a, não paginado).

EDUCARE ET REDIMERE é a divisa institucional que cita o lema do INTA e que encontramos gravada no brasão desta Instituição em uma placa, na entrada do prédio onde funcionam seus cursos, em Juazeiro do Norte.

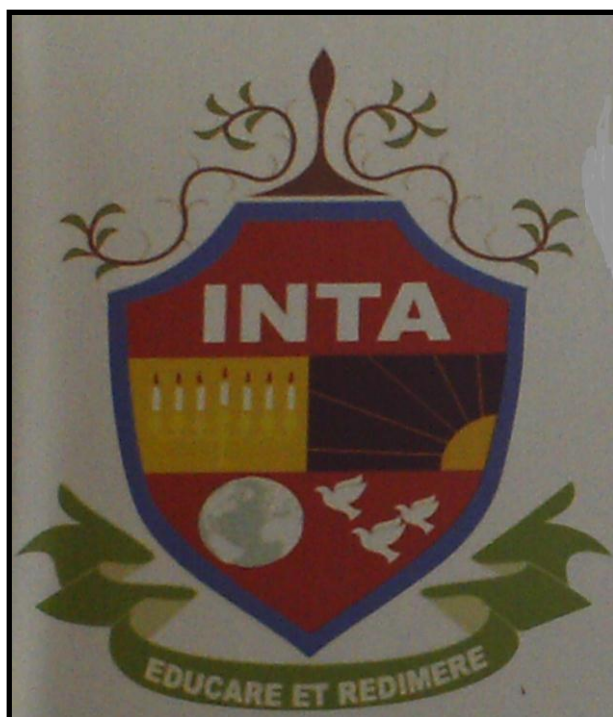


Figura 40 – Divisa institucional no brasão do INTA, em Juazeiro do Norte.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Com este enunciado, os religiosos-educadores adventistas, os locutores, provavelmente se dirigem discursivamente à comunidade acadêmica do INTA. E, como no anteriormente analisado, no todo constitutivo deste enunciado percebemos relações dialógicas com os discursos religiosos e educacionais da elite hegemônica. Compreendemos que, em conformidade com a função do gênero em sua relação com a esfera, o projeto enunciativo que se realiza nesta divisa institucional alude à divulgação da missão do Instituto como sendo a de redimir/libertar (o povo) através da educação (religiosa); observemos que uma tradução possível da inscrição em latim que textualiza o enunciado é: Educar e redimir, porém, no *site* oficial do INTA, aparece a tradução: “Educar é redimir”, na descrição heráldica do brasão (INSTITUTO DE TEOLOGIA..., 2013b, não paginado).

A divisa institucional – banhada axiologicamente de valores das concepções de mundo dos sujeitos locutores – está combinada com os desenhos e cores no brasão⁶⁰ formando um conjunto verbo-visual de imagens que, nos termos da discursividade educacional e da ideologia enformada cristã, associam a educação e a cultura letrada à elevação e à redenção.

Outra divisa institucional é a que encontramos pintada (provavelmente desde 2009) em uma placa à entrada da Delegacia Municipal de Polícia Civil de Barbalha: *OMNIS POTESTAS A LEGE*⁶¹, compondo o brasão desta corporação.

⁶⁰ Desenho e cores que, conforme descrição heráldica informada pelo próprio INTA, significam:

As cores:

Vermelho – Denota o arrojo e bem sucedido empreendimento educacional a que se propõem todos os que fazem esta casa de Ensino Superior.

Azul – A generosidade com que nos aplicamos à nossa missão.

Verde – A esperança que permeia as nossas ações.

Branco – A nossa opção pela paz como modo de vida.

Amarelo – A nossa busca obstinada pela excelência educacional.

Preto – Onde não houver luz o INTA se propõe a brilhar.

Os objetos:

O Castiçal – nos remete à herança bíblica que nos foi legado pela cultura hebraica.

O Sol – Jesus o Sol da Justiça como apanágio de nossos labores.

As Pombas – Uma referência aos três aspectos da educação que o INTA busca: pesquisa, ensino e extensão como instrumento da emancipação educacional e da paz mundial.

O Globo – O nosso lar, que temos a responsabilidade de preservá-lo por destinação divina. (INSTITUTO DE TEOLOGIA..., 2013b, não paginado).

⁶¹ No brasão fotografado, por um *lapsus linguae*, a palavra latina *omnis* foi grafada “*ominis*”.



Figura 41 – Divisa institucional no brasão da Polícia Civil do Ceará, em Barbalha.
Fonte: Leite et al. (2013, p. 12).

Todo o poder emana da lei é uma tradução possível para o português da inscrição em latim que textualiza a divisa institucional do brasão da Polícia Civil do Ceará, brasão este que foi idealizado na década de 1990 pelo seu sindicato. Tal divisa institucional cita o lema desta corporação, o qual compreendemos dialogar com o versículo da Vulgata, *Apostoli Ad Romanos Epistula Sancti Pauli* 13, 1: “*Omnis anima potestatibus sublimioribus subdita sit. Non est enim potestas nisi a Deo; quae autem sunt, a Deo ordinatae sunt*” (em português: Cada qual seja submisso às autoridades constituídas, porque não há autoridade que não venha de Deus; as que existem foram instituídas por Deus).

Dessa forma, considerada a discursividade jurídica em que se realiza o gênero, compreendemos que o projeto enunciativo dos locutores, que se dirigem à sociedade civil, é marcado pelo desiderato de construir um enunciado constituído de relações dialógicas com o texto-fonte bíblico (*Non est enim potestas nisi a Deo*) para além do nível textual, visto que, no diálogo citacional, a palavra *lege* substitui a palavra *Deo*, sugerindo a construção de um todo significativo que interpretamos como querendo dizer: *Na justiça, o poder/a autoridade vem da lei*.

Atentando também a função enunciativa do gênero e sua forma de interlocução típica, nossa compreensão é a de que o enunciado desta divisa institucional divulga de forma

quase áulica, com o estilo garboso que lhe confere o latim da textualização, a ideia de que as ações da polícia são praticadas dentro do que é juridicamente legal.

Consideremos, na sequência, quatro enunciados do gênero divisa institucional gravados nos brasões que encontramos nos *campi* das universidades cearenses localizados no Cariri cearense.

Pintado em uma parede do *campus* Pimenta da Universidade Regional do Cariri-URCA, em Crato, encontramos o brasão em que aparece a divisa institucional *FELIX AD SATVM*, a qual cita o lema da URCA. Tal lema foi criado em 1987 e trata-se de uma sugestão do Vice-Reitor da época, o Professor José Newton Alves de Sousa, a pedido do Professor Antônio Martins Filho, um dos fundadores e o primeiro reitor desta universidade.

O texto em latim do lema da URCA – traduzido para o português como: Fértil para a semeadura – evoca a:

fecunda e progressista região, onde se plantarão as sementes do saber universitário, a serem germinadas no solo fértil à semeadura, consoante bem expressa seu lema “Felix ad Satum”, fazendo-as brotar direcionadas aos quadrantes nacionais, pelos ramos de oliveira – falantes da sabedoria, trifoliados na forma clássica da cultura – ciências, letras e artes, frutados enfim a sucesso. (UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, 2013, não paginado).



Figura 42 – Divisa institucional no brasão da URCA, em Crato.
Fonte: Leite et al. (2013, p. 7).

Compreendemos que os intelectuais fundadores da URCA, os quais identificamos como sendo os locutores, dirigem-se com o enunciado *FELIX AD SATVM* à sociedade caririense como um todo, estabelecendo relações dialógicas com a memória oficial, preservada pela elite hegemônica local, que fala de uma propensão do Crato e do Cariri como um todo à erudição.

Entendemos que há um tom vaticinante que atravessa tema, composição e estilo desta divisa institucional configurando sua unidade de sentido. E, no todo verbo-visual do brasão, a polissemia das palavras *FELIX* e *SATVM* é usada estilisticamente em combinação com os desenhos (principalmente com o dos ramos da oliveira) para aludir ao cultivo da terra (a agricultura), pendor econômico da região, mas também à cultura intelectual, ideal de identidade pretendido pela elite hegemônica caririense (elite religiosa, política e intelectual) desde o século XIX.

Considerada a discursividade academicista com traços da discursividade intelectual-regional em que se realiza o gênero, compreendemos que se destaca, no projeto enunciativo que engendra o enunciado, uma proposta de standardização (que o latim da textualização reforça axiologicamente) da ideia de que a URCA e a região do Cariri são propícias ao cultivo da ciência, das letras e das artes em geral.

Em uma placa no *campus* Reitor Ícaro de Sousa Moreira, da UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ-UFC, em Juazeiro do Norte, encontramos o brasão dessa universidade que “foi criado em 1965 por um religioso alemão, o Irmão Paulo Lachenmeyer” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2013, não paginado). Compõe esse brasão a divisa institucional *VIRTVS VNITA FORTIOR*.



Figura 43 – Divisa institucional no brasão da UFC, em Juazeiro do Norte.
Fonte: Leite et al. (2013, p. 20).

O enunciado *VIRTVS VNITA FORTIOR* cita o lema da Universidade Federal do Ceará, o qual pode ser traduzido para o português como: A virtude unida é mais forte, mas que aparece traduzido no próprio *site* da UFC como: “Quanto mais unidas as virtudes, tanto mais fortes” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARA, 2013, não paginado).

A inscrição em latim que textualiza a divisa institucional do brasão da UFC dialoga com o dito proverbial “A união faz a força”, que, por sua vez, alude a textos bíblicos; por exemplo, a esta passagem da *Vulgata, Liber Ecclesiastes 4, 12*: “*Et, si quispiam praevaluerit contra unum, duo resistent ei. Et fu niculus triplex non cito rumpitur*”, que na Bíblia Católica aparece traduzida para o português como: Se é possível dominar o homem que está sozinho, dois podem resistir ao agressor, e um cordel triplicado não se rompe facilmente.

Assim considerada a dialogicidade que constitui este enunciado, compreendemos que o projeto enunciativo dos locutores (os representantes da UFC), nos termos da discursividade academicista com traços da discursividade cristã, está voltado para uma divulgação dos ideais da UFC que evocam as virtudes austeras do bem e do conhecimento que a cultura oficial idealiza. O enunciado gravado neste brasão traz as vozes daqueles que criaram e daqueles que mantêm o ideal de missão desta universidade, vozes estas que – em nossa compreensão dialógica – atravessam seu tema, composição e estilo funcionando, em

uma totalidade de sentido, semelhantemente a uma admoestação aos interlocutores (professores, alunos, sociedade etc.), mais ou menos como: *Seremos mais fortes unindo nossas virtudes (espirituais, intelectuais, culturais e científicas)*.

LUMEN AD VIAM é a divisa institucional do brasão da Universidade Estadual do Ceará-UECE que encontramos pintado (ao lado dos brasões da URCA e da UVA), no ano de 2011 em Crato, em uma parede⁶² do prédio onde funcionam o Sindicato dos Docentes de Ensino Superior Público do Estado do Ceará (SINDESP) e a Fundação Cariri (FUNCAR), instituição de ensino que oferece cursos preparatórios a estudantes que pretendem ingressar em cursos de graduação e pós-graduação.



Figura 44 – Divisa institucional no brasão da UECE, em Crato.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

A UECE foi criada em 1975 e, em seu próprio *site*, assim se apresenta:

Constituída por uma rede multicampi, que privilegia os Cursos voltados para a formação de professores, a UECE vem acumulando experiências e transformando o seu perfil curricular em razão da melhoria da formação profissional de seus alunos e consequentemente da elevação da qualidade de vida da sociedade cearense. (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, 2013, não paginado).

⁶² Nesta parede, por conta de uma mancha e por um *lapsus linguae* de quem a pintou, a palavra *lumen* aparece quase ilegível.

Considerada a discursividade academicista (com traços da discursividade cristã e também da filosófica-racional) em que se realiza o gênero discursivo, compreendemos que o enunciado *LUMEN AD VIAM* (traduzido para o português como: Luz para o caminho) – que encontramos pintado na parede, em Crato, citando o lema da UECE – é marcado axiologicamente pelos valores sociais (de matriz cultural-oficial) da imagem da luz (*LUMEN*). Em um diálogo com o motivo bíblico da luz cristã sobre a escuridão⁶³ e também com o motivo filosófico da luz racional sobre o obscurantismo, este enunciado, quanto ao projeto enunciativo dos locutores (representantes do SINDESP e da FUNCAR), está dirigido, sobretudo, a interlocutores da vida acadêmica como que querendo dizer: *Trazemos a luz (da cultura, do conhecimento e do cristianismo) para iluminar o caminho do povo.*

Nossa compreensão desta divisa institucional textualizada em latim é também a de que sua validade contextual, considerada a singularidade do contexto enunciativo, é a de uma (outra) alusão simbólica da presença, no Cariri, da Universidade a que se ligam (não só à UECE, mas também às outras universidades estaduais do Ceará: URCA e UVA), de uma forma ou de outra, tanto a FUNCAR quanto o SINDESP.

Em um cartaz (*banner*) à entrada de um dos prédios onde funcionam cursos de graduação da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, em Crato, encontramos o enunciado com forma textual de inscrição em latim: *AGERE SEQUITUR ESSE*, divisa institucional que compõe o brasão desta universidade estadual cearense criada em 1968, cuja missão é “ofertar ensino superior de excelência, de forma inclusiva, flexível e contextualizada, e buscar, por meio da pesquisa e extensão, soluções que promovam a qualidade de vida” (UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ, 2013, não paginado).

⁶³ Como encontramos, por exemplo, na *Vulgata, Evangelium Secundum Ioannem* 1, 5: “*Et lux in tenebris lucet*”. Em português: E a luz resplandece nas trevas.

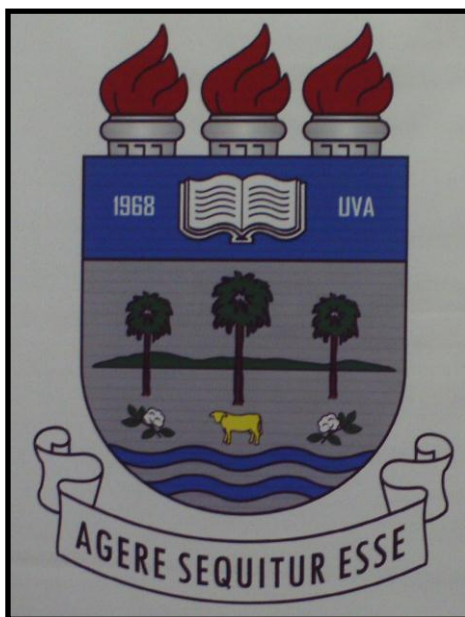


Figura 45 – Divisa institucional no brasão da UVA, em Crato.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Este enunciado cita o lema da UVA (que é traduzido para o português como: O agir segue o ser) e, em nossa compreensão, é constituído de relações dialógicas com a filosofia tomista, sobretudo, com o princípio de que a (boa) ação do homem procede de Deus, o ser absoluto.

Consideradas as características do gênero em sua relação com a esfera, observamos que o tema, estilo e composição deste enunciado se combinam de forma quase áulica, com destaque para o seu pendor filosófico. A atividade arquitetônica autoral é marcada por uma forma de interlocução com ênfase sobre a standardização de valores cristãos, nos termos da discursividade academicista (com traços da discursividade cristã e também da filosófica-tomista) em que se realiza esta divisa institucional, *AGERE SEQUITUR ESSE*, textualizada em latim.

Considerado o contexto singular da enunciação, compreendemos, enfim, que o projeto enunciativo dos locutores (representantes da UVA) visa a uma produção de um efeito de sentido de credibilidade ou reconhecimento aos cursos que a Instituição oferece em Crato à população caririense.

Os dois enunciados do gênero divisa institucional de que trataremos a seguir encontram-se gravados nos prédios do Círculo Operário em Barbalha e Juazeiro do Norte.

LABOR / OMNIA / VINCIT é a divisa institucional gravada dentro de um círculo rodeado por uma corrente de elos que se fecham na fachada principal do prédio do Círculo de Operário e Trabalhadores Católicos São José, em Barbalha.

A gravação deste enunciado data de 1932, ano da fundação da associação nesta cidade. Atualmente, neste prédio do Círculo Operário, funciona uma agência da Caixa Econômica Federal, na parte superior; na parte inferior do prédio, esta associação beneficente mantém ainda alguns projetos sociais, tais como o de um ambulatório dentário para atender à população mais carente.

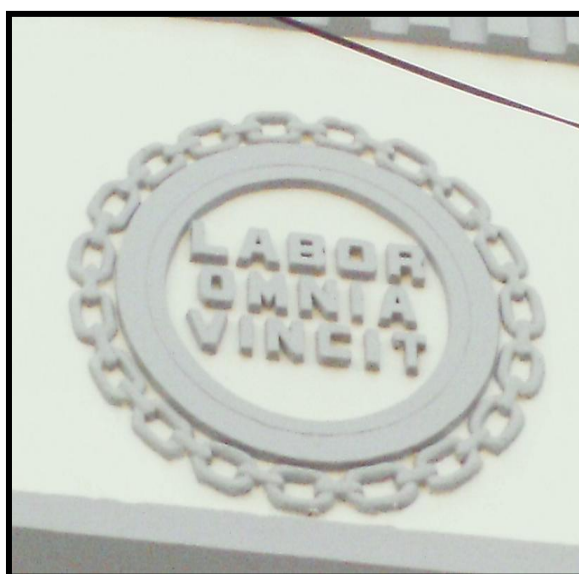


Figura 46 – Divisa institucional na fachada do prédio do Círculo O. T. Católicos São José, em Barbalha.

Fonte: Leite et al. (2013, p. 10).

Traduzida para o português como: O trabalho vence tudo, a inscrição em latim que textualiza o enunciado é um dos raros exemplos (entre os que estamos estudando) cujo texto-fonte citado não tem matriz eclesiástica/bíblica, mas sim clássica; neste caso, as *Geórgicas* de Virgílio, onde encontramos: *Labor omnia vicit improbus*, ou seja, O trabalho incansável tudo venceu, com o verbo no passado (*vicit*: venceu). Como expressão, “segundo afirmação de Macróbio (*Saturnalia*, 5, 16, 7), já era considerada proverbial na Antiguidade e foi citada, por exemplo, por São Jerônimo (*Prefácio a Daniel*, PL 28, 1292) e João Salisbury (*Metalogicus*, PL 199, 833d)”, conforme relato de Tosi (2000, p. 746).

A opção dos sócios do Círculo Operário de Barbalha pela citação deste texto-fonte na constituição da divisa institucional, apesar de sua origem clássica, muito provavelmente esteja associada às marcas axiológicas da palavra *LABOR* (trabalho) para a Igreja Católica (da

qual este Círculo Operário não está distanciado) e para a ideologia política getulista a que estava ligada esta associação no período de sua fundação.

Dessa forma, considerado que o gênero se realiza em um misto de discursividade política e cristã, entendemos que, com o enunciado *LABOR / OMNIA / VINCIT*, os locutores, os sócios do Círculo Operário, dirigem-se a toda a sociedade civil (principalmente aos trabalhadores cristãos) com o projeto enunciativo de realizar uma distinta exaltação do trabalho, a que o latim da textualização acrescenta tons de erudição. Assim sendo, entendemos que, neste enunciado – conforme função característica do gênero divisa institucional – os locutores divulgam solenemente valores por eles preservados, mais precisamente o pendor daquele Círculo Operário de reunir os trabalhadores para conjuntamente resolverem seus problemas.

A outra divisa institucional, *IN HOC SIGNO VINCES*, disposta em semicírculo sobre a cruz do cristianismo, está gravada na fachada do prédio do Círculo Operário São José, em Juazeiro do Norte. Este prédio, que pertence ao complexo predial da Paróquia de Nossa Senhora das Dores, era a sede desta associação de trabalhadores e operários católicos fundada no início do século XX, mas hoje funciona basicamente como salão paroquial. Tal divisa teria sido gravada na fachada do prédio, segundo o octogenário historiador Geraldo Menezes Barbosa, não antes da década de 1950.



Figura 47 – Divisa institucional na fachada do prédio do Círculo Operário São José, em Juazeiro do Norte.

Fonte: Leite et al. (2013, p. 8).

Traduzida para o português como: Com este sinal vencerás, a inscrição em latim que textualiza o enunciado *IN HOC SIGNO VINCES* estabelece relações dialógicas com uma passagem histórica do cristianismo. Segundo Tosi (2000, p. 567):

um episódio da vida de Constantino, contado por Eusébio (*Vida de Constantino*, 1, 27, 31, retomado na *História eclesiástica*, 9, 9): ele sonhou com uma cruz em que essas palavras estavam inscritas. Ao despertar, adotou a cruz, símbolo dos cristãos, como insígnia do seu exército, mandando gravá-la em todos os escudos, e obteve a vitória da ponte Mílvia [sobre seu oponente, o imperador romano Maxêncio, em 312 d.C.]; a seguir, como reconhecimento ao Deus que lhe concedera essa vitória, aderiu decididamente à causa cristã, pondo fim ao período de luta cruenta entre poder imperial e cristianismo.

Entendendo que este gênero se realiza em um misto de discursividade política e cristã, compreendemos que os sócios deste Círculo Operário, os locutores do enunciado, dirigem-se a interlocutores da sociedade civil (principalmente aos trabalhadores cristãos) com o projeto enunciativo de divulgar a causa daquele Círculo Operário (auxiliar espiritual e materialmente os trabalhadores) aproximando-a discursivamente dos ideais da Igreja Católica de não perder o controle espiritual e também ideológico da sociedade.

Considerado o contexto enunciativo, compreendemos que a divisa institucional – cujo diálogo constitutivo com a memória do episódio da vida de Constantino atravessa sua unidade de sentido quanto a tema, composição e estilo – articula-se dentro de um todo semântico verbo-visual – em que destacamos o uso dêitico das palavras *HOC SIGNO* em referência à cruz do cristianismo, o signo visual – cuja validade contextual é inextrincavelmente apoiada nos valores sociorrelegiosos da vida dos sujeitos em interação.

No Cariri cearense, encontramos apenas uma divisa política, um gênero em que a atividade arquitetônica autoral, quanto à forma de interlocução, geralmente tende a enfatizar ideais de grandeza cívica.

LABORE é a divisa política que compõe o brasão do município de Crato. Tal brasão foi criado em 1955 e existe gravado em diversos prédios da cidade e também em documentos oficiais. Consideremos o enunciado que encontramos, no ano de 2012, em uma parede de um anexo da Prefeitura Municipal de Crato.



Figura 48 – Divisa política no brasão do município de Crato.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Considerando o contexto singular da enunciação, compreendemos que os locutores do enunciado (sujeitos da administração pública municipal) usam o brasão com a divisa institucional, como é praxe, para informarem à sociedade civil o caráter oficial e público-municipal do estabelecimento.

Ao perscrutarmos, porém, a dialogicidade constitutiva da unidade de sentido da divisa política deste brasão, encontramos as vozes sociais dos sujeitos (pertencentes a um grupo político de orientação trabalhista) que a idealizaram (pelo que compreendemos) com o propósito ideológico de estampar uma garbosa exaltação ao trabalho (algo em torno de: *A cidade cresce/eleva-se/constrói-se pelo trabalho*) que termina por dar contorno de grandeza cívica à imagem do trabalho entre os emblemas, inclusive, oficiais da cidade.

A configuração verbo-visual do brasão da cidade favorece também a construção desse efeito de sentido pretendido, por aproximar, em um todo significativo, os desenhos do penacho (que evoca os índios cariris) e das hastes de cana-de-açúcar (que evoca a agricultura do município) e a divisa *LABORE*, esta que, na descrição heráldica do Padre Antônio Gomes de Araújo, é “uma representação do progresso, da civilização e da cultura, triângulo em que o Crato se enquadra desde os primórdios” (ACESSO GERAL, 2013, não paginado).

Um detalhe é que a palavra da inscrição em latim, pelo fato de estar no ablativo, pode ser traduzida como: Com trabalho, ou ainda: Pelo trabalho, porém é muito comum

encontrá-la traduzida simplesmente como: Trabalho, como consta na descrição heráldica oficial do brasão.

Por fim, encerrando esta seção de descrição e análise dos enunciados com forma textual de inscrição em latim da esfera institucional, vejamos o único desses enunciados que encontramos, no Cariri cearense, pertencente ao gênero epígrafe de afinidade religiosa: *CHRISTUS / REGNAT / VINCIT / IMPERAT*, que podemos traduzir para o português como: Cristo reina, vence, impera.

Data de 1938 a gravação desta epígrafe de afinidade religiosa no monumento ao Cristo Redentor⁶⁴ (também chamada Coluna da Hora) da Praça Francisco Sá, mais conhecida como Praça Cristo Rei, em Crato.



Figura 49 – Epígrafe de afinidade religiosa no monumento ao Cristo Redentor da Praça Francisco Sá, em Crato.

Fonte: Leite et al. (2013, p. 5).

Neste enunciado ecoam vozes distantes, tais como:

A chamada “*Laudes de Ivrea*”, cantada em 1090 em aclamação ao antipapa de Henrique, Clemente, e ao próprio Henrique, [a qual] começaram com a tríplice repetição de *Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat*, uma referência ao Governante Divino que, na teologia política medieval, era a origem de todos os poderes, e, secundamente por inferência, um reconhecimento daqueles poderes. (MORRISON, 2000 apud DUARTE, 2012, p. 68).

⁶⁴ Em 2011, este monumento com a imagem do Cristo Redentor, em que está gravada esta epígrafe, foi instituído oficialmente como ícone da cidade do Crato.

Mas também, neste enunciado, ecoam vozes mais próximas, tais como as da epígrafe doutrinária de 1901 (anteriormente tratada): *JESUS CHRISTUS DEUS HOMO / VIVIT / REGNAT / IMPERAT*, localizada na Catedral de Nossa Senhora da Penha, em Crato.

Compreendemos que essas vozes distantes e próximas estão na base da construção da unidade de sentido desta epígrafe de afinidade religiosa, aparatosamente textualizada em latim, que se realiza em um misto formado pelas discursividades política e cristã. Assim posto, entendemos que o projeto enunciativo dos políticos, locutores do enunciado (em cuja orientação, vemos toda a sociedade civil), objetiva identificar a afinidade cristã do governo municipal, escamoteada sutilmente (em um tipo de relação interlocutiva própria do gênero) em uma homenagem a Jesus Cristo, a quem são dadas honras de soberano que governa (também a cidade do Crato) acima de tudo e de todos.

4.2.3 Esfera funerária

Na esfera funerária, no Cariri cearense, encontramos enunciados com forma textual de inscrição em latim pertencentes aos gêneros epitáfio de consolação e epitáfio-colóquio, todos realizados em termos das discursividades fúnebre e cristã. Passemos agora a considerá-los.

REQUIEScant IN PACE é o epitáfio de consolação da década de 1950 que encontramos no portão da entrada do Cemitério do Socorro, o mais antigo deles, em Juazeiro do Norte.



Figura 50 – Epitáfio de consolação no portão do Cemitério do Socorro, em Juazeiro do Norte.
Fonte: Leite et al. (2013, p. 16).

Traduzida para o português como: Descansem em paz, esta inscrição em latim que textualiza este enunciado é muito usada também em lápides, em geral, com o verbo no singular (*REQUIESCAT IN PACE*) e muitas vezes reduzida à sigla *R.I.P.*

Segundo Tosi (2000, p. 293):

A fonte dessa conhecidíssima expressão [...] é um salmo (4, 9)⁶⁵, mas no qual “dormir em paz” não aludia à morte. Esse motivo logo passou a referir-se à morte, inclusive porque era óbvia e difundida a sua comparação com o sono [...]; ademais deve ser notado que ele já aparece nas epígrafes funerárias dos primeiros séculos depois de Cristo [...]. Atualmente, além dessa locução também é usada *Requiem aeternam dona eis, Domine*, “dá-lhes paz eterna, Senhor”, início da mais conhecida oração aos mortos, extraída de *IV Esdras* 2, 34s. (*Requiem aeternitatis dabit vobis... lux perpetua lucebit vobis per aeternitatem temporis*, “dar-vos-á o repouso eterno... e a luz perpétua resplenderá para vós eternamente”), que na liturgia latina constitui o Introito da Missa para os Mortos.

Esses motivos, memórias e vozes da tradição cristã atravessam tema, composição e estilo construindo o todo da epígrafe de consolação do portão do Cemitério do Socorro, em um tom piedoso, peculiar ao estilo dos gêneros epitáficos.

Considerados os aspectos do contexto, avaliamos (necessariamente em termos de intersubjetividade) a validade singular deste enunciado, solene e oficialmente textualizado em latim, como a de um permanente externar de consolo, na forma do sentimento de respeito cristão dos administradores do cemitério (os locutores), ao pesar dos familiares e amigos dos mortos ali enterrados, conforme a forma de interlocução típica do gênero.

No mesmo Cemitério do Socorro, em Juazeiro do Norte, no jazigo da família de José Pereira e Silva (comerciante e agropecuarista juazeirense), encontramos o epitáfio de consolação: *RESURRECTURUS IN CHRISTO*, datado dos anos 1950.

⁶⁵ Na *Vulgata*, *Liber Psalmorum*, *Psalmus* 4, 9: *In pace in id ipsum dormiam et requiescam*. Em português: Em paz para isso mesmo, dormirei e repousarei.



Figura 51 – Epitáfio de consolação do jazigo da família de José Pereira e Silva, em Juazeiro do Norte. Fonte: Leite et al. (2013, p. 17).

Traduzida para o português como: Ressuscitará em Cristo (ou Aquele que irá ressuscitar em Cristo), esta inscrição em latim, em que está textualizado o epitáfio de consolação, alude àquela passagem da *Vulgata* (que já citamos na seção 3.2.1), *Evangelium Secundum Ioannem* 11, 25-26: “*Dixit ei Iesus: ‘Ego sum resurrectio et vita. Qui credit in me, etsi mortuus fuerit, vivet; et omnis, qui vivit et credit in me, non morietur in aeternum. Credis hoc?’*”.

Esses diálogos com textos bíblicos, comum à discursividade fúnebre em que se realiza este epitáfio de consolação, são certamente considerados pelo locutor (algun parente do morto), que em seu projeto enunciativo, em conformidade com a função do gênero, externa um sentimento de alívio às dores de todos os familiares de José Pereira e Silva, com refinamento de erudição (pelo próprio uso do latim na textualização), apoiando-se axiologicamente na crença dos cristãos fiéis da ressurreição da carne (como expressa a própria oração católica do Credo), crença esta que parte da fé na ressurreição de Cristo.

Notemos que *RESURRECTURUS* é o particípio futuro do verbo latino *resurgĕre* (que em português pode significar também: reerguer-se), o qual vem de *surgĕre* (que em português significa também: levantar-se), de modo que entrevemos, nesta palavra, uma imagem estilizada da ressurreição construída a partir do motivo do alto.

No jazigo do Círculo Operário no Cemitério Santo Antônio, em Barbalha, onde ainda são enterrados sócios desta associação de trabalhadores e operários católicos, encontramos um singelo epitáfio de consolação: *PAX*.

Encontramos tal palavra latina também figurando em um epitáfio no alto do sepulcro da família Correia Villar (tradicional família cratense), no Cemitério Nossa Senhora da Piedade, em Crato.



Figura 52 – Epitáfio de consolação do jazigo do Círculo Operário, em Barbalha.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Paz é a tradução para o português da palavra latina *Pax* (signo ideológico), a qual, em nossa compreensão dialógica, evoca (em ambos os epitáfios supracitados), como em uma espécie de hiperônimo, o motivo do “dormir em paz” presente em enunciados tais como o já abordado: *REQUIESCANT IN PACE*, mas também alude às saudações cristãs presentes na liturgia católica: *Pax tecum* e *Pax vobiscum* – em português: A paz (esteja) contigo e A paz (esteja) convosco.

No que se refere particularmente ao epitáfio do jazigo do Círculo Operário de Barbalha, entendemos que a compreensão de sua validade contextual passa pela consideração dessas relações dialógicas com a tradição católica que são constitutivas da sua unidade de sentido e que atravessam também os signos ideológicos (de natureza arquitetural) que compõem a fachada do jazigo.

Compreendemos tal validade contextual também em termos do que é projetado enunciativamente pelos sócios deste Círculo Operário, os locutores deste enunciado dirigido aos familiares e amigos dos mortos. Em nossa compreensão, tal projeto enunciativo alude à

afirmação de que seus entes queridos estão enterrados em um local que lhes favorece descanso, silêncio e sossego *post mortem*.

REQUIEM e *BEATI MORTUI QUI IN DOMINO / MORIUNTUR* são dois epitáfios de consolação, da década de 1920, que encontramos no sepulcro da família Pita (tradicional família cratense), no Cemitério Nossa Senhora da Piedade, em Crato.



Figura 53 – Epitáfio de consolação da parede do sepulcro da família Pita, em Crato.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Repouso é a tradução para o português da inscrição em latim (textualização) do epitáfio de consolação *REQUIEM*, que cita o início do Ofício dos Mortos, na liturgia católica. Assim, apesar de sua forma textual conter uma só palavra, este epitáfio de consolação é constituído pelo diálogo com as vozes que falam de repouso eterno, respeito e paz; vozes banhadas axiologicamente pelo tradicional sentimento (próprio do mundo cristão) da morte como passagem para a vida eterna.

Compreendemos que tal diálogo atravessa o projeto enunciativo (de produção de totalidades de sentido) dos familiares dos mortos, os locutores deste enunciado que visa a um conforto de seu próprio pesar através de uma construção de sentido da morte como o *Requiem aeternam*.

O diálogo com a tradição católica relativa à morte, que percebemos no enunciado *REQUIEM*, continua mantido no epitáfio de consolação da lápide do mesmo sepulcro.

Vejamos que a inscrição em latim que textualiza o enunciado *BEATI MORTUI QUI IN DOMINO / MORIUNTUR*, cuja tradução para o português é: Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor (ou seja, na graça de Deus), cita um excerto da *Vulgata*, *Apocalypsis Ioannis* 14, 13: “*Et audivi vocem de caelo dicentem: ‘Scribe: Beati mortui, qui in Domino moriuntur amodo. Etiam, dicit Spiritus, ut requiescant a laboribus suis; opera enim illorum sequuntur illos’*” (em português: E ouvi uma voz do céu, que me dizia: Escreve: Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os seguem).

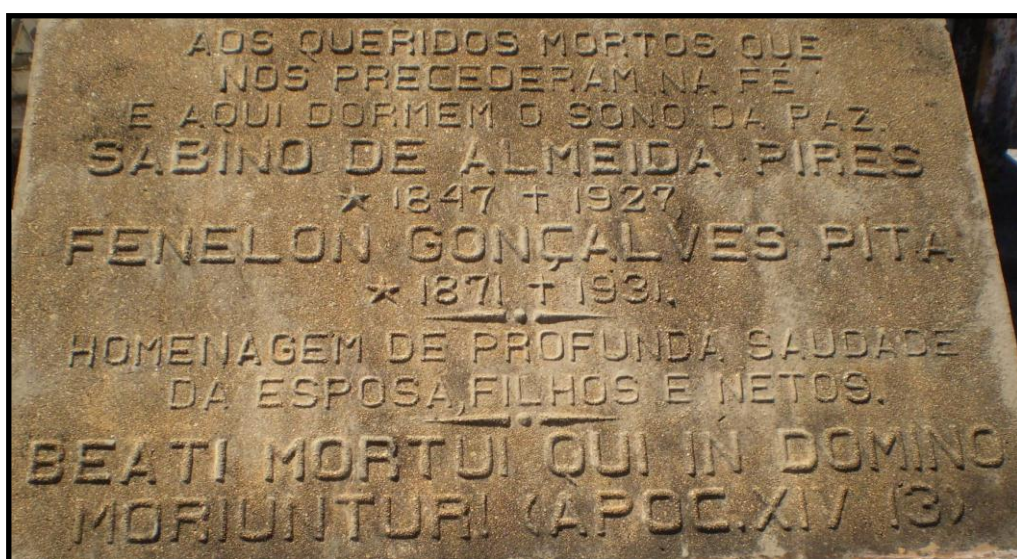


Figura 54 – Epitáfio de consolação da lápide do sepulcro da família Pita, em Crato.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Neste epitáfio de consolação em particular, compreendemos que o diálogo citacional com esse excerto da *Vulgata* é parte do projeto enunciativo dos familiares dos mortos, os locutores deste enunciado que visa a construir um efeito de sentido (que compreendemos a partir de um tipo de relação interlocutiva típica do gênero) de diminuição da dor (causada pela perda dos entes queridos) apoiada na fé cristã no encontro com Deus após a morte.

Ainda no Cemitério Nossa Senhora da Piedade, em Crato, no jazigo das religiosas Filhas de Santa Teresa, encontramos o enunciado com forma textual de inscrição em latim:

MISERICORDIAS DOMINI IN AETERNUM CANTABO (em português: Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor), pertencente ao gênero discursivo epitáfio-colóquio.

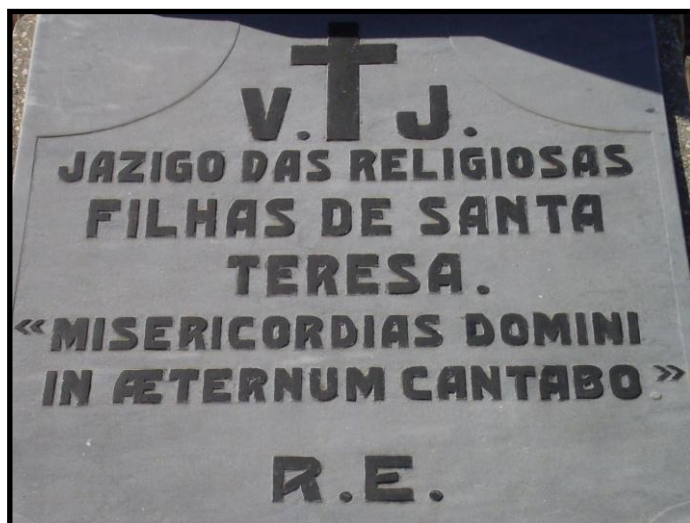


Figura 55 – Epitáfio-colóquio no jazigo das religiosas Filhas de Santa Teresa, em Crato.⁶⁶
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Compreendemos que, neste enunciado, as religiosas teresianas (as locutoras) têm o projeto enunciativo de preservar a memória dos mortos como se eles não tivessem desaparecido definitivamente. Entre as relações dialógicas que constituem este enunciado, destacamos: (i) um excerto de um versículo da *Vulgata, Liber Psalmorum, Psalmus 88, 2*: “*Misericordias Domini in aeternum cantabo in generatione et generatione adnuntiabo veritatem tuam in ore meo*” (em português: As misericórdias do Senhor cantarei eternamente, de geração em geração anunciarei a tua fidelidade com meus lábios) citado na inscrição em latim; (ii) o diálogo com a crença católica na vida eterna, a que o *IN AETERNUM* alude, em conformidade o Credo católico (“*Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna*”) e (iii) a alusão ao hino “Louvor das criaturas ao Senhor”, que as religiosas Filhas de Santa Teresa costumam cantar.

Uma característica da *archaica* do gênero presente na textualização deste enunciado, concernente à forma de interlocução típica do epitáfio-colóquio, é marcada pelo verbo *CANTABO*, na 1ª pessoa singular, simulando um diálogo entre mortos e vivos. Citação,

⁶⁶ Em nossa pesquisa, não obtivemos informações sobre a significação das letras V. J. / R. E. que aparecem gravadas na lápide e que sugerem abreviaturas, mas, a nosso ver, não de palavras latinas. No contexto enunciativo da esfera funerária, recuperamos assim a significação das letras, consideradas abreviaturas de palavras do português: V.: venerável, J.: jazigo, R.: repouso, E.: eterno, que, combinadas com a cruz como símbolo de túmulo de cristão, compreendemos como significando: *Venerável Jazigo Cristão / Repouso Eterno*.

diálogo e memória, dessa forma, participam ativamente na construção do sentido deste epitáfio repleto das vozes de fé e religiosidade ligadas à história da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus.

Vejamos, na sequência, três epitáfios gravados em duas lajes de pedra e em uma placa metálica – as quais se encontram atualmente preservadas como relíquias na Catedral de Nossa Senhora da Penha, em Crato – que, até o ano de 2008, ficavam sobre o local onde estão sepultados os restos mortais de três bispos.

O primeiro deles é *R. I. P. / VITA MUTATUR, NON TOLLITUR*, o epitáfio de consolação gravado na lápide que ficava no túmulo de Dom Francisco de Assis Pires, segundo bispo da Diocese.



Figura 56 – Antiga lápide do túmulo de Dom Francisco de Assis Pires, em Crato.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Os sujeitos locutores que gravaram este epitáfio de consolação eram provavelmente representantes do clero que – considerado que a lápide ficava dentro de uma igreja – direcionavam seu discurso, como que antecipando uma resposta, a uma possível atitude de dor dos interlocutores católicos que visitassem o túmulo de Dom Francisco.

Percebemos, na relação interlocutiva acionada (relacionada à função típica do gênero epitáfio de consolação), a ênfase em um alívio do pesar pela morte de Dom Francisco, auspiciosamente pautada na concepção cristã de que sua vida não acabou (não foi tirada), ela continuará de outra forma (supomos) ao lado do Senhor.

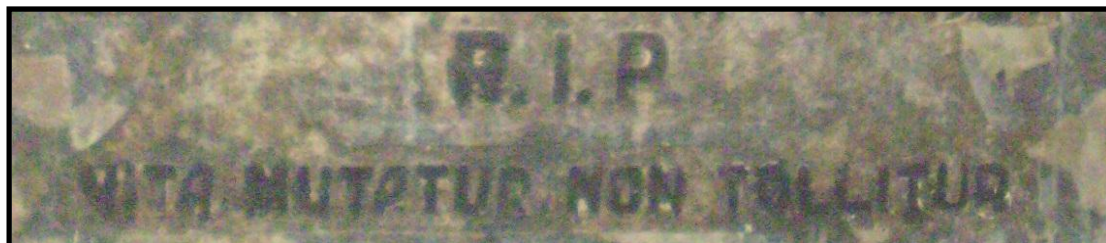


Figura 57 – Detalhe do epitáfio de consolação da antiga lápide do túmulo de Dom Francisco de Assis Pires.

Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Essa compreensão é reforçada pelas relações dialógicas que podemos recuperar como constitutivas do enunciado. Vejamos que *R. I. P.*, como já anotamos, já era usada em epitáfios de túmulos dos primeiros cristãos em diálogo com a *Vulgata*, *Liber Psalmorum*, *Psalmus 4, 9*: “*In pace in id ipsum dormiam et requiescam*”; enquanto que *VITA MUTATUR, NON TOLLITUR* cita o prefácio do primeiro rito católico da missa pelos mortos: “Aos vossos fiéis, Senhor, a vida é mudada, não tirada”.

Em outra lápide, a que ficava no túmulo de Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, primeiro bispo da Diocese de Crato, encontramos o epitáfio-colóquio: *VIVUS, FUI MORTUUS, / ECCE SUM VIVENS / IN SAECULA*.

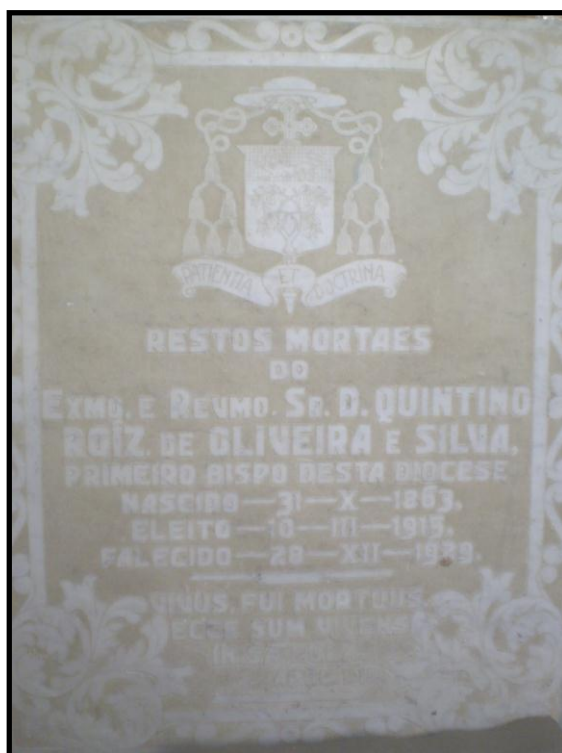


Figura 58 – Antiga lápide do túmulo de Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, em Crato.
Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Como no enunciado anteriormente analisado, é muito provável que os sujeitos que gravaram este epitáfio fossem representantes do clero. Neste caso em particular, partindo de características específicas do gênero epitáfio-colóquio (tais como a função enunciativa de tratar o morto como alguém que não desapareceu definitivamente), tais sujeitos simularam uma fala de Dom Quintino endereçada aos interlocutores visitantes de seu túmulo. Os verbos da textualização na 1ª pessoa singular, que são ligados à relação interlocutiva típica do epitáfio-colóquio, sugerem uma interação do morto com os vivos (característica da *archaica* do gênero).

Dessa forma, no projeto enunciativo que engendra este enunciado, compreendemos ser pretendida uma construção de sentido em torno da morte de Dom Quintino que alude à ressurreição e à vida eterna nos termos das discursividades fúnebre e cristã, como que lembrando: *Na morte, o cristão entra para a vida eterna*, em conformidade, inclusive, com a oração do Credo católico.

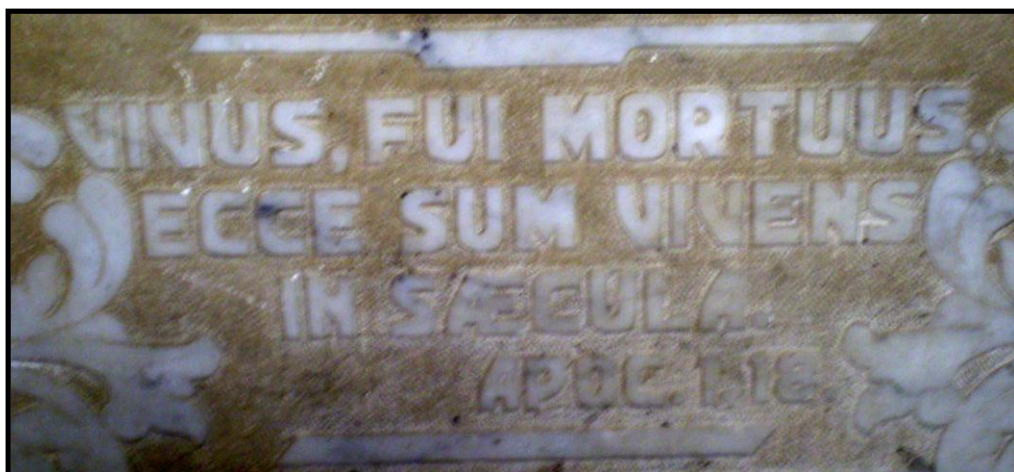


Figura 59 – Detalhe do epitáfio-colóquio da antiga lápide do túmulo de Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva.

Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Essa nossa compreensão é reforçada pelas relações dialógicas que entendemos serem estabelecidas no enunciado, uma vez que a inscrição em latim cita estes versículos da *Vulgata: Apocalypsis Ioannis* 1, 17-18: “*Et cum vidissem eum, cecidi ad pedes eius tamquam mortuus; et posuit dexteram suam super me dicens: ‘Noli timere! Ego sum primus et novissimus, et vivens et fui mortuus et ecce sum vivens in saecula saeculorum et habeo claves mortis et inferni’*”, que, na Bíblia Católica, encontramos traduzidos para o português como: E eu, quando vi, caí a seus pés como morto; e ele pôs sobre mim a sua mão direita, dizendo-me: “Não temas! Eu sou o primeiro e o último, sou aquele que vive, estive morto, mas eis que aqui estou vivo para todo o sempre”.

Para finalizar, consideremos o epitáfio-colóquio: *NON OMNIS MORIAR*, gravado em uma placa metálica que ficava no túmulo de Dom Vicente de Paulo Araújo Matos, terceiro bispo da Diocese de Crato.



Figura 60 – Antiga placa do túmulo de Dom Vicente de Paulo Araújo Matos, em Crato.

Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Uma tradução para o português desta inscrição em latim é: Não morrerei de todo (totalmente). É um dos poucos exemplos dos enunciados com forma textual de inscrição em latim, entre os encontrados no Cariri cearense, cuja fonte da citação não é eclesiástica/bíblica, mas sim a literatura clássica, pois este epitáfio-colóquio cita um trecho de uns versos das Odes de Horácio: “*Non omnis moriar multaue pars mei / uitabit Libitinam; usque ego postera / crescam laude recens, dum Capitolium / scandet cum tacita uirgine pontifex*” (NOVAK; NERI, 1992, p. 92), que traduzimos para o português como: Não morrerei de todo e boa parte de mim escapará à Deusa Libitina⁶⁷. Crescerei sempre mais, remoçando-me sempre, no apluso do futuro, enquanto ao Capitólio o pontífice ascender com a virgem silenciosa⁶⁸.

⁶⁷ “Deusa dos mortos e da morte; presidia aos funerais. Esta deusa italiana mais tarde foi identificada com a Perséfone ou Prosérpina grega. No templo da deusa Libitina, em Roma, guardava-se, vendia-se ou alugava-se tudo aquilo que era necessário para as pompas fúnebres”. (SPALDING, 2004, p. 87).

⁶⁸ Tradução nossa a partir da versão de Ariovaldo Augusto Peterlini (1992 apud NOVAK; NERI, 1992, p. 93).

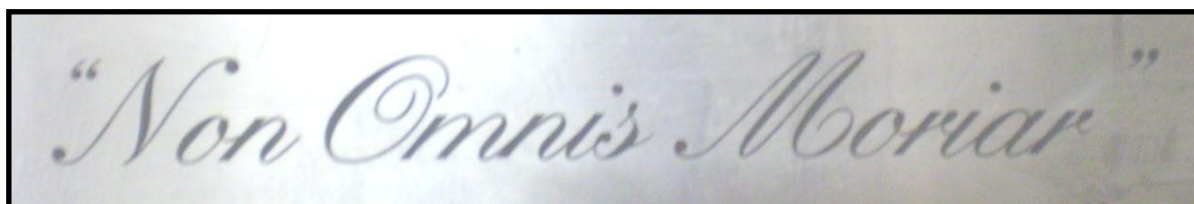


Figura 61 – Detalhe do epitáfio-colóquio da antiga placa do túmulo de Dom Vicente de Paulo Araújo Matos.

Fonte: Acervo particular de Francisco de Freitas Leite.

Apesar de o texto-fonte da citação pertencer a outra tradição cultural, pagã ou multideísta, este enunciado pertencente ao gênero epitáfio-colóquio é construído nos termos das discursividades fúnebre e cristã, sobretudo, no tocante à concepção católica da vida eterna. Compreendemos que os locutores (provavelmente sujeitos do clero) tinham, neste enunciado, o projeto enunciativo de simular uma última fala de Dom Vicente (sugerida na textualização pelo verbo na 1ª pessoa singular: *MORIAR*) – marcada pelos tons emotivo-volitivos do que é a morte, o caminho da vida eterna, para ele (o bispo) e para seu grupo social – para ficar gravada na lápide do seu túmulo e direcionada à posteridade, no simpósio amplo e aberto da construção dos sentidos.

Antes de encerrarmos esta seção, consideramos relevante destacar que, em nosso estudo, investigamos inscrições em latim que encontramos em monumentos públicos, cemitérios, fachadas de instituições religiosas, culturais e educacionais e em outros pontos do Cariri cearense compondo sua paisagem urbana; não uma paisagem natural, mas uma paisagem discursiva que é construída pelos homens e carregada axiologicamente de seus valores. Nossa compreensão (dialógica e responsiva), portanto, passa pelo entendimento de que a interpretação de tais inscrições deve ser feita considerando-as na arquitetônica da enunciação, como elos da comunicação discursiva e intimamente ligadas à vida dos homens.

Em nossas análises, buscamos não pôr termo aos sentidos que os enunciados produzem, pois não há limites para os sentidos que podem ser construídos pelos interlocutores reais em suas compreensões responsivas dos enunciados concretos. Observamos que a grande maioria dos textos que materializam os enunciados dos gêneros estudados apresenta o traço

constitutivo da citação, correspondendo, muitas vezes, a recriações de textos de outros gêneros em um gênero distinto; entretanto, o que ocorre no texto-citação não é simples reprodução mecânica de palavras ou de *expressões latinas*, mas sim um diálogo citacional que possibilita um texto-fonte ser recriado (ressignificado) em um novo gênero e com novas construções de sentido (BRAIT, 2011).

Dessa forma, procuramos focar a atenção em buscar perceber as relações dialógicas estabelecidas nos enunciados (conforme os projetos enunciativos dos locutores), consideradas as especificidades das discursividades, dos gêneros e das esferas, visto que negligenciar essas relações dialógicas equivale a destruir a possibilidade de construção de sentido pretendida pelos sujeitos (locutores) dos enunciados (BAKHTIN, 2010c, p. 374).

E quando pensamos sobre a utilização do latim nas textualizações dos enunciados – uma língua que hoje é praticamente exótica para boa parte da população que se depara com inscrições em latim nas suas mais diversas ocorrências em monumentos, fachadas de prédios, brasões, bandeiras, lápides etc. das nossas cidades – não cogitamos que tal uso se deva ao propalado aspecto internacional do latim ou por ser esta a língua oficial da Igreja Católica, pois nem todas as inscrições analisadas são textos de enunciados pertencentes a gêneros da esfera religiosa e há muito o latim perdeu o *status* de língua franca que tinha, como nos primórdios da Europa moderna, para aqueles que “houvessem se beneficiado de uma educação clássica” (BURKE, 2010b, p. 61).

Observamos que os enunciados dos gêneros com forma textual de inscrição em latim por nós estudados, mesmo pertencendo a três esferas distintas (religiosa, institucional e funerária) e mesmo sendo construídos em várias discursividades (cristã, política, educacional, filosófica, fúnebre, intelectual-regional, academicista e jurídica), apresentam um caráter oficial (e oficial aqui entendemos em oposição a popular) que os aproxima e que nos permite reuni-los em uma unidade: a unidade da cultura oficial.

Entendemos então que nossa compreensão da utilização do latim nas textualizações dos enunciados deva enveredar pela consideração de que mesmo em nossos dias não se apagou o valor social dessa língua como uma das marcas divisórias da cultura popular e da cultura oficial, entre outros pormenores que sustentam seu uso contemporâneo, de modo que nossas interpretações subsequentes tomarão este caminho: interpretar, em termos de sentido contextual e na perspectiva arquitetônica da enunciação, os usos que são feitos do latim nas textualizações (inscrições) dos enunciados pertencentes aos gêneros epitáficos, epigráficos e de divisa considerados dentro da unidade da cultura oficial no contexto do Cariri cearense.

4.3 OS USOS DO LATIM NAS INSCRIÇÕES DO CARIRI CEARENSE

Da maneira como elaboramos nossa proposta teórico-metodológica de abordagem de inscrições em latim sob a perspectiva dos gêneros do discurso, durante a etapa da interpretação, retornamos ao texto, após as etapas de descrição e análise, e abordamos, por exemplo, “as formas da língua e as formas de textualização” (SOBRAL, 2006, p. 1). O interesse de cada estudo em particular, porém, é que dirigirá o foco de atenção que é dado a uns ou outros aspectos dos textos dos enunciados investigados.

Nesta seção, levamos a cabo nosso estudo, interpretando os usos que são feitos do latim nas textualizações dos enunciados, considerando esses usos em termos de sua relação com aspectos históricos, socioculturais, ideológicos e axiológicos envolvidos nos projetos discursivos que engendram os enunciados pertencentes aos gêneros epitáficos, epigráficos e de divisa, dentro da unidade da cultura oficial no contexto do Cariri cearense.

Assim, ao considerarmos uma inscrição, não olhamos só sua materialidade textual, mas sim, em termos dialógicos, pensamos em um objeto de investigação de um estudo sobre linguagem que nos permita mergulhar mais profundamente além do texto – chegando ao nível onde podemos perscrutar o enunciado, a discursividade, o gênero, os sujeitos e também elementos históricos, ideológicos, axiológicos e socioculturais – para então perscrutar valores e sentidos contextuais da inscrição em sua inserção no mundo da ética (da vida). Com esse procedimento, encontramos em um texto muito mais do que aparentemente ele possui. Por exemplo, em textos tais como: *REQUIEM*, *LABORE*, *PAX* e *AUDITORIUM*, apesar de conterem uma só palavra, quando considerados como textualizações de enunciados concretos (consideração que passa pelo projeto discursivo dos locutores, pelo gênero e pela discursividade), encontramos vozes, diálogos, respostas, memórias, histórias, tons emotivo-volitivos e valores de sujeitos situados, ou seja, muito mais que materialidade linguística.

Nesta mesma linha de raciocínio – posto que “todo o verbal no comportamento do homem (assim como os discursos exterior e interior) de maneira nenhuma pode ser creditado a um sujeito singular tomado isoladamente, pois não pertence a ele, mas sim *ao seu grupo social* (ao seu ambiente social)” (BAKHTIN, 2009, p. 86, grifo do autor) –, quando pensamos nos sujeitos locutores, não consideramos sujeitos solipsistas, por compreendermos que, em um enunciado concreto, não fala um *eu*, sujeito individual e isolado, mas um sujeito social, um *nós*, ou seja, sujeitos que pertencem a um grupo sociocultural determinado que, no caso específico do da nossa pesquisa, é a elite hegemônica (elite religiosa, política, educacional e

intelectual), pois concernem a este grupo os locutores dos enunciados analisados. E os discursos (discursividades) – em que estes sujeitos, com suas visões de mundo e seus sistemas de crenças, realizam tais enunciados – são atravessados pela ideologia da cultura oficial, em que predominam as verdades e pontos de vista unilaterais de uma concepção de mundo correto, austero, generoso, honroso, digno, com cada coisa em seu lugar, nada ao avesso, nada desorganizado e nada apto a ser mudado.

Sabemos que não é de hoje nem de tempos recentes que o latim é uma língua típica da cultura oficial. Bakhtin, em seu estudo sobre a cultura popular na Idade Média e no Renascimento, já apontava:

A fronteira que dividia as duas culturas, a popular e a oficial, passava diretamente, em uma das suas partes, pela linha divisória das duas línguas: a língua vulgar e o latim. [...] O latim era a língua da Idade Média oficial. A cultura popular nele se refletia fracamente e de maneira um pouco deformada. (BAKHTIN, 2010c, p. 410-411).

Dessa forma, não seria nenhuma novidade apenas constatar (o que poderia ser apontado como sendo o óbvio) que o latim é uma língua própria da cultura oficial e que, portanto, textualizar gêneros nessa língua é uma prática social típica de sujeitos pertencentes às elites hegemônicas. O que pretendemos fazer, porém, não é apenas parar nessa constatação, mas sim investigar especificidades dos usos do latim (e até onde nos for possível, perscrutar a origem desses usos e as suas singularidades dentro de projetos enunciativos) nas textualizações dos enunciados estudados, considerados os gêneros, as esferas e as discursividades na unidade da cultura oficial no contexto do Cariri cearense.

A nosso entender, as elites hegemônicas usam de todos os artifícios para se manterem no domínio dos direcionamentos culturais, políticos, intelectuais e espirituais dos diversos grupos sociais. Um desses artifícios é a configuração de suas concepções e crenças em gêneros que concretizam discursivamente valores, tais como autoridade, distinção e elevação, associados também à língua utilizada. Então, tendo em vista que “cada sistema de crença socioaxiológico (cada ponto de vista semântico e axiológico, cada visão de mundo socioideológica) é materializado verbalmente (semioticamente)” (FARACO, 2013, p. 172), intentamos interpretar (dialogicamente) quais e como certas concepções ideológicas, posicionamentos axiológicos e práticas socioculturais – das elites hegemônicas (de modo geral) e, especificamente, da elite, sobretudo, intelectual e religiosa local – concretizam-se/materializam-se discursivamente nos usos do latim das inscrições (textualizações) dos gêneros epitáficos, epigráfico e de divisa que encontramos no Cariri cearense.

Nosso intento, a propósito, não é repisar certas características socioculturais da região, que poderia soar como *chover no molhado*. Nossas interpretações dos usos do latim são pautadas em enunciados concretos pertencentes a gêneros do discurso que são considerados em sua relação orgânica com o mundo da ética (da vida), relação sem a qual não podemos pensar em construção de sentido, posto que um estudo de semântica, condizente com o pensamento do Círculo de Bakhtin, é um estudo axiológico/ideológico acima de tudo. Nesse intento, prossigamos.

Nos projetos enunciativos dos locutores dos enunciados com forma textual de inscrição em latim que analisamos, entrevemos um olhar dirigido para cima, para o céu, para os astros, para o esclarecimento, a superação e a vitória. Em tais enunciados, reiteradamente, observamos motivos e imagens relacionados ao alto e à luz que, por sua vez, estão interligados a discursividades atravessadas pela ideologia da cultura oficial que aludem a um elevar-se moral, intelectual, científico e espiritual em nome da seriedade e da manutenção da ordem social estabelecida, o que pode ser apontado como um aspecto dos discursos da elite hegemônica caririense concretizado nos textos dos gêneros pesquisados.

Tomemos como exemplos os enunciados: *SURSUM CORDA* e *VINCENTI DABO MANNA* (da esfera religiosa); *RESURRECTURUS IN CHRISTO* e *MISERICORDIAS DOMINI IN AETERNUM CANTABO* (da esfera funerária); e também *AGERE SEQUITUR ESSE* e *LUMEN AD VIAM* (da esfera institucional). Neles, os motivos e imagens, se não têm filiação direta com os ideais góticos, dialogam com eles, no sentido destacado por Bakhtin (2010c, p. 234, grifo do autor):

O espírito do século gótico, de sua *seriedade unilateral*, fundada sobre o medo e a coação, do seu desejo de tudo interpretar *sub specie aeternitatis*, isto é, do ponto de vista da eternidade, fora do tempo real; essa seriedade tendia para a hierarquia imóvel, imutável, e não tolerava nenhuma mudança de papel, nenhuma renovação.

No contexto do Cariri cearense, entendemos que os enunciados com forma textual de inscrição em latim pertencentes aos gêneros epigráficos, epitáficos e de divisa são utilizados em conformidade com a ideologia da imutabilidade da cultura oficial. Em tais enunciados, os motivos e imagens do alto e da luz são sintomáticos de uma necessidade da elite hegemônica (religiosa e intelectual) de manter viva a sua ideologia como superior, como exemplo de uma conduta que eleva o homem, que o engrandece, o faz progredir e evoluir. A própria localização de muitas inscrições em latim na parte superior de fachadas, monumentos e torres das igrejas, também os desenhos em brasões e outros signos semióticos que lembram

o direcionamento para o alto (aves altaneiras, anjos e santos com o olhar voltado para cima, mãos que erguem um coração e plantas que crescem) ou lembram a iluminação (em seus vários usos polissêmicos: sol, estrelas, arco-íris, velas, tochas de fogo, farol, estátuas de santos com auréolas, mas também letras gregas, livros abertos e pena-caneta) sugerem um elevar-se como que em procura de alcançar o céu e/ou a alta erudição, constituindo assim imagens (visuais) análogas às daquelas amiúde encontrada (verbalmente) nas inscrições em latim em análise.

Neste ponto, consideramos importante lembrar o valor que tinham o alto e o baixo no mundo medieval para perscrutarmos como isso pode ser ainda compreendido em nossos dias. Segundo Bakhtin (2010c, p. 351):

No quadro do mundo medieval, o alto e o baixo, o inferior e o superior têm uma significação absoluta, tanto no que se refere ao espaço como no que se refere ao valor. Por isso, as imagens do movimento para o alto, a via de ascensão, ou a contrária, da queda, tiveram um papel excepcional no sistema conceptual. [...] Todo movimento importante era compreendido e representado unicamente como um movimento para o baixo ou o alto, como um movimento vertical. No pensamento e na obra artística da Idade Média, todas as imagens e metáforas relativas ao movimento têm uma tendência vertical nitidamente expressa e de surpreendente perseverança. Elas tinham uma importância considerável; todo o sistema das avaliações se traduzia, com efeito, nas metáforas do movimento: o melhor era superior, o mau, inferior.

Os motivos e as imagens do alto e da luz nas inscrições em latim analisadas são materializados muitas vezes na escolha estilística de palavras altissonantes (ou *palavras altivas*), tais como: *IMPERAT*, *PERPETUUM*, *RESURRECTURUS*, *AETERNUM*, *VINCIT*, *ASTRA*, *POTESTAS*, *SURSUM* e *LUMEN*, as quais aparecem em enunciados das esferas religiosa, funerária e institucional, espalhados de igrejas a institutos culturais, de cemitérios a órgãos oficiais e públicos, carregando valores típicos da cultura oficial (tais como o que associa o alto ao que é melhor).

Compreendemos que, nas inscrições em latim do Cariri cearense, as palavras que aludem ao alto e à luz são materializações discursivas de pontos de vista semânticos e axiológicos da elite hegemônica, como formas de standardização de seus ideais de vida social para manutenção de sua hegemonia sobre as ideologias ditas *do cotidiano* ou mesmo *populares*.

Em nossa compreensão, os enunciados que analisamos – considerados os projetos arquitetônicos de produção de sentido dos locutores – convergem também em semelhança por

trazerem um certo uso do latim com uma espécie de função nobilitante, ou seja, de enobrecer o lugar onde estes enunciados estão gravados e, em consequência, as pessoas que os utilizam. O latim participa estrategicamente na construção enunciativa de tal sutileza de alguns projetos discursivos pela tradição, em nosso contexto histórico e sociocultural ocidental, de associar o uso de tal língua ao que é nobre, elevado, ilustre, requintado etc.

Entendemos que essa função nobilitante, de modo geral, estendeu-se a quase todas as inscrições em latim usadas a partir da Idade Média, período em que o latim já não era mais uma língua da comunicação da grande massa popular e seu uso em inscrições postas em construções públicas ou particulares se justificava por motivos que iam além do desejo de se comunicar, isto é, por motivos que estavam relacionados ao prestígio agregado a quem usava essa língua clássica.

Sabemos que, na Europa medieval, era comum que famílias ricas pusessem inscrições em latim na fachada de suas residências para serem vistas por transeuntes que em sua maioria só compreendiam o seu vernáculo. O propósito central, conforme Chartier (2002, p. 80) era “manifestar a autoridade de um poder, senhor do espaço gráfico, o poder de uma família ou de um indivíduo suficientemente rico e poderoso para mandar gravar seu nome na pedra ou no mármore”. Tal poder e autoridade eram reforçados pelo próprio uso do latim: uma língua reservada a um grupo seletivo, ou seja, a um grupo que tinha *status* de nobre e que exercia poder social.

Diversas obras literárias registraram de uma forma ou de outra essa associação do latim aos poderosos e eruditos. Por exemplo, no Capítulo IX do romance *Gargântua e Pantagruel*, de Rabelais, que trata de como Pantagruel encontrou pela primeira vez Panúrgio, vemos este falando com aquele em uma língua inventada (uma mistura de vários idiomas), em franco-gascão (hipoteticamente, mas talvez bearnês ou mesmo baixo bretão; Pantagruel diz que parece pelo som ser a língua de Utopia, seu fictício país), mas também em alemão, árabe, italiano, inglês, basco (aparentemente), holandês, espanhol, dinamarquês, hebraico, grego e, finalmente, em latim, como lemos na passagem abaixo:

E, quando [Pantagruel] queria acrescentar mais alguma coisa, disse o forasteiro: “Jam toties vos per sacra perque Deos Deasque omnes obstetatus sum, ut si vos pietas permovem, egestatem meam solaremini, nec hilum proficio clamans e ejulans. Sinite, quaeso, sinite, viri impii, quo me fata vocant abire, nec ultra vanis interpellationibus obtudantis, memores veteris illius adagii, quo venter famelicus auriculis carere decitur”.⁶⁹

⁶⁹ “Já vos implorei, tantas vezes, por todos os deuses e deusas, que, se tivésseis alguma piedade, já teríeis aliviado a minha necessidade: mas nada consigo com meus gritos e meus gemidos. Deixai-me, então, homens

“Por Deus, meu amigo, disse Pantagruel, não sabeis falar francês?” – Sei muito bem, senhor, respondeu o forasteiro, graças a Deus: é minha língua natural e materna, pois nasci e fui criado no jardim da França, que é Touraine. (RABELAIS, 2003, p. 280-281).

Observemos que Panúrgio não tem a única intenção de se comunicar, mas também, conjecturamos, de demonstrar erudição e conhecimento de línguas, já que poderia falar em francês, por ser sua língua materna e por estarem na França, mas fala em várias línguas, inclusive em língua latina, o que lhe acrescentou tanta dignidade que Pantagruel quis ser seu amigo por toda a vida.

Este episódio, transcorrido em obra literária, traz indícios de aspectos culturais que existiam na realidade da vida cotidiana na Europa medieval, como argumenta Bakhtin (2010c), de modo que podemos dizer: um destes aspectos era que acrescentava a si próprio a possibilidade de obter estima e avaliação social positiva de erudito alguém que demonstrasse ter domínio do latim, a língua dos doutos ou dos pretensiosamente doutos, conforme Cervantes, pelo que vemos nesta passagem em que Sancho Pança (um lavrador) diz não conhecer uma palavra latina e assim Dom Quixote (um fidalgo) o adverte: “não és obrigado a saber latim, como alguns que presumem sabê-lo e afinal o ignoram” (CERVANTES, 1960, p. 188).

Em nossas buscas por vozes sociais, discursos, inscrições em monumentos (literários ou arquiteturais) e sistema de crenças e práticas socioculturais (populares ou oficiais) que estão subpostos à tradição desse uso do latim, com função nobilitante, em inscrições (que são, no fim das contas, parte constitutiva desse humano e dinâmico composto linguístico, discursivo, histórico, mnemônico, artístico, religioso, arquitetônico, literário, oral, escrito, prático, social, interativo, dialógico... que se chama cultura), encontramos indícios de tal uso em épocas mais recentes que a medieval, como, por exemplo, no período humanista, quando, segundo Burke (2010b, p. 73), “o latim não era apenas um meio de comunicação, mas também um símbolo que chegava a ser uma verdadeira pedra de toque”.

Fomos pesquisar, na história, a presença discursiva do latim no Cariri cearense e descobrimos dois episódios no Ceará (um do período oitocentista e outro do novecentista) similares àquela prática sociocultural (de usar o latim como pedra de toque) que existia no período humanista europeu (conforme citação do historiador inglês Peter Burke), episódios estes que demonstram que tal prática existe no Ceará e também (mais especificamente) no

ímpios, ir para onde me chama o destino, e não me fatigueis mais com vãs perguntas, lembrai-vos do vosso antigo ditado de que ventre faminto não tem ouvidos”. [tradução posta em uma nota de rodapé na edição consultada] (RABELAIS, 2003, p. 281).

Cariri há séculos (e muito provavelmente, de forma semelhante, em várias regiões do Brasil e do Mundo Ocidental) em uma genealogia que remonta aos tempos da Europa medieval, como compreendemos pelas passagens supracitadas de Rabelais, de Cervantes e do historiador francês Roger Chartier.

O primeiro episódio é este: em certa ocasião, em meio às polêmicas sobre os fenômenos extraordinários do Juazeiro, o bispo do Ceará, Dom Luiz, desconfiando da autoria de uma carta enviada a ele assinada pela mãe da Beata Maria de Araújo, questionou: “como a mãe de uma mulher do povo – que não deveria ser uma pessoa letrada, a exemplo da filha – lhe escrevia uma carta em que se liam até mesmo certos trechos em latim?” (NETO, 2009, p. 84). Se este episódio nos diz pouco sobre a verdadeira identidade do autor da carta (que muito provavelmente tenha sido o Padre Cícero, que fora, inclusive, professor de latim em Crato logo após se ordenar), ilustra, contudo, muito bem uma prática sociocultural vigente no século XIX (e que ainda há nos dias de hoje): a de avaliar pessoas (neste caso específico, avaliar se é ou não uma pessoa do povo, se tem ou não erudição) pelo uso (ou não) do latim.

Do cotidiano da vida sociocultural caririense do início do século XX, o outro episódio, pitoresco – segundo o historiador cearense Irineu Pinheiro –, que chamou a nossa atenção, porque envolve um uso (digamos de passagem, raro) de inscrição em latim em uma manifestação popular, é este:

No comêço dêste século⁷⁰, um pedreiro paraibano, conhecido por Mestre Santos, homem mui hábil em seu ofício, achou que, também, era escultor. Erigiu na praça da Matriz, perto da cadeia pública, um busto feito de cal e tijolo, de Pero Coelho de Sousa, protomártir do drama da conquista do Ceará. Inauguraram-lhe o busto, entre festa, apuseram-lhe uma *erudita inscrição latina*. Mas, pouco tempo depois, numa noite de tempestade, um raio iconoclasta, raivosamente, destruiu para sempre a obra de Mestre Santos⁷¹. (PINHEIRO, 2010b, p. 265, grifo nosso).

Esse episódio ilustra como uma inscrição em latim, no contexto sociocultural do Cariri cearense da aurora do século novecentista, simbolizava erudição e dava a um monumento, mesmo sendo obra de um artista popular, ares de altivez. Por ser associada à elite intelecto-cultural, uma inscrição em latim aposta em um busto simples e rústico já acrescia à obra um quê de distinção.

⁷⁰ Entendamos século XX.

⁷¹ *Ipsis litteris*.

Estes dois episódios (com aspectos socioculturais de raízes medievais europeias) reforçam nossa compreensão de que existe ainda hoje, no Cariri cearense, a prática de usar o latim na textualização de enunciados pertencentes aos gêneros epitáficos, epigráficos e de divisa com a função nobilitante ou de pedra de toque sociocultural e linguística para marcar o *status* distintivo da erudição e do padrão intelecto-cultural de sujeitos, de grupos sociais e de instituições.

Nossa compreensão do que seja essa pedra de toque sociocultural e linguística não é, obviamente, a de uma coisa, um objeto material; ela não está também instituída formal e categoricamente em nenhum documento ou tratado legal; é uma construção em constante devir (nunca está definitivamente pronta, mas sempre em um fazer-se). É, na verdade, parte de um conjunto de elementos socioculturais e tradicionais, que cada comunidade em particular, com suas peculiaridades socioculturais e históricas, tem e que, no caso do Cariri cearense, compreendemos como sendo um conjunto (um composto) de critérios formado por valores axiológicos relacionados à erudição, cultura clássica (letras, artes etc.), religiosidade, poder econômico, influência política e refinamento (requinte).

Pensamos que a presença de inscrições em latim na paisagem das cidades costuma acrescentar a estas um quê de elevado à “vida mental” (BARROS, 2007, p. 41) dos seus habitantes e entendemos que esse quê de elevado diz respeito à ideia popularizada de que o que pertence à cultura oficial, letrada e livresca, é superior em relação ao que pertence à cultura popular, oral e vivencial (do cotidiano).

Queremos lembrar, porém, que uma inscrição em latim não é o único traço que é usado pela comunidade para avaliar os sujeitos ligados a uma edificação; outras marcas, em termos de arquitetura, podem ser platibandas, colunas greco-romanas, “beirais ao estilo colonial com beira e sobeira” (FARIAS FILHO, 2007, p. 119), entre outros detalhes que lembram requinte.

Entendemos que os sujeitos saturam seus enunciados de uma carga ideológica indiscutivelmente distintiva ao valerem-se do latim (a língua histórica e culturalmente associada principalmente a dois grupos sociais: o dos clérigos e o dos letrados) para textualizarem os gêneros de que se munem para produzir sentido em suas interações sociais.

Assim, uma divisa institucional com forma textual de inscrição em latim na fachada de um prédio, não raras vezes, pode produzir o efeito de sentido de ter sido usada como pedra de toque, ou seja, para uma avaliação social positiva de distinção sociocultural e intelectual, como que querendo dizer (mesmo para os que desconheçam sua significação verbal): *Esta é uma instituição constituída de pessoas seletas, posto que usamos até mesmo*

uma inscrição em latim como texto de nossa divisa. Estamos pensando no caso de instituições militares, educacionais e agremiações sociais e culturais que ostentam inscrições em latim nas fachadas de seus prédios e em seus brasões, por exemplo: *EDUCARE ET REDIMERE* (divisa institucional do INTA), *OMNIS POTESTAS A LEGE* (divisa institucional do brasão da Polícia Civil do Ceará), *AD ASTRA PER ASPERA* (divisa institucional do Instituto Cultural do Cariri) e *LABOR OMNIA VINCIT* (divisa institucional do Círculo Operário de Barbalha). Mas pensamos também no caso das inscrições em latim, forma textual destes dois enunciados: *LABORE* (divisa política do brasão do município de Crato) e *CHRISTUS REGNAT VINCIT IMPERAT* (epígrafe de afinidade religiosa no monumento ao Cristo Redentor da Praça Francisco Sá, Crato), com as quais os líderes políticos (muitos deles também religiosos) de uma cidade estamparam com a língua dos doutos, até mesmo oficialmente, concepções sobre a vida sociocultural dos cratenses relacionada a progresso, civilização, cultura, laboriosidade e religiosidade.

Entendemos que o latim é utilizado na textualização de alguns gêneros (falamos de modo geral e não só dos que estamos estudando) para que a atenção do leitor se volte mais para um aspecto, como o visual, do que para outro, como o verbal, à semelhança do acontece como o *Lorem ipsum*, um texto padrão escrito em latim utilizado em documentos para testes de diagramação, formatação, composição de *layouts* etc., de modo que os leitores foquem suas atenções na padronização visual do texto e não no seu conteúdo temático. Analogamente, pensamos também que, em alguns casos, enunciados de gêneros tais como os epigráficos, epitáficos e de divisa têm suas formas textuais gravadas em latim para que os leitores voltem suas atenções mais para o valor nobilitante que lhes é atribuído socialmente (como uma pedra de toque sociocultural e linguística), independentemente de suas significações linguísticas.

Não descartamos, porém, a possibilidade de que para alguns sujeitos (leitores) o uso do latim em inscrições possa produzir um efeito de sentido de segregação, pois, como sabemos, na Europa, no período quinhentista, já havia indivíduos que viam nos usos do latim formas de exclusão dos mais simples. É o que relata Burke (2010a, p. 33):

Na Itália do século XVI, dois pensadores não ortodoxos, de classes mais baixas condenaram a utilização do latim nos domínios eclesiástico e jurídico. Giambattista Gelli, um sapateiro que ganhou fama publicando diálogos, colocou na boca de um de seus personagens a ideia de que o objetivo da liturgia em latim era manter a fé como um segredo para os leigos, excluindo-os da comunidade da Igreja. Menocchio, o moleiro, uma personalidade esquecida até ser redescoberta pelo historiador Carlo Ginzburg, declarou que falar latim nos tribunais era “uma traição contra os pobres”, já que impedia as pessoas comuns de acompanhar os processos judiciais.

Ideias similares foram expressas na Inglaterra do século XVII, especialmente durante as guerras civis, quando o uso do latim nas universidades e do francês nos tribunais foi denunciado por radicais [...]. O principal argumento desses críticos era que a adoção de línguas estrangeiras permitia que os profissionais enganassem e, dessa forma, dominassem as pessoas incultas.

Na Europa quinhentista, ainda conforme Burke (2010a, p. 36): “No *Dialogo della lingua* (1542), de Sperone Speroni, um personagem observou que o latim não era uma língua falada, mas ‘simplesmente papel e tinta’”. Cogitamos que tal personagem menoscabador do uso do latim, diria, observando as inscrições em latim, que elas seriam simplesmente mármore e baixo-relevo, ou parede e alto-relevo, ou (nas mais modernas) parede (ou placa) e tinta. Nós, porém, mais atentos às diversas facetas da linguagem, dizemos: o latim é uma das várias línguas que compõem o plurilinguismo vivo da linguagem discursiva e as inscrições construídas nessa língua são textualizações de enunciados concretos pertencentes a determinados gêneros do discurso; portanto, envolvidos nesse meio, existirão grupos sociais (a que pertencem os sujeitos locutores e interlocutores) com seus posicionamentos axiológicos e suas práticas socioculturais muitas vezes conflitantes; isto é, muito mais que somente tinta, papel, parede, sinal, morfema e sintaxe.

De fato, ainda hoje, encontramos pessoas do povo que avaliam negativamente o uso do latim em inscrições, como é o caso de um homem caririense que, em uma entrevista gravada em 2010, dizia – sobre o sentido e finalidade que ele compreendia da divisa institucional do Círculo Operário de Barbalha, *LABOR OMNIA VINCIT* – o seguinte: “Deve ser alguma mensagem para o pessoal que passa, especialmente pros turistas. [...] deve ser pra atrair outro pessoal, porque o português vai se interessar por língua portuguesa; o latim pouca gente vai entender, especialmente aqui na Barbalha” (LEITE et al., 2013, p. 45).

Como podemos interpretar, na compreensão (dialógica e responsiva) desse homem, a grande maioria da população da sua cidade não *vai entender* a inscrição em latim, sendo que, provavelmente, ela esteja reservada a *turistas* e *outro pessoal*, os quais para ele são os dotados da erudição para entendê-la. Da nossa interpretação do seu depoimento, podemos ainda considerar que ele, em outras palavras, diz – em um misto de desdém ao latim e de crítica à segregação que esta língua promoveria – algo mais ou menos como: *Esse enunciado tem sua significação reservada para algumas pessoas seletas; se ele existisse para comunicar algo para a grande massa popular, teria a forma de uma inscrição em português*.

Prosseguindo nossas interpretações, observamos que o uso do latim nas textualizações de alguns dos enunciados pesquisados conforma-se ideologicamente com certos aspectos históricos da construção da identidade cultural do Cariri.

Já anotamos que historicamente Juazeiro do Norte e Barbalha tiveram suas origens em povoados pertencentes à cidade de Crato. Desde o século XVIII até a primeira metade do século XX, Crato era não só a principal (vila e posteriormente) cidade do Cariri como também uma das mais importantes do Ceará, em termos econômico e populacional. Desde o século XIX, o Crato (como já anotamos na seção 4.1) começou a se destacar em outros aspectos, tais como no educacional, religioso, político, literário, publicitário, científico e cultural (tanto em termos de manifestações culturais populares, quanto em termos de cultura letrada erudita).

Barbalha tem a sua história fortemente marcada pela economia agrária – com destaque para a “cultura canavieira na região que cresceu e prosperou, à sombra dos engenhos de rapadura”, como diz Figueiredo Filho (2010b, p. 110) –, pela tradição religiosa (católica), educacional e preservação de manifestações culturais e de religiosidade popular, entre as quais a mais marcante é, sem dúvida, a festa do Pau da Bandeira, um ritual que remonta os tempos do Império, que acontece no período das comemorações do padroeiro da cidade, Santo Antônio.

Juazeiro do Norte hoje é a maior cidade do Ceará depois da capital (Fortaleza) e a mais importante da região caririense, principalmente, em termos populacional, turístico, econômico, políticos e de infraestrutura urbana. Sua superioridade em relação às cidades de Crato e Barbalha está historicamente ligada às romarias advindas de várias regiões do Nordeste brasileiro que desde fins do século XIX afluem à *Terra da Mãe de Deus*⁷² por conta da fé no Padre Cícero Romão, um santo da religiosidade popular.

Foi, sobretudo dos conflitos sociopolíticos entre Crato e Juazeiro do Norte, que se acentuaram os discursos regionais que destacavam o Crato como a *cidade da cultura* em oposição a Juazeiro do Norte, *a cidade da fé* (perífrase a que os intelectuais, principalmente, cratenses acrescentavam os valores negativos de cidade de romeiros, forasteiros, jagunços, incultos etc.). Obviamente, foge aos objetivos deste nosso trabalho descer às minúcias de outros pontos envolvidos nas questões políticas e socioreligiosas entre Crato e Juazeiro do Norte; afora o que já apontamos, para outros detalhamentos remetemos os interessados aos trabalhos de ALVES (2010), CAMPOS (2008), CORTEZ (2000), NETO (2009) e VIANA (2011).

Considerada tal particularidade do contexto situacional, entendemos que alguns dos enunciados que estamos estudando dialogam com o discurso da propensão à erudição e à

⁷² Além desta e de outras, Juazeiro do Norte é também conhecido pelas perífrases: “Terra da Misericórdia” (CAMPOS, 2008, p. 153) e “Cidade da Fé” (VIANA, 2011, p. 18).

cultura clássica da região; outros, se não falam especificamente disso, harmonizam-se com o desiderato ideológico da elite intelectual, religiosa e econômica regional de construir uma imagem civilizada e erudita para a identidade cultural do Cariri.

Sobre tal desiderato de construção ideológica, explica Cortez (2000, p. 22-23):

A recomposição da genealogia do discurso de “cidade da cultura” nos fez perceber que as representações construídas desde a segunda metade do século XIX correspondem ao esforço no sentido de instaurar uma identidade cratense, caracterizada por uma face política liberal conservadora e por condutas piedosas, virtuosas e civilizadas.

Esse esforço se manifesta ora identificando a região do Cariri tão somente com o Crato, ora instaurando uma direção ao restante da região. Por isso, podemos afirmar que o esforço foi de instauração de uma identidade cratense, orientada pelos padrões de civilidade, de ordem, de progresso, de modernidade muitas vezes nomeados pelas palavras “adiantamento”, “soerguimento”, “desenvolvimento”, “evolução”, etc. Esse movimento coincide, sem dúvida, do ponto de vista temporal e axiomático, com o movimento de construção da nação brasileira.

No passo acima, a historiadora, aponta a segunda metade do século XIX como o período em que mais nitidamente são percebidos os esforços da elite intelectual cratense em fazer da cultura a imagem emblemática do Crato, a princípio, e também do Cariri, em segundo lugar; e, coligindo enunciados desta região que ecoam o discurso sobre uma inclinação *natural* da sociedade caririrense às coisas elevadas, a mesma historiadora apresenta o seguinte trecho de uma matéria, datada de 1903, assinada pelo editor do periódico de Juazeiro do Norte, *A Liça*⁷³ (1903 apud CORTEZ, 2000, p. 135, grifo nosso):

foi com certo receio e um pouco vacillantes, que aventuramos a publicação do (jornal) *A Liça* sem contar com um número seguro de assignantes cujo provento desse para o seu custeio. Mas os nossos patrícios não desmentindo a sua natural inclinação para as *cousas alevantadas*, o que muito os enobrece, abraçaram com effeito a nossa causa.

Observemos que, apesar de ser o Crato que pretendia possuir a imagem de cidade de tradição erudito-letrada, um intelectual de Juazeiro do Norte também identificava com louvores seus *patrícios* como inclinados às *cousas alevantadas*, isto é, “o cultivo da mente, as sociabilidades intelectuais, a civilidade”, segundo Cortez (2000, p. 17).

Um relato do cratense Antônio Martins Filho, um ex-integrante de uma agremiação literária que existiu no Crato, a Academia dos Infantes, fundada em 1922, é outro

⁷³ *A Liça* foi um “órgão literário e noticioso do ‘Clube Romeiros do Porvir’. Surgiu em 8 de Julho de 1903” (PINHEIRO, 2010b, p. 183).

exemplo do discurso regional que fala de uma identidade cultural do Cariri como letrada, literária e erudita:

De tanto falar em literatura e em literatos, surgiu-nos a ideia da fundação de um cenáculo de letras. Na opinião dos mais comedidos, os nossos conhecimentos ainda eram parcos (...). Outros, (...) mais ousados (...) fizeram ver que a força de vontade que todos revelavam poderia suprir (...) as falhas da nossa cultura. (...) Surgiu, assim, a Academia dos Infantes, cuja instalação solene ocorreu num domingo do mês de julho daquele ano festivo e histórico de 1922. (...) a presidência me fora confiada, passamos ao trabalho de estruturação do sodalício, que teria como modelo a Academia Brasileira de Letras. (...) Santino Gomes de Matos, ex-seminarista e professor, era a pessoa naturalmente credenciada para servir de orador da Academia. (...) Passamos a usar o lema **Ad augusta per angusta**⁷⁴. Quanto ao número dos acadêmicos, quarenta pareceu-nos demasiado, como ocorria com a instituição que nos servia de paradigma. Deliberamos reduzir para vinte. (...) foi considerada a diferença (...) entre a cidade do Rio de Janeiro, Capital do Brasil, e (...) o Crato, Capital da região do Cariri. (...) O meu (patrono) foi Augusto dos Anjos, cujas poesias (...) eu recitava de cor (...). A beleza da forma, o ritmo impecável e a excentricidade dos temas exerciam sobre mim uma atração particular. Posso afirmar com segurança que a Academia dos Infantes exerceu influência decisiva na minha total integração ao mundo das letras, do qual nunca mais consegui afastar-me. (MARTINS FILHO, 1992 apud CORTEZ, 2000, p. 105, grifo da autora).

Além desta agremiação literária, temos conhecimento que foram criadas no século XX, nesta região caririense, outras agremiações e sociedades de natureza literária e cultural que também são evocadas como símbolos da erudição regional. A maioria delas, a exemplo do que aconteceu com a Academia dos Infantes, extinguiu-se naquele mesmo século, tais como: “o *Clube Romeiros do Porvir*, o *Grêmio Filomático* [e] o *Grêmio Araripe Júnior*” (VIANA, 2011, p. 41, grifo do autor). Duas, porém, ainda estão em atividade, o Instituto Cultural do Vale Caririense (ICVC), cujo lema é *Diligentia*, que foi fundado em Juazeiro do Norte, no ano de 1974, tendo como finalidades “a – O cultivo, o incremento, e a difusão das ciências, artes e das letras em geral. b – A preservação da tradição histórica e antropológica regional” (LUSTOSA; CASIMIRO, 2012, p. 15) e o Instituto Cultural do Cariri (de que já tratamos nas seções 4.1 e 4.2), que se assemelha à antiga Academia dos Infantes porque “ambas se destinaram a exaltar a história e a cultura letrada da cidade do Crato e, mesmo separadas no tempo por pouco mais de três décadas, seus membros acreditavam estar credenciados a difundir o gosto pelas letras históricas regionais” (VIANA, 2011, p. 42).

⁷⁴ Nesta passagem, ocorreu um *lapsus calami*, pois o lema da Academia dos Infantes era *Ad augusta per angusta*.

Notemos que até mesmo a divisa institucional do Instituto Cultural do Cariri (*AD ASTRA PER ASPERA*) dialoga com o lema da Academia de Infantes (*Ad augusta per angusta*).

Já destacamos que, pela teoria dialógica, todo enunciado concreto é constituído de vozes sociais, memória e diálogos. Nesse sentido, interpretamos que o latim usado em algumas inscrições das esferas religiosa, institucional e funerária do Cariri cearense – tais como *FELIX AD SATVM*, *AD ASTRA PER ASPERA*, *AUDITORIUM*, *STATIO I*, *NON OMNIS MORIAR* – foi escolhido ideologicamente para ser a língua através da qual dialogam (falam) as vozes sociais saturadas de valores axiológicos (posições socioculturais e ideológicas) próprios da elite intelectual local, que proclamam o argumento de uma (suposta) propensão do Crato, a princípio, e do Cariri como um todo, em segundo lugar, ao progresso, à civilidade, às Letras, à erudição e à cultura.

Na esfera institucional é onde encontramos mais fortemente presente o discurso regionalista da imagem cultural do Cariri ligada às *cousas alevantadas*; discurso que, em alguns enunciados pesquisados, costuma também falar desta região como sendo propensa ao trabalho e à fé. Entre os enunciados que são mais marcados por tal discurso, apontamos estes: *LABORE*, *LABOR OMNIA VINCIT*, *IN HOC SIGNO VINCES* e *CHRISTUS REGNAT VINCIT IMPERAT*, os quais, dentro da pluralidade de línguas (ou vozes) sociais, são textualizados na língua cujo domínio é associado a sujeitos que têm educação religiosa e cultura erudita.

Outro aspecto peculiar dos enunciados com forma textual de inscrição em latim do Cariri cearense é que quase todos apresentam o traço constitutivo da citação em suas textualizações e poucos são aqueles cuja fonte do diálogo citacional não seja um texto bíblico. Isso poderia ser associado ao fato de ser o latim ainda a língua oficial da Igreja, mas, como já dissemos, nem todas as inscrições em latim estudadas são textualizações de gêneros da esfera religiosa; percebemos outros pormenores socioculturais aí envolvidos, os quais estão relacionados ao que entendemos ser um substrato filosófico-ideológico-cultural de matriz cristã localizado no cerne da estrutura social dominada axiologicamente pela elite hegemônica (não só em termos locais, mas em todo o Ocidente). Lembremos que a Igreja está no centro na estrutura social caririense desde os primeiros tempos da colonização, quando os missionários franciscanos capuchinhos chegaram a esta região fundando freguesias e catequizando os índios; sendo, inclusive, desta época (mais precisamente de 1745) e da esfera religiosa a primeira inscrição em latim de que temos conhecimento no Cariri cearense: aquela que textualiza a epígrafe nuncupatória gravada na pedra embutida em uma parede da então capela Nossa Senhora da Penha, em Crato (que na época chamava-se Missão do Miranda).

Motivos e imagens (constituintes dos temas, composições e estilos) dos enunciados dos gêneros epitáficos, epigráficos e de divisa que encontramos no Cariri cearense textualizados na forma de inscrição em latim são predominantemente relacionados a concepções, valores e pontos de vista cristãos e reforçam nossa compreensão da existência desse substrato filosófico-ideológico-cultural de matriz cristã, cuja preservação da memória no dia a dia dos sujeitos caririenses parece fazer parte dos projetos enunciativos dos sujeitos locutores desses enunciados.

Motivos tais como o de *Jesus Cristo, Rei dos reis* e o da *vitória do cristianismo* e também imagens que lembram a lida evangelizadora católica como uma batalha nobre – que entrevemos nos enunciados da esfera religiosa: *JESUS CHRISTUS DEUS HOMO VIVIT REGNAT IMPERAT, VINCENTI DABO MANNA* e *CERTA BONUM CERTAMEN* – não deixam de ter uma ligação com a tradicional memória das batalhas vencidas pelos cristãos (A vitória de Constantino sobre Maxêncio em 312 d.C., As Cruzadas e As Guerras da Reconquista, por exemplo) e tidas como honoráveis⁷⁵. Tais motivos e imagens, porém, aparecem também em enunciados da esfera institucional, tais como na epígrafe de afinidade religiosa *CHRISTUS REGNAT VINCIT IMPERAT* e na divisa institucional *IN HOC SIGNO VINCES*, e corroboram nosso ponto de vista de que o substrato filosófico-ideológico-cultural de matriz cristã atravessa discursos para além da esfera religiosa no Cariri cearense.

Outrossim, a despeito de não trazerem motivos e imagens de batalhas e vitórias do cristianismo, os conteúdos temáticos de vários enunciados analisados aludem a valores axiológicos tipicamente cristãos. São exemplos estas duas divisas de instituições educacionais ligadas a uma igreja evangélica que falam de formação educacional ligada a uma formação cristã (ou seja, por trás de uma instituição educacional, há uma instituição religiosa que norteia a sua missão): *PROCLAMARE EDUCARE* e *EDUCARE ET REDIMERE*; também estas três divisas institucionais de universidades públicas: *VIRTUS VNITA FORTIOR, LUMEN AD VIAM* e *AGERE SEQUITUR ESSE*, que evocam componentes filosófico-teológicos e/ou bíblicos na base de seus projetos de construção de sentido: passagens da *Vulgata* e um princípio da ética tomista. Na esfera funerária, todos os enunciados dos gêneros epitáfio-colóquio e epitáfio de consolação são construídos nos termos das discursividades fúnebre e cristã, que são atravessadas, sobretudo, pela concepção cristã da morte como passagem para a vida eterna.

⁷⁵ Lembremos que na Europa medieval e, inclusive, como registra Freyre ([198-], p. 235), “em Portugal houve ordens religiosas que foram também militares, reunindo esse outro prestígio – o guerreiro – ao eclesiástico”.

Ainda rastreando, no Cariri cearense, a presença do substrato filosófico-ideológico-cultural de matriz cristã nos enunciados com forma textual de inscrição em latim, observamos que tais enunciados, não só dos gêneros da esfera religiosa, mas também dos das esferas institucional e funerária, apresentam um tom sério que lembra um olhar reverente e servil para o passado, no qual estão fincadas as raízes da rígida e sisuda educação predominantemente religiosa da elite hegemônica desta região. Os sujeitos locutores dos enunciados dos gêneros estudados, em geral, têm uma formação familiar, educacional ou religiosa vinculada por este substrato, por isso entendemos que, atravessando diversas esferas da atividade humana, no contexto do Cariri cearense, tal substrato participa de uma forma ou de outra como um elemento constitutivo dos discursos desses sujeitos.

Fazendo um paralelo com a oposição entre festas oficiais e festas populares da Idade Média estudadas por Bakhtin (2010c), dizemos que os enunciados com forma textual de inscrição em latim do Cariri cearense possuem tonalidades estilísticas que se assemelham às da sisudez das festas oficiais cívicas e religiosas, tais como 7 de setembro (cívica) e *Corpus Christi* (religiosa), diferentemente, por exemplo, dos grafites e das pichações que encontramos nos muros e fachadas de prédios das cidades, que possuem tons de estilo risonho, alegre e desobrigado que são mais próximos aos das festas populares, como o Carnaval e o São João.

Nos enunciados dos gêneros epitáficos, epigráficos e de divisa com forma textual de inscrição em latim existentes no Cariri cearense, não há tons irônicos, críticos e irreverentes, ao gosto popular, ao contrário do que vemos, por exemplo, neste enunciado de uma república de estudantes em Ouro Preto-MG: *CUM POTU ET MULIERIBUS* – em português: Com bebida e mulheres –, que corresponde a uma paródia (chistosa) da divisa institucional da Escola de Minas de Ouro Preto: *CUM MENTE ET MALLEO*, que em português pode ser traduzido por: Com a mente e o martelo.



Figura 62 – Paródia de uma divisa institucional, em Ouro Preto-MG.
 Fonte: Assis Sobral (2013, não paginado).

De modo geral, inscrições em latim textualizando enunciados irônicos e/ou paródicos, no contexto brasileiro, são raras e, em geral, trazem um riso comedido e um tanto burguês, elegante e requintado. À imitação das inscrições que textualizam gêneros mais oficiais, são escritas em latim erudito, isto é, gramaticalmente cuidado. Não são comuns gêneros discursivos textualizados na forma de inscrições em latim macarrônico, este que ocorre mais em outros gêneros, tais como comédia, charge e piada. Na charge que reproduzimos abaixo, temos um exemplo de um uso risível de uma espécie de latim macarrônico com que Millôr Fernandes presta bem-humorado tributo (provavelmente) aos professores de latim ao mesmo tempo em que faz uma crítica a Lula:



Figura 63 – Charge com uso risível do latim.
Fonte: Fernandes (2009, p. 41).

Não é o latim em si e por si (ou seja, a língua considerada descontextualizadamente) que é sério, austero ou autoritário. A combinação do uso do latim clássico ou eclesiástico, com o apuro prescrito nas gramáticas e manuais, em textos que materializam determinados gêneros do discurso (em geral, os mais oficiais) é que favorecem tais efeitos de sentido. Em certos gêneros, tais como os cômicos e satíricos, o latim (quase sempre macarrônico) é usado para provocar um efeito de sentido jocoso, galhofeiro, crítico, irônico ou ridicularizador, muitas vezes, na forma de paródias de gêneros, discursos ou textos característicos do mundo oficial.

No contexto do Cariri cearense, a seriedade dos gêneros, cujos enunciados se textualizam na forma de inscrição em latim, não é apenas própria de gêneros oficiais, pois compreendemos tratar-se de uma seriedade religiosa que os atravessa desde a raiz e que interpretamos como sendo associada à disciplina típica dos seminários de onde provém direta ou indiretamente a educação da grande maioria das tradicionais famílias caririenses. Um

exemplo dessa disciplina é ilustrado pelo que se dizia regularmente no Seminário da Prainha, em Fortaleza (onde estudou, entre outros vultos da região, o Padre Cícero Romão Batista): “muito riso era sinal de pouco siso”, como relata Neto (2009, p. 37).

Para finalizar esta seção, queremos destacar que, nos enunciados dos gêneros epitáficos, epigráficos e de divisa com forma textual de inscrição em latim que encontramos no Cariri cearense, nas esferas religiosa, funerária e institucional, mesmo nos casos em que os gêneros que se realizam em outras discursividades diferentes da cristã, o mundo nunca é discursivizado em desacordo com os pontos de vista e/ou os valores cristãos (em sua maioria, católicos) constitutivos da base da cultura oficial, em termos regionais. Em muitos desses enunciados, educação, trabalho, lei, ordem, superação, vitória e vida após a morte são discursivizados *pari passu* com conduta e fé cristã, erudição e distinção.

E o latim está presente na textualização desses gêneros ideológica e sutilmente banhando tais valores de um quê de especialidade; ou seja, sua presença não é acidental, é, na verdade, parte do projeto enunciativo dos locutores dos enunciados.

Nossa compreensão, portanto, é a de que a elite hegemônica local – a exemplo do que já faziam outras elites hegemônicas na Idade Média, quando “o uso de uma língua não-vernacular funcionava como um marcador, sublinhando a natureza especial de textos como a Bíblia e de rituais como a missa” (BURKE, 1993, p. 43) – usa o latim na textualização dos enunciados dos gêneros epitáficos, epigráficos e de divisa também para marcar como especiais esses enunciados – especiais, sobretudo, porque obras de homens doutos, clérigos, líderes e/ou superiores, como sutilmente se constituem os sujeitos que usam e/ou ostentam o latim na textualização de tais enunciados que encontramos no Cariri cearense.

Enfim, resumindo de forma conclusiva nossas interpretações, dizemos que, no Cariri cearense, os gêneros epitáficos, epigráficos e de divisa são gêneros através dos quais os sujeitos *falam* de suas próprias virtudes ao mesmo tempo em que louvam e nobilitam uma instituição a que estão ligados, um ente querido falecido, uma causa, um vulto histórico etc. Vimos que, com tais gêneros, os sujeitos da elite hegemônica caririense não só estampam lemas e princípios institucionais, políticos e religiosos, não só ditam normas de conduta social, não só identificam lugares e monumentos e nem somente professam sua fé (entre outros pormenores dos projetos enunciativos dos locutores que escolhem os gêneros próprios de cada uma das esferas da atividade humana); textualizando em latim – a língua associada

aos quem possuem educação religiosa e/ou são letrados – os enunciados pertencentes a esses gêneros, eles também se constituem como doutos e distintos e destacam sua hegemonia social, cultural e intelectual, não pela força, mas ideologicamente, prestando tributos à cultura oficial e, ao mesmo tempo, fomentando discursivamente seus pontos de vista e valores como sendo estes bons, especiais, corretos, ideais, luminosos e superiores.

CONCLUSÃO

A finalização de um trabalho científico tem esse caráter relativo. Na realidade, um trabalho científico nunca finaliza: onde acaba um, continua o outro. A ciência é uma unidade que nunca pode ser finalizada. Ela não pode ser fragmentada em uma série de obras acabadas e autônomas.
Pável Nikoláievich Medviédev (2012, p. 194).

Iniciamos nossa pesquisa movidos por duas questões fundamentais. A primeira delas era se seria inexequível o estudo discursivo de enunciados em latim, tais como os que encontramos em nosso cotidiano.

Nossa hipótese, diretamente relacionada a essa primeira questão, era a de que existia uma divisão tácita que considerava o estudo do latim aproximado das tradicionais temáticas gramaticais, hermenêuticas ou filológicas e distanciado dos interesses das pesquisas orientadas por abordagens teóricas discursivas, o que criava o que chamamos de terra-de-ninguém, ou seja, uma lacuna entre a tradição dos estudos da língua latina e os objetos de investigação das teorias discursivas; lacuna esta que deixava os enunciados em latim encontrados em nosso dia a dia fora dos estudos em perspectiva discursiva.

No correr da nossa pesquisa, sobretudo durante a perscrutação dos princípios da teoria dialógica, chegamos ao entendimento de que a tradição de estudos do latim é marcada por uma propensão objetivista a valorizar elementos gerais e abstratos da língua (palavrasinais, oração e verdades universais, por exemplo) e a menoscar fenômenos eventivos e singulares (enunciado, sentido contextual e verdades situacionais, por exemplo), o que explica serem praticamente negligenciados, naquela tradição de estudos, os enunciados concretos, principalmente, aqueles que encontramos em nosso cotidiano; ou seja, não que fosse/seja inexequível um estudo discursivo de enunciados em latim, ele só não é comum. Essa compreensão responde, em parte, à primeira questão e, de certa forma, confirma parcialmente nossa hipótese da terra-de-ninguém. Parcialmente porque agora, ao final do nosso trabalho, podemos dizer com mais precisão que não é que o estudo do latim seja distanciado dos interesses das pesquisas orientadas por abordagens teóricas discursivas, mas o foco dos interesses das pesquisas dos estudiosos da língua latina – muitos deles formados em bases formalistas – é que, em geral, não costuma estar voltado para questões discursivas.

Desde o início da nossa pesquisa, seguíamos a direção do entendimento de que era sim exequível um estudo da língua latina por um viés discursivo, tanto é que a nossa segunda questão girava em torno de saber que ganhos heurísticos uma perspectiva discursiva poderia

trazer à área de estudos da língua latina e nosso objetivo geral era defender que uma abordagem teórico-metodológica dialógica do latim que considerasse tal língua a partir de gêneros do discurso que a mobilizam, em contextos de tempo e lugar determinados, constituía uma alternativa heurística que poderia vir a contribuir para a inovação das pesquisas sobre essa língua, sobretudo, no tocante a temáticas sobre a construção de sentido e sobre os usos discursivos hodiernos do latim.

De fato, seguindo nossos objetivos específicos, sistematizamos uma proposta teórico-metodológica de base dialógica, a partir da concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin, visando a uma abordagem das inscrições em latim na perspectiva da teoria dos gêneros do discurso.

Na elaboração de nossa proposta de abordagem, nós não *descobrimos* gêneros, o que fizemos foi, com base em elementos da teoria dialógica, distinguir gêneros que existem em nosso cotidiano e, conforme nossos critérios, demos-lhes nomes e sobrenomes a partir de suas características geral e específicas; perscrutamos, até onde pudemos na história, sua *archaica*, seus usos tradicionais e os atuais (entendemos que uma fase pré-analítica que investigue a história do gênero, consideradas as especificidades de cada estudo, seja relevante a pesquisas que tratem de gêneros pouco investigados); e optamos por seguir quatro etapas (contextualização, descrição, análise e interpretação) para um estudo analítico de um *corpus* textual, com foco na produção de sentido em termos de perspectiva arquitetônica da enunciação.

Em nossa proposta de base dialógica, a inscrição é vista como uma forma textual de alguns gêneros do discurso, tais como os epigráficos, os epitáficos, os gêneros de divisa e os de legenda. Ou seja, a inscrição não é um gênero, mas uma forma textual comum a vários gêneros, cada um deles com suas especificidades no tocante à estreita relação com a esfera, à função enunciativa e também ao que se refere a autor/locutor, destinatário, tema, composição, estilo e relação interlocutiva.

Tal proposta (possível de ser adequada a outros objetos de investigação), a nosso ver, proporciona uma nova maneira de serem realizados, sobretudo, estudos de semântica dentro dos estudos da língua latina, visto que, quando consideramos o enunciado concreto, o estudo da sua produção de sentido, passa pela consideração dos sujeitos locutores dos enunciados com seus projetos enunciativos e relações dialógicas estabelecidas, o que envolve a consideração da discursividade em que se realiza o gênero e de elementos constituintes da enunciação, tais como: lugar, tempo, esfera, interlocutores, ideologia, história, sociedade e cultura, ou seja, o estudo vai além da gramática e do texto.

Nesse sentido, tal proposta favorece também a realização de pesquisas linguísticas que considerem o latim em sua inserção sociocultural, histórica e ideológica de uso, necessariamente percebendo os homens/sujeitos que usam tal língua, de modo que podemos dizer: favorece uma outra possibilidade de serem realizados estudos de Letras Clássicas, isto é, pensando, antes de tudo, que eles são estudos da área das Ciências Humanas (posto que, onde há letras, há homens).

Em Ciências Humanas, na perspectiva dialógica, o objeto de estudo nunca é tido como uma coisa muda: com ele o pesquisador interage e dialoga. A concepção de linguagem do Círculo valoriza a percepção do componente linguístico sempre relacionado à história, à sociedade, à cultura e aos componentes axiológicos de sujeitos situados, de tal modo que, nessa concepção, estudar uma língua significa ir além da investigação das suas estruturas, significa considerá-la inserida na eventicidade da vida dos homens com os quais dialoga o pesquisador.

A nosso ver, trazer para o campo de estudo do latim uma proposta de abordagem com ênfase em aspectos discursivos da linguagem tem a relevância de não limitar a investigação aos aspectos textuais e/ou gramaticais, pois abre espaço para a consideração das práticas sociais e culturais também relacionadas ao fenômeno da linguagem. Assim, esta proposta de abordagem dialógica das inscrições em latim pelo viés da teoria dos gêneros do discurso – que, ressaltamos, também pode ser adaptada para tratar de outras formas de textualização e também de outros gêneros que mobilizam o latim – representa uma alternativa para que o estudo da língua latina vá além do estudo de formas e significações estáveis da língua (com sua validade geral) e possibilite um estudo das construções de sentido considerada a linguagem viva usada em contextos singulares por sujeitos reais (sujeitos situados); em outras palavras (bakhtinianas): que não se restrinja à *istina* e dê margem ao estudo da *pravda* dos enunciados concretos.

O estudo que realizamos no contexto do Cariri cearense – em que adotamos esta proposta de abordagem dialógica das inscrições em latim pelo viés da teoria dos gêneros do discurso – possibilitou-nos, tratando de construção de sentido, considerar aspectos históricos, axiológicos e socioculturais próprios desta região, pois, neste estudo, o latim não foi visto como se fosse uma peça de museu usada para se conhecer o passado ou como uma língua em que são reproduzidas mecanicamente palavras com significação abstrata, mas sim como uma das línguas do plurilinguismo vivo e dialogizado que é a real natureza da linguagem, ou seja, como uma língua usada com fins válidos no presente, materializando textos de enunciados construídos a partir de discursos (discursividades) atravessados pela ideologia da cultura

oficial e em gêneros associados à elite hegemônica, para a qual o peso axiológico da língua dos doutos serve estrategicamente a específicos propósitos ideológicos, de modo que podemos mesmo afirmar que a óptica pela qual podemos mais nitidamente ver o latim como uma língua viva em nosso presente é justamente considerando seus usos discursivos-ideológicos, ou seja, sendo usado para concretamente materializar valores realmente válidos na realidade sociocultural e histórico-ideológica dos homens. Vejamos, na sequência, pormenores dos resultados que obtivemos neste estudo.

Compondo a paisagem discursiva urbana do Cariri cearense, encontramos diversos gêneros em cujos enunciados com forma de inscrição em latim sujeitos da elite hegemônica divulgam preceitos e ditam padrões de convivência em conformidade com discursos atravessados pela ideologia da cultura oficial – enunciados cujos tema, composição e estilo configuram unidades de sentido que aludem a uma concepção de mundo sério, organizado, elevado, doutrinado e obediente como sendo o mundo ideal. São, por exemplo, epitáfios memoriais e de consolação, epígrafes doutrinárias, divisas eclesiásticas e divisas institucionais nos quais – cada um com sua maneira peculiar de construir sentido na sua relação com as esferas – compreendemos projetos discursivos de sujeitos da elite hegemônica que, de modo geral, entendemos como querendo dizer (em outras palavras)⁷⁶: seja um cristão fiel e tenha uma vida eterna após a morte; rezem, tenham fé, ergam seus corações, vençam e serão recompensados; trabalhem, unam-se e instruam-se; tudo isso em textos escritos na língua dos doutos.

Nenhuma palavra nesses enunciados lembra desordem, desobediência, insubordinação, nem mesmo irreverência ou riso; neles, não há motivos nem imagens que façam alusão ao baixo, à cultura autóctone ou à alegria da religiosidade e das festas populares; não porque nada disso possa figurar em inscrições em latim, mas porque nada disso condiz com os discursos atravessados pela ideologia da cultura oficial, em que os sujeitos da elite hegemônica realizam os gêneros epitáficos, epigráficos ou de divisa, ávidos (os sujeitos) por manter uma hierarquia social estabilizada e pretensiosamente estática, a que o latim usado nas textualizações, por tradição no mundo ocidental, serve ideologicamente.

Uma peculiaridade dos enunciados dos gêneros epitáficos, epigráficos e de divisa que encontramos no Cariri cearense diz respeito a palavras tais como *ASTRA*, *SURSUM*,

⁷⁶ Ressaltemos que, na concepção dialógica, a compreensão do projeto enunciativo (ou projeto discursivo) que engendra um enunciado passa pela perscrutação das relações dialógicas que são estabelecidas e pela consideração da discursividade e do gênero dentro das especificidades de uma dada esfera de atividade humana; portanto, essas compreensões aqui anotadas são uma espécie de resumo de aspectos que se sobressaem nos projetos discursivos dos locutores dos enunciados estudados.

LUMEN e *RESURRECTURUS*, que não são formas da língua latina que aparecem aleatoriamente nas textualizações desses gêneros; elas são verdadeiros signos ideológicos cujas emergências nas textualizações dos enunciados são motivadas não só pelas relações interlocutivas típicas dos gêneros, mas também pelos valores caros à cultura oficial, tais como o alto (que é associado ao que é bom, virtuoso e recompensador) e a luz (que é associada ao bem e ao que é redentor ou racional), que os projetos discursivos dos locutores dos enunciados sugerem fomentar, nos termos das discursividades cristã, filosófico-racional, intelectual-regional e fúnebre e conforme as especificidades das esferas religiosa, institucional e funerária.

É certo que os enunciados com forma textual de inscrição em latim que encontramos no Cariri cearense representam apenas uma pequena porção da totalidade dos enunciados concretos produzidos pela elite hegemônica; entretanto não podemos esquecer que tal totalidade de enunciados não se resume ao número de 37 que compõem o nosso *corpus*, pois inúmeras são suas ocorrências singulares espalhadas pelas cidades, as quais são capazes de reforçar a presença das visões de mundo deste grupo sociocultural dominador.

As concepções socioculturais da elite intelectual e os valores sociorreligiosos da Igreja influenciaram os rumos da história social do Cariri cearense desde seus primórdios e continuam vivas na memória oficial desta região que a elite hegemônica vem moldando há séculos. Compreendemos que, com tal memória, locutores e interlocutores estabelecem relações dialógicas para a construção de sentido de muitos dos enunciados dos gêneros epitáficos, epigráficos e de divisa que encontramos nesta região.

Vimos que, desde os primórdios da colonização desta região, primeiramente é a Igreja que ideologicamente se apresenta como o grupo sociocultural detentor da autoridade e do poder local sobre a cultura autóctone – inclusive usando o latim e seu valor especialmente sagrado e distintivo na textualização de enunciados tais como o da epígrafe nuncupatória datada de 1745. Hoje em dia, a visão de mundo cristã está na base da organização social do Cariri cearense na forma do que identificamos como sendo um substrato filosófico-ideológico-cultural de matriz cristã, o qual chega a ser um elemento constitutivo de várias discursividades (não só a cristã) em que se realizam os gêneros com forma textual de inscrição em latim pesquisados, orientando grande parte das relações dialógicas que os enunciados estabelecem, mas também conteúdo temático, composição, estilo e até mesmo o tom sério destes.

Um exemplo disso é que, no caso do Cariri cearense, os enunciados com forma textual de inscrição em latim pertencentes aos gêneros epitáficos, epigráficos e de divisa

apresentam relações dialógicas (em sua maioria com o traço constitutivo da citação) quase sempre com textos bíblico/litúrgicos, mas não por conta da língua latina, pois uma língua em si não determina quais relações dialógicas são estabelecidas nos enunciados, a despeito de entendermos que a escolha de uma língua e não de outra para textualizar um enunciado atravessa seu tema, composição e estilo dentro do projeto de construção de sentido do locutor. Nos enunciados que pesquisamos no contexto do Cariri cearense, juntamente com as motivações relacionadas aos projetos enunciativos dos locutores e às especificidades dos gêneros discursivos, das discursividades e das esferas da atividade humana, o substrato filosófico-ideológico-cultural de matriz cristã da estrutura social local também motiva, de uma forma ou de outra, conforme cada enunciação singular, o estabelecimento de relações dialógicas com textos bíblico/litúrgicos no processo de construção de sentido.

A própria seriedade dos enunciados pesquisados entendemos estar relacionada a este substrato filosófico-ideológico-cultural de matriz cristã. Vimos que tal peculiaridade no contexto do Cariri cearense – não obstante os gêneros oficiais serem normalmente carregados de um tom sério – tem raízes histórico-culturais na tradição de educação com bases religiosas de onde vem há séculos a formação da elite hegemônica local, a que pertencem os sujeitos locutores desses enunciados.

Vimos também que a elite social e intelectual do Cariri cearense usa o latim na textualização de alguns enunciados pertencentes aos gêneros epigráficos, epitáficos e de divisa não de forma fortuita ou neutra, mas com uma espécie de função nobilitante ou como pedra de toque de sua distinção cultural. Dizemos isso porque, no projeto enunciativo dos locutores em que identificamos tal função sutil, entrevemos o desejo de ser obtida estima ou avaliação social positiva de erudito.

Em nossas análises, percebemos que esta mesma elite usa a epígrafe-rótulo institucional, a divisa política e a epígrafe de afinidade religiosa (respectivamente nos termos das discursividades educacional, política e político-cristã), mas usa principalmente o gênero divisa institucional realizado em termos da discursividade intelectual-regional e textualizado em latim (a língua da cultura letrada) para corroborar o discurso da (suposta) propensão da região às *cousas alevantadas* (erudição, cultura clássica e civilidade, por exemplo), como em uma espécie de palimpsesto discursivo, em que inscrições têm subpostas dialogicamente outras inscrições mais antigas e também discursos sobre a identidade cultural da região, vozes que falam de cultura clássica, além de histórias e memórias insígnies para a elite hegemônica.

Enfim, vimos como os sujeitos da elite hegemônica usam enunciados concretos pertencentes aos gêneros epitáficos, epigráficos e de divisa textualizados na forma de

inscrição em latim e carregados axiologicamente de seus valores históricos, sociais, culturais e espirituais para fomentarem discursivamente seus pontos de vista como sendo estes os bons, corretos, ideais, luminosos e superiores, destacando ideologicamente sua hegemonia intelectual e sociorreligiosa, prestando tributos à cultura oficial e ainda se constituindo como doutos e distintos.

Após esse levantamento dos resultados obtidos do estudo das inscrições em latim do Cariri cearense na perspectiva da teoria dos gêneros do discurso, podemos afirmar que é sim exequível e relevante um estudo discursivo do latim e podemos também falar de ganhos heurísticos ou contribuições que uma perspectiva discursiva (mais especificamente, a dialógica) pode trazer à área de estudos da língua latina.

Apesar de nosso trabalho focalizar gêneros do discurso que se textualizam na forma de inscrições, não pensamos que uma abordagem dialógica do latim deva se restringir tão somente a estes gêneros. Pensamos que a teoria dialógica pode ser uma via teórica discursiva para os estudos do latim, pela qual podemos abordar enunciativamente como uma língua é usada ideologicamente por sujeitos situados, sem restringir seu estudo à materialidade dos textos (muitos deles, descontextualizados) e à gramática (de palavras, frases e expressões) – como se vem fazendo há muito tempo: prendendo-se demais à significação potencial de formas lexicais e estruturais e, praticamente, negligenciando aspectos tais como os ideológicos e culturais materializados em enunciados concretos do nosso cotidiano, os quais só são devidamente trabalhados se os textos que mobilizam o latim forem considerados dentro da arquitetura da enunciação.

Considerada a arquitetura da enunciação, é possível, portanto, estudarmos o latim não só como uma língua de palavras e desinências, de casos e flexões, mas também como uma língua em cujo estudo podem ser abordados sujeitos e usos, grupos sociais e valores, história e ideologias, cultura e significações vivas, pois há mais que ser estudado no latim além de seu léxico e morfossintaxe. É nesse sentido que a teoria dialógica pode arejar as pesquisas sobre o latim, sobretudo em se tratando de estudos de semântica, que, em termos bakhtinianos, como vimos, é fundamentalmente um estudo axiológico/ideológico e que necessariamente passa pelo exame dos gêneros do discurso, favorecendo uma outra forma de compreender a construção de sentido dos enunciados, que não é imanentemente textual, mas discursiva e genérica (em termos de gêneros discursivos).

Assim, uma das contribuições que a teoria dialógica pode heurísticamente trazer à pesquisa sobre usos discursivos do latim é oportunizar a abordagem de aspectos socioculturais, históricos e axiológicos que se materializam discursivamente em tais

enunciados, como forma, inclusive, de compreendermos parcelas de nós mesmos e do mundo ocidental em que vivemos, pois o estudo enunciativo dos usos concretos do latim na atualidade é também uma forma de compreendermos componentes axiológicos da nossa realidade humana, isto é, uma realidade que, para o pesquisador de Ciências Humanas, não é dada diretamente, mas discursivamente via linguagem.

Abordar o latim usado em nosso dia a dia por propostas teórico-metodológicas discursivas, como a dialógica (que, a nosso ver, representa uma das vias mais fecundas por onde caminham os estudos científicos da linguagem), é uma alternativa que propomos a ser incorporada ao estudo dessa língua, não significando, porém, que pretendemos desmerecer ou extinguir outras alternativas teórico-metodológicas de pesquisa (que têm suas validades em seus propósitos e campos de atuação). Por exemplo, não consideramos errados os estudos de filologia românica baseados em autores clássicos e em textos antigos; entendemos, porém, que a área de estudos do latim perde muito, em termos de possibilidade de pesquisar o latim para se conhecer o presente, ao serem negligenciados como objetos de pesquisas os discursos hodiernos em latim.

Não almejamos que tudo que seja feito em relação à língua latina seja pela visão *bakhtiniana* (isso equivaleria a negligenciar o mérito de outras visões); defendemos sim que é possível e relevante se unir, mais do que em uma rima, a teoria do Círculo de Bakhtin e o latim. Ou seja, o que defendemos não é um *método* dialógico exclusivo para o estudo do latim. Na verdade, defendemos a tese de que a teoria dialógica advinda do Círculo de Bakhtin oferece fundamentos teórico-metodológicos heurísticos que representam uma alternativa de o latim ser abordado enunciativamente, sobretudo em discursos contemporâneos, o que possibilita, inclusive, como já dissemos, (e que pode ser também uma resposta plausível para os que nos indagam uma razão para ainda estudar o latim) compreendermos aspectos socioculturais, históricos e ideológicos (semântico-axiológicos) próprios do nosso mundo (inclusive cotidiano) ocidental.

Não podemos esquecer que uma das maiores lições e também um dos principais fundamentos que se possa extrair do pensamento teórico-filosófico do Círculo e incorporar aos estudos do latim é abordar os fenômenos da linguagem sem reduzi-los ao campo puramente teoreticista, mas sim os considerando inseridos no campo da eventicidade (do devir), do histórico, do cultural e do socioideológico, sem abstração dos sujeitos reais nem de suas participações axiológicas e emotivo-volitivas, que são, antes de tudo, de natureza humanamente dialógica.

Tematizar, porém, como o dialogismo poderia, teórica e metodologicamente, ser trabalhado em propostas didáticas visando à inovação do ensino de latim, por exemplo, nos cursos de Letras das nossas universidades, já é outro desafio, objeto de pesquisas futuras, isto é, tarefa de outros trabalhos científicos. Entendemos que estaríamos enfrentando um desafio quase comparado ao de produzir concomitantemente duas teses, se enveredássemos, neste nosso trabalho, também pela temática de uma alternativa teórico-metodológica de base dialógica para a inovação do ensino do latim.

Enfim, não pretendemos desqualificar de maneira alguma o que já se fez e o que ainda se faz em termos de propostas teóricas para a inovação dos estudos da língua latina. Queremos modesta (por um lado) e ousadamente (por outro lado) contribuir de alguma forma para o avanço das pesquisas científicas do latim, apoiando-nos na alternativa teórico-metodológica do dialogismo advinda do Círculo de Bakhtin. Modestamente, porque não somos os primeiros nem os únicos a teorizar sobre a atualização das pesquisas sobre a língua latina frente às realidades contemporâneas; ousadamente, porque, com a ousadia de “ver a realidade com os olhos do gênero” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 199), enxergamos a validade do caminho do dialogismo, por onde pode seguir o avanço da área de estudos do latim.

REFERÊNCIAS

- ACESSO GERAL. **Brasão do município do Crato**. Disponível em: <<http://acessogeral.blogspot.com.br/2009/02/brasao-do-municipio-do-crato.html>>. Acesso em: 13 jun. 2013.
- ALMEIDA, Maria de Fátima; LEITE, Francisco de Freitas. A teoria dialógica: uma experiência de inserção nas aulas de português no sertão cearense. **Calidoscópio**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 21-28, jan/abr 2013.
- ALVES, Maria Daniele. **Desejos de civilização**: representações liberais no jornal *O Araripe*. 1855 – 1864. 2010. 148 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História e Culturas) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.
- ALVES, Maria Daniele. Letras negras: representações sobre escravos na cidade do Crato, 1855 – 1865. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DO CEARÁ, 11, 2008, Quixadá. **Anais...** Quixadá: FECLESC, 2008. p. 1-8.
- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010. p. 95-114.
- AMORIM, Marília. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2009. p. 17-43.
- AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa, 2004.
- ASSIS SOBRAL, Aldo Eustáquio. **O latim em monumentos de Mariana e Ouro Preto**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/102938227/O-latim-nos-monumentos-de-Mariana-e-Ouro-Preto>>. Acesso em: 20 fev. 2013.
- BAJTIN, Mijail M. **Hacia una filosofía del acto ético. De los boradores**: y otros escritos. Comentarios de Iris M. Zavala y Augusto Ponzio; traducción del ruso de Tatiana Bubnova. Rubí (Barcelona): Anthropos; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1997.
- BAKHTIN, M. M. Arte e responsabilidade. In: _____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011a. p. XXXIII-XXXIV.

BAKHTIN, M. M. O autor e a personagem na atividade estética. In: _____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011b. p. 3-192.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011c. p. 261-306.

BAKHTIN, M. M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: _____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011d. p. 307-335.

BAKHTIN, M. M. Reformulação do livro de Dostoiévski. In: _____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011e. p. 337-357.

BAKHTIN, M. M. Os estudos literários hoje (Resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*). In: _____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011f. p. 359-366.

BAKHTIN, M. M. Apontamentos de 1970-1971. In: _____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011g. p. 367-392.

BAKHTIN, M. M. Metodologia das ciências humanas. In: _____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011h. p. 393-410.

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 7. ed. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 2010c.

BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 6. ed. Tradução do russo de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 2010d.

BAKHTIN, M. M. **O freudismo**: um esboço crítico. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. ed. Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.

BARBOSA, Paulo. **Tópicos de latinidade**. Disponível em: <<http://topicosdelatinidade.blogspot.com.br/2012/06/um-epitafio-dos-cipioes.html>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e história**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**: história externa das línguas. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

BENEDITO LEITE, Francisco. Mikhail Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos. **Revista Magistro** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 43-63, 2011.

BEZERRA, Antonio. **Algumas origens do Ceará**. Fac-símile da edição de 1918. Fortaleza: FWA, 2009.

BORGES, Raimundo de Oliveira. O Instituto Cultural do Cariri. **Itaytera**, Crato, n. 33, p. 11-13, 1999.

BRAIT, Beth. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília (Org.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012. p. 9-29.

BRAIT, Beth. Polifonia arquitetada pela citação visual e verbo-visual. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 5, p.183-196, 1º sem. 2011.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: _____ (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010. p. 9-31.

BRAIT, Beth. A Palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.142-160, 1º sem. 2009.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: _____. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005. p. 87-98.

BRAIT, Beth. O discurso sob o olhar de Bakhtin. In: GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (Org.). **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. 2. ed. São Paulo, SP: Claraluz, 2003. p. 19-30.

BRÍGIDO, João. **Apontamentos para a história do Cariri**. Edição reproduzida do Diário de Pernambuco de 1861 – fac-similar. Fortaleza: Expressão, 2007.

BURKE, Peter. “Fala para que eu possa ver-te”: a descoberta da língua nos primórdios da Europa moderna. In: _____. **Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna**. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Editora UNESP, 2010a. p. 31-57.

BURKE, Peter. O latim: uma língua em busca de uma comunidade. In: _____. **Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna**. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: Editora UNESP, 2010b. p. 59-75.

BURKE, Peter. *Heu domine, adsunt turcae*: esboço para uma história social do latim pós-medieval. In: BURKE, Peter; PORTER, Roy (Org.). **Linguagem, indivíduo e sociedade: história social da linguagem**. Tradução de Álvaro Luiz Hattnher. São Paulo: Unesp, 1993. p. 41-74.

CAMBRIDGE UNIVERSITY. **Curso de latín de Cambridge**: Unidad I. Versión española de José Hernández Vizuete. Sevilla: Secretariado de publicaciones, Universidad de Sevilla, 1990. (Series Manuales).

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. Como Juazeiro do Norte se tornou a Terra da Mãe de Deus: penitência, *ethos* de misericórdia e identidade do lugar. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n.1, p. 146-175, 2008.

CARVALHO JR., Dagoberto Ferreira de. **Passeio a Oeiras**. 6. ed. Teresina: Fundação Cultural do Piauí, 2010.

CASTRO, Gilberto de. O marxismo e a ideologia em Bakhtin. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Org.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p. 175-202. (Série Bakhtin: Inclassificável, v. 1).

CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joazeiro**. 3. ed. Tradução de Maria Yedda Linhares. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano** – 1. Artes de fazer. 16. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.

CERVANTES, Miguel de. **D. Quixote de La Mancha**, v. 2. Tradução de António Feliciano de Castilho. São Paulo: W. M. Jackson Inc. Editores, 1960.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CORTEZ, Antonia Otonite de Oliveira. **A construção da “cidade da cultura”**: Crato (1889-1960). 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

D’ENCARNAÇÃO, José. Leite de Vasconcelos e as inscrições romanas – flagrantes de um quotidiano vivido. **O Arqueólogo Português**, Lisboa, Série IV, 26, p. 385-406, 2008.

DESBORDES, Françoise. **Concepções sobre a escrita na Roma antiga**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto e Guacira M. Machado. São Paulo: Ática, 1995.

DINIZ, Najla. À procura do passado no presente: inscrições tumulares em latim no RS. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA ANTIGA, 8, 1999, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 1-4.

DOSSE, François. **História do estruturalismo**: o campo do signo – 1945/1966, v. 1. Tradução de Álvaro Cabral. Bauru, SP: Edusc, 2007a. (Coleção História).

DOSSE, François. **História do estruturalismo**: o canto do cisne – de 1967 aos nossos dias, v. 2. Tradução de Álvaro Cabral. Bauru, SP: Edusc, 2007b. (Coleção História).

DUARTE, Magda Rita Ribeiro de Almeida. **Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat**: representações de igreja e império, legitimação em um só Deus (séculos XI e XII). 2012. 178 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2012.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO PROFISSIONAL PROFESSOR MOREIRA DE SOUSA. **Sala de memória**. Disponível em: <<http://moreiradesousa-cems.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 16 ago. 2013.

FARACO, Carlos Alberto. A ideologia no/do Círculo de Bakhtin. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Org.). **Círculo de Bakhtin: pensamento interacional**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 167-182. (Série Bakhtin inclassificável; v. 3).

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009a.

FARACO, Carlos Alberto. O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009b. p. 95-111.

FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin: a invasão silenciosa e a má leitura. In: FARACO, Carlos Alberto et al. **Uma introdução a Bakhtin**. Curitiba: Hatier, 1988. p. 19-36.

FARIA E SILVA, Adriana Pucci Penteado de. Bakhtin. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral. (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 45-69.

FARIAS FILHO, Waldemar Arraes de. **Crato: evolução urbana e arquitetura – 1740-1960**. Fortaleza: Expressão, 2007.

FERNANDES, Millôr. Millôr. **Veja**, Rio de Janeiro, edição 2105, ano 42, n. 12, p. 41, 25 mar. 2009.

FIGUEIREDO FILHO, José de. **História do Cariri**, v. I (capítulos 1-5). Fac-símile da edição de 1964, publicada pela Faculdade de Filosofia do Crato. Coedição Secult/edições URCA. Fortaleza: Edições UFC, 2010a.

FIGUEIREDO FILHO, José de. **História do Cariri**, v. III (capítulos 10-14). Fac-símile da edição de 1966, publicada pela Faculdade de Filosofia do Crato. Coedição Secult/edições URCA. Fortaleza: Edições UFC, 2010b.

FORTES, Fábio da Silva. A ordem das palavras na sentença latina: pontos de interface no discurso metalinguístico antigo. **Clássica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 239-251, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. São Paulo: Círculo do Livro, [198-].

FURLAN, Oswaldo A. **Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2006.

GERALDI, João Wanderley. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Org.). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010b. p. 279-292.

GOSLING, Joel A. Noções numismáticas. **Sociedade Numismática Brasileira**, São Paulo, Boletim n. 50, p. 1-12, [200-].

GRILLO, Sheila V. de Camargo. Esfera e campo. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010. p. 133-160.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades@**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/uf.php?coduf=23&search=cara>>. Acesso em: 04 mai. 2013.

INSTITUTO DE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO TEOLÓGICA – IFETE. **Missão**. Disponível em: <<http://www.ifete.com.br/novo/>>. Acesso em: 08 ago. 2013.

INSTITUTO DE TEOLOGIA APLICADA – INTA. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.inta.edu.br/SouINTA/geral/historico>>. Acesso em: 08 ago. 2013a.

INSTITUTO DE TEOLOGIA APLICADA – INTA. **Brasão**. Disponível em: <<http://www.inta.edu.br/SouINTA/brasao-inta>>. Acesso em: 08 ago. 2013b.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 21. ed. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2008.

JONES, Peter V.; SIDWELL, Keith C. **Aprendendo latim**: textos, gramática, vocabulário, exercícios. Tradução e supervisão técnica de Isabella Tardin Cardoso, Paulo Sérgio de Vasconcellos; revisão técnica de Alessandro Rolim de Moura. São Paulo: Odisseus Editora, 2012.

LEITE, Francisco de Freitas; EDMUNDSON, Maria Verônica A. da Silveira. Bakhtin/Volochínov e os problemas da construção do sentido. In: ALMEIDA, Maria de Fátima (Org.). **Bakhtin/Volochínov e a filosofia da linguagem**: ressignificações. Recife: Bagaço, 2011. p. 105-122.

LEITE, Francisco de Freitas et al. **Registros fotográficos e de entrevistas sobre inscrições em latim do Cariri cearense**. Crato: Francisco de Freitas Leite, 2013.

LIMA, Alceu Dias. **Uma estranha língua?**: questões de linguagem e método. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

LIMAVERDE, Rosiane. **Os registros rupestres da Chapada do Araripe, Ceará, Brasil**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA SAB, 1, 2007, Florianópolis: **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2007. p. 1-10.

LONGO, Giovanna. **Ensino de latim**: problemas linguísticos e uso de dicionário. 2006. 105 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

LUSTOSA, Rosário; CASIMIRO, Renato. **38 anos do ICVC**: Instituto Cultural do Vale Caririense. Juazeiro do Norte: HB Gráfica, 2012.

MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. Ruralismo e práticas cotidianas na primeira escola normal rural do Brasil: a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte – CE (1934 – 1946). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4, 2006, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UCG, 2006. p. 1-10.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Sobre o pensamento bakhtiniano: uma recepção de recepções. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 82-94, Jan./Jun. 2013.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievich. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MONTENEGRO, Padre F. **Os quatro luzeiros da Diocese**: Dom Quintino, Dom Francisco, Dom Vicente, Dom Newton (A Diocese do Crato: 1914 – 1999 – 85 anos). Juazeiro do Norte: Ribeiro FotGraf, 1999.

NETO, Lira. **Padre Cícero**: poder, fé e guerra no sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOVAK, Maria da Glória; NERI, Maria Luiza (Org.). **Poesia lírica latina**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Coleção Clássicos).

OLIVEIRA, Klebson. As tábuas votivas do século XVIII ao XX: mais uma fonte para a história do nosso “latim vulgar”. In: OLIVEIRA, Klebson; CUNHA E SOUZA, Hirão F.; SOLEDADE, Juliana (Org.). **Do português arcaico ao português brasileiro**: outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 132-173.

PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri**. Fac-símile da edição de 1963. Coedição Secult/Edições URCA. Fortaleza: Edições UFC, 2010a.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri**. Fac-símile da edição de 1950. Coedição Secult/Edições URCA. Fortaleza: Edições UFC, 2010b.

PONZIO, Augusto. O pensamento dialógico de Bakhtin e de seu Círculo como inclassificável. Tradução de Adail Sobral. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Org.). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p. 293-349. (Série Bakhtin: Inclassificável, v. 1).

PÖPPELMANN, Christa. **Dicionário de máximas e expressões em latim**. Tradução e adaptação de Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2010.

PREFEITURA DE SÃO PEDRO. **Símbolos**. Disponível em: <<http://www.saopedro.sp.gov.br/Municipio/Page.aspx?tipo=simbolos>>. Acesso em: 04 jul. 2013.

RABELAIS, François. **Gargântua e Pantagruel**. Tradução de David Jardim Júnior. Belo Horizonte: Itatiaia, 2003. (Grandes obras da cultura universal, v. 14).

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 2, p. 415-440, jan./jun. 2004.

SANTANA, Fabíola de Jesus Soares. Os sistemas semióticos na escrita dos epitáfios: memória e identidade. In: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO DISCURSO, 1, 2008, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 2008a. p. 708-718.

SANTANA, Fabíola de Jesus Soares. A tradição discursiva *epitáfio* em lápides tumulares do século XIX. **SOLETRAS**, São Gonçalo, RJ, ano VIII, n. 15, p. 90-100, jan/jun 2008b.

SANTOS, Carla Xavier dos. “Eu vos farei pescadores de homens”: os círculos operários no Rio Grande do Sul (1932-1945). **Historiæ**, Rio Grande, RS, v.1, n. 3, p. 91-106, 2010.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo dicionário latino-português**: etimológico, geográfico, mitológico, biográfico, etc. 10. ed. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1993.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 25. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1999.

SOARES DA SILVA, Frei José. A Província Capuchinha do Nordeste do Brasil (PRONEB). **Província Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil** – Frades Menores Capuchinhos, Recife, edição especial comemorativa, p. 03-07, 2003.

SOBRAL, Adail. **Sobre gêneros** – versão “completa”. Disponível em:<<https://www.facebook.com/adailsobral/posts/10201032251463226>>. Acesso em: 17 set. 2013.

SOBRAL, Adail. Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática: novas reflexões. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 37-45, jan./mar. 2011.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009a. (Série Ideias sobre Linguagens).

SOBRAL, Adail. Ver o texto com os olhos do gênero: uma proposta de Análise. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 85-103, 1º sem. 2009b.

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 11-36.

SOBRAL, Adail Ubirajara. **Elementos sobre a formação de gêneros discursivos**: a fase “parasitária” de uma vertente do gênero de auto-ajuda. 2006. 305 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SOUSA, Célia Camelo de; CARVALHO, Lêda Vasconcelos. **Caldeirão: saberes e práticas educativas**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

SOUSA, Samuel Pereira de. **Soldados de Deus e da Pátria: entre práticas cotidianas e a construção da memória integralista em Barbalha-CE (1933-1950)**. 2010. 168 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

SOUZA, Geraldo Tadeu. **Introdução à teoria do enunciado concreto do Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

SOUZA, Solange Jobim e; ALBUQUERQUE Elaine Deccache Porto e. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 109-122, Jul./Dez. 2012.

SPALDING, Tassilo Orpheu. **Dicionário da mitologia latina**. São Paulo: Cultrix, 2004.

TEZZA, Cristóvão. Sobre O autor e o herói – um roteiro de leitura. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de (Org.). **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007. p. 231-256.

TEZZA, Cristóvão. **Entre a poesia e a prosa: Bakhtin e os formalistas russos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

TOSI, Renzo. **Dicionário de sentenças latinas e gregas**. 2. ed. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.uece.br/uece/index.php/conheca-a-uece/historico>>. Acesso em: 02 jul. 2013.

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ. **Missão**. Disponível em: <<http://www.uvanet.br/>>. Acesso em: 03 jul. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Manual de identidade visual**. Disponível em: <http://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/identidade_visual/manual-de-identidade-visual-da-ufc.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2013.

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI. **Símbolos: brasão de armas e divisas**. Disponível em: <<http://www.urca.br/portal/index.php/a-urca/simbolo>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

ÚLTIMAS E DERRADEIRAS GRAÇAS. **Liturgia Geral**. Disponível em:
<<http://www.derradeirasgracas.com/4.%20CURSO%20DE%20LITURGIA%20-%20Pe.%20Reus/LITURGIA%20-%20PARTE%20II.%20.htm#47.%20O%20ALTAR>>.
Acesso em: 30 jul. 2013.

VAUTHIER, Bénédicte. Ler Medvedev para melhor compreender Bakhtin: a relação entre pensamento e linguagem na obra de juventude de Bakhtin. Tradução de Francisco de Freitas Leite e Edson Soares Martins. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1, n. 2, p. 423-452, dez. 2012.

VIANA, José Italo Bezerra. **O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato**: memória, escrita da história e representações da cidade. 2011. 183 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

VOLOCHÍNOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. In: _____. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 145-181.

VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTINE, M. M. La structure de l'énoncé. In: TODOROV, T. **Mikhail Bakhtine**: le principe dialogique, suivi de écrits du Cercle de Bakhtine. Paris: Du Seuil, 1981. p. 287-316.

ZANDWAIS, Ana. Bakhtin/Voloshinov: condições de produção de *Marxismo e filosofia da linguagem*. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 97-116.

ZAVALA, Iris. O que estava presente desde a origem. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2009. p. 151-166.